

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNIRIO
Programa de Pós-Graduação em Memória Social

SILVANA BAGNO

**MEMÓRIA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE EM NARRATIVAS
DE MORADORES DO FALLET, RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro
2016

SILVANA BAGNO

**MEMÓRIA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE EM NARRATIVAS
DE MORADORES DO FALLET, RIO DE JANEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito à obtenção do título de Doutora em Memória Social
Bolsista CAPES desde 2012

Linhas de pesquisa: Memória e Espaço e Memória e Linguagem

Orientador: Prof. Dr. Sergio Luiz Pereira da Silva
Co-Orientadora: Prof. Dra. Diana de Souza Pinto

Rio de Janeiro

2016

B147 Bagno, Silvana.
Memória, pertencimento e identidade em narrativas de moradores do Fallet, Rio de Janeiro / Silvana Bagno, 2016.
257 f. ; 30 cm

Orientador: Sergio Luiz Pereira da Silva.

Coorientadora: Diana de Souza Pinto.

Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

1. Fallet, Morro do (Rio de Janeiro, RJ). 2. Identidade social – Rio de Janeiro (RJ). 3. Favelas - Rio de Janeiro (RJ). 4. Urbanização - Rio de Janeiro (RJ). 5. Memória - Aspectos sociais. I. Silva, Sergio Luiz Pereira da. II. Pinto, Diana de Souza. III. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Memória Social. IV. Título.

CDD – 305.80098153

SILVANA BAGNO

**MEMÓRIA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE EM NARRATIVAS
DE MORADORES DO FALLET, RIO DE JANEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Memória Social da Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro como requisito à obtenção
do título de Doutora em Memória Social
Bolsista CAPES desde 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sergio Luiz Pereira da Silva (Orientador) – UNIRIO

Prof. Dra. Diana de Souza Pinto (Co-orientadora) - UNIRIO

Prof. Dr. Javier Alejandro Lifschitz – UNIRIO

Prof. Dr. Everardo Paiva de Andrade – UFF

Prof. Dra. Nilza Rogéria de Andrade Nunes – PUC

AGRADECIMENTOS

Ao Sergio Luiz Pereira da Silva e Diana de Souza Pinto, pela orientação, incentivo e tantos ensinamentos. Gratidão pela confiança e respeito pelo meu processo criativo e meu ritmo de produção. Gratidão pelas palavras de incentivo, por tantos e generosos feedbacks, por me apresentarem novas possibilidades de fazer pesquisa e analisar os dados.

Aos professores da minha banca de qualificação, pelas preciosas contribuições: Francisco Ramos de Farias e Everardo Paiva de Andrade, pelas questões colocadas, provocações e sugestões. Esta tese não seria a mesma sem a contribuição de vocês.

Aos professores da minha banca de defesa, pela disponibilidade em participar e contribuir com este momento único: Javier Alejandro Lifschitz, Nilza Rogéria de Andrade Nunes e Everardo Paiva de Andrade.

Aos professores do PPGMS (UNIRIO) e do PPGPS (UERJ), pela jornada trilhada ao longo do Doutorado e Mestrado.

Aos meus colegas de turma, pelas trocas de saber, pela alegre companhia nos Coninter, pelas descobertas partilhadas e as muitas emoções vividas ao longo destes anos em comum.

Aos meus colegas de trabalho, clientes e alunos, pelo incentivo, paciente espera, compreensão e torcida.

À minha família e amigos pelo apoio, carinho e compreensão pelas tantas ausências nestes anos de pós-graduação, entremeadas com momentos de muita alegria e presença marcante.

Aos amores vividos.... e suas marcas e impressões duradouras em meu âmago...

Ao Francisco Daniel Luna, pela revisão.

À Rejane Rocha Valdene, pela amizade, pelo incentivo constante e pela impressão.

Ao Marcone Alfredo de Souza, pela amizade, pela logística durante todo o processo e pela impressão.

À Christina Holmes Brazil, pelas sugestões e auxílio na revisão final, formatação e impressão.

À amiga-irmã Fátima Gonçalves Cavalcante, pela parceria, companheirismo, pelos ensinamentos, pela disponibilidade em me ajudar a planejar e a concretizar minha trajetória profissional, pelo apoio e incentivo constantes, pela presença em todos os momentos cruciais da minha vida e ainda, pelas traduções, gratidão!

À Karina e Clarinha, por me proporcionarem a vivência do amor incondicional, com tanta leveza e alegria. Gratidão por despertarem o que há de melhor em mim, meu mais profundo amor.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos participantes dos GTs de Memórias e do Grupo Focal no âmbito de minha pesquisa de doutoramento que, como *homens-memória* do Fallet, contribuíram alegre e gentilmente para a realização desta pesquisa e tese.

Que a esperança e desejo de que as suas lembranças sobre a história do Fallet extrapolem as fronteiras deste lugar amado, possam, enfim, se concretizar.

RESUMO

Múltiplas podem ser as versões de uma história, a depender do ponto de vista adotado, das intenções de quem a profere e da experiência de vida do narrador. Partindo de narrativas de antigos moradores do Fallet acerca de suas memórias sobre a vida local, esta *tese objetiva* investigar como a relação entre memória, espaço e acontecimentos vividos ancoram lembranças, identidades e pertencimento narrados. Dentre os *objetivos específicos*, busca-se identificar nas lembranças narradas, os sentidos atribuídos ao lugar habitado e aos acontecimentos socialmente relevantes; averiguar como a memória produz sentidos acerca de experiências do lugar e constitui configurações identitárias; e caracterizar o Fallet como espaço, território e lugar de pertencimento. O *pressuposto adotado* é o de que as configurações identitárias, a relação com o espaço, as memórias e as narrativas são construções sociais, dinâmicas e recriadas na interação. Esta pesquisa insere-se no *campo* da Memória Social, nas *linhas de pesquisa* Memória & Espaço e Memória & Linguagem. O *referencial teórico* utilizado envolve o diálogo com autores e conceitos dos campos da memória social (Halbwachs; Pollak; Nora; Gondar); das configurações identitárias e narrativas (Moita Lopes; Rollemberg; Campos); o conceito de identidade Rizomática (Glissant); as noções de espaço, lugar, identidade de espaço e território (Santos, Certeau; Gupta e Ferguson; Massey; Haesbaert). O *corpus metodológico* desta pesquisa consiste em grupo focal, observação participante e análise documental. Foi feito um grupo focal, com perguntas abertas, de acordo com um tópico-guia. Foram ainda realizados dez Grupos de Trabalho (GTs de Memórias). Os *dados foram analisados* pela Análise Temática das Narrativas (Reissman). Os *resultados* indicam uma sintonia conversacional e o compartilhamento de experiências entre estes antigos moradores. Observou-se que suas configurações identitárias estão embasadas em valores como amizade, companheirismo e solidariedade, e a sociabilidade geracional vem ocorrendo desde o tempo de seus pais e avós. O pertencimento ao lugar é evidenciado em narrativas destes moradores, que declararam que o Fallet é seu porto-seguro, onde nasceram e se criaram, assim como seus filhos e netos. Dentre os entrevistados, quatro deles afirmaram que jamais deixarão de viver no Fallet, enquanto um deles declarou que, em vista de uma oportunidade de se mudar para outro lugar, permaneceria “lá” e “cá”. *Conclui-se* que as lembranças narradas por um grupo de moradores do Fallet, no bairro de Santa Teresa, cidade do Rio de Janeiro, filhos e netos de seus primeiros habitantes evidenciam um lugar com suas tensões e conflitos, que em sua origem foi um bairro, não tendo sido fundado como uma favela. Tal significação lhes é muito cara e persiste um forte anseio por restituir o caráter de bairro a este lugar.

Palavras-chave: Fallet; favela; memória social; identidades; pertencimento; narrativas

ABSTRACT

Multiple versions can be a story, depending on the viewpoint adopted, the intentions of those who makes it and life experience of the narrator. Starting from old Fallet residents narratives about their memories of local life, this *thesis aims* to investigate how the relationship between memory, space and lived events anchored memories, identities and narrated belonging. Among the *specific objectives*, it seeks to identify the narrated memories, the meanings attributed to the inhabited place and to the socially relevant events; find out how memory makes sense about the experiences of the place and influence identity configurations; and characterize the Fallet as space, territory and place of belonging. The *adopted assumption* is that the identity configurations, the relationship with space, memories and narratives are social constructions, dynamic and re-created in the interaction. This research is part of the *field* of social memory in the *search line* of Memory & Space and Memory & Language. The *theoretical framework* involves dialogue with authors and concepts from the fields of social memory (Halbwachs, Pollak; Nora; Gondar); the identity settings and narratives (Moita Lopes; Rollemberg; Campos); the concept of rhizome identity (Glissant); the notions of space, place, identity space and territory (Santos, Certeau, Gupta & Ferguson, Massey; Haesbaert). The *methodology corpus* of this research is related to focus groups, participant observation and document analysis. A focus group was done with open questions, according to a topic guide. Also, it were carried out ten Working Groups (Memoirs of GT). *Data were analyzed* by the Thematic Analysis of Narratives (Reissman). The *results* indicate a conversational tuning and sharing of experiences between these former residents. It was observed that their identity configurations are informed by values such as friendship, companionship and solidarity, and the generational sociability has taken place since the time of their parents and grandparents. Belonging to the place is evidenced in narratives of these residents, who declared that the Fallet is their safe haven, where they were born and raised, as well as their children and grandchildren. Among the respondents, four of them said they never cease to live in Fallet, while one of them said that in view of an opportunity to move elsewhere, remain "there" and "here." It is *concluded* that the narrated memories by a group of residents of Fallet in the neighborhood of Santa Teresa, from the city of Rio de Janeiro, children and grandchildren of his first inhabitants, show a place with its tensions and conflicts, which in its origin was a neighborhood and was not founded as a slum. Such significance to them is very important and remains a strong yearning to restore the neighborhood's character to this place.

Key-words: Fallet; shanty town; social memory; identities; belonging; narratives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Pág
Figura I – Sede da UPP – Fallet / Foqueteiro / Coroa	102
Figura II – Atividade desportiva no Instituto Petra	187

LISTA DE MAPAS

	Pág
Mapa I – Complexo do São Carlos e de Santa Teresa	49
Mapa II – Complexo do São Carlos e de Santa Teresa - UPPs e RAs	50

LISTA DE TABELAS

Pág

Tabela I - População e Domicílios das Comunidades da UPP Fallet-Fogueteiro / 49
Coroa

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
DEDICATÓRIA	6
RESUMO.....	7
ABSTRACT	8
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	9
LISTA DE MAPAS	10
LISTA DE TABELAS.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Marcos Teóricos	19
1.2 Percurso Metodológico	31
1.2.1 Contextualização do paradigma qualitativo	31
1.2.2 Descrição e Geração do Corpus	32
1.2.2.1 Corpus Secundário	32
1.2.2.2 Corpus Primário	37
1.2.3 Metodologia de análise dos dados	40
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO FALLET ENQUANTO ESPAÇO DE TENSÕES E APAZIGUAMENTOS	46
2.1 O Fallet no contexto do Programa Territórios da Paz (SEASDH / RJ)	48
2.2 A fundação do Fallet nos anos 1920. Raízes e Povoamento pelos Imigrantes	57
2.3 O processo de favelização no Rio de Janeiro, anos 1960 e as Microrregiões do Fallet	70
3 ACONTECIMENTOS VIVIDOS E CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS	123
3.1 Nascidos e criados no Fallet.....	124
3.2 Os <i>Homens-memória</i> , suas lembranças e tradições.....	133
3.3 Apio à comunidade e participação política na AMAVALE	142
3.4 Os Guardiões do Território em defesa dos direitos: a comunidade, o tráfico e o Estado.....	148
3.5 Trabalhadores e promotores da Paz	157

4	NARRATIVAS DE PERTENCIMENTO DE SEUS MORADORES.....	168
4.1	A comunidade como uma grande família e o senso de pertencimento.....	168
4.2	Fallet: um porto-seguro – o melhor lugar para se morar.....	173
4.3	Antigos e novos moradores redesenhando o espaço	177
4.4	Tensões no Fallet: entre o lugar vivido e o sonhado	184
4.5	Convivência e distância: as diversas classes sociais no morro.....	191
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	195
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	202
	ANEXO A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS GRUPAIS E TÓPICO GUIA.....	211
	ANEXO B – LEGENDA do GRUPO FOCAL	212
	ANEXO C – GRUPO FOCAL.....	213
	ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	244
	ANEXO E – Termo de Cessão de Direito sobre Depoimentos Escritos/Imagens para o projeto de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO	246
	ANEXO F – Ofício AP1/GAB nº 173/98.....	247
	ANEXO G – Espelho do IPTU de uma residência.....	250
	ANEXO H – MAPA TOPOGRÁFICO DO FALLET.	251
	ANEXO I – MAPA DO FALLET/AMAVALE	252
	ANEXO J – Rainha do Limão Bravo (antigo time de futebol do Fallet).....	253
	ANEXO L – Foto panorâmica do Fallet	254
	ANEXO M – Título de Sócio Proprietário da Associação Atlética Fallet	255
	ANEXO N – Carteira de Sócio Proprietário da Associação Atlética Fallet.....	256
	ANEXO O – Documento de doação da Associação Atlética Fallet à Amavale	257

INTRODUÇÃO

A inspiração para esta pesquisa deu-se a partir de questões que me intrigaram desde que cheguei ao Fallet, uma das favelas situadas no bairro de Santa Teresa, Rio de Janeiro, pela primeira vez, e conheci um grupo de moradores, antigas lideranças, que são filhos e netos dos primeiros habitantes da região. Estes se apresentaram com uma grande motivação de falar sobre o Fallet, na contramão de tudo o que eu havia lido, dentre a escassez de informações publicadas acerca desta região. Ouvi destes moradores relatos apaixonados de um lugar com suas tensões e conflitos, sim, mas que teve em sua origem a fundação e povoamento de um bairro e não, de uma favela. Tal conceituação lhes é muito cara, possuindo uma grande significação para eles, que demonstram um forte anseio por restituir o caráter de bairro a este lugar.

Tamanho o seu empenho em relatar as histórias e condições de povoamento, assim como narrar suas lembranças e experiências vividas no cotidiano de um passado próspero deste local, que passei a inferir que estes senhores haviam abraçado a tarefa de conservar e transmitir as memórias do Fallet, tal como *homens-memória*, apropriando-me do conceito de Pierre Nora (1993).

Deste modo, este foi um dos critérios para definir o *corpus* da pesquisa: ter nascido e ser criado no Fallet; ser descendente dos primeiros moradores da região; possuir um forte apelo por relatar suas lembranças e experiências vividas no passado, nesta localidade.

Minha entrada em campo deu-se inicialmente em razão de minhas atividades em gestão social em uma área considerada como favela violenta, com altos índices de criminalidade, pelo Programa *Territórios da Paz*, criado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, em novembro de 2010, Subsecretaria de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos (SDPDH), da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH).

Além do Fallet, percorri semanalmente, durante dois anos, nove favelas localizadas em Santa Teresa (Fallet, Fogueteiro, Coroa, Prazeres e Escondidinho) e no Rio Comprido e Catumbi (Complexo do São Carlos: São

Carlos, Mineira, Zinco e Querosene), entrando em contato com seus moradores e identificando os problemas e recursos destas regiões.

Após cerca de dois meses em constante contato com estes antigos moradores, ávidos em relatar suas histórias e lembranças do Fallet, decidimos formar um Grupo de Trabalho (GT) de memórias sobre o Fallet, nos reunindo para este fim, periodicamente. E, posteriormente, convidei-os para participarem de minha pesquisa de doutoramento, através de um Grupo Focal.

Esta é uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, cujo *corpus* primário consiste em um grupo focal, do qual participaram cinco senhores, descendentes dos pioneiros do Fallet, com idades entre 53 e 84 anos. O *corpus* secundário é composto por observação participante e Grupos de Trabalho (GT) de Memórias. Os dados foram analisados através da análise temática das narrativas, segundo a concepção de Reissman (2008).

Em contato com estes senhores, ouvindo os seus relatos, e tendo como pano de fundo as notícias veiculadas sobre a região, eu me inquietava com esta contradição e me perguntava: “Fallet, que lugar é este?” Do mesmo modo, o contraste entre as histórias narradas de um lugar que fora *glamouroso* e de seus antigos habitantes, e a violência destacada pela mídia acerca deste lugar levava-me a indagar: “afinal, quem são estas pessoas do Fallet?”.

Tais questões nortearam esta pesquisa e constituíram-se no ponto de partida para que eu buscasse elucidar “como os moradores se relacionam com este espaço?” (entendendo-o como lugar ocupado ou território que viveu, segundo seus relatos, transformações em diferentes contextos sociais e históricos). Além disso, almejava conhecer “como o Fallet é discursivizado, enquanto espaço vivido e sonhado?”.

E, diante de tantas contradições entre as notícias veiculadas e suas narrativas enaltecendo-o como o melhor lugar para se viver, indagava-me: “como o Fallet seria por eles narrado, enquanto território de tensões e apaziguamentos?”.

Parecia-me que tamanho apreço pelo lugar onde nasceram e viveram poderia estar refletindo um sentimento de pertencimento. Diante disso, buscava perceber então “como o pertencimento é discursivizado / narrado por eles?”. E

mais, desejava conhecer “que lembranças ancoram os seus sentimentos de pertencimento?”.

Finalmente, procurava identificar “de que maneiras as narrativas enunciadas sugerem configurações identitárias e como elas se relacionam aos momentos sócio-históricos de tensão e apaziguamento na comunidade?”.

Esta tese *objetiva*, pois, investigar como a relação entre memória, espaço e acontecimentos vividos ancoram lembranças, configurações identitárias e o sentimento de pertencimento narrados. E, mais especificamente, este trabalho almeja: a) Identificar nas lembranças narradas, os sentidos atribuídos ao lugar habitado e aos acontecimentos socialmente relevantes desde sua fundação; b) Investigar como a memória produz sentidos acerca de experiências do lugar e constitui configurações identitárias; c) Caracterizar o Fallet como espaço, território e lugar de pertencimento.

Esclarecemos que, ao longo de toda a tese, ao utilizarmos os termos “lugar”, “local”, “área” e “região” estaremos nos referindo ao conceito de “lugar praticado” segundo a concepção de Michel de Certeau (1998).

O sentido atribuído quando utilizamos o termo “comunidade” sinaliza tão somente um grupamento de pessoas que vivem em um mesmo lugar e que se conhecem, mantendo laços de afeto e amizade entre si. Enfatizamos, pois, que nesta tese, não tomamos pelo termo, seu uso atribuído às favelas que foram urbanizadas.

Com estas questões de fundo, iniciei uma jornada com idas semanais, às vezes, mais de um dia por semana, por exatos dois anos, entre dezembro de 2011 e dezembro de 2013, explorando a região, mapeando seus problemas e recursos, conversando com alguns de seus moradores e ouvindo as narrativas destes líderes locais.

Minha pesquisa foi-se configurando, pois, enquanto observação participante, cujo *problema* consiste em investigar a *produção de memória* de antigos moradores do Morro do Fallet acerca do lugar em que moram; verificar nas histórias narradas, suas *configurações identitárias*; compreender que lugar é este, contextualizando a *identidade do lugar* e o *senso de pertencimento*, na perspectiva de seus moradores, a partir de suas narrativas.

Cabe ainda esclarecer que adotamos a expressão configurações identitárias para nos referirmos à identidade, em virtude da sua dinamicidade e da fragmentação do sujeito, apontada por Dantas (2001), que o leva a uma contínua e constante atualização de sua identidade, no discurso e nas interações sociais.

A inserção desta pesquisa no campo da Memória Social ocorre devido à compreensão de que, através da narração de histórias, os indivíduos e grupos constroem identidades e desenvolvem o senso de pertencimento.

A concepção de que há um entrelaçamento entre memórias, narrativas e configurações identitárias e que estas são conceitos dinâmicos, construções sociais (MOITA LOPES, 2001), recriadas na interação, nos motivou a realizar este trabalho na esfera da linha de pesquisa em *Memória e Espaço*, sobretudo pelos seus estudos acerca das relações entre a identidade social, território e memória. Este trabalho abrange também, a linha de pesquisa em *Memória e Linguagem*, em virtude do estudo das narrativas e sua inter-relação com a identidade e a memória.

O Referencial Teórico utilizado envolve o diálogo com autores e conceitos dos campos da *Memória Social* (POLLAK, 1989; 1992), Halbwachs (1990), Nora (1993), Gondar (2005); das *configurações identitárias e narrativas* (MOITA LOPES, 2001); do conceito de Identidade Rizomática (GLISSANT, 2005); as noções de Espaço, Lugar e Identidade de lugar, Território de Santos (1978), Certeau (1998), Gupta e Ferguson (2000); Massey (2000), Haesbaert (2002); e Análise Temática das Narrativas (REISSMAN, 2008).

Meu interesse como pesquisadora pelo campo das narrativas, identidades, alteridade, discriminação social e preconceito étnico iniciou-se e ganhou força por ocasião do Mestrado em Psicologia Social, na UERJ, em que me dediquei à pesquisa sobre o imaginário social, configurações identitárias, pertencimento e a formação de redes de imigrantes italianos vindos para o Sul do Brasil. Minha dissertação de mestrado, intitulada *A Travessia de Nanetto Pipetta e o Imaginário de Imigrantes Italianos para o Sul do Brasil, em busca do*

*País da Cocanha*¹, levou-me a transitar numa área de interseção entre a psicologia, antropologia e literatura.

Em continuidade a essa pesquisa, atualmente venho me dedicando ao trabalho com outras populações discriminadas – as faveladas. Estas, igualmente, são vítimas de preconceito, possuem uma representação bastante depreciada no imaginário social, necessitam vivenciar o senso de pertencimento à cidade, à sociedade e fortalecimento das redes sociais, anseiam pelo reconhecimento social e pelo desenvolvimento de seu protagonismo social.

As favelas cariocas são regiões políticas, sociais, econômicas e culturais marcadas por suas histórias e memórias. E, uma vez que as identidades sociais se formam a partir das experiências vividas e das lembranças que se tem de tais experiências, trazer o passado à tona implica ressignificá-lo, ampliando o conhecimento e a compreensão que se tem dele, o que proporciona uma oportunidade de escolha em relação ao que se está construindo e ao que se *deseja* construir.

E, no percurso deste trabalho, venho tangenciando temas inerentes a grande parte das favelas do Rio de Janeiro, tais como violência, segregação espacial e discriminação social, preconceito étnico e o imaginário social, que generaliza a imagem do favelado como criminoso.

Como doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social, meu foco é a escuta das memórias, experiências e senso de pertencimento de moradores de uma região localizada em Santa Teresa, em relação ao lugar onde habitam e a compreensão de como eles vão reconfigurando suas identidades, a partir de suas narrativas, em consonância com o posicionamento de Mishler (1999) e Dantas (2001), acerca da ocorrência de uma constante atualização das configurações identitárias e das memórias, a cada inter-relação, através das narrativas.

Parafraseando Édouard Glissant (2005), peço desculpas ao leitor pelas eventuais repetições ao longo da tese. Elas se justificam pelo meu estilo de escrita e também pelo fato de que situações complexas e dinâmicas não

¹ Disponível em Domínio Público: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select-action+&co-obra=188122>>. Extraído em 20/05/2015.

cabem em uma tentativa de categorização fixa em seções de capítulos. Assim, muitas questões serão analisadas sob recortes diferentes em capítulos distintos, acentuando a impressão de repetição.

A organização dos temas abordados terá a seguinte forma:

O primeiro capítulo apresenta os referenciais teóricos que consubstanciam esta tese, além do processo de geração do *corpus* de pesquisa e a descrição metodológica de análise dos dados;

No capítulo 2, serão apresentadas certas referências, a fim de que o leitor possa melhor situar-se em relação à realidade vivida pelos antigos moradores do Fallet, participantes do *corpus* desta pesquisa. Para este intento, esclareceremos nossa inserção no campo, inicialmente, através do Programa Territórios da Paz (SEASDH/RJ). Em seguida, faremos uma breve contextualização histórica do Morro do Fallet, desde a sua fundação, em relação ao processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, passando pelo surgimento das favelas cariocas e o seu desenvolvimento. Além disso, traçaremos um panorama sobre o processo de criminalização do tráfico de drogas e, por fim, faremos uma apresentação crítica do projeto de segurança proposto pelas Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). Este será o cenário sobre o qual faremos uma reflexão acerca da identidade deste lugar a partir das mudanças ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, ao longo do tempo, discursivizadas pelos seus moradores, como tendo os afetado diretamente.

O capítulo 3 traz um panorama dos acontecimentos vividos e sua relação com o modo como os sujeitos se constituem identitariamente por meio de suas narrativas. Tais acontecimentos cobrem desde o seu nascimento no local, passam pelas lembranças de seus homens-memória (NORA, 1993) acerca dos acontecimentos e tradições locais, pela participação sociopolítica na comunidade e culminam com sua identidade profissional e seu papel social enquanto *guardiões do território* e *promotores da paz*, brigando pela qualidade de vida local, para si, seus familiares, amigos e vizinhos;

O capítulo 4 aborda as narrativas de pertencimento de seus moradores: a comunidade como uma grande família, que habita no “melhor lugar para se morar”. Entretanto, há tensões entre o lugar vivido e o sonhado, onde

coexistem antigos e novos moradores, cuja convivência é permeada pelo distanciamento entre as diversas classes sociais.

Neste ponto, gostaria de fazer ainda um esclarecimento, a fim de situar o leitor em relação ao estilo de redação desta tese: ao longo dos capítulos, adotei a primeira pessoa do plural, por considerar que a mesma é fruto de uma construção que veio se desenrolando ao longo de anos, a partir de inúmeras trocas, sugestões, aulas, seminários, leituras, debates, orientações.

Entretanto, há dois momentos específicos em minha narrativa em que passo a escrever na primeira pessoa do singular: na Introdução e nas Considerações Finais, em razão de eu estar compartilhando com o leitor, a minha trajetória, desde a eleição do tema da minha dissertação de mestrado, até as experiências que me levaram à escolha do meu tema e corpus de pesquisa da tese de doutorado.

1 TRAJETÓRIAS PERCORRIDAS

Neste capítulo, apresentaremos as trajetórias percorridas para a realização desta pesquisa e os principais referenciais teóricos que nos servirão como guias ao longo desta jornada, os quais envolvem os campos da *Memória Social*, das *configurações identitárias e narrativas* e as noções de *Espaço, Lugar e Território*.

1.1 Marcos Teóricos

Esta pesquisa se propõe a investigar as memórias, as configurações identitárias e o sentimento de pertencimento de um grupo de antigos moradores do Fallet, a partir de suas narrativas. Para tanto, partimos do pressuposto de que há um dinamismo entre estes conceitos e que estes são construções sociais que se realizam dinamicamente no processo da interação entre as lembranças do passado e de algum referencial situado no momento presente.

Nossos aportes conceituais baseiam-se nas seguintes perspectivas: no campo da memória social, os conceitos de acontecimentos vividos e vividos por tabela (POLLAK, 1989); a relação entre memória e identidade (POLLAK, 1992); o conceito de memória coletiva, de Halbwachs (1990), o conceito de homens-memória (NORA, 1993), e a concepção de memória como uma construção no presente, através de uma interação entre as lembranças de algo do passado e de um futuro almejado (GONDAR, 2005); as lembranças e envelhecimento, por Bosi (1993).

Quanto às narrativas, consideramos que elas mantêm um constante diálogo com as memórias e as configurações identitárias através da linguagem e, para discutirmos este conceito recorreremos à Moita Lopes (2001). A respeito da troca interpessoal e a coconstrução de significados ocorridos na entrevista, buscamos aporte em Reissman (2008), Rollemberg (2013), Campos (2013). E quanto à análise das narrativas, nos apoiamos na Análise Temática, descrita por Reissman (2008).

Em relação ao campo das *configurações identitárias*, nos referenciamos em Pollak (1989; 1992) e Glissant (2005). E a respeito da experiência para com o espaço e o lugar habitado, recorreremos à Santos (1978), Certeau (1998), Gupta e Ferguson (2000); Massey (2000); Elias e Scotson (2000).

O caráter dinâmico da memória é postulado por Halbwachs (1990), que a considera um fenômeno social, construída coletivamente, além de mutável, afirmando que a mesma sofre transformações e flutuações constantes em função do momento em que está sendo expressa.

Além de sofrer variações, a memória individual sofre influências de seu relacionamento com os grupos de seu convívio e de referência. Ou seja, para nos lembrarmos, precisamos dos outros.

Halbwachs (1990) esclarece que a memória, assim como os laços sociais ou coletivos são produzidos a partir dos valores e das relações sociais que eles compartilham, processo por ele denominado *quadros sociais da memória*. Estes possuem a função de manutenção dos valores de um grupo, sendo responsável pela coesão social. É através de uma adesão afetiva ao grupo, referida por Halbwachs como *comunidade afetiva*, que a memória coletiva reforça a coesão social. É por esse motivo que ele se refere à necessidade da presença das testemunhas para confirmar ou recordar uma lembrança.

Estes conceitos nos parecem relevantes uma vez que, tanto a confirmação e recordação de eventos do passado, possibilitadas pela presença de testemunhas, quanto à manutenção dos valores e da coesão social são facilmente observáveis na interação entre os moradores do Fallet, que perpetuam a amizade construída no passado por seus pais e avós, mantendo seus laços de amizade desde a infância.

Além disso, estes conceitos nos servem de guia para investigarmos quem são as pessoas do Fallet, como vivenciam suas relações com a comunidade e como vivenciam o sentimento de pertencimento, como este é narrado por eles, assim como, “que lembranças ancoram o sentimento de pertencimento”.

Halbwachs (1990), igualmente, chama a atenção para o fato de que a nossa memória se esvai por falta de apoios externos, quando não fazemos mais parte do grupo a que pertence tal lembrança.

Pollak (1989) esclarece esse fenômeno, alegando que quando as testemunhas oculares sabem que irão desaparecer em breve, estas desejam inscrever suas lembranças contra o esquecimento.

Como veremos na seção 2.1, os moradores do Fallet, aliados aos moradores de outras nove favelas se reuniram periodicamente para relatarem as histórias e suas memórias em relação aos seus locais de origem, provavelmente movidos pelo receio de que estas possam vir a se perder.

Quanto aos moradores do Fallet, especificamente, seu anseio por transmitir suas memórias deve-se à importância por eles atribuída de que seja divulgada a antiga condição de bairro ao lugar onde nasceram, cresceram e criaram seus filhos e que vem sendo considerada perigosa favela. Além disso, grande parte dos moradores é recém-chegada e nada conhece da história local.

Por sua vez, Pierre Nora (1993, p. 9) defende o posicionamento de que a memória, sendo um fenômeno vivido no eterno presente, está em permanente evolução, numa relação dialética entre lembrança e esquecimento. A memória, para Nora, emerge de um grupo que ela une, enraizando-se “no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. Recorremos a este posicionamento de Nora como aporte para investigarmos “como a memória produz sentidos em relação à experiência de lugar e constitui configurações identitárias”.

Há, segundo Halbwachs (1990), um caráter de seletividade em toda memória em relação aos acontecimentos e às interpretações do passado que se deseja manter, além de um processo de “negociação” para conciliar a memória coletiva e memórias individuais – o que, segundo Pollak (1989), sustenta os sentimentos de pertencimento e reforça as fronteiras sociais. Este conceito nos é relevante ao investigarmos “como o Fallet é discursivizado como lugar vivido e sonhado”.

Os sentimentos de identificação e de pertencimento, expostos pelos participantes da entrevista, são comuns a todos os participantes da pesquisa e

estão presentes nas narrativas de todos eles, que demonstram um firme propósito de transmitir suas memórias, o que estaria em conformidade com o conceito de “*homens-memória*”, de Nora (1993, p. 18). Estes desempenhariam a função de arquivos-vivos, ou seja, daqueles que contam as histórias nas sociedades sem escrita. A importância destes homens, que fazem de si mesmos *homens-memória*, é proporcional à diminuição da vivência coletiva da memória. E, justamente porque grande parte da população que vive atualmente no Fallet não vivenciou os fatos narrados por esse grupo, eles parecem assumir essa função.

Pollak (1992) também pontua que a memória é um fenômeno construído, tanto social, quanto individualmente. O autor oferece importantes contribuições ao nosso estudo, ao abordar a estreita ligação entre memória e identidade, concebidas como valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, negociáveis e, segundo sua aceção, a identidade não é constituinte da essência de um indivíduo ou grupo. Tal concepção vem ao encontro dos pressupostos adotados nesta tese, de que tanto as configurações identitárias, quanto a relação com o espaço, com o lugar e as memórias, em seus fragmentos de lembranças e esquecimentos são elementos dinâmicos, mutáveis, constantemente atualizados nas narrativas e nas relações.

Para compreendermos o caráter dinâmico, processual e plural das configurações identitárias, tomamos como referência: o conceito de identidade rizoma, proposto por Édouard Glissant (2005), segundo o qual as identidades são múltiplas e se reconfiguram continuamente a partir de uma relação dialógica. O autor centra seu conceito de identidade não em busca de uma definição ou afirmação, mas na alteridade, na diferença, através de relações que estabelecem com tudo o que é possível.

Inspirado no conceito de rizoma, o qual se estende em rede, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), e em oposição ao conceito de raiz, Glissant propôs uma poética da Relação, referindo-se à maneira como uma identidade rizoma entra em contato e vai ao encontro de outras raízes. Esta identidade rizoma, ou identidade relação, comporta uma abertura ao outro, ao contrário de uma identidade raiz, que o exclui. Estes conceitos de identidade rizoma e identidade raiz contribuem para a nossa indagação acerca das configurações

identitárias e sentimento de pertencimento dos antigos moradores do Fallet e como este é narrado enquanto lugar de tensões e apaziguamentos, em relação, sobretudo aos novos moradores e as microrregiões do Fallet.

Glissant (2005) concebe o humano não como *ser*, mas como *sendo*, ou seja, em contínuo processo, mutável, e, portanto, não uma entidade absoluta. Um *sendo* em relação com o outro, com o mundo. A identidade rizoma é raiz que vai ao encontro de outras raízes e, embora mutável, é passível de enraizamento. A esse respeito, refletimos acerca das configurações identitárias e a relação destes moradores com o lugar, uma vez que mantendo antigos vínculos de amizade e um forte enraizamento com o lugar desde seu nascimento, tanto estes senhores quanto o lugar vão se transformando a cada nova interação.

O autor problematiza a possibilidade de sermos nós mesmos sem nos fecharmos ao outro e, ao mesmo tempo, como nos abrir ao outro, sem nos perdermos de nós mesmos? Ao lado disso, propõe-nos outro desafio, relativo à tendência de delimitarmos o lugar onde estamos inseridos, de onde emitimos nossas falas, nossa “terra natal”, através de fronteiras rígidas, transformando o lugar em território, a fim de protegê-lo. Ou seja, Glissant (2005) propõe-nos uma reflexão acerca de como podemos discutir uma poética da Relação que nos possibilite *abrir* o lugar onde estamos enraizados, mas sem diluí-lo.

Todos estes aspectos propostos por Glissant (2005) são importantes para a nossa reflexão acerca do nosso objetivo de investigar como estes antigos moradores do Fallet se relacionam com este espaço, enquanto lugar praticado (CERTEAU, 1998) e território. Além disso, os argumentos deste autor nos possibilitam refletir acerca de questões a que esta pesquisa se propõe, envolvendo a relação entre as configurações identitárias e a experiência do lugar, a partir de suas lembranças narradas.

Por sua vez, a memória é referida por Pollak (1992) como elemento que influencia na constituição do sentimento das identidades individual e coletiva, a qual se refere a todos os investimentos feitos ao longo do tempo para que cada pessoa ou grupo vivencie os sentimentos de unidade, continuidade e coerência em sua reconstrução de si, definindo o lugar social do indivíduo e suas relações com os outros.

Outro aspecto relevante ao nosso estudo diz respeito às narrativas contidas nas histórias de vida, apontadas por Pollak (1989) como instrumentos de reconstrução da identidade, a qual, por sua vez, é por ele considerada um fenômeno que se produz em referência aos outros, onde há fronteiras de pertencimento ao grupo e obedece aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade.

Tais definições e conceituação propostas por Pollak (1989, 1992) acerca da (re)constituição da identidade são importantes para reunirmos elementos que nos auxiliem a refletir a respeito do objetivo geral desta tese, que se refere a relação entre memória, espaço, acontecimentos vividos e as configurações identitárias e pertencimento narrados.

Outra característica da memória individual ou coletiva apresentada por Pollak (1992) trata de sua constituição, referindo-se aos acontecimentos vividos pessoalmente ou aos “vividos por tabela”. Estes dizem respeito àqueles vividos pelo grupo ou pela coletividade a que a pessoa pertence e se destacam de tal maneira no seu imaginário, que a pessoa não distingue se deles participou ou não.

E, o significado de se viver algo “por tabela”, esclarece Pollak (1992), tanto pode se referir a certos acontecimentos e personagens, como também a certos locais – os *lugares de memória*, particularmente ligados a uma lembrança pessoal.

Tais conceitos ajudam-nos a investigar os sentidos atribuídos ao lugar habitado e os acontecimentos socialmente relevantes ocorridos no Fallet, narrados pelos seus antigos moradores.

A respeito da memória desgastada pela vivência do envelhecimento, Ecléa Bosi (1993) situa o idoso como o portador de uma espécie de obrigação social de *se lembrar, e lembrar bem*, além de ser a referência de *memória para os seus*, devido ao fato de já estar afastado dos seus afazeres do cotidiano e de ter deixado de ser um membro ativo na sociedade em que vivemos.

Além disso, a autora valoriza a função normalmente assumida pelo idoso, em nossa cultura, de socializar a criança e ser responsável pela aculturação dos adultos e familiares, transmitindo-lhes histórias, tradições e de tornar presentes na família, os que se ausentaram. Assim, através de suas

memórias, afirma Bosi, podemos conhecer a riqueza e a diversidade da vida, com as quais não tivemos contato e que fazem parte da nossa história e identidade.

Esclarecemos que adotamos as conceituações explicitadas por Milton Santos (1978) e Michel de Certeau (1998) quanto à relação entre espaço e lugar. Assim, de acordo com Certeau, um determinado lugar só se torna espaço quando ocupado e nele ocorrem dinâmicas de movimento através do uso, sendo então ativado e transformado, tornando-se um “lugar praticado”, ou seja, os lugares, até então estáticos são transformados em espaço pelas ações das pessoas, que lhes “dão vida”. É, pois, “a atividade que qualifica o espaço”.

Milton Santos (1978) conceitua espaço como um receptáculo físico, o qual passa a ser um *lugar* quando habitado por pessoas e detém valores históricos, sentimentais e simbólicos. O *lugar* é, portanto, a parte do espaço onde se habita, onde se vive o cotidiano e experiências, abrangendo os espaços com os quais temos familiaridade.

Além disso, Certeau (1998, p. 188) aponta que estamos ligados a um lugar pelas lembranças e que a memória é um antimuseu, ou seja, não é localizável. O lugar, ele refere, está intimamente ligado ao relato e “os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos do mundo”.

Em um lugar, segundo Certeau (1998), há pontos fixos, territórios, fronteiras delimitadas, em que há uma estabilidade, uma territorialização, conforme Deleuze e Guattari (1995), que nos dá a sensação um passado dado. Em contraste, o espaço implica mobilidade, múltiplas direções, é produzido à medida que nele se caminha.

O conceito de *território* proposto por Haesbaert (2002; 2005) sugere pensar em limites, em um espaço com limites estabelecidos por fronteiras que o delimitam a partir de relações de poder, pressupondo uma exclusividade de apropriação e de uso, onde se coloca a relação de oposição entre “nós” (os incluídos, que dele fazem parte) e os “outros” (aqueles que não fazem parte dele).

Segundo Gupta e Ferguson (2000), a *experiência do espaço* é socialmente construída, fruto da associação entre lugares e povos. Os autores revelam que o processo pelo qual um espaço adquire uma identidade distintiva

como lugar ocorre a partir de uma distribuição espacial de relações de poder hierárquicas, uma vez que a *identidade de um lugar* surge da interseção entre o seu envolvimento em um sistema de espaços hierarquicamente organizados e sua construção cultural como comunidade ou localidade, as quais se referem tanto a um espaço físico, quanto a agrupamentos de interação.

Esclarecemos que nesta tese utilizamos o conceito de comunidade apresentado por Almeida et al (2011), para quem as representações criadas em torno da ideia de *comunidade* evocam relações de proximidade, de estreitamento de laços, de aconchego, conforto, proteção e formas de pertencimento.

Por sua vez, Massey (2000) elucida que um sentido forte do lugar e o senso de *enraizamento* podem proporcionar estabilidade, um tipo de refúgio do tumulto, uma resposta ao desejo de fixidez e de segurança da identidade num contexto em que se vive a perda de referenciais e identidades, em meio ao intenso movimento e mudança proporcionados pela aceleração ou compressão de tempo-espaço. Esta se refere ao processo de aniquilação do espaço pelo tempo, vivida de modo marcadamente intenso nos tempos pós-modernos, em razão de fatores econômicos e do poder de dar início aos fluxos, movimentação e comunicação de alguns, em detrimento de outros tantos, acentuando, assim, sua diferenciação social.

Massey (2000) apresenta, pois, um conceito progressista de lugar e esclarece que a nossa *experiência de espaço e de lugar* são determinadas pela economia e pela diferenciação social. Segundo essa concepção, o *lugar* apresenta as seguintes características: ele não é estático e sim, processual, conceituado em termos das interações sociais que nele se agrupam, e construído pela sua ligação com outros lugares. Além disso, ele não tem fronteiras no sentido das divisões demarcatórias, nem *identidades* únicas ou singulares e está cheio de conflitos internos.

Assim, segundo esta conceituação alternativa, o lugar passa a ser definido como um lugar de encontro, construído a partir de uma constelação de redes de relações sociais, o que o torna único e especial para os moradores do Fallet.

Elias e Scotson (2000), buscando compreender os critérios que pautavam as configurações sociais e as relações de interdependência numa dada localidade, verificaram a ocorrência de discriminação e exclusão social, centradas no fator antiguidade e coesão grupal, ou seja, o grupo detentor de poder era o grupo estabelecido há mais tempo na localidade em questão e que mantinha maior coesão entre si, em comparação aos recém-chegados.

Os pesquisadores perceberam que os habitantes que se consideravam superiores aos demais – os *estabelecidos* naquele lugar - estigmatizavam e se negavam a manter contato com os recém-chegados, considerados por eles como *outsiders* e, por sua vez, excluídos das posições de poder. O estigma social que lhes foi imputado passou a fazer parte de sua autoimagem, enfraquecendo-os.

Elias e Scotson (2000) chamam a atenção para o fato de que os *estabelecidos*, a fim de poderem manter seu *status* social privilegiado, ficam obrigados a reafirmar, continuamente, sua identificação e integração grupal. Estes traços estão presentes entre os antigos moradores do Fallet e o vínculo que os unem é assertivamente apontado por todos eles como pautado em estreitos laços de amizade.

Campos (2011) destaca a importância do sentimento dos moradores sobre o local onde habitam para a constituição da sua própria identidade e da identidade espacial.

Tomando tal literatura como referência, procuram-se respostas para as questões-chave colocadas nesta tese, que transitam entre as configurações identitárias, o sentimento de pertencimento, a experiência do lugar e as lembranças narradas, a fim de que possamos compreender quem são as pessoas do Fallet e que lugar é este, ao contextualizarmos a identidade do lugar e o senso de pertencimento ao grupo social e ao lugar.

Segundo a perspectiva socioconstrucionista de Moita Lopes (2001), o discurso não apenas representa as identidades sociais e as relações sociais, mas as constrói. Estas são constantemente atualizadas e coconstruídas através dos discursos e nas configurações identitárias a que estamos vinculados, assim como construímos os outros e o mundo social.

Riessman (2008) afirma que tanto indivíduos quanto os grupos constroem suas identidades através da narração de histórias. Situando a identidade como fluída, elucida que ela é produzida constantemente “através do processo combinado de ser e tornar-se, pertencimento e desejo de pertencimento”, o qual é refletido nas narrativas de identidade.

Portanto, adotamos, nesse estudo, o pressuposto de que as identidades são construídas e também negociadas nas narrativas. Reissman (2008) afirma que estas servem a propósitos distintos, dependendo de quem as utiliza, esclarecendo que os indivíduos usam-na para lembrar, arguir, justificar, persuadir, entreter. Já os grupos usam histórias para mobilizar outras pessoas e para promover o senso de pertencimento.

Rolleberg (2013) aponta que a entrevista é considerada uma troca interpessoal, onde ocorre uma coconstrução de significados, de realidades e de subjetividades, ressaltando-se a importância da participação do entrevistador e do entrevistado nessas construções e na reconstrução ou reconfiguração de suas identidades. Além disso, Rolleberg sustenta que a análise deve contemplar a dinâmica da entrevista, uma vez que esta envolve o que é discutido e como a interação é conduzida por todos os envolvidos. Assim, ele pontua que o interesse maior está voltado para a produção conjunta de significados e para sua inserção na situação de entrevista.

Campos (2013) concebe a entrevista como um método de geração de dados que favorece a produção de narrativas, com as quais os narradores coconstroem significados sobre o mundo social. Estes, ao narrarem, levam em consideração a audiência e, assim, empenham-se em projetar seus *se/ves* de modo favorável. Nesse sentido, Reissman (2008) afirma que o ato da narração de histórias no diálogo constitui o *self* autobiográfico, ou seja, como o narrador deseja ser conhecido na interação.

Riessman (2008) chama a atenção para o fato de que a transcrição da entrevista é uma interpretação, análise e recriação dos dados e sofre influência das perspectivas teóricas e metodológicas daquele que as realiza. Portanto, a autora explicita que ela não é definitiva e completa. Além disso, a transcrição inclui o contexto interativo e é baseada na teoria do *self* coconstruído,

produzido dialogicamente. Não temos um *self* por si mesmo; as identidades são performances para persuadir os outros.

Além disso, Reissman (2008) destaca a assertiva de Phil Salmon, para quem as narrativas são sempre coconstruídas. Os ouvintes, mesmo que fisicamente ausentes, exercem influência sobre o que pode ou não ser dito e sobre o modo como as coisas podem ser expressas.

Na investigação narrativa, de acordo com Reissman (2008), o analista está interessado em como o narrador constrói e sequencia eventos e usa a linguagem e/ou imagens visuais para comunicar significado para uma audiência. A análise das narrativas considera intenção e linguagem – *como e por que* os incidentes são historiados deste modo em particular, *para quem* a história foi construída, e *com que propósito?* Além disso, temas e significados são negociados no diálogo entre narrador e ouvinte, investigador e transcritor. O contexto local é considerado na análise dos dados, revelando quem está perguntando as questões, como e por quê? A voz do investigador e aspectos da sua subjetividade estão presentes.

Assim, Reissman (2008) explicita que a entrevista e a análise dos dados são consideradas como articuladas a uma grande teia de significações (GEERTZ, 1989), que abrange o como foi dito, a pessoa que disse e o contexto no qual a enunciação se deu.

Os conceitos e proposições ofertados por Reissman (2008), Moita Lopes (2001), Rollemberg (2013) e Campos (2013) nos oferecem elementos para refletirmos sobre as identidades e as relações sociais, constantemente atualizadas e coconstruídas através das narrativas, por sua vez, igualmente coconstruídas. Tais elementos configuram-se como aportes para as nossas investigações acerca das possibilidades proporcionadas pela entrevista grupal para que possamos investigar a produção de memória sobre o lugar, as configurações identitárias e o senso de pertencimento.

Os conceitos de *Posicionamento* e *Enquadre* nos serão úteis em determinados momentos para que possamos analisar certas narrativas proferidas no grupo focal.

Através do posicionamento, o narrador oferece pontos de referência para a compreensão de suas elocuições, posicionando o outro como receptor

de sua mensagem. O posicionamento é, portanto, o lugar de onde se fala (ROSAS, 2005).

Já o conceito de enquadre, desenvolvido pela Sociolinguística Interacional, segundo Rosas (2005) refere-se à metamsagem embutida nas narrativas para que possamos compreender e interpretar as mensagens. Este conceito refere-se, portanto, à forma e aos significados no ato de comunicar. Em uma conversação, constantemente definimos ou redefinimos o ocorrido na situação de comunicação.

Enquadrar uma situação, esclarece Rosas (2005, p. 141), significa “definir o universo possível em que os enunciados linguísticos devem ser interpretados. Em nossa análise, observamos como se dá a construção de identidades nos diferentes enquadres”.

Finalmente, em relação às narrativas e identidades migrantes dos descendentes dos pioneiros do Fallet, entrevistados no grupo focal, Thomson (2002) afirma que as histórias orais oferecem um rico recurso para se explorar a dinâmica intergeracional da migração e revelam a experiência da migração em todos os seus estágios.

O autor ressalta a importância das práticas culturais familiares para a preservação da identidade e da comunidade migrantes, ao passo que Ribeiro (2001) declara que a memória dos imigrantes e de seus descendentes atua como um campo de afirmação de sua presença; é por meio da memória, alega a autora, que esses grupos mais antigos reafirmam a ideia de pertencimento ao lugar, o que, por sua vez, é a maneira pela qual procuram legitimar seu espaço na cidade.

Segundo Ribeiro (2001), vários depoentes, imigrantes e seus descendentes, sentem-se fortemente identificados com o território e consideram-no como parte de seu *mundo*, mantendo com ele uma relação de afeto e memória.

Thomson (1997) aponta uma relação dialética entre memória e identidade e afirma que as nossas identidades são a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vivência. Construímos nossa identidade através do

processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social.

Consideramos relevante considerarmos as pontuações de Thomson para os propósitos desta pesquisa, que se dedica a investigar a produção de sentidos da memória e suas inter-relações com as configurações identitárias, a experiência de lugar e o senso de pertencimento.

1.2 Percurso Metodológico

1.2.1 Contextualização do paradigma qualitativo

Esta é uma pesquisa qualitativa, realizada através de trabalho de campo, utilizando-se a observação participante², pesquisa documental e entrevistas grupais, em que adotamos a concepção etnometodológica³, com o intuito de compreender os entrevistados através de seu ponto de vista e conhecer as suas interpretações dos fatos e acontecimentos narrados.

Esta pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, e a partir de sua aprovação, em 26/12/2013, os participantes do Grupo Focal assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* e o *Termo de Autorização de Cessão de Direito sobre Depoimentos Escritos/Imagens*, de acordo as exigências do referido Comitê. Ressaltamos que, com o intuito de preservarmos a identidade dos participantes da pesquisa por razões éticas e de segurança, seus nomes foram substituídos por pseudônimos, apesar de os mesmos terem afirmado que poderíamos revelar seus nomes.

² A técnica da *observação participante* caracteriza-se pela observação e contato diretos com a realidade estudada, pela interação face a face entre o pesquisador e o público pesquisado, a fim de obter informações sobre a realidade destes, vivida em seu próprio contexto. O observador, enquanto parte do contexto observado, participa de atividades relevantes à situação estudada, observando as pessoas e aspectos físicos da situação, podendo ele mesmo ser modificado e modificar o contexto (MINAYO; DESLANDES; NETO; GOMES, 1994).

³ *Etnometodologia*: pesquisa empírica dos métodos adotados pelos indivíduos, tanto para dar sentido, quanto para realizar as suas ações cotidianas (COULON, 1995).

1.2.2 Descrição e Geração do Corpus

No âmbito da incursão em campo, enquanto gestores sociais do Programa Territórios da Paz, entre janeiro de 2012 e dezembro de 2013, observamos e participamos do cotidiano de moradores do Fallet e estivemos presentes em várias atividades lá realizadas. Pela riqueza de informações sobre o local e seus moradores, os dados elencados nas alíneas “a”, “b” e “c”, abaixo, se constituíram em corpus secundário, sendo que as análises realizadas a partir das narrativas do Grupo Focal constituíram o *corpus* primário desta pesquisa.

1.2.2.1 Corpus Secundário

a) Observação Participante:

No contexto desta pesquisa, o termo Observação Participante está sendo utilizado para descrever a metodologia utilizada para a observação da ocorrência de diversas atividades e eventos na região, e participação da comunidade nestes, com o intuito de conhecer o cotidiano e identificar as representações, os simbolismos atribuídos pelos moradores a diversas situações, nos mais variados contextos e interações sociais, através de seus discursos.

Dentre estes eventos, muitos foram promovidos por instituições governamentais (em nível estadual, pela equipe de gestão social do Programa Territórios da Paz (SEASDH / RJ), e pelos agentes municipais do Programa UPP Social / IPP), do terceiro setor e fundações, em que as primeiras atuaram como parceiras, além de outras ações que já vinham sendo realizadas nas instituições locais (ONG, creche, Associação de Moradores). Houve, portanto, uma interação direta da pesquisadora com estes atores sociais.

Obs: Foram tomadas notas de todos estes eventos em diário de campo, a fim de confeccionar relatórios de atividades mensais e atualizações do Plano de Ações e Metas, como parte das atividades

institucionais realizadas pela equipe de gestão do Programa Territórios da Paz, SEASDH / RJ.

- Reuniões da Associação de Moradores, ocorridas na sede da Amavale ou no Instituto Social Petra / Nando é Vida⁴. Em geral, o convite aos moradores era feito pela própria Associação de Moradores, com duração de cerca de uma hora;
- Festividades oferecidas pelo Instituto Social *Fallet Embalando Crianças* ou parceiros (Unicirco Marcos Frota, Sesi, GFTeam, etc.), em geral ocorridas em datas comemorativas: carnaval, dia das Mães, dia das crianças, Natal, etc. Nestas atividades compareciam as crianças do Fallet, sobretudo aquelas que participam das atividades realizadas pelo Instituto Social Petra / Nando é Vida e seus familiares, em geral, mães e avós;
- Festividades promovidas pela UPP e realizadas em sua sede (UPPs Coroa, Fallet-Fogueteiro; Prazeres e Escondidinho) em datas comemorativas, (carnaval, dia das Mães, dia das crianças, Natal, aniversário da UPP). Os jovens não compareciam a estes eventos;
- Fórum Gestor promovidos pela equipe da UPP Social (IPP): realizados na Amavale ou na Clínica da Família Sergio Vieira de Mello (Catumbi, junto à saída do Túnel Santa Bárbara): participavam moradores e lideranças das favelas abrangidas pelas UPPs de Santa Teresa e do Complexo do São Carlos, ONGs locais e parceiros institucionais, equipe de Gestão do Programa Territórios da Paz (SEASDH/RJ);
- Grupos Temáticos (GTs) promovidos pela equipe de Gestão do Programa Territórios da Paz (SEASDH/RJ) e/ou pela equipe de gestão da UPP Social (IPP): em geral, realizados na Amavale, no

⁴ O Instituto Social Nando é Vida, conhecido como Instituto Petra (ONG Instituto Social Luiz Fernando Petra) localiza-se ao lado da Amavale. Sob a liderança do Cacá e de sua mulher, oferece aulas de ginástica para a terceira idade, ensino fundamental e médio, inglês e espanhol, além de sediar vários projetos sociais e esportivos (karatê, aulas de Circo Unicirco Marcos Frota, etc.). O Instituto também realiza atendimentos odontológicos, fisioterápicos, além de prestar primeiros socorros, aferimento de pressão arterial e medição de glicose.
<http://www.riomaisocial.org/territorios/fallet-fogueteiro-coroa/?secao=organizacoes#sthash.2LO5h2ew.dpuf>

Instituto Petra / Nando é Vida, ou na Creche Municipal do Fallet. Os GTs abrangiam temas diversos: de saúde e educação à habitação e empreendedorismo;

- Eventos ocorridos na comunidade: Fórum organizado pelo Jornal *O Dia*; capacitação de lideranças comunitárias, promovido pelo *Lead Canadá* (órgão consultivo da ONU); Reuniões do *Morar Carioca*; Conselho Comunitário de Segurança, etc. Os convites eram feitos aos moradores em geral, pela Associação de Moradores e pelas equipes de gestão municipal e estadual;
- Ações Sociais promovidas pelas equipes de gestão do Programa Territórios da Paz (SEASDH / RJ) e UPP Social (IPP), em parceria com FIRJAM, SESI / Cidadania, Sul América, etc., destinadas aos moradores em geral. Grande parte destes eventos foi realizada na quadra de esportes do Fogueteiro, na Amavale ou no Instituto Petra / Nando é Vida;
- Cafés Comunitários mensais, promovidos pela UPP Coroa / Fallet-Fogueteiro, com a participação de moradores, do Comando e policiais da UPP, gestores públicos, representantes de ONGs e de iniciativas privadas, lideranças, comerciantes locais e do entorno. Nestes cafés comunitários, em geral realizados na base da UPP, havia baixa adesão e passaram a ocorrer por outros locais da comunidade, como por exemplo, associações de moradores.

b) Pesquisa documental: fotos e documentos do acervo pessoal dos moradores; dados censitários, pesquisados em sites de instituições de pesquisa e de órgãos oficiais; dados midiáticos (sites, blogs, jornais); literatura acadêmica: participação em seminários, encontros, fóruns, congressos, etc.

- Foram disponibilizadas pelos antigos moradores que participaram dos GTs de Memórias, fotos do Fallet antigo e fotocópias de documentos (espelho de IPTU, ofícios expedidos a órgãos oficiais, portando demandas específicas), ofertados por Helinho (um participante assíduo do GTs de Memórias e do Grupo Focal);

- Foram pesquisados em sites como IPP, IBGE, a extensão territorial do Fallet, número de residências e moradores, uma vez que os participantes dos GTs de Memórias afirmam que há discrepância entre os dados oficiais e a vida local, atribuindo a isso, o fato de os recenseadores não terem percorrido toda a comunidade;
- Busca de informações veiculadas pela mídia em geral acerca das áreas abrangidas pela equipe de gestão do Programa Territórios da Paz (SEASDH / RJ). Dificilmente encontrávamos algo e quando isso ocorria, eram notícias de confrontos violentos, como já referido. Foram feitos levantamentos sobre a urbanização e políticas públicas envolvendo as favelas cariocas em geral e, mais uma vez, quase nada foi encontrado sobre o Fallet;
- Participação em fóruns acadêmicos, sobretudo os que se destinavam a debater sobre as favelas e as UPPs. Dentre eles:
 - “Seminário Cinco anos de Pacificação no Rio de Janeiro: reflexões sobre segurança pública, processos de militarização e controle das cidades” (2013);
 - “Rio Cidade sem Fronteiras” (realizado no Fallet em 12/06/2013);
 - “Rio de Encontros”, na Casa do Saber (Lagoa): encontros mensais (2013);
 - “XXV e XXVI Fórum Nacional – Favela como Oportunidade” (BNDEs), (2013 e 2014);
 - “Seminário Juventudes e Territórios de Favelas: narrativas, experiências e aprendizagens. Aprendizagens, desafios e perspectivas da construção das PPJs: identidades em diálogo” (2013);
 - “Cidadania e Segurança. Os Resultados e Futuro da Política de Pacificação do Rio de Janeiro” (2013);
 - “Seminário Favela é Cidade” (2012);
 - “Seminário Internacional Proteção Social e Cidadania hoje: tendências e desafios” (2012).

c) As narrativas oriundas dos GTs de Memórias:

Os Grupos de Trabalho (GTs) de Memórias ocorreram como uma das estratégias de gestão social do Programa Territórios da Paz (SEASDH / RJ), que compreendia a realização de Grupos Temáticos, de acordo com a demanda local, em diversas áreas, tais como Educação, Saúde, Cultura, Esportes, Comércio, Habitação, Empreendedorismo, Emprego e Renda, Meio Ambiente, Juventude, Idosos e Memórias.

Em cada GT, uma vez identificados os problemas, os participantes debatiam estratégias visando a solucionar a situação em questão. Algumas vezes, as instituições pertinentes eram convidadas a comparecer nos próximos encontros para discutir alternativas e soluções junto com a comunidade.

Ao longo de dois anos em campo, foram realizados, no Fallet, dez GTs de Memórias⁵, no *Instituto Petra / Nando é vida*, na Região da *Amavale*, entre março de 2012 e dezembro de 2013. As reuniões tinham cerca de 1:30h de duração. Em geral, Cacá e Helinho (presidente e vice-presidente da Associação de Moradores) se incumbiam de avisar os demais sobre a data e horário das reuniões.

Dois GTs foram gravados em áudio e todos eles tiveram suas informações anotadas. Um assíduo grupo de senhores com mais de sessenta anos de idade e que vive desde a sua infância no Fallet, filhos e netos dos seus primeiros habitantes, participou de praticamente todos os encontros. Juca, Helinho, Coelho e Cacá estiveram em todos os grupos. Joel e Carlão participaram ocasionalmente, deixando de comparecer em razão de compromissos profissionais.

Nestas reuniões, eles demonstravam interesse especial em relatar suas lembranças e experiências, tendo como fator central de motivação, o esclarecimento do equívoco de se considerar a totalidade do morro do Fallet como favela, pois a área onde eles sempre habitaram, segundo seus relatos, era um bairro.

Nestes GTs, foi revelada a história da fundação do Fallet e de seus primeiros habitantes - imigrantes europeus. Estes ao chegarem ao local, foram

⁵ GTs de Memórias realizados em 13/03/2012; 09/07/2012; 17/09/2012; 17/12/2012; 13/03/2013; 15/07/2013; 28/08/2013; 26/11/2013, 13/12/2013 e 13/01/2014.

distribuindo-se na região por grupos de nacionalidades distintas, ocupando as primeiras ruas por identidade étnica. Eles mesmos construíram suas casas e trabalharam para canalizar a água. Em suas narrativas, os participantes contemplaram o desenvolvimento socioeconômico do Fallet, as principais fontes de renda e atividades laborais dos seus pioneiros, e destacaram a vida no local, em termos socioculturais e esportivos.

Dada a sua condição de descendentes de imigrantes, nos GTs de Memórias priorizamos a metodologia da História Oral, uma vez que esta é descrita por Alistair Thomson (2002) como uma ferramenta importante para entender como a *subjetividade* dos imigrantes, sejam indivíduos, famílias ou comunidades é afetada pelas políticas e padrões migratórios.

1.2.2.2 Corpus Primário

A fim de realizarmos esta pesquisa, optamos pela realização da entrevista grupal, pois a interação entre os participantes dos grupos focais, de acordo com Flick (2004), favorece a rememoração de dados do passado que possam contribuir para uma memória coletivamente partilhada e construída (HALBWACHS, 1990; POLLAK, 1989).

Outra razão pela opção de se fazer o Grupo Focal deve-se ao fato de que o mesmo possibilita um grande número de informações partilhadas, num curto espaço de tempo. Além disso, na entrevista em grupo, os temas do tópico-guia são debatidos abertamente e as diferenças de opiniões, vivências, percepções e lembranças distintas são colocadas em cena. Assim, os grupos focais são especialmente úteis para se investigar opiniões e atitudes sobre assuntos considerados tabus, assim como o estudo da geração das representações sociais em geral (FLICK, 2004, pp. 124; 133).

Acreditamos que o clima de confiança, descontração e entrega que marcou o Grupo Focal tenha ocorrido em virtude da larga experiência da coordenadora desta pesquisa, Diana de Souza Pinto, enquanto professora, pesquisadora e mediadora de entrevistas grupais, fator aliado à já citada realização de grupos temáticos com os entrevistados, anteriormente ao grupo focal, mobilizando narrativas de lembranças e vivências no Fallet.

A esse respeito, Jovchelovitch e Bauer (2002) destacam a importância de o entrevistador conhecer preliminarmente e criar familiaridade com o campo de estudo. Flick (2004), inspirando-se em Fontana e Frey (2000), pontua certas características necessárias ao entrevistador para o bom desenvolvimento de uma entrevista grupal, a exemplo da flexibilidade, persuasão, ser um bom ouvinte e fazer a mediação entre todos os participantes, equilibrando momentos em que dirige o grupo de modo mais diretivo, e outros em que se reserva a moderar a participação dos integrantes do grupo.

Além disso, a autora apresenta o posicionamento de Merton *et alli* (1956), os quais defendem que, ao realizar uma entrevista grupal, o entrevistador deve atentar para que todos os participantes se expressem, opinem e relatem suas experiências relativas ao tópico abordado, estimulando aqueles que são mais reservados e limitando os relatos dos mais dominadores.

Em nossa entrevista de Grupo Focal, estivemos bastante atentas para proporcionar liberdade de expressão a todos os participantes, muitas vezes, dirigindo as perguntas a cada um deles, de modo personalizado.

Outro fator relevante para a eleição da realização da entrevista grupal é o fato de que as entrevistas são consideradas um evento de fala, uma realização discursiva, em que tanto a pergunta feita pelo pesquisador quanto a resposta dada pelo entrevistado são consideradas como construções discursivas coparticipativas, em que ambos os participantes ativos constroem narrativas e significados. Estes, por sua vez, são sempre dinâmicos (SANTOS, 2013) e coconstruídos (ROLLEMBERG, 2013) sobre o mundo social, com base no entendimento recíproco que emerge durante a interação (CAMPOS, 2013).

O *corpus* primário desta pesquisa consiste, pois, em uma entrevista de Grupo Focal, realizado em 28 de dezembro de 2013, com duração de uma hora e cinquenta e cinco minutos, realizado no Instituto Petra / Nando é Vida, situado ao lado da Associação de Moradores e Amigos do Vale – a *Amavale*, e mediado por ambas as pesquisadoras (doutoranda e sua coorientadora).

A entrevista grupal baseou-se em um roteiro de perguntas abertas, o tópico-guia, previamente definidas pelas pesquisadoras, com o intuito de investigarmos como a relação entre memória, espaço e acontecimentos vividos ancoram lembranças, configurações identitárias e o sentimento de

pertencimento narrados. Para tanto, sintetizamos o roteiro do tópico-guia em duas questões: 1) Para você, o que é ser morador do Fallet? 2) O que de melhor e de pior tem no Fallet? (vide Anexo A).

O roteiro da entrevista grupal e o tópico-guia constam no Anexo A. O Anexo B traz uma legenda dos símbolos e convenções utilizados nas transcrições do Grupo Focal. No Anexo C, temos a transcrição do Grupo Focal.

O grupo focal foi constituído por cinco homens, com idades entre 53 e 86 anos, antigos moradores do Morro do Fallet, cujos familiares mudaram-se para a região desde os seus primórdios. Outra característica marcante destes entrevistados é a sua condição de lideranças locais. Dos cinco informantes, quatro são ou foram atuantes na Associação de Moradores locais, exercendo a função de Presidente, Vice-presidente e tesoureiro. Dois deles colaboram ou colaboraram com a Associação de Moradores de Santa Teresa (AMAST). O quinto informante, embora não possua um cargo político, colabora com a Associação e está sempre presente nas atividades realizadas.

Foram convidados para compor o corpus desta pesquisa, pessoas que nasceram e foram criadas no Fallet; são descendentes dos primeiros habitantes da região; exercem liderança local e participaram dos GTs de Memórias. Esclarecemos que estas características foram encontradas apenas em homens do Fallet. Não encontramos mulheres que exerçam liderança no Fallet e, as mulheres da comunidade, tendo sido convidadas, não participaram dos GTs de Memórias, exceto na última reunião de 2013, realizada na casa de um dos idosos, em que contamos com a presença de sua esposa. Grande parte das mulheres idosas convidadas para participarem dos GTs de Memórias não pôde comparecer em razão de dificuldades de locomoção e/ou problemas de saúde diversos. Entretanto, elas haviam se colocado disponíveis para narrarem suas memórias, desde que as entrevistas fossem realizadas em suas residências, o que inviabilizaria a entrevista grupal.

Abaixo, uma breve descrição dos componentes do grupo focal, inspirada nas observações realizadas neste e no campo. Participaram deste grupo focal, em ordem decrescente de idade:

Joaquim (apelido **Juca**), 86 anos, é o mais velho do grupo. Aposentado, trabalhava “atendendo chamados” (sic), o que o levou a percorrer vários

morros e bairros da cidade. Nascido e criado no Fallet, assim como seus filhos e netos. Apontado pelos amigos como “peralta”, assume que “aprontou muito” desde a infância e relata vários episódios em que, por brincadeira e diversão, causou confusão.

Walter (apelido **Coelho**), 75 anos, é servidor público aposentado. Igualmente nascido e criado no Fallet, assim como seus descendentes. Foi o fundador e primeiro presidente da Associação de Moradores e Amigos do Vale (*Amavale*). Quando mais jovem, organizava e financiava com recursos próprios, passeios e festas para as crianças. Em ocasiões de conflitos e doenças, a comunidade recorria a ele, que também fazia os enterros dos moradores assassinados pelo tráfico.

Hélio (apelido **Helinho**), 68 anos. Soldador aposentado, já foi presidente da Associação de Moradores de Santa Teresa (AMAST) e está em seu segundo mandato como vice-presidente da Associação de Moradores e Amigos do Vale (*Amavale*). Também é nascido e criado no Fallet, onde seus filhos e netos igualmente habitam. Muito ativo e atuante na comunidade, “briga” (sic) pela participação dos moradores nas decisões comunitárias, pela questão ambiental, saúde e educação.

Joel, 62 anos, nascido e criado no Fallet. Trabalha em uma indústria de bebidas. Membro da diretoria da Associação de Moradores e Amigos do Vale, *Amavale*, faz a ponte entre esta e o alto do morro onde mora, divulgando ações, eventos, reuniões e informando os problemas e reivindicações dos moradores à Associação. Neto da Vovó Rosa, que partejou quase todos os moradores nascidos no Fallet e deixou enorme descendência.

Cláudio (apelido **Cacá**), 53 anos, nascido e criado no Fallet. Atual presidente da Associação de Moradores e Amigos do Vale (*Amavale*) e diretor do Instituto Petra / Nando é Vida e, assim como sua mulher, Rosana, devota-se ao trabalho realizado com as crianças da região.

1.2.3 Metodologia de análise dos dados

Em linhas gerais, esta é uma *pesquisa qualitativa*, em que adotamos uma concepção etnometodológica, com o intuito de compreender os

entrevistados através de seu ponto de vista e conhecer as suas interpretações aos fatos e acontecimentos narrados.

A Metodologia de Análise de dados foi realizada segundo a *Análise Temática das Narrativas*, descrita por Reissman (2008), segundo a qual, tanto as entrevistas quanto suas transcrições são ocasiões narrativas e incluem o contexto interativo.

O termo *narrativa*, nas ciências humanas, refere-se a histórias contadas pelos participantes da pesquisa. Tais relatos tanto podem ser interpretados pelos próprios entrevistados, quanto pelo investigador, que, neste caso, apresenta uma história sobre histórias, baseando-se em entrevistas e observações no campo – o que constitui a forma de interpretação dos dados desta pesquisa.

Do mesmo modo, uma vez que todas as narrativas são coconstruídas e os temas e significados são negociados no diálogo entre narrador e ouvinte, partimos da pressuposição de que os entrevistados narraram o que consideraram relevante para nós, entrevistadoras.

Relativamente aos dados narrados, salientamos ainda que a Análise das Narrativas leva em conta as particularidades, os contextos (locais e tempos sociais), interrogando intenção e linguagem (como e por que um evento particular foi relatado), quais os efeitos no ouvinte (experiências criadas na audiência) e procura identificar para quem e com que propósito a história foi construída, e que significados se deseja comunicar.

Tais aspectos foram levados em conta ao nos debruçarmos sobre as narrativas do Grupo Focal, em que buscamos observar de que modo os narradores desejavam ser conhecidos nesta interação, através do que elegeram comunicar e, também, silenciar.

Na Análise Temática das Narrativas, descrita por Reissman (2008), o foco de atenção recai sobre o que é dito, ou seja, sobre o conteúdo do que os informantes relatam acerca de eventos e experiências.

Procedimentos Metodológicos para a análise dos dados:

a) Transcrição da gravação, em áudio, da entrevista de grupo focal, (realizadas pela pesquisadora e revistas por um segundo transcritor), em

conformidade com Riessman (2008) que assinala a importância de se fazer uma transcrição acurada para posterior análise narrativa;

b) Seleção, Organização e codificação do Grupo Focal em categorias, destacando-se as narrativas em que se encontram a construção de memórias, configurações identitárias, pertencimento e os sentidos atribuídos ao lugar habitado pelos participantes do grupo focal. Este processo se deu em várias etapas:

b.1 Após o recorte do objeto, problema e objetivos, foi realizada uma releitura dos autores que norteiam esta pesquisa e seus conceitos; dos artigos publicados pelas pesquisadoras; dos trabalhos realizados para as disciplinas do doutorado; além de novas pesquisas bibliográficas, à luz dos dados da entrevista;

b.2 Releitura da entrevista do Grupo Focal, priorizando as perguntas: “como as pessoas se relacionam com aquele espaço?”; “por que aquelas pessoas têm aquelas relações com o lugar, e como isso pode ser visto nas narrativas?”; “como é que o espaço opera na memória, na construção narrativa daquelas pessoas?”; “como o pertencimento é discursivizado, narrado?”; “com que outras categorias, o pertencimento dialoga nas narrativas?; em que situações ele aparece? ”; “qual a natureza da relação entre pertencimento e configuração identitária narrada?”

b.3 Marcações dos temas identificados nas narrativas nas margens da transcrição da entrevista de Grupo Focal (versão impressa);

b.4 Em um arquivo Word, foram catalogados os **Blocos Temáticos** identificados nas narrativas do Grupo Focal, a partir das questões norteadoras, nomeando as categorias que emergiam. Em seguida, foram destacados temas em cada Bloco Temático e *narrativas* correlatas.

Exemplo: **Bloco Temático**: “Relação com a comunidade”.

Temas: colaboração, amizade, relacionamento com os jovens, etc.

Narrativas: “pegar os porcos de fora... dar-lhes uma surra...”.

Os Blocos Temáticos e os temas identificados no Grupo Focal foram:

1) Bloco Temático: Relação com a UPP

Temas:

Expectativa, apreensão e preparação para a chegada da PM;
 Disputa de territorialidade
 Consequências positivas da UPP
 Rejeição da UPP pela comunidade
 Idosos (G.F.) são a elite do Fallet: ninguém mexe com eles
 Conflito comunidade – UPP
 Relação polícia – tráfico
 Crítica em relação ao projeto (cunho político) da UPP
 Consequências negativas: invasão por novos moradores (*outsiders*).

2) Bloco Temático: Relação com a “Firma”

Temas:

A denominação “a firma”
 Antigo “ponto”: a “boca”
 Relação entre o tráfico, a comunidade e a UPP
 Idosos: intermediação comunidade - tráfico - polícia
 Sr. Coelho: mediador de conflitos comunidade - tráfico
 Meninos do projeto (Sr. Coelho): hoje trabalham na “firma”
 Relação de respeito tráfico - comunidade
 No Fallet e no RJ, “as coisas andaram muito ruins”
 Convivência com a família dos “meninos”; os conhecem “desde que nasceram” “A diretoria toda é do Fallet”
 A atividade “da firma”, seus negócios, conflitos e guerras
 Tiroteios: frequência, horários; mortes; fim dos tiroteios.

3) Bloco Temático: Relação com o Lugar

Temas:

Nascidos e criados na comunidade
 Colaboração com a comunidade: melhorias; ajuda; participação política
 Raízes na comunidade
 Permanência no Fallet
 Amizade e respeito: comunidade como uma “grande família”

“O Fallet é o melhor lugar pra se morar”, uma “Dádiva de Deus”

Declaração de que “nunca sairá do Fallet”

“Mas quando sai, não se quer voltar”; “ficar cá e lá”

Razões para voltar: família; porto seguro; economia; segurança; redes sociais

Localização: no Centro, em Santa Teresa

4) Bloco Temático: Passado Familiar

Temas:

Convivência íntima entre os entrevistados: “fomos criados todos juntos”

Amizade intergeracional (desde os avós)

Nascimento de todos na comunidade pelas mãos da mesma parteira

Gerações (antepassados, filhos e netos): todos nasceram e vivem no Fallet

5) Bloco Temático: Convivência na Comunidade

Temas:

Familiar, Intergeracional

Amizades

Vizinhos (como uma grande família)

Morador mais jovem

Participação comunitária

6) Bloco Temático: Tradição

Temas:

Festa de São João; Bloco de Carnaval; Escola de samba

Fábrica de sapatos

Associação Atlética Fallet

7) Bloco Temático: Divisão Social

Temas:

Área considerada cidade versus favela

A área onde foi fundada a Amavale é considerada favela

“Clube dos trinta”: elite do Fallet

8) Bloco Temático: Pertencimento

Tema:

Apesar de morar na Zona Sul, passava os finais de semana no Fallet

“Se ganhar milhões na Megasena [...] ficará lá e cá”

Vítimas da violência: “lá do outro morro, o sujeito atirava no morador”

Conflito: “às vezes tem vontade de sair de lá, mas teme não se adaptar”

b.5 Em outro arquivo Word, foram catalogados os **Blocos Temáticos** (Relação com a UPP; Relação com a “Firma”; Relação com o lugar; Passado Familiar; Convivência na comunidade; Tradições; Divisão Social; Pertencimento). Em seguida, foram listados temas que se destacavam nas narrativas correlatas, os quais foram assinalados na lateral da transcrição do grupo focal (utilizando o recurso “novo comentário”, da aba “Revisão” do Word), os números dos turnos correspondentes.

Exemplo: **Bloco Temático**: “Relação com a UPP”.

Temas: expectativa e apreensão, disputa de territorialidade, consequências positivas e negativas, rejeição pela comunidade, críticas, etc.

Narrativas: Marcações dos turnos nas laterais da transcrição do Grupo Focal. Exemplo: Expectativa e apreensão com a chegada da UPP – turnos 1 a 6. Disputa de territorialidade: turno 7).

b.6 Releitura da entrevista do Grupo Focal, tendo em mente as perguntas e objetivos da pesquisa, os **Blocos Temáticos** e suas categorias, o Referencial Teórico mobilizado e as marcações dos temas, já feitas nas laterais. Nesta releitura, foram anotadas as correlações que nos ocorriam, relativamente à interação entre os dados, as categorias, as perguntas e o referencial teórico.

b.6.1 Partindo da concepção de identidade rizomática, de Glissant, e de seu pressuposto de que “as nossas identidades são relacionais”, procuramos identificar nos dados da entrevista, “qual a natureza da relação entre as configurações identitárias dos entrevistados com as categorias identificadas?”; “como tais categorias se relacionam nas narrativas deles, em relação ao lugar Fallet?”.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO FALLET ENQUANTO ESPAÇO DE TENSÕES E APAZIGUMENTOS

A paisagem não tem nada de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e a paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade (SANTOS, 1982, p. 37)

Este capítulo propõe-se a apresentar referências para que o leitor possa orientar-se, a fim de acompanhar o esboço de uma trajetória de vida narrada por antigos moradores de um lugar que, em sua origem, era um bairro em expansão, mas que, atravessado por variáveis diversas, passou a ser considerado uma violenta favela.

Para realizarmos este intento, apresentamos na seção 2.1, a contextualização dos contatos iniciais travados com o Fallet e seus antigos moradores, durante o período de realização da gestão social em territórios, através do Programa Territórios da Paz, em 2012.

Traçaremos, nas seções 2.2 e 2.3, um percurso localizando o Fallet no contexto da cidade do Rio de Janeiro. Faremos então, uma breve contextualização histórica do Morro do Fallet, em relação ao desenvolvimento urbanístico da Cidade Maravilhosa, apresentaremos os relatos dos antigos moradores sobre o povoamento do Fallet, sobretudo pelos imigrantes europeus. Nestas seções, acompanharemos o processo de favelização do Rio e seus diversos significados ao longo do tempo, assim como as fronteiras invisíveis que foram se estabelecendo entre o morro, a favela e a cidade, configurando as microrregiões do Fallet.

Em seguida, na seção 2.4, faremos uma breve incursão pela rota do narcotráfico no Rio de Janeiro, visando a acompanhar o seu desenvolvimento, desde o comércio varejista local de drogas até a formação de grupos organizados e fortemente armados, inserindo, neste contexto, o tráfico de drogas praticado no Morro do Fallet.

Paralelamente ao crescimento do narcotráfico, alojado nas favelas da cidade, foram sendo criadas estratégias de enfrentamento a estes grupos de

crime organizado. Neste cenário, a partir de 2008, o projeto de segurança apoiado na premissa de “polícia de proximidade” foi introduzindo gradativamente Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) nas favelas ocupadas pelo tráfico de drogas.

A seção 2.5 apresenta a chegada da UPP Fallet-Fogueteiro-Coroa como uma estratégia de Segurança Pública, enquanto modelo de Gestão Empresarial de Cidade, o que, segundo as narrativas dos entrevistados no grupo focal, acentuou as diferenças de opiniões e valores entre os moradores da região entre a esperança e o temor, a aprovação e a rejeição, e a ascensão e o declínio deste projeto, com alguns acertos e muitos equívocos.

A partir destes pilares e das narrativas de antigos moradores do Fallet, proferidas nos Grupos de Trabalho (GTs) de Memórias e na entrevista de Grupo Focal, os quais constituem o *corpus* secundário e primário desta pesquisa, ocorridos nesta ordem, respectivamente, e descritos no capítulo anterior, traçaremos uma rota, a fim de fazermos uma reflexão sobre a identidade e a experiência deste lugar, segundo a ótica dos entrevistados. Priorizaremos abordar as mudanças ocorridas ao longo do século XX e início do século XXI, na cidade do Rio de Janeiro, discursivizadas pelos seus moradores, como os tendo afetado diretamente.

Com isso, almejamos encontrar elementos que nos possibilitem responder um dos *objetivos específicos* a que esta pesquisa se coloca, ou seja, *identificar, nas lembranças narradas pelos antigos moradores do Fallet, os sentidos atribuídos ao lugar habitado e aos acontecimentos socialmente relevantes lá ocorridos.*

Seguindo o itinerário traçado pelos próprios entrevistados, nos GTs de Memórias, tomaremos como referência, acontecimentos apontados por eles como significativos, situando-os em um contexto mais amplo, como enunciamos acima. Estes marcos referenciais podem ser sintetizados em quatro momentos: a fundação e povoamento inicial do Fallet, nos anos 1920; a chegada de novos moradores em outras partes do morro, nos anos 1960/70; a ocupação da região pelo tráfico armado, nos anos 1980; o processo de instalação da UPP, em 2011, e a conseqüente mudança na rotina na favela, inclusive, com a chegada de diversas instituições governamentais e não

governamentais, equipamentos públicos, projetos e políticas sociais, além de prestação de serviços básicos diversos, tais como saneamento básico e coleta regular de lixo. Esclareço que quando a pesquisa foi realizada, os moradores da região procuravam adaptar-se à nova rotina estabelecida com a implantação da UPP. Não saberíamos dizer que novos marcos eles teriam apontado após este evento.

Inspirados por Ilmar R. de Mattos (1999), ressaltamos que uma região é dinâmica, *viva*, e sua delimitação espaço-temporal se dá a partir das relações sociais estabelecidas entre os seus integrantes. Portanto, são os seus moradores que a definem e a (re)configuram, de acordo com suas experiências com o lugar e entre si.

A tônica neste capítulo é, pois, investigar o que estava ocorrendo no Rio de Janeiro, de um modo mais amplo, e no Fallet, especificamente, desde a sua fundação até o final de 2013, e como os moradores vêm lidando com estes eventos e discursivizando-os. Para tanto, usarei como fontes: pesquisa bibliográfica, as narrativas do Grupo Focal; dados empíricos observados em campo, relatos nos GTs de Memórias.

2.1 O Fallet no contexto do Programa Territórios da Paz (SEASDH / RJ)

O Fallet está localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, podendo-se adentrar na favela pelos bairros do Rio Comprido ou por Santa Teresa. A região do *Fallet/Amavale* (Associação de Moradores e Amigos do Vale) pertence à Área de Planejamento I, Região Administrativa XXIII – Santa Teresa. Na região do Fallet, encontram-se microrregiões, sendo as principais denominadas *Amavale*, Ocidental Fallet (também conhecida como Beco Ocidental) e Luiz Marcelino. Por sua vez, o Complexo⁶ do Fogueteiro é constituído pelas favelas do Fallet-Amavale, Ocidental Fallet (ou Beco Ocidental) e Unidos de Santa Teresa (conhecida como Fogueteiro).

⁶ O termo Complexo, segundo Nunes (2015), vem sendo utilizado pelo poder público municipal e estadual para designar grupos de favelas.

A UPP Fallet-Fogueteiro/Coroa, possui 255.720 m². (Fonte: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), com base no Censo Demográfico (2010), realizado pelo IBGE).

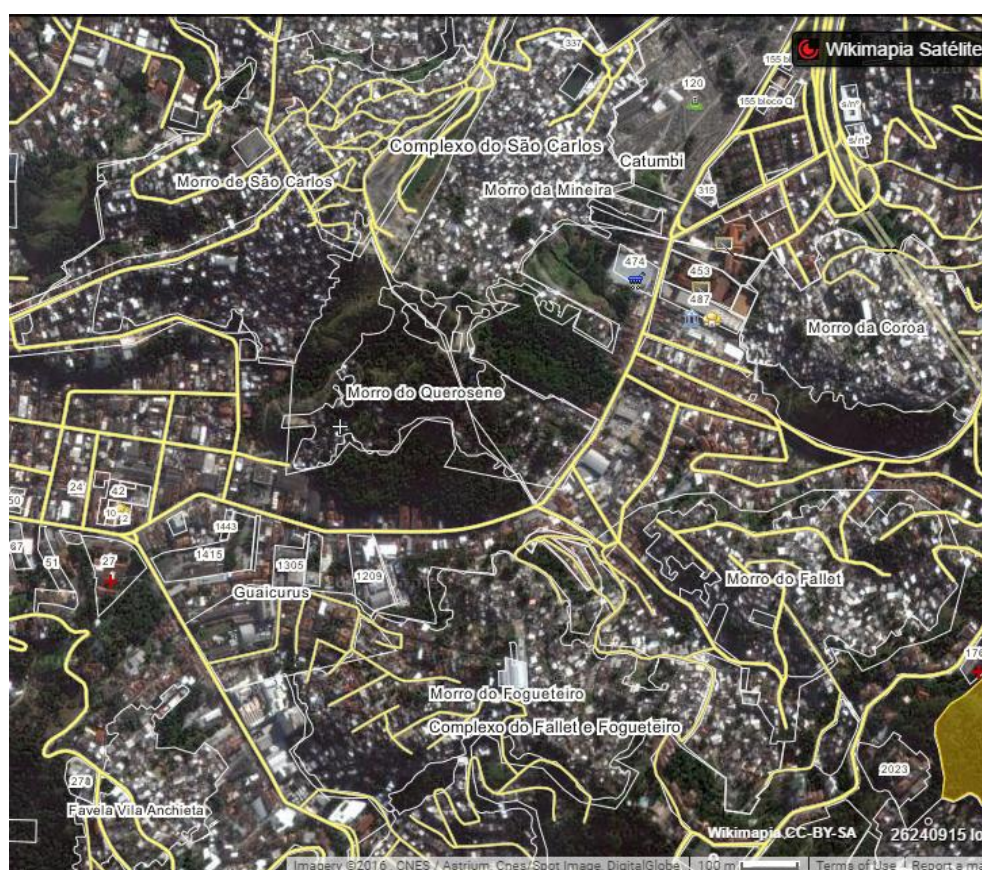
Chamamos a atenção para o fato de que os entrevistados no Grupo Focal discordam dos números divulgados pelo IPP / IBGE.

Tabela I - População e Domicílios das Comunidades da UPP Fallet-Fogueteiro / Coroa

Fonte: Instituto Pereira Passos, com base em IBGE, Censo Demográfico (2010)⁷.

Comunidades	População	Domicílios
Unidos de Santa Tereza	3,768	1,203
AM e Amigos do Vale	161	45
Luiz Marcelino	254	84
Ocidental Fallet	749	248
Vila Santa Bárbara	168	41
Morro da Coroa	4,069	1,323
Total	9,169	2,944

Mapa I – Complexo do São Carlos e de Santa Teresa

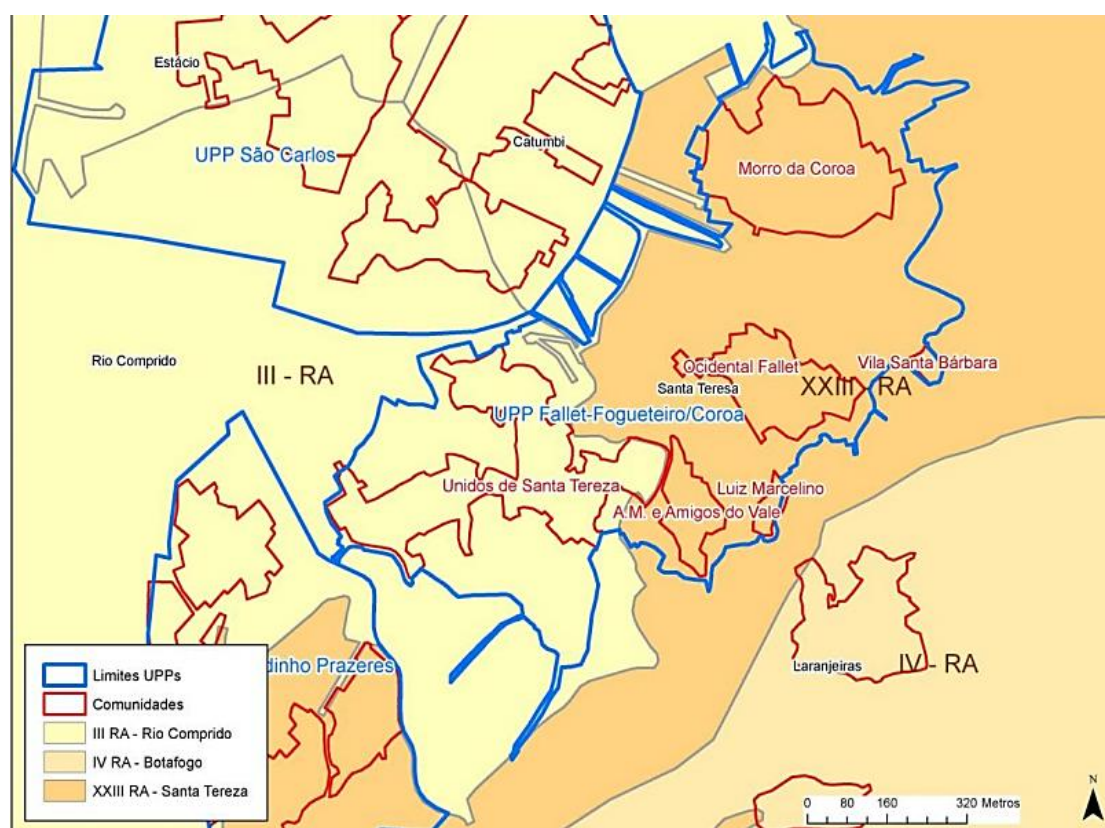


Fonte: Wikimapia.org

⁷ Disponível em: <http://www.riomaisocial.org/territorios/fallet-fogueteiro-coroa/#sthash.n4403HnL.dpuf>

No mapa acima, pode-se localizar as favelas da Coroa, do Complexo do Fogueteiro (Fallet, Beco Ocidental e Fogueteiro, parte inferior do mapa) e o Complexo do São Carlos (Morros do São Carlos, Mineira, Zinco e Querosene, fazendo fronteira com os bairros do Rio Comprido, Catumbi e Estácio, como poderá ser visualizado no Mapa II).

Mapa II – Complexo do São Carlos e de Santa Teresa – UPPs e RAs



Fonte: SABREN/IPP (2013), ISP (2012)⁸

E entre os bairros de Santa Teresa e Rio Comprido encontram-se as favelas do Complexo do Fogueteiro e Coroa (UPP Fallet-Fogueteiro / Coroa), Prazeres e Escondidinho, as quais constituem uma UPP com esta denominação.

Os confrontos diários entre facções criminosas rivais⁹, apontados pelos entrevistados, ocorrem entre as favelas do Fallet e Querosene (pertencente ao

⁸ Disponível em: <http://www.uppsocial.org/wp-content/uploads/2014/01/1-Panorama-dos-Territ%C3%B3rios-UPP-Fallet-Fogueteiro-e-Coroa.pdf>. Extraído em: 19/09/2015.

⁹ As facções criminosas CV (Comando Vermelho) e ADA (Amigos dos Amigos), grupos fortemente armados, controlam o comércio de drogas ilegais no Estado do Rio de Janeiro.

Complexo do São Carlos), situadas de frente uma para a outra, separadas entre si pela Rua Itapiru, no Rio Comprido. As favelas do Complexo do Fogueteiro, Prazeres e Escondidinho (Santa Teresa) são controladas pela facção Comando Vermelho (CV) e as favelas do Complexo do São Carlos, bem como a Coroa, pela facção ADA (Amigos dos Amigos).

Nesta seção, apresentarei e problematizarei o lugar de onde parto em relação a esta pesquisa. A relação estabelecida com estes moradores foi, inicialmente, na função de gestora social da Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH), em um momento muito particular, em que havia, por um lado, certa esperança e, de outro, forte descrença em relação ao projeto de Segurança Pública em desenvolvimento, que alocava Unidades de Polícia Pacificadora¹⁰ nas favelas dominadas pelo narcotráfico. Tal programa e suas repercussões, de acordo com as narrativas dos moradores do Fallet, assim como as principais críticas direcionadas a este projeto de Estado serão desenvolvidos na seção 2.5.

Cabe, nesse momento, situar minha inserção no cotidiano desta e outras favelas situadas em Santa Teresa e no Rio Comprido, no âmbito do Programa Territórios da Paz, relatar as condições em que tal programa foi criado, apontar seus principais objetivos e atuações dos gestores sociais e delinear seus principais problemas e críticas ao mesmo, a fim de contextualizar e problematizar minha condição àquela época, enquanto gestora e pesquisadora e explicitar os caminhos percorridos para que eu pudesse analisar os dados da pesquisa, procurando minimizar o atravessamento desta dupla perspectiva.

O Programa *Territórios da Paz* foi criado em novembro de 2010, pela Subsecretaria de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos (SDPDH), da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH), Governo do Estado do Rio de Janeiro. As equipes de gestão social eram multidisciplinares e constituídas por um gestor e um ou dois assistentes (dependendo da área compreendida), convocados segundo ordem de classificação na seleção pública realizada pela Universidade do Estado do Rio

¹⁰ A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) é um projeto desenvolvido pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (SESEG) que visa à retomada do controle pelo Estado, de áreas ocupadas pelos grupos armados. <www.upprj.com/>. Extraído em 17/12/2015.

de Janeiro (UERJ) e SEASDH/RJ, em dezembro de 2010, para o Programa então denominado *UPP Social*. Os profissionais selecionados foram chamados em duas etapas, sendo a maior parte convocada em dezembro de 2011.

Segundo Henriques e Ramos (2010)¹¹, apostava-se que, com a entrada das UPPs nas favelas dominadas pelo tráfico de drogas, o Estado e demais serviços públicos e privados teriam acesso facilitado e adentrariam “maciçamente” nestas áreas. Foi então criado o programa UPP Social, idealizado por Ricardo Henriques, à época Secretário de Assistência Social e Direitos Humanos da SEASDH. Tal programa tinha como objetivos facilitar a entrada de serviços públicos e promover a integração da favela à cidade.

Tal programa passou a ser desenvolvido pelo Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), em meados de 2011, em razão da exoneração de Ricardo Henriques de seu cargo de Secretário de Estado, devido aos conflitos e tensões políticas vividas na SEASDH. Henriques assume a presidência do Instituto Pereira Passos (IPP), no âmbito da prefeitura do Rio de Janeiro. Os demais idealizadores do Programa o acompanharam nesta mudança, a fim de implantar o programa (MISSE, 2013).

Neste momento, no âmbito do Estado, foi criado o Programa Territórios da Paz, convocando os selecionados pelo edital para a seleção pública para o Programa UPP Social. Deste modo, assumimos nossos postos em meio aos conflitos e cisões políticas deflagradas, entre Estado e Município.

O programa Territórios da Paz foi concebido na contramão de políticas verticais e intervenções autoritárias nas favelas que, por considerá-las como um problema social, buscava “resolver” o problema.

Desenhado como um programa de gestão de políticas públicas realizadas em favelas, de forma participativa, a atuação dos gestores, salienta Daniel G. Misse (2013), ex-superintendente de Territórios da SEASDH/RJ, visava à mobilização das redes comunitárias, a formação de capital social e a promoção da integração dos serviços públicos e privados nas favelas; isto se dava a partir das necessidades locais e dos principais problemas identificados através de diagnóstico social permanente. Assim, a atuação dos gestores

¹¹ < <http://www.ie.ufrj.br/datacenter/ie/pdfs/seminarios/pesquisa/texto3008.pdf>>. Extraído em 17/09/2015.

sociais, em conformidade com os parâmetros do programa em questão, pautava-se na dialogicidade, horizontalidade e transparência.

O Programa Territórios da Paz (SEASDH) tem, pois, por característica, a atuação de equipes de gestão social em territórios que receberam as UPPs, com o intuito de promover o contato entre os atores locais e as instituições públicas e/ou privadas responsáveis pelo atendimento às demandas desses atores, assim como a interlocução entre o Estado e a comunidade.

Em sua atuação em campo, as equipes de gestão social do Programa Territórios da Paz, através de diagnóstico social permanente, levantam as demandas dos moradores e os principais problemas e carências da região, encaminhando-os aos órgãos competentes, além de mapear as redes existentes, fomentar o protagonismo desses moradores, potencializar as iniciativas de base comunitária e facilitar o diálogo entre as comunidades e o Estado, atuando como interlocução entre ambos.

Segundo a avaliação feita por Misse (2013, p. 22), o Programa Territórios da Paz “produziu frutos com relação à maior interação Estado-Sociedade Civil, afetando diversos projetos e programas sociais” nas áreas em que as equipes de gestão atuaram. O autor declara que esta experiência o leva a crer que “uma equipe de gestão territorial poderia ser a chave para a maior interação e legitimação das políticas públicas com a população que as recebe”.

Flora Daemon, Marco Antônio Teixeira e Raquel Brum Fernandes (2015), ex-gestores do Programa Territórios da Paz, revelam o caráter inédito das relações pessoais estabelecidas entre moradores e as equipes de gestão social, o que pode ter contribuído para o início de um diálogo com o Estado, por parte daqueles que não possuíam um trânsito facilitado de diálogo com o governo, geralmente restrito às lideranças comunitárias e membros das Associações de Moradores.

No entanto, salientamos os inúmeros desafios encontrados para a realização do trabalho em campo. Dentre eles, Daemon, Teixeira e Fernandes (2015) declaram que tanto as diversas instituições de governo não atendiam às demandas identificadas nos territórios, quanto à própria SEASDH não fornecia os recursos necessários para as atividades de gestão. Podemos acrescentar a isso a evidente limitação imposta pela própria configuração do programa, em

que uma equipe ínfima, composta por duas a três pessoas, ocupa-se de uma extensa e populosa área e sem contar com os recursos mínimos necessários para o trânsito pela região, sem nenhuma cobertura em termos de segurança e sem apoio institucional.

Nesse sentido, Misse (2013) destaca a dificuldade de articulação de serviços, em virtude da baixa governabilidade, aliada à baixa visibilidade institucional, fatores que limitaram o alcance de atuação do programa, uma vez que o mesmo não possuía orçamento ou um fundo próprio.

Por fim, o Programa foi extinto três anos após sua implantação. Apesar de todos os limites inerentes ao cotidiano do trabalho em campo, conquistas foram realizadas. O ex-superintendente do Programa Territórios da Paz avaliou como resultados das ações empreendidas entre 2012 e 2013, visando ao fortalecimento de redes e mobilização comunitária, a fim de se construir projetos participativos com os moradores:

A influência das equipes de gestão social na formação de capital social e no estímulo do associativismo local produziu frutos com relação à maior interação Estado-Sociedade Civil, afetando diversos projetos e programas sociais nos territórios pacificados [...] geraram os mais diversos dados, indicadores e fortaleceram o associativismo de sorte a formular uma proposta de política pública participativa (MISSE, 2013, p. 22).

Outras ações, que envolviam orçamento e comprometimento de outras instâncias do governo do Estado e que demandaram muito tempo e energia de ambas /as partes para o seu planejamento, não saíram do papel. Como exemplo, citamos os Jogos Abertos, que previam a participação de nove favelas do Complexo do São Carlos e de Santa Teresa, nas modalidades esportivas futebol de campo, futebol *society* e artes marciais, masculino e feminino. Este projeto teve uma grande importância, devido à adesão das crianças e seus professores. Havia grande expectativa de realizarmos os Jogos Abertos, pois o material esportivo, uniformes, quimonos, tatames, etc. ficariam como legado às comunidades. Além disso, as disputas seriam realizadas em campos e quadras de áreas distintas, proporcionando que não apenas os atletas, mas também seus familiares e amigos, enquanto torcedores pudessem circular em áreas que lhes são ainda “proibidas”, por serem dominadas por facções inimigas do narcotráfico, mesmo que tenham parentes morando nestas

áreas. Parte destas nove favelas é dominada pelo Comando Vermelho (CV), parte dominada pelos Amigos dos Amigos (ADA), conforme vimos anteriormente.

Outro exemplo é o Plano de Histórias e Memórias das Favelas¹², que envolveu, como dissemos na seção 1.1, dez favelas e complexos¹³, trabalhando de forma intercomunitária. Organizado por dez das dezessete equipes de Gestão Social do Programa Territórios da Paz / RJ, que, em sua atuação em campo, haviam verificado o interesse de moradores em preservar suas histórias e divulgar suas memórias, em relação aos seus locais de origem, provavelmente movidos por três fatores ameaçadores de perda destas lembranças: o primeiro, por causas naturais, ou seja, que seus moradores mais antigos venham a óbito. Outro fator decorre das remoções praticadas pela Secretaria Municipal de Habitação / Prefeitura do Rio de Janeiro, seja para as obras de infraestrutura, equipamentos e serviços do Programa Morar Carioca¹⁴, seja por suas casas se encontrarem em áreas de risco. E o terceiro motivo, atualmente bastante frequente, refere-se ao processo de gentrificação, que ocasiona grande valorização e especulação imobiliária, além da elevação do custo de vida, fazendo com que muitos moradores tenham que se mudar para outras localidades, em geral para vizinhanças distantes. Tal processo vem ocorrendo em grande parte das favelas beneficiadas pelos investimentos em infraestrutura, além de uma valorização da região em virtude da redução da criminalidade, após a instalação das UPPs.

Assim, teve início uma série de reuniões comunitárias com esse fim, realizadas por cada uma das dez equipes, com um número variável de participantes, por encontro e por localidade. Cada equipe teve autonomia para realizar essas reuniões segundo as preferências e potencialidades locais. Não houve, portanto, qualquer padronização quanto ao modo de escuta das histórias e memórias desses moradores. Esse processo de reuniões realizadas nas favelas culminou em dois encontros intercomunitários realizados na

¹² http://download.rj.gov.br/documentos/10112/556509/DLFE-66762.pdf/plano_historia_memoria.pdf

¹³ As favelas e complexos envolvidas no Plano Estadual de Histórias e Memórias são: Batan, Complexo do Andaraí e Grajaú, Complexo de São Carlos e Santa Teresa, Complexo do Turano, Ladeira dos Tabajaras e morro dos Cabritos, Morro da Formiga, Morro do Vidigal e Chácara do Céu, Morros da Babilônia e Chapéu Mangueira, Rocinha, Santa Marta

¹⁴ <http://www.rio.rj.gov.br/web/smh/exibeconteudo?article-id=1451251>

SEASDH, onde estiveram presentes cerca de cento e vinte pessoas, entre moradores, lideranças, pesquisadores e acadêmicos. O objetivo dessas reuniões intercomunitárias foi a elaboração conjunta de um projeto, segundo os anseios dos moradores de cada localidade.

Posteriormente, esse projeto de autoria coletiva foi transformado em Plano Estadual de Memórias das Favelas Pacificadas, e a previsão era de que seria lançado em 2014 pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro. O Plano permanece disponível para download no site da SEASDH, mas não foi assinado pelo Governador, que se comprometera diretamente com os autores do Plano. O documento contém três diretrizes: a) Identificação e Registro; b) Preservação; c) Promoção e Difusão. Ao final do encarte, na ficha técnica, os créditos de todos os autores – moradores das favelas envolvidas no Plano.

Houve certa controvérsia entre os moradores sobre o que deveria constar no projeto, a exemplo da invasão das favelas pelo narcotráfico. Definiu-se que cada comunidade irá tratar suas histórias e memórias ao seu modo, respeitando as particularidades e desejos de cada uma.

Neste cenário, a experiência de gestão social em favelas cariocas que receberam UPPs nos leva a concordar com as declarações de Machado da Silva (2002), sublinhadas por Daemon, Teixeira e Fernandes, (2015), enfatizando que, à medida que o lugar atribuído às favelas permanecer segregado, assim como as vozes dos favelados continuarem limitadas e oprimidas pelas mesmas conjunturas sociais há décadas, será mantida a reprodução da desigualdade experimentada nesses locais. E o autor salienta que as políticas públicas desenvolvidas neste âmbito são meras tentativas, com o intuito de melhor se adequarem à sociedade atual, mas como a mesma função de sempre, ou seja, de controlar as favelas no cenário político.

Considero relevante informar ao leitor sobre a minha antiga inserção no campo de pesquisa, enquanto profissional contratada via processo seletivo realizado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, durante dois dos três anos em que atuei como gestora social no Fallet e demais favelas do Complexo do São Carlos e de Santa Teresa, participei de várias atividades e mantendo contato frequente com os seus moradores. O motivo de eu ressaltar esta informação é por acreditar que a realização de dez Grupos de Trabalho

(GTs) de Memórias e minha presença constante na comunidade favoreceu a escolha dos entrevistados que participaram do grupo de entrevista, assim como facilitou a confiança, a entrega e descontração presentes no grupo focal, realizado ao final da minha gestão, o qual foi descrito na seção 1.2.

2.2 A fundação do Fallet nos anos 1920. Raízes e Povoamento pelos Imigrantes

Nesta seção, apresentaremos os relatos dos antigos moradores sobre a fundação do Fallet, proferidos nos GTs de Memórias e no Grupo Focal, contextualizando o início de seu povoamento, nos anos 1920, em relação ao momento histórico da cidade do Rio de Janeiro, naquela ocasião. Além disso, procuramos investigar os *sentidos produzidos pela memória acerca da experiência do lugar e das configurações identitárias de seus moradores, através de narrativas* analisadas nos Blocos Temáticos “Relação com o Lugar” e “Passado Familiar”.

Ao longo da série de Grupos de Trabalho (GTs) de Memórias, de março de 2012 a janeiro de 2014, um grupo de senhores relatou que originalmente o Fallet era um loteamento datado de 1922, que foi se constituindo como um bairro *glamouroso*. Este, inicialmente, abrigava imigrantes ingleses, italianos, portugueses e alemães, que se distribuíram espacialmente em partes distintas do local e construíram suas próprias casas com blocos de pedras que eles mesmos cortavam.

Assim, no início do século XX, na atual Rua Fallet, havia apenas três casas, pertencentes às famílias da Dona Maria Carreiro, do Seu Manoel de Abrantes e do Seu Abreu (avô do Cacá, participante dos GTs de Memórias e do Grupo Focal). Provavelmente, Seu Abreu teve uma parcela de contribuição para a popularização da região, ao construir uma espécie de cortiço, que alugava para trabalhadores do bonde de Santa Teresa, apelidado de “Buraco do Abreu”. E, no seu terreno, foi encontrado um túnel intacto, de 15,00 metros de extensão, por 1,30 de largura, onde havia correntes e grilhões.

Já suas narrativas a este respeito no contexto do Grupo Focal revelaram o despovoamento da região naquela época. Santa Teresa era uma estrada

sem calçamento. E foram os próprios moradores que canalizaram a água (“eles compraram os canos e pagaram o pessoal da prefeitura para ligar a água”) e energia elétrica (“como a maioria deles trabalhava na Light [na ocasião, a Ferro Carril]¹⁵, pegaram trilhos antigos e os usaram como postes”). Aos poucos, eles foram construindo os caminhos e, somente após os anos 1940, é que foram colocados nomes nas ruas.

- 526 **HELINHO:** Isso aqui era um loteamento de mil novecentos e vinte e dois [...]. Não tinha rua, não tinha nada. [...] Aí, em mil novecentos e quarenta e pouco é que veio botar nome nas ruas e fizeram as ruas. Essa aqui em mil novecentos e quarenta e pouco.
- 527 **COELHO:** Isso foi no governo do Lacerda
- 528 **CACÁ:** No Sobradinho?
- 529 **HELINHO:** Não, Fallet...
- 530 **COELHO:** Fallet foi no governo Lacerda...

Dentre os seus fragmentos de lembranças sobre esta época, vieram à tona a existência de armazéns, a quitanda da Dona Laurinda, abastecida por um rapaz que trazia as caixas de mantimentos desde a Rua Itapiru (uma das entradas do Fallet, pelo Rio Comprido).

- 531 **HELINHO:** É. Tinha um pessoal, os armazéns já existiam.
- 532 **HELINHO:** Tinha uma quitanda na época, hoje acabou.
- 533 **COELHO:** D. Laurinda.
- 534 **HELINHO:** O rapaz trazia lá debaixo da [rua] Itapiru, ali da baixada, trazia na cabeça.

À esta altura, Diana lhes pergunta como eles tiveram conhecimento dessas histórias que eles estavam contando:

- 544 **DIANA:** E deixa eu perguntar uma coisa: essas histórias, essa história que o senhor está contando... Essa história foi contada pro senhor?
- 545 **HELINHO:** Foi. Pela minha avó.

O relato de Helinho nos levou a buscar referências sobre o modo como lembranças sobre o passado emergem a partir de narrativas de terceiros. O conceito de “acontecimentos vividos por tabela”, de Pollak (1992, p. 201), traz à cena as lembranças decorrentes de um processo de socialização histórica ou

¹⁵ Ferro Carril era uma empresa que disputava a eletricidade no começo do século no Rio. À época a luz não era estatizada enquanto padrão nem pertencia a apenas uma empresa. Nesse meio, a Ferro Carril do Jardim Botânico era a empresa brasileira mais forte no ramo, competindo com outras empresas nacionais e internacionais.
http://www.ub.edu/geocrit/Simposio/cNobre_Eletricidade.pdf

política, ou ainda de relatos feitos por outras pessoas do meio a que pessoa pertença e que tenham vivenciado tais situações. Muitas das lembranças sobre este início de povoamento do Fallet, relatadas pelos participantes, podem ser decorrentes deste processo.

Estes fragmentos de lembranças acerca dos primórdios da vida no Fallet colocam em cena o início do povoamento de um lugar até então, desabitado. Suas narrativas revelaram quem foram os seus primeiros habitantes e o início de sua urbanização.

Diante deste cenário retratado, observamos que os primeiros movimentos para a urbanização, àquela época tenham demandado-lhes muito esforço e energia, feitos pelas suas próprias mãos: foram eles próprios que cortaram as pedras para edificarem suas casas, abriram as ruas, canalizaram a água, colocaram os postes...

Este espírito empreendedor, que os impeliu a *desbravar*, por assim dizer, uma área inexplorada, sem qualquer infraestrutura que facilitasse sua habitação, remete-nos a uma *atmosfera* semelhante, vivida pelos imigrantes colonizadores da região sul do país, quanto ao seu empenho e determinação para vencer os obstáculos com que se depararam neste processo de povoamento destas terras.

Obviamente, estamos tratando de situações díspares em inúmeros aspectos. O *clima* semelhante a que nos reportamos deve-se unicamente ao aspecto da dedicação ao trabalho e a bravura com que enfrentaram e superaram as adversidades encontradas.

No entanto, é preciso que levemos em consideração, o fato de que o Fallet foi povoado, inicialmente, por imigrantes europeus e seus descendentes. Sobre este aspecto, tecerei certas considerações.

Em primeiro lugar, provavelmente estes imigrantes vieram para o Brasil no terceiro fluxo imigratório (entre 1904 a 1930), período em que mais de dois milhões de imigrantes, de várias nacionalidades aportaram no Brasil (BAGNO, 2010).

Um segundo aspecto a ser considerado refere-se à transmissão de valores, de atitudes, comportamentos e projetos de vida, aos descendentes. Dentre estes, destacam-se à ligação à família, ao trabalho, a seriedade,

simplicidade e ética ao agir, de modo a serem úteis, sobretudo aos seus familiares e entes da comunidade. Estes aspectos, como veremos, são discursivizados pelos participantes da entrevista grupal, em suas autoapresentações acerca de quem são e de seus valores e atitudes, em vários momentos.

O terceiro aspecto reporta-nos à extrema dedicação, quase que em tempo integral, daqueles imigrantes ao trabalho, através do qual muitos foram conseguindo superar as adversidades. Tal tenacidade proporcionou aos que se mantiveram no Brasil, meios para sobrevivência. Assim, a aspiração de se tornarem donos de um pedaço terra, de progredir, de terem empregos e salários dignos, serem donos de capital (comércio, indústria), ou dedicarem-se às artes, às ciências, etc., atuou como fator motivacional para este empenho.

Importa explicitarmos ainda, a este respeito, que os imigrantes transmitiram a ética do trabalho aos seus descendentes, enquanto prática de trabalho coletivo, mutuamente realizado, especialmente nos momentos de crise. Veremos nas narrativas dos entrevistados que tal característica é por eles apontada como o modo como se relacionam entre si e com a comunidade, enquanto a educação que receberam de seus antepassados e que gostariam que estivesse presente nas atitudes dos jovens moradores do Fallet.

O quarto aspecto nos remete a um discurso próprio dos imigrantes colonizadores das terras do sul do Brasil, que os associam a certo “mito de origem”, segundo o qual, eles são considerados como uma espécie de “heróis civilizadores”. Zanini e Santos (2009) revelam que os descendentes destes pioneiros identificam-se com este “mito de origem”, incorporando as características de bravura, coragem, determinação a suas próprias identidades. Este discurso valoriza tanto o seu sacrifício quanto sua valentia ao desbravarem e povoarem as terras virgens do sul. Guardadas as devidas proporções, seria possível inferir certo processo de mitificação em relação aos imigrantes que povoaram o Fallet com suas próprias mãos, com o qual nossos entrevistados se identificam, o que podemos observar em suas narrativas acerca de suas configurações identitárias e sua experiência do lugar em que habitam.

Um ponto a ser considerado é colocado em cena por Alistair Thomson (1997), ao versar sobre as repercussões – vitalícias - sobre a vida do migrante e das gerações subsequentes, ao se submeterem ao fenômeno migratório, seja internacional ou intranacional.

O autor esclarece que, através de relatos, podemos vislumbrar os processos pelos quais os migrantes se estabeleceram em uma nova região ou país e como recriaram as redes de trabalho e de sociabilidade (normalmente centradas na família e na comunidade), recriando seu estilo de vida no novo mundo.

Este aspecto nos parece relevante ao considerarmos as lembranças dos antigos moradores do Fallet, pois presumimos que as experiências relativas à imigração tenham deixado marcas de forma contundente no modo como seus antepassados percebiam a si mesmos naquele momento em que se aventuravam em outro continente e estabeleceram vínculos com os demais moradores e com o próprio lugar. Além disso, suas lembranças narradas, seus valores e projeto de vida, transmitidos aos seus descendentes, contribuíram para as suas configurações identitárias e seu sentimento de pertencimento ao lugar.

Thomson (1997) esclarece que nossas identidades vão sendo tecidas a partir das histórias que outras pessoas contam a nosso respeito, das nossas próprias histórias a nosso respeito, das histórias que contamos a respeito do nosso passado e nosso presente, e daquilo que queremos nos tornar.

Além disso, para que possamos compreender de que modo as lembranças narradas pelos moradores do Fallet produzem sentidos acerca de suas experiências de lugar e constituem suas configurações identitárias, é preciso estabelecer ligações entre as narrativas de suas trajetórias e histórias de vida com os contextos onde estas se realizaram.

Para nos aproximarmos deste objetivo, procuramos contextualizar a fundação do Fallet em relação ao modo de vida na cidade do Rio de Janeiro naquela ocasião, pois, de acordo com Thomson (1997), parte da nossa percepção de quem somos agora depende das maneiras pelas quais contamos nossas histórias do passado. Do mesmo modo, nossa experiência do lugar a que nos sentimos pertencendo está intrinsecamente ligada às histórias que

narramos sobre ele. Estas, por sua vez, como aponta Pollak (1992), podem derivar-se de nossa experiência pessoal ou de relatos de outrem que incorporamos ao conjunto de nossas próprias lembranças.

Na década de 1920, período do surgimento do Fallet, o Rio de Janeiro, Capital Federal, era a maior cidade e maior centro econômico do país e possuía pouco mais de um milhão de habitantes.

Nesse período, seu espaço urbano passava por muitas transformações. A cidade expandia-se nas áreas próximas à linha férrea, devido à instalação de grandes empresas: Cisper (1917), Curtume Carioca (1925), Standard Electric (1927), Marvin, Cia. Nacional de Tecidos Nova América e General Electric. Novas empresas se instalavam nos subúrbios, criando novas áreas, dotando-as de infraestrutura, geravam novos empregos e atraíam mão de obra, dando origem a novas favelas, próximas às áreas industriais.¹⁶ Já as pequenas e médias indústrias permaneceram nas áreas centrais. No total, estas indústrias empregavam mais de 56 mil operários.

Em relação ao transporte, nos anos 1920, o principal meio de locomoção era o bonde, que atendia a maior parte dos moradores. Havia também trens, barcas e ônibus. E nesta década surgiu a linha eletrificada da Ferro-Carril.

A cidade enfrentava uma forte crise em relação à habitação. A intenção de se modernizar a cidade requeria que se realojesse a população, o que era um grande desafio, dada a escassez de moradias disponíveis para aluguel, e elevados preços de aluguel.

Novos espaços urbanos estavam surgindo, em direção às Zonas Norte e Sul, enquanto se provocava um esvaziamento no centro da cidade, a exemplo da derrubada do Morro do Castelo, em 1921, que desalojou centenas de famílias, com o intuito de se modernizar a cidade. Tal intento fora iniciado já no governo de Pereira Passos (1902/1906). Em 1922, ano em que os primeiros habitantes se instalaram no Fallet, segundo relatos de nossos entrevistados, os moradores dos Morros da Providência e de Santo Antônio foram removidos.

O país atravessava uma enorme crise financeira, em função, sobretudo, da instabilidade do mercado de exportações de café. O então presidente da

¹⁶ Um olhar bem-humorado sobre o Rio dos anos 20. Secretaria Especial de Comunicação Social CADERNOS DA COMUNICAÇÃO Série Estudos – Vol. 5 ISSN 1676-5494 Março de 2003. Visualizado em 10/01/2016.

República, Eptácio Pessoa investiu em obras públicas de grande porte: a construção de açudes no Nordeste e inúmeras obras no Rio de Janeiro, em razão da Exposição do Centenário de 1922 (palacetes, pavilhões, reurbanização de várias áreas da cidade, aterramento e a derrubada do morro).

Os primeiros anos da década de 1920 foram agitados. Em 1921, uma greve paralisou o porto Rio de Janeiro. E, em 1922, ocorreram as eleições para presidente num cenário em que o Rio de Janeiro, envolto em obras de modernização, protagonizava revoltas e protestos.

Em meio a todas essas mudanças por que a cidade passava, numa época em que os aluguéis nas áreas próximas ao centro da cidade eram caros, os pioneiros do Fallet incentivaram-se mutuamente a comprarem seus lotes em uma antiga fazenda, a fim de construir suas casas e se mudarem para lá, conforme nos revela Juca:

- 104 **JUCA:** O avô dele foi que fez o meu pai comprar o terreno, obrigou meu pai a assinar, hehehe
 105 **HELINHO:** Tinha isso.
 106 **JUCA:** -“Nós trabalhamos juntos, ganhamos a mesma coisa. Se eu posso, como é que você não pode? Dá o papel pra ele assinar, doutor”. Esse era amigo!!! Seu Abreu. José Pinto de Abreu.

Estas narrativas expressam não somente o laço de amizade entre seus antepassados, como também são reveladoras dos primeiros passos em direção aos primórdios da edificação de suas vidas e de seu patrimônio afetivo, social e familiar, no Fallet.

As configurações identitárias destes antigos moradores do Fallet vêm sendo tecidas a partir de sua experiência do lugar e de seus vínculos com os amigos e vizinhos. Suas lembranças selecionadas revelam que a amizade que hoje nutrem uns pelos outros se originou no passado, com os seus avós, desenvolvendo-se na geração de seus pais e perpetuando-se em sua geração. Deste modo, em suas narrativas, eles estão se configurando discursivamente como amigos leais, companheiros, generosos. Em conformidade com os valores já referidos, que balizaram as atitudes dos imigrantes, suas narrativas revelam uma sociabilidade geracional caracterizada pela ética do trabalho e da dedicação à família e à comunidade.

Glissant (2005), em sua poética da Diversidade, coloca em cena três tipos de povoamento nas Américas, com características bem diversas: o “migrante armado” (o migrante fundador da região, que aporta com seus navios e armas), o “migrante familiar” (que chega com sua família e seus pertences, no nosso caso, o imigrante europeu) e o “migrante nu” (transportado à força, como os africanos). O autor refere que temos uma tendência de nos relacionarmos com o lugar ao qual estamos vinculados, a nossa “terra natal”, visando a protegê-lo, delimitando fronteiras. Do mesmo modo, ocorre uma forte vinculação entre os imigrantes – e seus descendentes – com seu habitat.

As narrativas em que os entrevistados se referem às condições em que os seus antepassados chegaram ao Fallet e o povoaram são fragmentos de lembranças em que se evidenciam o episódio migratório e contribuem para a produção de sentidos acerca das configurações identitárias e experiência de lugar destes senhores.

A questão da imigração europeia veio à tona em diversas narrativas acerca do povoamento do Fallet, tanto nos GTs de Memórias, quanto no Grupo Focal. Destacamos dois momentos em que este tema é discursivizado. Perguntado sobre a fundação do Fallet, Cacá responde que aquela região era uma fazenda, e Helinho complementa a informação dizendo que era um loteamento que datava de 1922, e prossegue em seu discurso:

- 501 **SILVANA:** deixa só eu pedir uma coisa pra vocês. A Diana está vindo aqui pela primeira vez. Então, pra ela...
- 502 **DIANA:** Eu tenho que fazer perguntas óbvias pra vocês, me desculpem
- 503 **SILVANA:** Tudo isso é muita novidade, né? Então, assim, eu já ouvi vocês falando assim da.. do... Surgimento do Fallet, de como chegaram os moradores do Fallet...
- 504 **COELHO:** Os primeiros...
- 505 **SILVANA:** ...do Beco¹⁷ e tudo o mais, mas ela não conhece essas histórias, então vocês quando estão falando da parte ocidental... Se vocês pudessem assim...
- 510 **SILVANA:** Se vocês pudessem fazer essa gentileza de contar a história do surgimento do Fallet, do Beco, como é que são essas relações ... Pra que ela possa acompanhar um pouco o diálogo, porque vocês estão falando do Beco, talvez ela não esteja conseguindo acompanhar...
- 511 **COELHO:** O Beco está onde? Que beco é esse?
- 522 **JOEL:** A história do surgimento do local... do Beco Ocidental
- 523 **CACÁ:** Pô, vocês tem mais idade do que eu, eu sou caçula daqui ... Isso aqui era uma fazenda...
- 524 **HELINHO:** Quer que eu falo?
- 525 **JOEL:** Jano Gema.

¹⁷ Beco ou Ocidental Fallet é uma das microrregiões do Fallet, apontada como área de favela. Trataremos desta questão na seção 2.3.

526 **HELINHO:** Nossos avós vieram pra cá... A minha avó, por exemplo, morava na Lapa. [...]. Meu avô era paulista e ela, portuguesa. Aí, eles compraram dois lotes aqui [...] do Seu Abreu.

Helinho revela que seus antepassados são migrantes inter e intranacionais, que vieram se estabelecer no Fallet, a partir da compra de dois lotes de terrenos da antiga fazenda. Neste turno, Helinho está se construindo discursivamente como descendente de i/migrantes, pioneiros deste lugar, que se constituíram como donos de terras, reafirmando assim, sua condição de habitante legal deste lugar, recorrentemente apontado como um bairro constituído a partir do loteamento de uma antiga fazenda, em oposição ao processo de favelização em que ocorre uma apropriação ilegal de terras.

Em outro momento do grupo focal, o tema da imigração veio à tona a partir de uma piada sobre os portugueses. O mote para a piada, e dela para as raízes europeias e africanas, foi a expressão do desejo do Juca de asfaltar o Fallet, assim como foi feito em Santa Teresa, preservando-se os trilhos do bonde. Foi então que ele relatou que ouvira a notícia de que o bonde voltaria a circular e que o novo modelo seria importado de Portugal. Ele, que já havia interrompido as falas dos amigos várias vezes, fazendo piadinhas e brincadeiras, desta vez em que falava serio, foi interrompido por Cacá, que foi “feliz” na brincadeira, levando todos a “cair na gargalhada”. E, como ele mesmo se autodenomina “um bom moleque”, Juca deu continuidade à brincadeira:

254 **JUCA:** [...] queriam ir comprar bonde lá de Portugal [...] ...
 255 **CACÁ:** A roda lá é quadrada, né?
 [risadas]
 259 **JUCA:** A roda lá é quadrada e bateu, fica. Acaba com a roda...
 252 **CACÁ:** Não tem nenhum português aqui. Só descendentes!
 253 **DIANA:** Todos somos!
 254 **COELHO:** Todos somos descendentes.
 255 **HELINHO:** Somos netos. Eu sou neto.
 256 **JOEL:** Eu não sou ...
 257 **DIANA:** Eu também sou neta!
 258 **JUCA:** Eu sou filho!
 259 **JOEL:** Eu sou descendente de africanos.

A piada acabou revelando mais um ponto de identificação entre os participantes do grupo focal, uma raiz em comum, a qual acentua seus vínculos de amizade e pertencimento. Nestas narrativas, todos se constroem discursivamente enquanto descendentes de imigrantes portugueses. Exceto

Joel, que neste momento afirma suas raízes étnico-raciais, declarando-se descendente de africanos, construindo-se discursivamente como afrodescendente.

É pela organização do nosso discurso através das narrativas, afirma Moita Lopes (2001), que constantemente atualizamos e coconstruímos o conhecimento sobre quem somos na vida social, num contínuo processo de autoconstrução e de construção dos outros. Deste modo, estes senhores estão coconstruindo suas configurações identitárias com um importante aspecto em comum, apesar de uma significativa diferença étnico-racial, enquanto descendentes de imigrantes. Deste modo, observamos suas identidades-rizoma reconfigurando-se nesta relação dialógica, em que se evidenciam a sua alteridade, suas diferenças.

Conforme relatei anteriormente, muitos europeus imigraram entre o final do século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial, em busca da realização do sonho de conquistar o seu pedaço de chão e ter um trabalho digno, que lhes propiciasse qualidade de vida para si e para os seus familiares. Encontraram condições áridas, abandono, discriminação e preconceito. Tais experiências estão presentes em suas configurações identitárias e pertencimento. Além disso, ocorreram os processos de formação de redes de imigrantes vindos para o Brasil, e dos imigrantes que se mudaram para o Fallet.

Paralelamente ao anseio de encontrar melhores condições de vida – e os antepassados dos nossos entrevistados conseguiram comprar suas terras e edificar suas casas, criar seus filhos e netos em meio a uma forte rede social -, a imigração em massa europeia esteve a serviço de propósitos econômicos de ambos os lados. Para o governo brasileiro, foi a forma encontrada de se substituir o trabalhador negro escravo, diante da crise do sistema escravista e da abolição da escravatura (1888). Por outro lado, o enorme deslocamento transoceânico de populações foi a principal saída encontrada pela Europa para o enfrentamento da crise instalada. Assim, motivados por fatores socioeconômicos, pela carência de recursos, de trabalho, de alimento e de qualidade de vida, milhares de europeus partiram em busca daquilo que sua terra natal não supria.

O Brasil recebeu perto de cinco milhões de imigrantes entre 1819 e fins da década de 1940, revela Seyferth (1990). Deste total, italianos, portugueses e espanhóis somaram mais de 2/3 do total, seguidos pelos alemães e japoneses. E, segundo dados apontados por Petrone (2004), no período entre 1890 e 1929, aportaram cerca de 3,5 milhões de imigrantes.

Estima-se que, no final do século XIX, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo receberam a maior parte dos imigrantes oriundos de Portugal. Os que se dirigiram a São Paulo destinavam-se ao trabalho nas fazendas de café; aqueles que desembarcaram no Rio de Janeiro, centro urbano com maior número de portugueses e seus descendentes, tinham o propósito de se dedicar às *Artes e Ofícios*.

Menezes (1997) descortina as características dos imigrantes portugueses instalados na cidade do Rio de Janeiro, na virada do século XX, revelando que estes eram, em sua maioria, pobres, jovens (em sua maioria entre 12 e 18 anos), com pouca, ou nenhuma qualificação profissional e, chegando ao Rio de Janeiro, permaneceram pobres e encontraram uma cidade com déficit habitacional.

O mercado de trabalho disponibilizava-lhes vagas nos ramos do comércio, construção civil, docas, pedreiras e transportes, exercendo as funções de condutores de bondes, padeiros, etc.

Foi neste cenário que os avós dos entrevistados chegaram ao Fallet, provavelmente na condição de imigrantes portugueses recém-chegados ao país, ou de afrodescendentes, após recente abolição da escravidão, numa época em que a cidade do Rio de Janeiro pouco tinha a lhes oferecer.

Muitos dos pioneiros do Fallet trabalhavam na Ferro-Carril (antiga empresa de energia elétrica) e conseguiram comprar seus lotes na referida antiga fazenda, situada em Santa Teresa, próximo ao Centro da cidade.

Dado o panorama traçado acima, e as narrativas proferidas por Juca (turnos 104 – 106, acima), observamos o esforço realizado pelos familiares dos participantes do grupo focal para adquirir seus bens. Além disso, estes turnos nos mostram como a solidariedade era um valor praticado por eles que, ao conseguir comprar as suas terras, incentivou o amigo a fazer o mesmo. Nestes relatos, evidencia-se a dimensão do valor simbólico para eles, em conseguir

adquirir seus terrenos. Sobretudo porque uma das fontes de motivação para que os europeus se aventurassem na travessia transoceânica foi justamente a promessa de que nas Américas lhes seria possível adquirir suas terras num breve espaço de tempo, o que parece não ter sido tão simples como fora propagado. Além disso, muitos imigrantes e seus descendentes desenvolvem uma experiência de lugar especial com o seu habitat, mantendo com ele uma relação de afeto e memória, como transparece nas narrativas de nossos entrevistados.

Não sabemos exatamente por quais experiências os avós dos nossos entrevistados passaram, tampouco o que eles lhes relataram a respeito de sua vinda para o Brasil e sua instalação na cidade do Rio de Janeiro. Assim como as evidências históricas reveladoras das precárias condições de vida na época, as narrativas de Juca revelam o desejo e o receio de seu pai em comprar suas terras, incentivado pelo avô de Cacá, que argumentou que lhe seria possível comprar suas terras, uma vez que, trabalhando juntos, ganhavam a mesma coisa. Deste relato, apreendemos que a aquisição de seus bens materiais e, sobretudo, seus lotes no Fallet, teriam lhes custado muito trabalho e suor.

Apesar do insistente relato de que o Fallet foi fundado na condição de um bairro de Santa Teresa, no contexto socio-histórico dos seus primórdios, provavelmente seus primeiros habitantes, imigrantes europeus ou descendentes de escravos recém-libertos, estavam buscando um assentamento em condições favoráveis. Seus parentes eram trabalhadores assalariados e compraram seus terrenos, adquiriram licença para a construção, registraram seus imóveis, que inclusive foram fiscalizados e pagavam impostos. E em meio a todas estas conquistas, em suas histórias de vida, em seus lares, no Fallet e em Santa Teresa, podemos identificar as marcas da imigração (tanto de migrantes familiares, quanto migrantes nus).

526 **HELINHO:** Isso aqui era um loteamento de mil novecentos e vinte e dois. Nossos avós vieram pra cá... [...]. Meu avô era paulista e ela, portuguesa. Aí, eles compraram dois lotes aqui. E aí foram vindo, como ele falou aqui, do Seu Abreu, comprou. Então, tanto nós aqui, como aqueles apartamentos também, da [Rua] Almirante Alexandrino não tinha nada. Santa Teresa, nessa época, era uma estrada, não tinha nem piso na rua. Depois que botaram piso, de uma parte pra lá. Então, eles foram criando. Não tinha rua, não tinha nada. Era tudo caminho. Eles... Ali onde a gente mora, ainda tem. A água e a energia elétrica, os próprios moradores que botava. Trilho de bonde, que eles arrumavam na Light, que a maioria trabalhava na Light, [na Ferro Carril] .. aí traziam os

trilhos antigos e faziam de poste. E a água, eles pagaram... eles compraram os canos e pagaram o pessoal ... não era Cedae na época, era a Prefeitura. Pagaram o pessoal da Prefeitura pra ligar a água deles. E aí, eles foram fazendo ramais e aí foi fazendo os caminhos. Aí, em mil novecentos e quarenta e pouco é que veio botar nome nas ruas e fizeram as ruas. Essa aqui em mil novecentos e quarenta e pouco.

- 527 **COELHO:** Isso foi no governo do Lacerda
 528 **CACÁ:** No Sobradinho?
 529 **HELINHO:** Não, Fallet...
 530 **JUCA:** Ah, a Rua Fallet, eu conheço toda a vida como Fallet
 531 **COELHO:** Fallet foi no governo Lacerda...
 532 **HELINHO:** Não, mais ela vinha até aqui embaixo...
 533 **COELHO:** Pavimentação.
 534 **HELINHO:** Pavimentação, era no barro só, depois...
 535 **JUCA:** Não tinha pavimentação.
 536 **HELINHO:** Não tinha pavimentação. Quando chovia, o carro não subia. Tinha um pessoal aqui...

Nos turnos acima, evidenciam-se os aspectos anteriormente referidos acerca da disposição para o trabalho coletivo, demonstrada pelos imigrantes europeus do início do século XX. Estes antigos moradores acompanharam pessoalmente o processo de urbanização da região, tanto do bairro de Santa Teresa, quanto do Fallet, processo este realizado pelas próprias mãos dos moradores. Foram eles mesmos que adquiriram o material necessário (trilhos da via férrea usados como postes, fios, canos, etc.) e forneceram a mão de obra para que pudessem se instalar com certo conforto na região.

Nos GTs de Memórias, foi-nos relatado que quando os imigrantes europeus chegaram ao Fallet, distribuíam-se pela região de acordo com sua nacionalidade, da seguinte maneira: a parte alta da Rua Eliseu Visconti, tangenciando a Rua Almirante Alexandrino, Santa Teresa, era habitada pelos ingleses; a região mais próxima à Santa Teresa, subindo pela Rua Fallet e Rua Escragnole Dória, habitada pelos alemães; os italianos situaram-se na parte baixa, em direção à Rua Itapiru, no Rio Comprido; e os portugueses, no centro da região (Anexo I).

A Rua Fallet foi se expandindo para as ruas do entorno, formando a área que atualmente é denominada *Amavale*, a qual compreende as seguintes ruas: Rua Fallet, Travessa Fallet, Rua Sobradinho, Rua Escragnole Dória, Rua Professora Jardelina da Silva, Rua Eliseu Visconti, entre a Rua Professor Júlio Koeler e a Travessa Braz e Barros. A favela que foi se formando correspondia, portanto, a todas as outras áreas habitadas da localidade.

A professora Maria Catarina Zanini (2004; 2007), estudando a imigração de italianos para o Sul do Brasil, percebeu que, de um modo geral, estas famílias imigrantes procuravam permanecer circunscritas em uma vizinhança em que pudessem se manter próximos aos seus conterrâneos e onde pudessem trabalhar e conviver com membros de seu próprio grupo, os quais atuavam como reforçador social de suas tradições culturais.

Por outro lado, a qualidade da relação que eles estabelecem com seus vizinhos, amigos e parentes, conforme explicitadas nas narrativas do grupo focal, nos remete ao conceito de identidade-rizoma (GLISSANT, 2005). Coelho, Helinho, Cacá, Joel, Juca, cada um a sua maneira, estende suas raízes em direção ao outro: a comunidade em geral, aos amigos, vizinhos e parentes, às crianças e jovens da comunidade, com todos ali, de modo a que cada um deles configura-se identitariamente como um *sendo* (GLISSANT, 2005), em um contínuo e mutável processo.

Finalmente, observamos que através dos relatos de suas lembranças, estes antigos moradores revelam o modo como se relacionam com o lugar onde nasceram e habitam, evidenciando seus vínculos de afeto, de pertencimento a sua “terra natal”, lugar este que abrigou seus antepassados e acolhe seus descendentes. Além disso, suas narrativas demonstram que este lugar evoca nestes senhores, o desejo de proteção, de preservação tanto do lugar pelo qual lutam pelo seu desenvolvimento e melhorias, quanto de sua história e de seu passado *glamouroso*.

2.3 O processo de favelização no Rio de Janeiro, anos 1960 e as Microrregiões do Fallet

Vimos na seção anterior que o Fallet foi fundado por imigrantes europeus, assim como os avós dos participantes do grupo focal, que compraram seus lotes e construíram suas casas, nas primeiras décadas do século XX. Assim, seus relatos esclarecem que o lugar onde eles habitam não é favela e eles têm documentos que o comprovem (Certidão de Promessa de Compra e Venda, planta do terreno, carnês de IPTU).

O processo de favelização do Fallet, segundo seus relatos, foi se dando anos mais tarde, com a chegada de moradores menos abastados, em geral

nordestinos e mineiros, que trabalhavam nas obras do metrô e que se instalaram em barracões de zinco na parte mais alta do morro. Posteriormente, este processo acirrou-se com a ocupação pelo tráfico de drogas, nos anos 1980, quando teve início a desvalorização da região no mercado imobiliário.

Nesta seção, procuraremos contextualizar o Fallet num cenário mais amplo. Veremos que no Brasil, nos anos 1960 / 70, ocorre um processo de migrações internas, de urbanização, da vinda dos campos em busca de empregos nas metrópoles. No Rio de Janeiro, muitos destes migrantes passaram a habitar nas favelas, visando a estarem mais próximos da oferta de empregos.

Assim, a fim de familiarizar o leitor acerca da temática das migrações internas, faremos um breve resumo, esclarecendo as motivações e modalidades de migrações e revelando os fluxos migratórios ocorridos no país no século XX.

Em seguida, para que possamos compreender o processo de favelização ocorrido no Fallet, faremos um breve percurso pela urbanização do Município do Rio de Janeiro, visando especificamente aos sentidos atribuídos às favelas ao longo do século XX.

Nesta seção, almejamos responder a uma das questões formuladas em nosso *problema*, que visa ao conhecimento do Fallet, identificando que *lugar é este afinal*, no sentido de contextualizarmos a identidade deste lugar e o senso de pertencimento de seus moradores. Para tal intento, suas narrativas serão analisadas à luz do Bloco Temático: “Divisão social entre o morro, a favela e a cidade”.

A migração pode ser caracterizada como o movimento e realocação de pessoas de uma região para outra, tendo como motivação, prioritariamente, a possibilidade de se buscar maiores salários. Em geral, fatores econômicos e sociais impelem um grande número de pessoas a trocar o campo pela cidade, o que vem ocorrendo desde a emergência da revolução industrial (MOURA, 1980; BRITO 2000).

Pela ótica do indivíduo, o que ele busca é a ascensão social e a melhoria de condições de vida. Mas, ao considerarmos o aspecto macrossocial, na abordagem histórico-estrutural (que vê a migração como um

fenômeno social), observamos que a migração decorre da desigualdade econômica, que gera diferenças de oferta e demanda de mercado de trabalho entre as regiões (MASSEY, 1999). Deste modo, são as áreas mais prósperas que atuam como polos de atração de fluxos migratórios.

Vainer e Britto (2001) situam três grandes períodos da migração no Brasil: (a) 1888 a 1930, fase de constituição do mercado de trabalho livre, caracterizado pela migração internacional; (b) 1930 a 1980, fase marcada pelo processo de industrialização e pela ocupação da fronteira agrícola, gerando a migração interna para as cidades, num processo explosivo de urbanização; (c) 1980 em diante, fase marcada pela queda do crescimento econômico, saturação da capacidade de absorção do mercado de trabalho, havendo a marginalização e exclusão do mundo do trabalho, marcada por uma circulação interna de migrantes e retomada da migração internacional.

Brito (2000) revela que as décadas de 1940/60 foram marcadas por migrações interestaduais, devido aos desequilíbrios regionais e sociais, como consequência do desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Os fluxos migratórios vinham, sobretudo, de Minas Gerais e do Nordeste em direção aos estados com maior crescimento urbano-industrial, como São Paulo e Rio de Janeiro, além das regiões da fronteira agrícola, como o Paraná e a região Centro-Oeste.

De 1960 a 80, os investimentos públicos e a política econômica agravaram ainda mais as desigualdades regionais e reforçaram a tendência migratória rural-urbana, que também foram facilitadas pelos transportes públicos e telecomunicações. A partir de 1980, ocorreu o enfraquecimento dos fluxos migratórios do Nordeste e de Minas em virtude da redução do crescimento econômico e, além disso, houve a desconcentração espacial de atividades industriais ocorridas nos polos de atração. A ilusão migratória resultou na alocação dos migrantes no mercado informal de trabalho.

O período retratado pelos entrevistados no grupo focal coloca em cena as migrações das áreas rurais para as urbanas, nas décadas de 1950 e 1960, período em que, segundo Lopes (1973), houve o declínio da mortalidade, resultando na multiplicação da população, gerando assim, uma força de trabalho excedente, cujas alternativas eram: (a) migrar para os centros

urbanos; (b) empregar-se como força de trabalho temporária nas plantações de grandes propriedades; e (c) migrar para a fronteira agrícola, onde as terras livres podem reproduzir a agricultura de subsistência.

São Paulo e Rio de Janeiro foram os dois maiores polos metropolitanos que absorveram nas décadas de 1960 e 1970, 15,6 milhões de pessoas, em decorrência do êxodo rural, oriundos em sua maior parte, do Nordeste e de Minas Gerais. Deste total, 15% vieram para o Rio (BRITO, 2000). Só na década de 1960, seis milhões de pessoas emigraram do meio rural na região, devido à modernização da agricultura (fator expulsor) e à força de atração das grandes cidades.

Mas, ao chegarem ao Rio de Janeiro, o que encontraram?

O Rio de Janeiro, sede do governo federal, possuía um importante porto que movimentava a produção de açúcar e café. Mas, em 1960, o governo federal foi transferido para Brasília, repercutindo na vida da cidade, que perdeu várias de suas funções. Apesar disso, o então Estado da Guanabara manteve-se como referência enquanto centro de serviços. E em busca destas oportunidades de trabalho que os indivíduos das áreas rurais chegavam em grandes ondas migratórias, passando a habitar, geralmente, nas favelas, próximos aos locais onde havia oportunidades de trabalho.

Michel Misse (1999) apresenta argumentos relativos à grande atração de mão de obra migrante para a cidade do Rio de Janeiro, em virtude da oferta de alternativas para a realização de trabalho precário, sobretudo no mercado da construção civil em ascensão nos anos 1960-70. Entretanto, o mercado de trabalho carioca passou por mudanças significativas a partir da transferência da capital federal para Brasília, de um número de obras públicas e construções imobiliárias realizadas nos anos 60-70 e da ascensão da cidade ao status de capital, então incorporada ao Estado do Rio de Janeiro.

Maiolino (2008) traça um panorama sobre a evolução das favelas, desde a sua origem até mais recentemente. A fim de familiarizar o leitor com os significados que foram atribuídos às favelas, e como estes resultaram em ações derivadas de políticas públicas envolvendo as mesmas, acompanharemos esta trajetória.

Campos (2011) relata que, em sua origem, as favelas e os cortiços no Rio de Janeiro foram a solução encontrada pela população mais pobre e profissionalmente não qualificada, em geral, negros alforriados, soldados retornados da Guerra de Canudos, já no final do século XIX. Mas, foi a partir da década de 1950 que se deu o seu povoamento maciço, acolhendo os migrantes recém-chegados das áreas rurais.

É preciso que esclareçamos que as relações entre a favela, o Estado e as classes dominantes sempre foram tensas. Em virtude do preconceito com que seus moradores eram vistos e devido à ocupação ilegal destas áreas, em geral próximas ao centro da cidade, em muitos momentos, o Estado obrigou-os a demolirem suas casas, empregando para este fim, o uso de força física, acionando seu aparelho de repressão (CAMPOS, 2001).

Assim, em muitos momentos, o Estado, associado aos interesses das classes dominantes determinou que fossem feitas remoções e desconstruções das favelas, a exemplo do desmonte do morro do Castelo, em 1922, e do morro de Santo Antônio, entre 1952 e 1955.

O processo de remoção das áreas faveladas causava o deslocamento destes moradores para outros morros, como por exemplo, os morros da Providência, de São Carlos, do Catumbi e as favelas localizadas no morro de Santa Teresa (Fallet, Fogueteiro, Coroa, Prazeres e Escondidinho).

Mas, segundo a lógica dos grupos dominantes, a proximidade das favelas de áreas ocupadas pelas classes mais favorecidas, a exemplo de Santa Teresa, considerado um bairro de classe média, transgride a utilização do espaço urbano. Tal postura apoia-se no argumento de que o processo de ocupação das favelas se dá, em geral, por meio de invasão ilegal e irregular de terrenos, de propriedade pública ou privada, o que nem sempre é verídico.

Portanto, em sua defesa, é preciso esclarecer que em muitos casos, as favelas surgiram em terrenos particulares, com a autorização ou com auxílio dos proprietários, que passavam desta forma, a não pagar impostos e obter uma renda (MAIOLINO, 2008), a exemplo do início do povoamento do Fallet, cujos lotes foram comprados e seus moradores pagam os devidos impostos.

Assim, é preciso contextualizar as favelas na história socioespacial da cidade, em que as relações conflitantes entre os mais pobres e o Estado

tiveram como propósito o favorecimento das elites. Por este motivo, as favelas têm sido combatidas pela necessidade de o Estado regulamentar o uso do solo da cidade.

Disto, decorre que, na virada do século XIX para o XX, o movimento de expulsão das classes populares das áreas transformadas em atrativos para a expansão do capital e para a consolidação da cidade do Rio de Janeiro aprofunda-se no início do século XX, através da Reforma urbana levada a cabo pelo então Prefeito Pereira Passos, desalojando os moradores dos antigos cortiços e casas de cômodos (GOMES et al, 2006).

As intervenções urbanísticas na cidade, entre 1902 e 1906, durante o mandato do Prefeito Pereira Passos resultaram na ocupação das encostas dos morros do centro do Rio de Janeiro. Àquela época, as favelas eram consideradas um território de precariedade física e social (MAIOLINO, 2008).

Campos (2011) relata que, entre 1926/27, o engenheiro, sanitarista e jornalista Mattos Pimenta e o urbanista francês Alfred Agache desenvolveram o plano urbanístico da cidade do Rio de Janeiro e iniciaram campanhas apontando as favelas como problema estético, higiênico, de ordem social e de segurança. Nessa ocasião, a favela passou a ser considerada um 'problema', em decorrência desta mentalidade higienista e do movimento em direção à modernização da cidade (MAIOLINO, 2008).

Em 1937, as favelas foram apontadas pelo Código de Obras da cidade como uma "aberração urbana". E, em virtude disso, houve a proibição de se construir novos barracos e a exigência de melhorias nos morros que já eram ocupados. Nesta ocasião, os governantes visavam a acabar com as favelas.

Nos anos 1940, na vigência do governo de Getúlio Vargas, moradores dos morros localizados no entorno dos bairros da Gávea, do Caju e na Praia do Pinto (próxima ao Leblon) foram levados para os recém-criados "parques proletários". Nesta ocasião, as associações de moradores das favelas pleiteavam que não houvesse remoção para estes locais e exigiam que os serviços públicos fossem estendidos às favelas.

Nos anos 1950, inicia-se o processo de urbanização das favelas. Nesse momento, segundo relata Maiolino, (2008, p. 82), observa-se grande interesse

de intelectuais pelo 'morro', passando-se a valorizar, em especial, a cultura própria desses locais e a sociabilidade desenvolvida entre seus habitantes.

Se, por um lado, a favela se fortalecia nos anos 60, com a fundação das associações de moradores, por outro lado, no período de 1962 a 1965, o governo estadual, simultaneamente urbanizava e promovia remoções e realocação em áreas afastadas do centro da cidade, nos conjuntos habitacionais, recém-criados. Este processo acentuou a precarização da qualidade de vida da população mais pobre, devido à dificuldade de deslocamento para o local de trabalho, levando ao aumento das taxas de desemprego, além da dissolução das "redes de sociabilidade e de solidariedade". Maiolino (2008) ressalta as consequências na vida psíquica e afetiva dos indivíduos, devido ao rompimento das redes de pertencimento.

Em 1960, deu-se, como vimos, a transferência da capital federal para Brasília. Ainda assim, a cidade do Rio de Janeiro manteve-se como polo turístico, cultural e comercial. Seu crescimento imobiliário atraiu migrantes que aportavam em busca de trabalho, fundando novas comunidades ou aumentando a quantidade de casebres nos morros cariocas. A fusão entre os estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, em 1975, acentuou a crise socioeconômica pela qual a cidade do Rio de Janeiro vinha passando. Desde a metade dos anos 1970 até meados dos anos 1980, praticamente não ocorreram ações que visassem a melhorar as condições de vida nos morros.

Mas, nos anos 1980, o poder público assumiu responsabilidade pelo fornecimento de infraestrutura em áreas com irregularidades fundiárias ocupadas por população de baixa renda, através de programas específicos voltados às favelas.

Durante a década de 1980, houve um entendimento político em relação ao direito de habitar e às formas de uso da cidade, incluindo as três esferas de poder, municipal, estadual e federal, segundo Maiolino (2008, p. 99).

A década de 1980 termina com um crescimento significativo da população moradora em favelas, concomitantemente ao aumento da complexidade dos problemas que envolvem esses locais, como a presença mais forte do jogo do bicho e, em seguida, já na segunda metade da década,

com a entrada do tráfico de drogas. Nos anos 80 e 90, deu-se o crescimento das favelas e do narcotráfico fortemente armado.

A partir destas ocorrências, acirrou-se o preconceito em relação ao pobre, apontado e discursivizado como pertencente a uma classe perigosa. A mídia fomentou essa questão, propagando um discurso sobre a violência urbana. Por outro lado, cresce a mobilização em nível nacional em prol da atenção aos problemas urbanos (MAIOLINO, 2008).

Em 1992, o Plano Diretor da Cidade, “privilegiava a opção pela urbanização das favelas, ao mesmo tempo em que também as categorizava como ‘bairros populares’, o que, ao menos em termos simbólicos, representava um passo na inclusão das favelas à cidade formal” (MAIOLINO, 2008, p. 102).

Nos períodos entre 1983 a 1987 e entre 1991 a 1994, o governo, em defesa dos direitos humanos, proibiu as incursões policiais nas favelas, o que facilitou a instalação de grupos de criminosos nas favelas do Rio. Com a expansão do narcotráfico, o Rio de Janeiro foi fortemente afetado, enquanto o país vivia acentuada crise econômica, na chamada “década perdida”. Como resultado, considerável redução de investimentos e de turistas e aumento do desemprego.

Em contrapartida, houve um avanço na própria definição de favela, afastando-se os julgamentos de valor sobre seus moradores e formulando-se uma descrição estritamente espacial daqueles locais, abordando suas características físicas e de infraestrutura (MAIOLINO, 2008).

Foi então, a partir da década de 1980, que teve início um movimento em busca de soluções para a questão dos assentamentos urbanos irregulares vem sendo objeto de discussões em diversas instâncias governamentais, diferentemente de épocas precedentes. Tais ações tendem a ser mais articuladas, reunindo atores municipais, estaduais e federais, embora ainda haja dificuldades de ordem prática e política (MAIOLINO, 2008).

Nesta direção, foi criado o Favela-Bairro (Secretaria Municipal de Habitação / RJ, com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento), em 1994, com o objetivo de construir ou complementar a estrutura urbana principal, dedicando-se ao saneamento e democratização de acessos e

oferecer as condições ambientais para que se passasse a considerar a favela como bairro da cidade (BURGOS, 1999, MAIOLINO, 2008).

Entretanto, até os dias atuais há controvérsias quanto à definição de favela. O artigo 147 do Plano Diretor da Cidade, de 1992 (CAVALLIERI, 2009), define que

Art. 147 - Para fins de aplicação do Plano Diretor (1992), favela é a área predominantemente habitacional, caracterizada por ocupação da terra por população de baixa renda, precariedade da infraestrutura urbana e de serviços públicos, vias estreitas e de alinhamento irregular, lotes de forma e tamanho irregular e construções não licenciadas, em desconformidade com os padrões legais.

De acordo com Nunes (2015), o *Observatório de Favelas* (que produziu o livro *O que é favela, afinal?*¹⁸, em 2009, fruto de um seminário reunindo representantes de movimentos sociais, organizações da sociedade civil, além dos pertencentes da academia, com o intuito de se estabelecer um olhar conceitual para caracterizar a favela, baseado nas dinâmicas sociais, econômicas e culturais), favela é um território constituinte da cidade, que se caracteriza, dentre outros quesitos, como:

Forte estigmatização socioespacial, especialmente inferida por moradores de outras áreas da cidade; ocupação marcada pela alta densidade de habitações; apropriação social do território com uso predominante para fins de moradia (s/p).

Por sua vez, o Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (SABREN) / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, reunindo informações sobre os assentamentos precários e informais, com o intuito de apoiar a construção de políticas públicas destinadas à urbanização e desenvolvimento social das áreas consideradas assentamentos precários, passou a dividi-los em três grupos, desde o Programa Morar Carioca (2010): favelas (isoladas e complexos¹⁹), loteamentos e comunidades urbanizadas²⁰.

¹⁸ Disponível em <http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/o-que-%C3%A9-favelaafinal.pdf>

¹⁹ Complexos de Favelas – De acordo com o Morar Carioca (2010), estes são formados por favelas próximas, exceto aquelas que estejam separadas por elementos que impeçam ou dificultem a circulação dos moradores (grandes ruas e avenidas, rodovias, ferrovias, viadutos, redes de transmissão de energia etc.).

Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smh/exibeconteudo?article-id=1451251>. Acesso em 21/05/2016.

Assim, para que uma região seja considerada favela, deve preencher os seguintes requisitos, designados pelo termo *precariedade* de: organização espacial (ruas estreitas, de traçados irregulares), inclusive no que se refere ao acesso (o entorno urbanizado, mas apresenta dificuldades para circulação interna); infraestrutura e serviços públicos (redes de água e esgoto; coleta de lixo; varredura das vias e limpeza de cursos d' água); acesso a equipamentos coletivos (escola, creches, centros sociais, postos de saúde, praças e quadras de esporte); construções residenciais e comerciais; regulação fundiária (títulos formais de propriedade); regulação urbanística.

Por sua vez, segundo o Manual de Delimitação dos Setores do Censo 2010, a classificação de favela como aglomerado subnormal, utilizada pela primeira vez no Censo Demográfico de 1991, é aplicada a

cada conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa (s/p).

Essa classificação atende, ainda, aos seguintes critérios:

- a) Ocupação ilegal da terra, caracterizada pela construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular);
- b) “Urbanização fora dos padrões vigentes, [a exemplo das] construções não regularizadas por órgãos públicos ou precariedade de serviços públicos

²⁰ O SABREN, inspirando-se no artigo 234 da lei complementar nº 111 de 1/2/2011 (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro), adota as seguintes definições para os assentamentos de baixa renda:

- Favela: refere-se à área habitacional marcada por ocupação clandestina e de baixa renda, cujas principais características são: precariedade da infraestrutura urbana e de serviços públicos, vias estreitas e alinhamento irregular, ausência de parcelamento formal e vínculos de propriedade e construções não licenciadas.

- Loteamento: parcelamento legalmente aprovado e não executado, executado em discordância com o projeto aprovado (loteamento irregular), ou executado sem aprovação do Poder Executivo Municipal. Além disso, não atende às normas federais, estaduais ou municipais que se referem ao parcelamento da terra (loteamento clandestino).

E a Secretaria Municipal de Habitação define Comunidade Urbanizada, aquela que tenha sido objeto de programas de urbanização integrada, seja devido à implantação de projetos de infraestrutura básica, equipamentos públicos e níveis de acessibilidade, seja devido ao empenho de seus moradores, aliado a ações públicas, resultando em urbanização satisfatória. Dentre estes programas destacam-se: Favela-Bairro (PROAP), Bairroinho, Programa de Aceleração do Crescimento-PAC, etc.

Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp/exibeconteudo?id=4782931>, extraído em 23/05/2016.

essenciais (abastecimento de água, esgotamento sanitário, coleta de lixo e fornecimento de energia elétrica)”.

Mas, com base nos dados do Censo 2010 e em virtude das obras do Morar Carioca²¹ (que tem o objetivo de “orientar a urbanização e integração das favelas da cidade”), a Prefeitura do Rio de Janeiro propôs mudanças na classificação das favelas (CAVALLIERI e VIAL, 2012, pp. 2-3), segundo sua “situação no tecido urbano (em complexos ou isoladas), ao seu tamanho e ao grau de urbanização alcançado ao longo do tempo”. A partir dessas alterações, os assentamentos se subdividem em dois grupos: “as favelas propriamente ditas”, e aquelas que passam a se chamar “comunidades urbanizadas”.

De acordo com o IBGE, tais assentamentos são “um fenômeno urbano e metropolitano: 88% dos domicílios em AGSN [aglomerados subnormais] se concentravam em 20 das 36 regiões metropolitanas, e 45%, em 15 municípios com mais de um milhão de habitantes”.

Por sua vez, Rio de Janeiro e São Paulo formam um subgrupo especial, liderado pelo Rio, que possui cerca de 1,4 milhões de moradores em AGS e 22% de seus habitantes nessa condição, seguido por São Paulo, com 1,3 milhões. (id.,p.4)

O Censo Demográfico de 2010, IBGE, no Rio de Janeiro contabiliza 1332 aglomerados subnormais, em 42 municípios, totalizando 2.023.744 habitantes, em 617.466 domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais.

²¹ Na nova tipologia, as favelas foram classificadas como: aquelas que, por se constituírem em áreas de risco ou em locais inadequados para o uso residencial, podem ser consideradas, a princípio, em favelas não urbanizáveis, necessitando de maiores análises para verificação da impossibilidade de urbanização e; urbanizáveis, agrupadas em quatro subcategorias, conforme o tamanho e o grau de urbanização. Além dessas, foi destacada a favela urbanizada, que, segundo definições da Secretaria Municipal de Habitação, é aquela que tenha sido objeto de programas de urbanização integrada, tais como Favela-Bairro (PROAP), Bairro Novo, Programa de Aceleração do Crescimento - PAC e outros similares, cujo projeto tenha garantido a implantação de infraestrutura básica, equipamentos públicos e níveis de acessibilidade satisfatórios; ou que, por esforço próprio de seus moradores e ações públicas diversas, ao longo do tempo, conseguiu alcançar uma situação bastante satisfatória de urbanização. (p. 3)

Foram consideradas outras categorias [...]: favelas pequenas, com menos de 100 domicílios; favelas entre cerca de 100 e 500 domicílios; favelas com mais de 500 domicílios, parcialmente urbanizadas, favelas com mais de 500 domicílios, em processo de urbanização e favelas com mais de 500 domicílios, não urbanizadas. (p. 3)

Em 2010, a população residente em favelas representava 23% do total da população carioca, ou 1.443 mil habitantes. As proporções variavam significativamente entre as regiões da cidade, com amplo predomínio da AP 1. Nela se localizam bairros como Rio Comprido, São Cristóvão, Santa Teresa, Catumbi, Mangueira e outros onde tradicionalmente se localizam muitas favelas. Embora, em termos absolutos a população favelada da AP 1 seja a menor da cidade (cerca de 103 mil habitantes), sua proporção em relação à população total da área era a maior – 35%. (p. 5)

Assim, estima-se que, atualmente, cerca de um quinto da população da cidade do Rio de Janeiro habite nas favelas cariocas (CAMPOS, 2011, p. 21; MAIOLINO, 2008).

Neste contexto, o Fallet foi um importante espaço de acolhimento tanto para os imigrantes europeus e seus descendentes, como vimos na seção anterior, quanto para os migrantes transnacionais, vindos em ondas migratórias, sobretudo nos anos 1960/1970. E, enquanto local de acolhida, estabeleceram-se fortes vínculos com o lugar e fortes redes sociais, conforme Souza (1995), Gupta e Ferguson (2000).

O objetivo desta contextualização foi proporcionar uma reflexão acerca das favelas, enquanto espaços heterogêneos. Gomes et al (2006) defendem que elas devem ser conceituadas como territórios da cidade, que guardam um sentido de lugar, são construídos nas relações sociais, materiais e simbólicas, estabelecidas entre e pelos indivíduos e grupos sociais.

Esclarecemos que o conceito de território é tomado aqui no sentido apresentado por Haesbaert (2004, p. 42), segundo o qual, este se constitui a partir das relações afetivas mantidas com o espaço e do sentimento de pertencimento, ambos, segundo o autor, produtores da identidade territorial. Além disso, o território é por ele apontado como produto das relações sociais de poder que se manifestam nas ações dos agentes sociais. Neste sentido, as narrativas destes moradores expressam claramente tanto seu afeto, quanto o sentimento de pertencimento ao lugar - território defendido com paixão, dedicação, faixas e estratégias sutis e perspicazmente traçadas.

Por sua vez, o espaço para Certeau (1998, p. 202) “é um lugar praticado”; realiza-se quando é vivenciado: “um lugar só se torna espaço quando os indivíduos exercem dinâmicas de movimento nele através do uso, potencializando-o e atualizando-o”. Igualmente importante para a nossa discussão, é a conceituação feita por Certeau (1998, pp. 199; 200; 203) acerca dos *relatos de espaço*, situando-os como “uma prática de espaço”, uma vez que eles “atravessam e organizam lugares”. Além disso, importa ressaltar que, para o autor, são justamente os relatos que “transformam lugares em espaços e espaços em lugares”.

E, acerca da produção do espaço “pelas ações de *sujeitos* históricos”, conforme Certeau (1998, p. 203), estas ações, seus relatos, o próprio espaço e seus habitantes e o caráter essencialmente rizomático por mim encontrado ao chegar ao Fallet e referido na introdução desta tese, causaram-me inquietação, suscitando uma questão fundamental que perpassa toda esta tese: “afinal, Fallet, que lugar é este?”. Veiculado como uma violenta favela, o Fallet é discursivizado pelos antigos moradores como um bairro, outrora próspero e “o melhor lugar para se viver”. Paradoxal é a relação entre a exclusão vivenciada por aqueles moradores do asfalto que discriminam e generalizam os moradores de favelas como sendo todos “bandidos e criminosos” e a inclusão e pertencimento vividos entre si e para com relação ao lugar. Há entre eles uma sociabilidade geracional, que perpassa gerações, portanto, uma coesa rede social, laços de profunda amizade e solidariedade. E, por sua vez, certa discriminação e exclusão para com os moradores das áreas favelizadas do morro.

Ouvindo suas narrativas, tanto nos GTs de Memórias quanto no Grupo Focal, pude identificar que, na verdade, o Fallet é setorizado em microrregiões, dentre as quais, algumas são consideradas favela, outras não, a exemplo da região da Amavale, onde moram os nossos entrevistados. Além disso, há outra segmentação a ser considerada, situando o Fallet entre o Morro, o bairro e a cidade.

De fato, este é um dos aspectos enfatizado em seus discursos, os quais revelam que moradores destas áreas não se relacionam entre si. A cisão mais expressiva se dá entre as regiões do Fallet *Amavale* e a área denominada *Ocidental Fallet*, também conhecido como *Beco Ocidental* ou *Jorge da Silva*.

Essa área foi sendo loteada e alugada a preços módicos a pessoas desprovidas de recursos, nos anos 1960. Chama a atenção o fato de haver uma muralha de cerca de três metros de altura, separando essas duas regiões e nenhum dos antigos moradores sabe explicar a origem dessa muralha.

Conforme apontado anteriormente, para os moradores do Fallet Amavale importa desvincular a imagem atribuída ao Fallet como um todo, veiculada como uma favela violenta, da área onde eles habitam que, segundo eles referem, é um bairro e, portanto, não uma favela.

Seus argumentos em defesa da diferenciação entre estas regiões apoiam-se no fato de eles possuírem a escritura de suas casas e pagarem IPTU. No anexo G, encontra-se uma reprodução do espelho do IPTU de uma residência. Cabe ressaltar que sua alegação está em consonância com os critérios do Plano Diretor da Cidade, de 1992 (CAVALLIERI, 2009), citados acima.

No último GT de Memórias realizado em janeiro de 2014, um dos moradores apresentou fotos, textos e documentos e, dentre eles, o mapa topográfico da região, em que se pode observar a área da *Amavale* (circundada por um traçado preto e mais denso e com os nomes das ruas anotadas em manuscrito) e representação do relevo, natural e artificial, através de curvas de nível, onde há uma anotação, também em manuscrito, da área considerada favela que foi sendo formada dentro daquela topografia. Embora não haja data neste mapa, pode-se inferir, pelas referências ao prefeito e secretário, que o mesmo tenha sido produzido por volta de 1978, período de gestão dos mesmos, de acordo com a Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.²² (Anexo H).

Por sua vez, Helinho relata, indignado, que a atual planta que acabara de adquirir, ao contrário da antiga planta que eles possuíam há muitos anos, não discriminava as áreas de favela e os loteamentos, considerando, ao que parece, toda a região do Morro do Fallet como favela.

557 **HELINHO:** [...] Eu fui pra comprar uma planta agora [...] fui comprar uma atual. E até veio errada porque aqui tem uma parte favela e uma parte que é loteamento. Então, até os jornais mesmo, com o negócio do tráfico, fala que aqui é favela. Não é favela. O [...] Morar Carioca se afastou daqui por causa disso. Porque aqui, todo mundo é proprietário. A maioria...

Helinho concluiu seu relato responsabilizando a imprensa por veicular esta informação errônea. E, em contrapartida, atribuiu o fato de o programa Morar Carioca não ter investido recursos em obras de urbanização e infraestrutura no Fallet, justamente por não se tratar de uma favela, comprovando, assim, o que ele vem recorrentemente afirmando.

²²Fonte: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4177175/4103409/News_1_15_junho_13.pdf>, extraído em 03/05/14.

Através destas narrativas em que os moradores ressaltam a cisão entre as áreas de loteamento e de favela, ao reafirmarem seu pertencimento à área não favelizada do morro do Fallet, Helinho e os demais estão se construindo discursivamente, como em muitos outros momentos da entrevista grupal, como moradores da cidade do Rio de Janeiro. A necessidade de reafirmar-se enquanto morador da cidade e não da favela é explicitada através de documentos que comprovem esta condição, a exemplo a planta da região.

Mas, no mapa elaborado pelo Instituto Pereira Passos (IPP, 2013), provavelmente a partir dos dados fornecidos pela equipe de gestão do programa UPP Social, encontram-se as UPPs Fallet-Fogueteiro / Coroa e Prazeres e Escondidinho (localizadas em Santa Teresa) e a UPP São Carlos (Estácio, Catumbi e Rio Comprido). E, na UPP Fallet-Fogueteiro / Coroa, encontram-se estas três áreas discriminadas: a área correspondente ao Fallet Amavale (A. M. e Amigos do Vale), a região do Ocidental Fallet e Luiz Marcelino (vulgo Pé Queimado), conforme Figura 1 (página 48).

Por sua vez, Cacá defende a interligação destas áreas, por onde se poderia transitar através de Kombis, que passariam pelo Fallet, Fogueteiro, até chegar a Santa Teresa (turnos 487 / 493, abaixo). Por outro lado, estas sairiam do Fallet, através da Rua Navarro, até a Coroa. Ou seja, através destes percursos, haveria uma interligação entre estas microrregiões, não apenas do Fallet, mas de toda a região, incluindo as favelas do Fogueteiro e da Coroa. E, além disso, haveria uma integração da favela à cidade, através do bairro de Santa Teresa.

Assim, estas narrativas revelam que o que estes moradores defendem é a condição de pertencimento à cidade o que, por sua vez, ecoa em suas configurações identitárias.

- 487 **CACÁ:** [...] Eu defendo ligar o Fogueteiro com o Fallet, ligar o Fallet com Santa Teresa, eu defendo tudo porque eu acho que isso revitaliza a comunidade. A gente já não tem assim, tá no buraco, a gente quase não tem...
- 488 **HELINHO:** Não tem opção
- 489 **DIANA:** Mas, mas essa sugestão que você está dando aí de juntar tudo, é viável, do ponto de vista / **CACÁ:** Sem desapropriação, não
- 490 **DIANA:** Não, não tô falando do ponto de vista da desapropriação, não. Eu tô falando do ponto de vista de como as comunidades se relacionam atualmente. É viável juntar Fogueteiro...

- 491 **CACÁ:** É porque você cria... Você pode criar... Uma Kombi ... Pode subir por aqui e sair lá do outro lado, sair lá na... Na... Do outro lado da comunidade, já sai lá no Posto de Saúde
- 492 **COELHO:** Posto de Saúde.
- 493 **HELINHO:** -“Cacá, posso interromper um minuto?”. Ali, a Rua Ocidental, por exemplo, ela é...

A esta altura, Diana indaga o porquê da denominação Ocidental Fallet. Helinho respondeu que, na verdade, esta nomenclatura foi criada por eles ali, para se referirem àquela localidade entre si, inferindo que esta denominação não apareceria no mapa.

- 494 **DIANA:** É isso que eu queria entender: você está falando ocidental...
- 495 **HELINHO:** Ocidental é o outro lado lá, subindo pela [rua] Navarro.
- 496 **DIANA:** [...] mas por que que tem essa marcação de ocidental?
- 497 **HELINHO:** Não, porque é o nome que se criou. Não existe essa Favela Ocidental. No mapa talvez não conste. Fogueteiro, Manoel de Abrantes aqui. Do outro lado da rua é Manoel de Abrantes [...]. Aqui é Fallet, Rua Fallet. Então, a Rua Ocidental era pra terminar no Fallet.

O Ocidental Fallet é o “lado de lá”, é a favela, a região que foi sendo povoada por volta dos anos 1960, de forma desordenada, ilegal, com construções irregulares, caracterizando a região como favela e denegrindo a imagem daquele bairro povoado com tanto suor e trabalho dedicado de seus ancestrais.

Mas, além do Ocidental Fallet, há outras áreas favelizadas no Morro, crescendo rápida e desordenadamente e que foram recebendo denominações diversas: Sobradinho, Pé Queimado, etc.

- 479 **CACÁ:** E o que tem de pior é o que é comum a quase todas as comunidades, é o crescimento desordenado, que foi o abandono que o ...
- 480 **HELINHO:** O Estado
- 481 **CACÁ:** Que o Poder Público teve nesses quarenta anos, que degradou é... o ... Os nossos imóveis por exemplo, era assim, um por andar, e tudo aí é tanto puxadinho, tanto bequinho que foi criado desordenadamente [...]

Cacá evidencia, no turno acima, o contraste entre suas confortáveis e amplas casas (em um dos GTs de Memórias, foi relatado que as casas construídas pelos seus antepassados tinham quintais espaçosos, onde eles criavam cabras) e as construções irregulares, em decorrência do crescimento desordenado nas favelas, apontadas por ele como o que há de pior no Fallet.

Por sua vez, Coelho é explícito ao sentenciar:

- 772 **COELHO:** Quem mora pra cá, mora na cidade; quem mora pra lá, mora na favela.
 773 **COELHO:** Aqui não é favela.

Estas narrativas sintetizam a segmentação do morro do Fallet em microrregiões. Mais do que setores do morro, habitados em momentos e condições distintas, tais narrativas expressam essencialmente, a *cidade partida* (parafraseando ZUENIR VENTURA, 1994), apartada da favela.

Mas o que estaria na base de tanta ênfase ao se diferenciarem da favela? Quais seriam os significados atribuídos por eles a essa representação de favela e de bairro? Como cada uma destas categorias expressam as identidades deste lugar? De que maneira estes diferentes significados estariam associados as suas configurações identitárias?

Joel nos oferece uma pista a respeito:

- 782 **JOEL:** O pessoal se sente diferenciado.
 783 **COELHO:** Diferenciado.
 784 **HELINHO:** O pessoal acha que é favela e não é. Lá não é favela.

Sentir-se diferenciado, neste contexto, seria uma expressão que traduziria o sentimento de rejeição, em consequência de viverem apartados do lado mais próspero do Fallet que, embora bastante carente e precária em muitos aspectos (saneamento, recursos e equipamentos públicos), é mais urbanizada, desenvolvida e recebe mais recursos e projetos socioculturais.

Em contrapartida, diferenciar-se, pelo ponto de vista dos moradores do Fallet Amavale, seria uma expressão de relativa superioridade (comparados aos moradores do lado favelizado), de pertencimento, de orgulho de serem descendentes dos pioneiros, dos fundadores desta região, que adquiriram suas terras através de seus trabalhos. Muitas narrativas alinham-se com sua configuração identitária, enquanto proprietários legais de suas terras, o que pode ser observado nos turnos abaixo:

- 544 **DIANA:** E deixa eu perguntar uma coisa: essas histórias, essa história que o senhor está contando... Essa história foi contada pro senhor?
 545 **HELINHO:** Foi. Pela minha avó. Não, e tem documento, tem tudo.
 546 **COELHO:** Tem documento.
 547 **SILVANA:** E esses documentos estão aonde?

- 548 **HELINHO:** Não, eu, por exemplo, tenho o meu. Tenho a planta do loteamento, eu tenho a... A minha eu não tenho, mas tenho o pedido de ligação de água de um amigo meu que já morreu, morreu a família toda, só tem os netos agora...
- 551 **DIANA:** Mais alguém, além do Sr. Helinho, tem algum documento desse tipo?
- 552 **COELHO:** Não, documento... Eu tenho mais na cabeça
- 553 **HELINHO:** Eu tenho a promessa de venda.
- 554 **COELHO:** E, eu tenho aqui, a planta.
- 558 **DIANA:** A maioria paga IPTU?
- 559 **HELINHO:** Paga tudo [...]

Através das narrativas acima, observamos que este grupo de antigos moradores constrói-se discursivamente como senhores que respeitam a lei, as tradições e zelam pela boa convivência comunitária, assim como pelo patrimônio construído pelos ancestrais. Cuidadosos e cuidadores da comunidade, eles conservam as provas de que são legítimos herdeiros deste lugar, marcando o contraste com os novos e desordenados moradores, que foram invadindo o lugar, ocupando-o de modo desordenado.

Deste modo, observa-se que o Fallet é um lugar disputado e habitado por antigos e novos moradores, subdividido em microrregiões e redes de pertencimento entre seus ocupantes.

2.4 A ocupação pelo narcotráfico fortemente armado, anos 1980. Conflitos e enfrentamento ao narcotráfico no Fallet

Nesta seção, apresentaremos um breve relato do processo de formação dos grupos de narcotráfico fortemente armados e organizados, no Rio de Janeiro, dos anos 1980 para cá. Além disso, apresentaremos as narrativas dos moradores do Fallet acerca de como esta atividade vem sendo praticada no morro, antes mesmo da formação dos grupos organizados, assim como colocaremos em cena, suas narrativas a respeito do relacionamento entre traficantes e comunidade. Nesta seção, portanto, trataremos da vida cotidiana no Fallet, o que nos propicia uma reflexão sobre uma de nossas questões que igualmente permeia toda esta tese: *afinal, quem são as pessoas do Fallet?* e, mais especificamente, *como elas se relacionam com os momentos socio-históricos de tensão e apaziguamentos na comunidade?*. Estas reflexões estão embasadas pelo Bloco Temático “narcotráfico”, a partir das seguintes rubricas: “relação com a comunidade”, “rotina dos tiroteios” e “relação com a UPP”.

Segundo relatos dos antigos moradores, o lugar onde eles moram passou a ser denominado *Morro do Fallet* após a entrada do tráfico armado, na década de 1980. Eles esclareceram que antes disso ocorrer, a atividade já existia, mas praticada apenas no Morro do Fogueteiro, sem o uso de armamentos (ver Figura 1), onde esta região é denominada Unidos de Santa Teresa. Tratava-se apenas da venda de maconha para os usuários locais.

A criminalidade se instalou, segundo suas narrativas, quando a região foi invadida por traficantes do Complexo do São Carlos e, com isso, ali passaram a ocorrer, na ocasião, aumento do número de furtos, assaltos e estupros. A partir dessa situação caótica, segundo seus depoimentos, *“aqueles daqui que tinham tendência para a bandidagem se uniram e destituíram os bandidos de lá. Na ocasião, eles foram os nossos heróis, mas depois eles tomaram o gostinho pela coisa e ficaram na atividade...”* (sic). E, desde então, eles vêm realizando seus *negócios* na região.

Através do contato com alguns moradores, em entrevista de grupo focal e durante o período em que realizamos observação participante, ouvimos relatos que contestam as notícias sobre crimes e atos violentos atribuídos ao Fallet, alegando que, muitas vezes, ocorrem em outras favelas, mas a responsabilidade sobre eles sempre é genérica e erroneamente imputada ao Fallet.

Por exemplo, em um dos GTs de Memórias, Juca contou que, certa vez, houve um crime próximo à Faet (fábrica localizada na Rua Barão de Petrópolis, no Rio Comprido, próximo à entrada das favelas do Fogueteiro e do Escondidinho) e entenderam que o fato houvera ocorrido no “Fallete”.

Mas, a despeito destes relatos que inocentam o Fallet de muitos dos crimes noticiados, as narrativas proferidas no grupo focal revelaram que, até recentemente, quando se deu o desarmamento do tráfico pela UPP, ocorriam confrontos entre as facções rivais, várias vezes ao dia, causando inúmeras mortes diariamente.

Esta seção debruça-se sobre as questões em torno das origens, causas, consequências do surgimento e expansão do narcotráfico e procura investigar dados que nos possam conduzir à melhor compreensão acerca dos significados da convivência com os traficantes estabelecidos no Morro do Fallet

em relação à vida da comunidade, tendo em vista que esta convive com os *meninos* que se dedicam à atividade, desde que estes nasceram, mas por sua vez, sua atividade ilícita, nos últimos anos, tem concorrido para o convívio frequente com formas brutais de violência.

Para cumprirmos este intento, recorremos a autores que vêm se dedicando a pesquisas acerca desta temática, tais como Michel Misse e Luiz Antônio Machado da Silva.

Tomando tal literatura como referência, procuramos respostas para as questões propostas neste capítulo, que visam a compreender *como as lembranças narradas produzem sentidos acerca de experiências e identidade do lugar e constitui configurações identitárias*.

Retomando nossa discussão sobre a situação socioeconômica do Rio de Janeiro nos anos 1960, Michel Misse (1999) refere os anos 1960, como visto na seção anterior, como atrativos de mão de obra migrante, sobretudo para o mercado da construção civil em expansão, em um contexto das mudanças ocorridas na cidade com a mudança do Distrito Federal para Brasília.

E nesse clima turbulento por que passava a cidade, verificou-se o incremento do consumo de drogas, entre as classes média e alta, em meados dos anos 1960-70. Por sua vez, o autor refere o aumento da violência urbana relacionado à expansão de um mercado informal de trabalho, que incluía a comercialização clandestina de drogas, como cocaína e maconha. E com o crescimento do consumo aliado à facilitação da aquisição de armas poderosas e ao aumento da corrupção de autoridades, ocorrem relações cada vez mais tensas e violentas entre quadrilhas entre si, entre estas e a polícia, e com a população, que passa a exigir medidas mais severas de erradicação da violência (ZALUAR, 1994; MISSE, 1997).

Misse (1997) situa o aumento do consumo de maconha ocorrido a partir de meados dos anos 1960, entre artistas, intelectuais e universitários de classe média carioca. Já a cocaína vinha sendo consumida, nesta época, apenas pelas elites, devido ao alto preço e a dificuldade de acesso à droga, ainda pouco comercializada no Brasil.

O que ocasionou a mudança no padrão de consumo entre a população de baixa renda, a partir do final dos anos 1970, segundo o autor, foi o aumento

da oferta e, conseqüentemente, a redução dos preços a varejo. Por sua vez, este processo deu em virtude das rotas do tráfico internacional da Bolívia, Peru, Paraguai e Colômbia, com destino à Europa e Estados Unidos, partirem dos aeroportos do Paraná, de São Paulo e do Rio de Janeiro. Posteriormente, o eixo Rio-São Paulo passa a integrar o mercado consumidor.

Neste contexto, nos anos 1970, a cocaína entrava nas favelas cariocas a um preço acessível, pelas redes de varejo do comércio da maconha, financiada através de assaltos a bancos e carros fortes e outras instituições financeiras e roubos de carros.

Paralelamente, durante a ditadura militar, militantes políticos e assaltantes de bancos, convivendo por anos dentro do sistema penitenciário, uniram-se e formaram as organizações criminosas do tráfico a varejo no Rio de Janeiro, a exemplo da Falange Vermelha.

Já na década de 1980, a Falange Vermelha transformou-se na facção criminosa "Comando Vermelho" (CV), em parceria com o principal fornecedor de drogas aos traficantes brasileiros, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

Entre 1982 e 1985, as quadrilhas atuantes no varejo, com base na proteção oferecida pela facção do crime organizado Comando Vermelho (CV) dentro do sistema penitenciário organizam-se em redes e tomam os pontos de venda de maconha nas favelas para a venda de cocaína.

Em meados dos anos 1980, formou-se uma organização rival, denominada "Terceiro Comando" (TC), disputando violentamente os pontos de venda de cocaína com o CV, levando-os a uma corrida armamentista. Neste momento, já nos anos 1990, a rota que ligava o Paraguai a São Paulo e Rio de Janeiro passou a ser utilizada para o tráfico de armas de guerra (fuzis AK-47, AR-15, granadas, bazucas antiaéreas, metralhadoras, de uso reservado das Forças Armadas, granadas, armas antiaéreas, etc.) com as quais as quadrilhas e facções confrontavam-se e enfrentavam a polícia.

Em meados dos anos 1990, das dissidências ao CV surgiram novas facções: Comando Vermelho Jovem (CVJ), Amigos dos Amigos (ADA) e Terceiro Comando Puro (TCP), acirrando as disputas violentas pelos pontos de venda de drogas.

Traçada a trajetória da origem e expansão do narcotráfico, resta-nos abordar a participação de agentes estatais nesta engrenagem. Marcelo Navarro de Moraes (2006) afirma que os recursos financeiros necessários ao abastecimento de drogas e armas envolve uma rede de relacionamentos e poderes, o que decorre da corrupção de agentes estatais e maciços investimentos de membros das classes social e politicamente mais favorecidas, a quem competem os lucros. Os agentes do tráfico das favelas limitam-se ao varejo da droga e estão sujeitos à prisão ou morte.

Moraes (2006) postula que agentes estatais, sobretudo das forças armadas e policiais, são os primeiros a lucrar com o fornecimento de armas aos narcotraficantes. Mas, pontua o autor, cabe à indústria bélica transnacional (Estados Unidos, Israel, Rússia, Alemanha e Suíça) o maior filão de lucros, ao produzir legalmente armas, mas que ao final são utilizadas clandestinamente pelos agentes traficantes e pela polícia.

Ao investigarmos a rota do tráfico de drogas e armas, almejávamos contextualizar e relativizar a participação dos traficantes de drogas neste circuito. De um modo geral, a opinião pública os tem como os únicos responsáveis pelo incremento da violência urbana, clamando pela sua punição. Cotidianamente, eles aterrorizam os habitantes e turistas da cidade e, no desempenho de suas atividades ilícitas, cometem, frequentemente, crimes hediondos, matando e torturando barbaramente por motivos, muitas vezes, fúteis. Do mesmo modo, em sua grande maioria, têm uma vida breve.

Também nas favelas, seus moradores são expostos a uma sociabilidade muitas vezes forçada, expostos à lei do silêncio. Qualquer ato interpretado como traição, exposição e delação pode lhes ser fatal.

Por outro lado, como vimos, há uma rede de familiaridade entre moradores e traficantes nascidos e criados nas favelas onde atuam, os quais se beneficiam desta rede de relações em proveito próprio.

O mundo do narcotráfico é caracterizado por uma hierarquia. Os donos da *boca* (ponto de comercialização de drogas) são o grande alvo das incursões policiais. A fim de protegê-los é instituída a lei do silêncio nas favelas.

Normalmente, aqueles que se situam na base da hierarquia, mais expostos, são capturados, presos e assassinados, em confrontos entre rivais

ou com a polícia. Muitos donos da *boca* estão comandando de dentro dos presídios, até conseguirem comprar sua liberdade ou serem assassinados por membros de outras facções.

Aqueles que mais lucram com essa atividade estão ocultos, acumulando dinheiro, prestígio e poder. Outros tantos se corrompem, alimentando este circuito, sem o qual esta engrenagem emperraria.

Voltando aos nossos entrevistados, suas narrativas revelam que, no Morro do Fallet, o tráfico é comandado pelo que normalmente se denomina de “crias da comunidade”. São os meninos que não os incomodam, apenas escolheram aquela vida... São respeitosos com os moradores e segundo seus relatos, não ameaçam a comunidade. Porém, esta teme falar...

Ao serem questionados, nossos entrevistados dizem que a comunidade não comparece às reuniões na Associação de Moradores, muito menos nas reuniões agendadas pelo comando da UPP, por medo de retaliações.

Esses antigos moradores, lideranças locais, declaram não “ter papas na língua” e falam acerca de qualquer coisa, em qualquer lugar. Porém, a certa altura do grupo focal, um dos entrevistados, imediatamente após ter enunciado que ele pode falar sobre qualquer assunto, hesita em dizer algo, silencia e conclui sua frase, dizendo: -“eles sabem o que eu falo”... (turno 195).

194 **SILVANA:** Os funcionários da firma são todos nascidos aqui também?

195 **HELINHO:** A maioria, a maioria por isso que aqui nunca mudou. A diretoria?... É toda daqui. Nunca mudou, nunca mudou, a gente conhece desde que nasceu. Então, quer dizer, eles sempre respeitaram a gente. Então a gente fala... Eu, por exemplo, falo o que quero. Então, tem ... Já os meus filhos [dizem] que eu falo demais. Eu não falo demais. O que eu falo... Eles sabem o que eu falo. Não quero saber o que eles fazem ou deixam de fazer. Então até nisso tudo, isso aqui é o melhor lugar do mundo!

Teria, então, esta frase silenciada alguma ligação com a “brincadeira” que ocorrera nos momentos iniciais do grupo focal, acerca do “sumiço do Amarildo?”²³. Qual teria sido o significado desta frase proferida por Helinho?

Estaríamos, de algum modo, sendo poupadas de certas revelações que nos seriam de difícil digestão? Sua escolha por silenciar essa informação

²³ Caso recente, amplamente noticiado e comentado meses antes da realização do Grupo Focal, em que um morador da favela da Rocinha, desaparecido. O caso teve grande repercussão e a frase “Onde está Amarildo?” foi amplamente veiculada na mídia. Dias depois, seu corpo foi encontrado com marcas de tortura física, cometida pela polícia da UPP.

omitida poderia ter como origem, a autopreservação? Quem sabe, diante da incerteza da nossa compreensão, o silêncio lhe teria acenado como uma saída mais plausível? Ou, estaríamos diante das zonas de sombra, silêncios, "não-ditos", do que Pollak (1989) descreveu como derivadas daquilo que o sujeito não confessa a si mesmo e tampouco considera adequado transmitir? Talvez, seu silêncio afinal, poderia ter como fundamento, como o referira Pollak, uma reflexão sobre a utilidade ou não, de se falar a respeito de algo especificamente.

Conforme relatado por Helinho, o tráfico continua ativo no Fallet (turno 599: "o tráfico continua aí. Devagar, mas continua"). Do vendedor varejista para os consumidores locais aos grupos criminosos organizados, a vida cotidiana no Fallet foi atravessada pela rotina dos tiroteios, enterrando semanalmente muitos de seus moradores, ligados ou não, ao tráfico, como vimos.

Tais acontecimentos marcaram o início da decadência do Fallet, que passou a ser veiculado pela mídia como um lugar violento²⁴, com serias consequências para o lugar e seus moradores, provavelmente alterando a sua experiência de lugar e os sentidos atribuídos ao lugar habitado, o que inferimos, tenha repercutido sobre a identidade deste lugar e sobre as configurações identitárias de seus moradores.

A este respeito, esses senhores revelam que a vida social dos habitantes daquele lugar que, até então, configurava-se como bairro tranquilo e próspero, foi sofrendo drásticas alterações, a começar pela decisão de se fechar o clube, invadido pelos traficantes para suas festas privadas. Aos poucos, suas atividades esportivas e culturais foram encerradas, estando presentes apenas em suas memórias.

Helinho sintetizou o que para ele representou esse momento no passado, dizendo que, por conta disso, pensou algumas vezes em deixar o Fallet:

²⁴ São inúmeras as notícias veiculadas sobre a violência do Fallet. A título de exemplo, destacamos um acontecimento pouco após a instalação da UPP, noticiado em 13/09/11 e extraído em 17/10/2013: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,pm-atingido-em-tiroteio-no-rio-esta-tetraplegico-informa-secretaria,772092,0.htm>>; e outro mais recente, ocorrido em 18/10/201 e extraído em 16/01/2016: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/novo-tiroteio-termina-com-baleados-no-morro-do-fallet-rio.html>>.

110 **HELINHO:** Nós passamos uma fase difícil, quando o tráfico estava bravo. Agora, graças a Deus, melhorou muito, mas antes... Não que os meninos incomodassem a gente, eles não incomodavam, mas o reflexo, né? A gente levava as sobras.

Possivelmente, o reflexo, as “sobras” a que ele se refere representam as consequências para os moradores, da guerra entre as facções inimigas e os tiros trocados não apenas com traficantes, como também com a polícia.

Estas “sobras”, inferimos, foram a causa das incontáveis mortes a que Coelho se referiu. As narrativas, abaixo, revelam suas lembranças a respeito deste momento vivido no passado e ajudam-nos a compor uma atmosfera da vida naquele tempo e naquele espaço afetivo, acerca dos sentimentos e dos significados atribuídos por estas pessoas ao Fallet então transformado em campo de batalhas.

291 **COELHO:** [...] eu chorei muito, eu chorei muito... Por quê? Quem é que fazia os enterros?

292 **HELINHO:** Walter.

293 **COELHO:** Eu. Eu fazia os enterros!

294 **HELINHO:** Geral

295 **COELHO:** E eu fui levar muita gente ao cemitério. Muito jovem....

296 **HELINHO:** Enterro e remoção também, né Walter? Do local pra lá.

297 **COELHO:** Então. Muito jovem que eu vi nascer, ser criado ali e... daqui a pouco, tava morto, baleado ali. Morador baleado, morto.

Podemos inferir quanta dor este senhor sentiu neste longo período em que viveu tantas perdas, tantas vidas ceifadas. Quanta tristeza e desconsolo em razão do extermínio de tantos de sua comunidade, seus vizinhos, amigos, os meninos que viu nascer, correr, brincar por ali, tantas vidas desperdiçadas, de gente querida...

309 **COELHO:** [...] O sujeito atirava, você descia.... lá do outro morro, [o sujeito] atirava em cima do morador

311 **COELHO:** Morriam quatro, cinco, seis por semana... tu tava no cemitério, tava feio, tava morto. [...] Como eu disse, a comunidade em si, como já falamos aqui, é uma família [...].

Nestas elocuições acima, Coelho se constrói discursivamente como uma pessoa-chave na comunidade, a quem todos pedem auxílio em situações extremas. É ele quem resolve os problemas de toda ordem, inclusive atendendo aos chamados que tanto lhe ferem, ao ser mobilizado para retirar os corpos sem vida de seus vizinhos, dos jovens que viu crescer, mortos em uma

guerra incessante. Sua extrema presteza e solidariedade, que ele pratica desde menino, como vimos, oferecem consolo e condições materiais para fazer os enterros de todas as vítimas do tráfico.

As narrativas sobre esse triste capítulo de suas vidas foram coconstruídas por todos eles. E como, ao relatar uma experiência, a revivemos, este momento do grupo focal foi marcado pela comoção. Não sabemos exatamente os significados atribuídos por eles a este momento de partilha coletiva, em que se deu um certo desabafo. Apenas supomos que, de algum modo, eles puderam conjuntamente ressignificar essa etapa de suas histórias de vida e, através da qualidade da relação, da intensidade emocional vivida neste momento de troca, eles tenham vivido uma reconfiguração de suas identidades-rizoma e intensificado seus laços de companheirismo e amizade.

Em muitos momentos da entrevista, esta amizade entre todos foi enaltecida, assim como as bênçãos de se viver naquele lugar. Mas aquele espaço afetivo, protagonizado como “o melhor lugar para se viver” constituiu-se também como palco de tensões, de conflitos sangrentos. Não sabemos como estes senhores vinham, até então, discursivizando esta etapa de suas vidas, como dela se recordavam e com quem partilhavam suas lembranças destes tempos difíceis. Possivelmente, esta partilha em grupo destas tristes recordações possa ter-lhes marcado de um modo tal, que dela só perceberão seus reflexos em suas próprias narrativas.

É Coelho quem inicia o relato da pesarosa rotina de um passado recente, em que ocorriam vários turnos de tiroteios diários. Seus amigos vão, um a um, coconstruindo estas narrativas:

- 298 **COELHO:** Havia tiroteio de manhã. Seis horas da manhã, Sete horas da manhã, tiroteio. Onze horas, meio-dia, tiroteio. Cinco horas da tarde, tiroteio. Era entre ...
 299 **DIANA:** Assim com hora marcada, é?
 300 **CACÁ:** Quase quatro em quatro horas
 301 **COELHO:** É. Tinha sessão da manhã, sessão da tarde, sessão....
 302 **HELINHO:** Inclusive aos domingos, inclusive aos domingos...
 303 **COELHO:** Não, não tinha dia...
 304 **HELINHO:** Não tinha dia, não

A frequência intensa e constante dos tiroteios nos leva a imaginar que, de um certo modo, os moradores viviam prisioneiros, pois ao entrar e sair da comunidade, conforme seus relatos, moradores eram alvejados

indiscriminadamente. Sua movimentação e trânsito para fora dos limites de seu território, pelo que parece, significava um risco de vida constante.

Joel coloca em cena esta dramática situação ao relatar um episódio ocorrido com ele, em meio as suas tentativas de driblar o inimigo diariamente, nas idas e vindas entre sua casa e o trabalho:

- 383 **JOEL:** É porque [...] eu trabalhava, saia de madrugada ...
 387 **JOEL:** Aí, o que acontecia? Pegar no horário da manhã, tinha que descer três e meia da manhã... Aí, quer dizer, com aquele tiroteio não dava pra mim trabalhar nesse horário [...] uma vez, não tinha como eu mudar o horário, aí tinha que pegar de manhã. Aí descendo, ali na [Rua] Itapiru, [...] num sábado... Acho que era um baile que tinha ali na Mineira [...] veio uma turma... aí quando me viu, falou: -“Ei,ei,ei!”. O que que eu fiz? Ah, mermão! Corri muito! Não sei o que eles queriam comigo. [...]
 388 **COELHO:** Tinha que correr, sim.
 389 **JOEL:** Corri muito. Sai correndo.
 390 **COELHO:** Mas correu risco de ser baleado, né?
 391 **JOEL:** Mas o que é que ia fazer? Ficar ali parado? Tinha, acho, mais de trinta!

Nestas narrativas estão impressos o drama, o pavor vividos por Joel ao sair para trabalhar de madrugada, no exato momento em que um grupo o aborda. Joel inferiu que estivessem vindo de um baile, no Morro da Mineira, famoso por seus bailes *funk*. Nesse caso, estes seriam moradores de um morro dominado por uma facção do narcotráfico inimiga à facção do Fallet. Joel, como todos os moradores de favelas ocupadas pelo tráfico, sabe que não é preciso pertencer ao tráfico para ser considerado inimigo e, portanto, abatido por uma gangue rival. Basta ser morador “do lado errado”, no momento em que se cruzam nas ruas, ou que se está sob a mira de quem está empunhando os fuzis no morro oposto. Joel, neste episódio, contou com suas únicas armas: suas pernas, seu fôlego e seu instinto de sobrevivência, aliados ao desejo de viver.

Joel conseguiu fugir e sair ileso deste confronto, mas em seguida ao seu relato, os demais participantes acrescentaram experiências de natureza semelhante, com finais trágicos:

- 394 **CACÁ:** E teve uma covardia, que foi um garçom, chegando duas horas da manhã, chegando do trabalho...
 396 **JOEL:** Mataram o rapaz.
 397 **CACÁ:** Um garoto do outro morro perguntou: -“onde tu mora?” / – “moro lá” / – “Então corre”. Então, ele correu... e atirou nele. Ainda tentaram socorrer [...] mas...
 398 **COELHO:** O outro também... Botaram pra correr e...
 399 **CACÁ:** E ele morreu porque mora em outro lugar. Se ele dissesse assim: -“não, eu moro aqui no Querosene, ou então eu moro ali na Mineira, ou então, eu moro...”

- 400 **COELHO:** Aquele das lavadeiras também, botaram ele pra correr, ele correu e caiu aqui morto dentro do [rio] Papa-Couve...
- 402 **COELHO:** E o daqui também matava o que morava lá. Não era só o de lá, não. O daqui também fazia [...].

Presenciamos nestas narrativas, a banalização e a arbitrariedade para com relação à vida alheia, a covarde demonstração de poder pelo uso das armas apontadas para inocentes desarmados, mortos, baleados pelas costas, quando reuniam todas as suas forças e esperanças de sobreviver, em meio a este cruel e sangrento cotidiano dos moradores do Fallet e de outras favelas dominadas pelo tráfico, desde os anos 1980, até pouco tempo atrás.

Episódios semelhantes ocorriam frequentemente em muitas áreas da cidade, em que cada facção revelava seu poderio bélico às facções inimigas, em razão da disputa pelo território. Mas, na tentativa de manter o poder, era preciso colocar a roda sempre em movimento, ou seja, seu arsenal precisava ser exibido e utilizado frequentemente, a fim de intimidar o inimigo, em demonstrações cotidianas de sua força e poder.

Assim, esta estratégia sangrenta vinha ceifando vidas constantemente, independentemente de as vítimas constituírem-se em inimigos ou não. Bastava que habitassem no território inimigo para que fossem cruelmente abatidas, independente de faixa etária, sexo ou condição social e vinculação ou não com o narcotráfico.

Deste modo, a estratégia anunciada do projeto das UPPs pretendeu intervir exatamente no que se considerava o núcleo central do poder do tráfico de drogas. Retirando-lhes seu arsenal, infere-se, os traficantes dariam continuidade aos seus negócios, mas de modo a preservar vidas. Segundo declarações do secretário de segurança pública à frente do projeto, este não visa extinguir o tráfico de drogas, uma vez que o próprio consumo gera uma constante demanda que não cessaria com as intervenções planejadas no momento.

Ao que tudo indica, seja pelas estatísticas, seja pelos depoimentos de moradores de várias favelas que receberam UPPs (RODRIGUES e SIQUEIRA, 2012), seja pelas narrativas dos entrevistados no grupo focal, este objetivo foi alcançado: não apenas percebe-se uma redução significativa da presença de armamentos, como, principalmente, do número de óbitos de moradores.

Inferimos, pois, que apesar do desconforto e tensão proporcionados pela presença permanente de policiamento nestas favelas, esta talvez esteja sendo tolerada por parte destes habitantes, em razão da preservação de suas vidas e de sua liberdade de ir e vir, sem serem expostos à linha de tiros que os abatiam diariamente. Assim, há um percentual de moradores gratos pelas vidas preservadas, como é o caso de Coelho.

A esta altura é preciso que recordemos que os narcotraficantes do Fallet são os meninos que a comunidade viu nascer e crescer ali brincando, como já relatado, filhos e netos de pessoas caras à comunidade. São assim denominados, “crias da comunidade”.

Natos no Fallet, suas mortes são choradas como a de outros moradores. Era também a eles que Coelho se referia tão enfaticamente, ao narrar que fazia de quatro a seis enterros por semana, de garotos que lhe causava tanta tristeza ver-lhes ali, baleados. Para a comunidade, portanto, eles não representam o inimigo violento e temido. Como na canção de Chico Buarque de Holanda (1981), cada um deles é “O meu guri”.

Chega no morro com o carregamento
 Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
 Rezo até ele chegar cá no alto
 Essa onda de assaltos tá um horror
 Eu consolo ele, ele me consola
 Boto ele no colo pra ele me ninar
 De repente acordo, olho pro lado
 E o danado já foi trabalhar, olha aí
 Olha aí, aí o meu guri, olha aí
 [...]
 Chega estampado, manchete, retrato
 Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
 Eu não entendo essa gente, seu moço
 Fazendo alvoroço demais
 O guri no mato, acho que tá rindo
 Acho que tá lindo de papo pro ar [...]

E este apreço pelos meninos, conforme relatado na seção anterior, é que atravessa as relações entre moradores e policiais. Por um lado, aqueles temem ser confundidos ou qualificados pelos traficantes como delatores (vulgo X-9) e sofrer retaliações simplesmente por cumprimentar um policial (denominado como “verme”). Por outro, a indisposição de muitos moradores

para travar qualquer contato com os policiais deve-se a um vínculo de proximidade, que pode, ainda, lhe propiciar favorecimentos especiais.

621 **COELHO:** [...] Tem aquele morador, que ele é beneficiado pelo... Pela firma. Então, pra ele, [...] qualquer movimento que o policial faz, pra ele já é negativo e aí cria os conflitos...

622 **CACÁ:** Ô Coelho, mas se tem esse morador... [o comandante da UPP] ele tem esse mecanismo pra prender esse morador por associação com o tráfico [...]

Neste instante, são novamente colocados em cena os atravessamentos com que a PM se depara ao tentar coibir o narcotráfico. A comunidade toma partido dos meninos, e provavelmente os defende, oculta-lhes o paradeiro e hostiliza os policiais que, por sua vez, acabam adotando estratégias da “velha polícia”, que nada tem a haver com a atual proposta da “polícia de proximidade”, agredindo os moradores que [supostamente] têm vínculos com os meninos. Como referido por Cacá, abaixo, a PM chega “dando tapa na cara do morador”.

623 **COELHO:** É ... Mas o morador agride Cacá, o morador agride...

624 **CACÁ:** Ele pode achar que se você... é...é... Protege o tráfico, ele deve achar que eu e você tem que tomar tapa na cara, tem que ser insultado...

625 **COELHO:** Mas porque agride o policial, Cacá ... o morador agride o policial, o morador não respeita o policial...

Desejando entender melhor estes nuances, Diana perguntou-lhes se já houve casos em que moradores que não possuem ligações com o pessoal do tráfico foram agredidos pelos policiais.

626 **DIANA:** Mas deixa eu perguntar uma coisa: vocês já ouviram alguma história de moradores que não tem essa relação com a firma e que mesmo assim, já sofreram violência?

627 **CACÁ:** Já, teve, teve

628 **DIANA:** É isso o que importa

629 **COELHO:** Não... Não

630 **CACÁ:** Desse novo comandante, eu... Que eu tô me lembrando, não. Mas antes... Eu já sofri retaliação!

Ora, se até Cacá chegou a sofrer retaliação, imaginemos o que já pode ter ocorrido com o morador comum. Mas, estes relatos parecem apontar que o uso de violência ocorrera nas gestões anteriores ao lidarem com os vários atravessamentos no enfrentamento ao tráfico de drogas na região e que o

então comandante²⁵ afinava-se com os objetivos e propostas da “polícia de proximidade”.

Nesta teia de relações comunitárias, julgamentos precipitados podem ter consequências drásticas e/ou duradouras. Helinho relatou que, no passado, Walter patrocinava projetos sociais para os segmentos mais carentes da localidade, cujas áreas eram apontadas como favela.

Vimos que esta atitude resultou no afastamento de moradores da região do Fallet Amavale, que jamais participaram das reuniões da Associação de Moradores, uma vez que esta, inicialmente, como vimos, localizava-se na área tida como favelizada. Além disso, revela-nos Helinho, estes moradores da região do Amavale criticavam as ações sociais de Coelho e o acusavam de proteger o tráfico.

599 **HELINHO:** E a reunião da Associação se resume no Cacá, o Joel, o tesoureiro e eu, que não estou vindo. E o morador não vem por causa disso. Entendeu? Como na época do Walter aqui, que o Walter foi presidente da Associação e eu também era vice, o pessoal achava que o Walter defendia o pessoal ... Que o Walter era envolvido com o negócio... Não, o Walter queria a paz, o Walter queria evitar o confronto.

Prosseguindo em suas narrativas, Helinho descreve o perfil do jovem morador viciado em crack, baderneiro, que incomoda os demais moradores, como já exposto por Juca e que entra em atrito com os policiais:

599 **HELINHO:** [...] E também tem essa garotada que usa crack. Tanto de fora, como alguns daqui. Então, eles perturbam. Se tiver uma festa, se tiver uma coisa, eles perturbam, entendeu? E cria... Um ambiente ruim.

666 **HELINHO:** como o Coelho falou, há o morador que por ser viciado, ou por outro motivo qualquer, provoca os PMs, provoca, não fala direito com eles e anda sem documento, sem nada, largado, entendeu? Que é uma farda: sandália de dedo, sem camisa ou com a camisa nas costas, mal vestido, barbudo, não tem documento, “Ah, eu sou de menor”.

Nesta seção, procuramos traçar um panorama da presença do narcotráfico na região do Complexo do Fogueteiro e Fallet Ocidental, sua inserção na comunidade, suas teias de relações, suas estratégias de intimidação, coerção e de sobrevivência, seu *modus operandi* em relação aos

²⁵ O comandante a que eles se referiram era o Major Renato Senna, na ocasião, o terceiro, bastante elogiado pelos entrevistados (turnos 589, 593 e 599). Atualmente, o comandante é Capitão Alexandre Silva Frugoni de Souza.
<http://www.upprj.com/index.php/informacao/informacao-selecionado/ficha-tecnica-upp-coroa-fallet-e-fogueteiro/Coroa%20%7C%20Fallet%20%7C%20Fogueteiro>. Extraído em 25-01-2016.

inimigos, a fim de que possamos levantar algumas considerações acerca das peculiaridades que envolvem este complexo sistema.

Além disso, destacamos nesta seção, as identidades-rizoma dos moradores do Fallet, suas redes de relações e pertencimento e os conflitos existentes. O Fallet discursivizado é um lugar de paz, de guerras sangrentas entre jovens armados, em meio à impotência de moradores, trabalhadores, crianças, jovens cooptados pelo narcotráfico, habitantes insultados pela polícia, com seus direitos fundamentais violados e antigas lideranças que se empenham em defender o território e os seus moradores, armados com sua solidariedade e coragem, o que permite a sua circulação em todos estes ambientes e vínculos com moradores de cada um destes lados em conflito – dos *glamourosos* antigos moradores e orgulhosos descendentes dos pioneiros, aos jovens viciados em crack e com sua indumentária costumeira, apontada por Helinho.

Levando-se em conta as seções deste capítulo, podemos inferir que o projeto de segurança proposto pelas UPPs enfrenta muitos desafios, a começar pela própria corporação policial e suas vicissitudes. A questão ganha novos contornos ao considerarmos a imensa rede em que se situa o narcotráfico, em que as atuais estratégias para o seu enfrentamento esbarram nos direitos das pessoas que habitam nas circunvizinhanças dos traficantes.

Destacamos duas das muitas críticas ao projeto das UPPs. João Pacheco de Oliveira (2014) adverte que o termo "comunidade pacificada" subentende não apenas o local onde foi realizado um programa ou ação militar visando ao controle do crime organizado, mas também uma ação que se estenderia aos seus moradores e suas condições de vida, resultando em ações repressivas e de controle social, além da violação dos seus direitos constitucionais.

Por sua vez, Luiz Antônio Machado da Silva (2010) argumenta que quando se prioriza a atuação policial visando à resolução de questões sociais, faz-se, na verdade, uma opção pelo controle e criminalização, indiscriminadamente, da população que habita em áreas de extrema pobreza e que convive nas proximidades dos traficantes de drogas.

2.5 As UPPs como política de Estado: A UPP Coroa, Fallet-Fogueteiro

Figura I – Sede da UPP – Fallet / Foqueteiro / Coroa



Nesta seção, apresentamos o projeto de segurança pública destinado às favelas onde há presença do narcotráfico fortemente armado, segundo o discurso oficial e pelo viés de cientistas sociais que se dedicam a pesquisar as favelas, visando *identificar como o Fallet é narrado pelos seus moradores, enquanto lugar de tensões e apaziguamentos*, de acordo com o Bloco Temático relacionado à “UPP”.

Encontramos tanto no site oficial das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs)²⁶, quanto no site da Secretaria de Segurança Pública (SESEG)²⁷, informações bastante superficiais sobre o que elas são e como foram criadas:

A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) é um dos mais importantes programas de Segurança Pública realizado no Brasil nas últimas décadas. Implantado pela Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, no fim de 2008, o Programa das UPPs - planejado e coordenado pela Subsecretaria de Planejamento e Integração Operacional - foi elaborado com os princípios da polícia de proximidade, um conceito que vai além da polícia comunitária e tem sua estratégia fundamentada na parceria entre a população e as instituições da área de Segurança Pública.

²⁶ http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp. Extraído em 17/01/2016.

²⁷ <http://www.rj.gov.br/web/seseg/exibeconteudo?article-id=1349728>. Extraído em 17/01/2016.

A primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), vinculada à Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, foi implantada no Morro Santa Marta, localizado em Botafogo, em 19/12/2008, sendo que o Decreto nº 41.650²⁸, que “dispõe sobre a implantação, estrutura, atuação e funcionamento” foi publicado em 21 de janeiro de 2009 e editado em 22 de janeiro de 2009, através do Decreto nº 41.653, o qual estabelece pagamento de gratificação de R\$ 500,00 (quinhentos reais) mensais para todos os policiais designados para as UPP’s.

O decreto sofreu nova alteração pelo decreto nº 42.787 de 06 de janeiro de 2011²⁹, que dispõe sobre a estrutura, objetivos e organização do programa de pacificação. O artigo 1º determina que as UPP’s destinam-se a aplicar a filosofia de Polícia de proximidade nas áreas designadas para sua atuação. O parágrafo primeiro estabelece três critérios para a sua implantação: a) comunidades pobres; b) baixa institucionalidade e alto grau de informalidade; c) instalação de grupos criminosos ostensivamente armados.

O parágrafo segundo estabelece os objetivos das UPPs: a) consolidar o controle estatal sobre comunidades sob forte influência da criminalidade ostensivamente armada; b) devolver à população local a paz e a tranquilidade públicas necessárias ao exercício da cidadania plena que garanta o desenvolvimento tanto social quanto econômico.

Nascimento (2013) esclarece que a implantação da UPP é um processo que ocorre em várias fases e envolve diferentes setores. A primeira delas é o reconhecimento, pelo serviço de inteligência, das áreas que precisam ser retomadas e pacificadas.

De acordo com os critérios apontados no Decreto nº 42.787, de 06 de janeiro de 2011, artigo 2º, o Programa de Pacificação segue as seguintes etapas³⁰:

²⁸ http://www.ioerj.com.br/portal/modules/conteudoonline/view_pdf.php?ie=NDMyOA==&ip=NA==&s=NDA0M2RhZGM4NmE5ZmQ3NmFmNTQ0MDY5OWM5MzZhOWM=. Em 17/01/2016.

²⁹ http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/DecretoSeseg42.787Upp.pdf. Extraído em 17/01/2016.

³⁰ http://www.normasbrasil.com.br/norma/decreto-42787-2011-rj_158962.html. Publicado no DOE em 07 jan 2011 Extraído em 12/01/2016.

I – INTERVENÇÃO TÁTICA – Primeira etapa, em que são deflagradas ações táticas, preferencialmente pelo Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), pelo Batalhão de Polícia de Choque (BPChoque) e por efetivos deslocados dos CPA, com o objetivo de recuperar o controle estatal sobre áreas ilegalmente subjugadas por grupos criminosos ostensivamente armados.

II – ESTABILIZAÇÃO – Momento em que são intercaladas ações de intervenção tática e ações de cerco da área delimitada, antecedendo o momento de implementação da futura UPP.

III – IMPLANTAÇÃO DA UPP – Ocorre quando policiais militares especialmente capacitados para o exercício da polícia de proximidade chegam definitivamente à comunidade contemplada pelo programa de pacificação, preparando-a para a chegada de outros serviços públicos e privados que possibilitem sua reintegração à sociedade democrática. Para tanto, a UPP contará com efetivo e condições de trabalho necessário ao adequado cumprimento de sua missão.

IV – AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO – Nesse momento, tanto as ações de polícia pacificadora, quanto às de outros atores prestadores de serviços públicos e privados nas comunidades contempladas com UPP passam a ser avaliados sistematicamente com foco nos objetivos, sempre no intuito do aprimoramento do programa. (s/p)

Houve uma nova alteração pelo decreto nº 44.177 de 26 de abril de 2013³¹, publicado no D.O. de 29 de abril de 2013.

As UPP's possuem um arcabouço jurídico que lhes conferem segurança jurídica ao projeto e sua continuidade. A Lei Estadual nº 5890, de 14 de janeiro de 2011³², estabelece critérios para a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora no Estado do Rio de Janeiro. A referida lei determina que o poder público, em parceria com os demais órgãos do governo e com as prefeituras, depois de instalada uma UPP em uma favela dominada pelo narcotráfico, milícias ou outras organizações criminosas, deve disponibilizar os serviços públicos essenciais à população em até 120 dias. A lei, em seu artigo 6º, destaca os serviços a serem implementados:

I - a instalação de creches e escolas do ensino fundamental e médio, de acordo com a demanda local;

II - a construção de áreas de lazer, quadras poliesportivas e equipamentos culturais, acompanhados de projetos esportivos e culturais;

III - a implantação de unidades da FAETEC e de programas de estudo dirigido no contraturno, de acordo com a demanda local;

IV - a viabilização do acesso gratuito e coletivo à internet sem fio, de rede da energia elétrica e de saneamento básico;

V - a garantia de acesso a programas de 1º emprego pelos jovens.

³¹ http://www.ameriodedejaneiro.com.br/PDF/decreto_UPPS.pdf

³² <http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/1026543/lei-5890-11>. Extraído em 12/01/2016.

Na introdução do livro “A UPP veio para Ficar”, publicado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro³³ (s.d., p. 7), o projeto é apresentado como “a nova Política de Segurança Pública do Governo do Estado do Rio de Janeiro”. O texto refere que esta se apoia em bases “sólidas”, a partir dos quais foram estabelecidas novas e “sólidas parcerias, nos setores públicos e privados”. Estas estabeleceram “grandes e definitivas conquistas sociais”, proporcionando o “resgate do Rio de Janeiro como Estado forte”. Prosseguindo, o texto sinaliza que “o Rio de Janeiro voltou a ser ‘a melhor cara do Brasil’” e refere o grande apoio que lhe é conferido pela população, obtendo “credibilidade nacional e internacional”. Dentre os objetivos desta “nova Política de Segurança Pública”, o texto destaca: a “retomada dos territórios conflagrados e antes dominados pela bandidagem e pelo tráfico de drogas”.

E, na página 117, declara-se que além de expulsar os “bandidos e recuperar os territórios”, o projeto tenciona “ocupar o vazio deixado pelo poder público nos últimos quase 40 anos, com projetos sociais, esportivos e culturais, serviços de toda ordem, cursos profissionalizantes e infraestrutura”:

Trata-se de romper definitivamente com uma cultura voltada para a guerra e arraigada ao longo de décadas de violência. As mudanças em andamento na Área de Segurança Pública do Rio contribuíram decisivamente para que o Rio de Janeiro conquistasse o direito de sediar grandes eventos internacionais, como os Jogos Mundiais Militares, em 2011, a Conferência do Clima, Rio+20, em 2012, a Jornada Mundial da Juventude, em 2013, a Copa do Mundo, em 2014, e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, em 2016.

No rastro desses megaeventos e de tantos outros já confirmados, como congressos e feiras mundiais dos mais diversos setores, o Estado está investindo em obras estruturantes e áreas como o turismo e a construção civil crescem exponencialmente, ao lado de outros segmentos econômicos que agora encontram no Rio de Janeiro um ambiente favorável para investir e crescer (s.d., p. 119).

As UPPs são apresentadas enquanto “representação de segurança, cidadania, presença de serviços públicos, projetos sociais e oportunidades de desenvolvimento social e econômico”, destacando-se o resgate da confiança na polícia.

A Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro admite que esta não é uma solução definitiva, pois há um longo trajeto de

³³ www.seguranca.rj.gov.br. Governo do Estado do Rio de Janeiro. **A UPP veio para Ficar**. Rio de Janeiro, s.d., passim.

recuperação da cidade do Rio de Janeiro a ser percorrido e, para tal, é necessário aperfeiçoar o modelo das UPPs, a partir da criação de “oportunidades de inserção social e profissional”, assim como de oferta de “serviços básicos de saúde, educação e infraestrutura de qualidade e ampliando direitos e responsabilidades” (s.d., p. 119).

Apresentado como prioridade absoluta do novo governo que assumiu o Estado do Rio de Janeiro, o combate à criminalidade exigiu pesados investimentos em tecnologia, formação de novos policiais, combate à corrupção em todos os níveis das Polícias Civil e Militar.

Concebido em 2007, a partir de um amplo planejamento, envolvendo diferentes setores da área de Segurança Pública, este projeto teve início pelo reconhecimento das localidades que precisavam ser retomadas e pacificadas. Os critérios adotados foram a ausência do poder público, um alto grau de informalidade e a presença criminosos e de arsenal de armamentos letais.

Em 2008, o trabalho de pacificar comunidades, que há décadas eram dominadas por criminosos, foi iniciado. A retomada do território era feita após a chegada das forças especiais, com o objetivo de desestimular a reação dos criminosos.

A polícia é apresentada como “parceira do cidadão”, uma vez que a proposta das UPPs é que elas “cuidem das pessoas”. O papel da polícia que, até então, era o de enfrentamento, passou a ser o de preservação da vida e da liberdade.

O programa, que pretendia implantar 40 UPPs, até fevereiro de 2016 contabiliza 38 unidades instaladas. A UPP Coroa / Fallet-Fogueteiro foi instalada em 25/02/2011.

A proposta de atuação da Polícia Pacificadora é respeitar a cultura e as características de cada comunidade e, a partir do diálogo, aumentar a interlocução e favorecer o surgimento de lideranças comunitárias.

Dentre as conquistas já realizadas, o texto destaca a queda dos índices de criminalidade, grande apoio da população local e o aumento da sensação de segurança que, por sua vez, tem proporcionado a valorização imobiliária e um aumento na oferta de produtos e serviços nos bairros onde se inserem as comunidades pacificadas (s.d., p. 23).

A proposta deste projeto de segurança é de atuar em outras frentes para desarticular o tráfico, fechando “o cerco à lavagem de dinheiro e à entrada de drogas e armas no Estado” (s.d., p. 28).

Também graças ao entendimento com o governo federal e ao apoio do poder judiciário, bens estão sendo bloqueados pela justiça e os principais chefes do tráfico e das milícias têm sido enviados para presídios de segurança máxima em outros Estados, ficando isolados e impedidos de continuar a comandar, de dentro da prisão, seus negócios ilícitos. O governo também tem enfrentado sem complacência o Jogo do Bicho, que alimenta toda uma rede de crimes e contravenções (s.d., p. 28).

Mas, a despeito das informações acima, veiculadas pelo governo do Estado, inúmeras críticas têm sido feitas ao projeto. Destacamos algumas:

Rodrigues e Siqueira (2012, p. 13) chamam a atenção para a utilização de termos genéricos como “paz” e “pacificação”, os quais não deixam claras as propostas para a formulação de políticas de segurança pública deste novo “modelo” de policiamento e de segurança pública. Em sua opinião, as UPPs não são nem um programa ou modelo de policiamento, nem de segurança pública e sim, “um conjunto de *experiências* de policiamento”. Situando-as como um *experimento*, eles criticam o discurso oficial, segundo o qual as UPPs são um “modelo” consolidado, que traria a “salvação” para os moradores de favelas.

Além disso, os autores destacam dentre as maiores críticas feitas ao projeto, as que as consideram uma “farsa”, vinculadas ao projeto de cidade, que se preparava para sediar a Copa do Mundo de futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos, em 2016. Este é o argumento corrente entre moradores do Fallet e de outras favelas, temendo que o projeto seja encerrado após estes megaeventos.

A chegada da UPP Fallet-Fogueteiro-Coroa foi aplaudida por alguns participantes do grupo focal, ao passo que esta estratégia de Segurança Pública, aclamada pelos órgãos oficiais como um instrumento propiciador da paz nas comunidades sitiadas pelo narcotráfico foi desde os primórdios da instalação do projeto, criticada por muitos moradores de favelas ditas “pacificadas”, por acadêmicos e pesquisadores. O principal argumento contrário à UPP a situa como um modelo de Gestão Empresarial da Cidade do

Rio de Janeiro, segundo a lógica da ideologia de mercado, enquanto Cidade-mercadoria, ou seja, destinada a atender aos interesses do mercado.

Na Cidade-mercadoria vende-se para o exterior, a imagem de uma cidade atraente para investidores e visitantes, do ponto de vista de seus inúmeros serviços e infraestrutura. No caso do Rio de Janeiro, o modelo de gestão da cidade-mercado vai ao encontro dos preparativos para sediar os Jogos Olímpicos em 2016, colocando-a sob os holofotes como Cidade Olímpica (VAINER, 2013).

Por sua vez e em conformidade com as nossas observações em campo, Rodrigues e Siqueira (2012) esclarecem que as maiores mudanças percebidas pelos moradores de favelas, a partir da implantação das UPPs são o cessar fogo e a presença contínua dos policiais na região. Tais mudanças devem-se ao objetivo das UPPs de interromper o controle territorial armado nas favelas cariocas, praticado pelos traficantes e não, eliminar o narcotráfico, segundo declarações do secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame.

Em razão destes objetivos, o cessar-fogo ocorre desde o momento em que se dá a operação policial que antecede à implantação das UPPs, a fim de evitar o confronto armado. Para tal, facilita-se a fuga de traficantes e a permanência de pessoas com algum tipo de vínculo com o tráfico e que não tenham passagem policial ou anotação judicial. Deste modo, como efeito imediato no cotidiano das favelas, verifica-se a diminuição de mortes violentas.

A abordagem policial, enquanto atividade cotidiana dos policiais das UPPs é um dos aspectos que mais intimidam os moradores, segundo Rodrigues e Siqueira (2012, p. 37). Enquanto um agente do Estado, o policial está autorizado a “usar a força física contra o sujeito abordado”, gerando muitos atritos entre ambas as partes. Nas favelas onde se encontram UPPs, estes atritos são acentuados. Em primeiro lugar, por um histórico de incursões policiais violentas, sobretudo no que se refere ao modo de abordagem de seus moradores. Tal fato é acirrado pelo fato de que nas favelas com UPPs, a abordagem de pessoas é o meio utilizado com o intuito de discriminar os criminosos dos demais moradores.

Em entrevista à Revista Internacional de Direitos Humanos - SUR, Dias (2010) declarou que as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) não podem

ser consideradas como política pública, uma vez que, do ponto de vista conceitual, esta se efetiva com a participação da sociedade civil. No entanto, as UPPs foram planejadas e executadas pelo Estado sem participação social e sem interlocução real com as comunidades onde foram implantadas.

Além disso, aclara Dias (2010), não há uma lei que regulamente as UPPs em seu modelo de ação, limites operacionais e objetivos institucionais. Portanto, conclui Dias, as UPPs são uma política de governo, expressam um projeto do governo do Estado do Rio de Janeiro e estão propensas tanto as suas estratégias quanto aos seus interesses específicos e não devem ser confundidos com os interesses da sociedade e dos direitos humanos.

Outra importante crítica assinalada por Dias (2010) refere-se à presença ostensiva e permanente da polícia armada nas favelas ocupadas pelo narcotráfico, o que implica uma militarização do cotidiano destas comunidades. O que se espera do Estado é que este não utilize a mesma lógica de ocupação armada do espaço urbano.

Outro indício de militarização é que a mediação política da comunidade é feita pela Polícia Militar, ao invés de ser articulada pela associação de moradores ou outras lideranças locais, usurpando a possibilidade de os próprios moradores se organizarem em seu território. Além disso, prossegue-se com a prática criminalização dos moradores, registrando-se aumento de detenção por desacato em áreas de UPP. Finalmente, o projeto da UPP está conceitualmente atrelado à lógica militar de ocupar o território e reconquistar a soberania do Estado por meio da “pacificação” desses territórios (DIAS, 2010, p. 212).

Dias (2010, p. 212) se posiciona esclarecendo que o direito à segurança deve resultar de um conjunto de políticas sociais, das quais a segurança pública seria “apenas um dos meios - e não o único - para garantir a sua efetivação”. Outro aspecto relevante por ele apontado é a ressalva de que não se pode confundir segurança pública com intervenção policial.

Do mesmo modo, Dias (2010) assinala que não houve mudanças em relação à desigualdade e má qualidade dos serviços públicos prestados após as UPPs, nem ocorreu o desenvolvimento de políticas sociais, na esteira das

UPPs. Assim, a desigualdade entre os moradores das favelas e os que vivem no resto da cidade permanece inalterada.

Finalmente, o autor aponta que a UPP está vinculada ao atual modelo de “gestão empresarial da cidade”, associado à realização dos megaeventos esportivos (Copa do Mundo 2014 e Jogos Olímpicos 2016), que resulta na “remoção branca” dos moradores em áreas UPPs, devido ao aumento do custo de vida “sem que houvesse uma contrapartida do Estado na efetivação de políticas públicas consistentes para esses espaços” (DIAS, 2010, p. 212).

Apesar de ser discursivizado pela maioria dos antigos moradores como o melhor lugar para se viver, o Fallet enquanto território constitui-se como um campo de disputas e tensões e, dentro da abrangência de seus limites e fronteiras, são identificados, hierarquicamente, os que integram e os que estão fora do território, ou seja, “nós” versus “os outros” (ELIAS e SCOTSON, 2000).

É neste cenário que se instala uma Unidade de Polícia Pacificadora no ano de 2012. Sua chegada foi aguardada com apreensão, devido a um longo histórico de relações conflituosas, abusivas entre policiais e moradores de favelas, marcadas pela violência e violações de direitos.

As narrativas destes moradores apontam para alguns aspectos que se evidenciam com a instalação da UPP Fallet-Fogueteiro/Coroa. Estas revelam desde as críticas feitas pelo atual presidente da Associação de Moradores ao projeto político no qual a UPP se insere, até a rejeição por parte dos moradores, passando inclusive pela corrupção que resultou no afastamento do primeiro comandante e pela relação carregada de tensões, que levou à transferência do segundo comandante. Esclarecemos, pois, que para efeitos de melhor e mais clara delimitação dos aspectos apontados nestas narrativas, elas serão tratadas em dez subitens, nesta seção.

O primeiro deles refere-se à expectativa e apreensão instalada na comunidade após o anúncio de que a região receberia uma UPP. Coelho relatou que eles criaram uma Comissão de Direitos Humanos para protegerem a comunidade de possíveis abusos cometidos pelos policiais e, através de faixas localizadas nas entradas da comunidade, comunicaram à polícia que os donos do morro são eles, seus habitantes.

- 4 **COELHO:** E agora, como a gente vai falar com a polícia? Quem que vai vim? É CORE, é BOPE? É isso, é aquilo? A gente não sabe quem vem. Pra gente também tentar acertar ... tá. E nessa reunião nós criamos a comissão de ...
- 5 **CACÁ:** de Direitos Humanos.
- 6 **COELHO:** Comissão de Diretos Humanos. Foi criada essa comissão em nome de todo mundo ali. Identidade, CPF de todo mundo, relacionando, entregamos uma cópia no Batalhão local, entregamos uma cópia na sétima DP. E mandamos fazer as camisas: “Amavale, Direitos Humanos”.
- 7 **COELHO:** E agora, como a gente vai falar com a polícia? E aí chegamos à conclusão que era pra fazermos umas faixas, né? E aí fizemos as faixas pra botar nas entradas. Então essa faixa falava assim: “respeito mútuo é a nossa bandeira”. O Bope chegava e metia a bandeira. [Quer dizer, tirava um problema e fazia outro]. Eles diziam que um grupo era o dono da comunidade, mas eles chegavam e botavam a bandeira, quer dizer: -“agora o dono é a gente?!”. Não, não! Não são donos de comunidade, não. Quer dizer: “respeito mútuo é a nossa bandeira”. Já tava o nosso recado lá. -“Nós moradores do Complexo do Fogueteiro respeitamos o trabalho da polícia militar, polícia civil e demais autoridades Federal, Estadual e Municipal. Nós queremos ser respeitados”... mais ou menos ... conforme...

Há provavelmente nesta atitude, a intenção de delimitarem os papéis sociais, as fronteiras e os limites de ação de cada lado: aos moradores, enquanto *estabelecidos* (ELIAS e SCOTSON, 2000) e “donos do morro”, cabe assegurarem-se de terem os seus direitos constitucionais garantidos e, portanto, de serem respeitados em seu habitat e sua liberdade de ir e vir. Aos policiais, enquanto *outsiders* (ELIAS e SCOTSON, 2000), caberia igualmente, o direito de serem respeitados em seu trânsito pelo território para fins de realização de sua atividade profissional, que neste caso, se circunscreve à coibição da posse e ostentação dos armamentos, no intuito de se preservar a paz na comunidade.

No segundo aspecto relativo à chegada da UPP na região, Cacá evidenciou sua visão crítica acerca do peso político inerente a este projeto, situando-o como uma plataforma política do governo de Estado:

- 835 **CACÁ:** [...] O que estraga muito o projeto UPP é o peso político, a dose política que eles botam dentro do projeto. Porque o governador foi reeleito com essa dose política, com essa, com essa...
- 836 **DIANA:** Plataforma!
- 844 **CACÁ:** [...] -“Por que que o comandante pra falar do lixo, se tenho o telefone da Comlurb?” Sabe, é...
- 845 **DIANA:** É, são direitos, né?
- 846 **CACÁ:** É dar poderes pra eles
- 847 **DIANA:** E tem intermediação num espaço que não é deles!

Assim como Cacá, cientistas sociais e políticos, pesquisadores, acadêmicos, estudantes, gestores públicos, ativistas sociais, lideranças comunitárias, moradores da cidade do Rio de Janeiro e demais interessados

nas questões que envolvem segurança e violência consideram a UPP como um projeto de cidade, ou mesmo, uma plataforma política, com vistas à reeleição do então governador do Estado do Rio de Janeiro e com um tempo de vida determinado pelos preparativos e realizações de grandes eventos esportivos na capital carioca, contrariando a versão oficial, que as situam como Política de Estado.

Parece-nos então que a complexidade da questão requer que nos debrucemos sobre ela cautelosa e longamente, pois há muitos fatores envolvidos, conflitos de interesses e uma das críticas mais contundentes às UPPs as referem como um projeto de cidade, que atende aos interesses de uma classe dominante.

Provavelmente, o motivo de tal desconfiança acerca dos propósitos do que Cacá considera mais um programa ou projeto de governo e sua durabilidade, apoia-se em anos de experiência enquanto morador de favela, sazonalmente assediado em épocas de eleição. E, enquanto cidadãos, conhecemos a rotina imposta pela permuta de governos e seus partidos políticos, em que projetos são desmantelados com o fim da vigência de seus mandatos.

O terceiro aspecto abordado em relação à instalação da UPP na região refere-se ao fim dos tiroteios e das mortes violentas, conferindo um significado positivo ao projeto das UPPs pelos participantes do Grupo Focal. No entanto, é preciso que explicitemos que em muitas outras narrativas, foram apresentados argumentos que qualificam negativamente as UPPs, os quais serão abordados em sequência.

Consideramos necessário esclarecermos que este tema surgiu como resposta à pergunta aberta, proposta em nosso tópico-guia: “para você, o que há de melhor e de pior no Fallet, no seu cotidiano?”

Destacamos a resposta do Coelho, em virtude da riqueza de detalhes e profundidade de seu envolvimento emocional ao colocar esta questão em cena, inferindo que, em alguma medida, sua narrativa possa ser representativa das emoções e sentimentos dos demais entrevistados em relação à extinção dos assassinatos.

- 271 **COELHO:** [...] Pra mim, a melhor coisa que aconteceu, está na atual conjuntura, foi a chegada da UPP. Por quê? Ela trouxe paz pra dentro dessa comunidade. Hoje a gente vive tranquilo, acabaram-se aqueles tiroteios terríveis.
- 291 **COELHO:** [...] Com a chegada da UPP isso acabou. Acabou esse tiroteio, acabou. [...] E uma outra coisa, também achei muito importante: eu parei de chorar. Porque eu chorei muito, eu chorei muito... Por quê? Quem é que fazia os enterros?
- 292 **HELINHO:** Walter.

Dentre todas as narrativas, a que mais nos tocou foi proferida por Coelho, ao narrar a situação que se estabelecera no Fallet antes da chegada da UPP. É comovente testemunhar o relato de um homem que, desde menino tomou para si a tarefa de cuidar de sua comunidade, e que, ao longo de muitos e muitos anos, se encarregou de fazer os enterros de todos os seus vizinhos, assassinados por traficantes de uma facção inimiga, ao chegar ou sair do Fallet, ou vitimados em tiroteios. Coelho, emocionado, disse que fazia de quatro a seis enterros por semana, em sua maioria de jovens que viu nascer e crescer.

Como veremos nos demais tópicos desta seção, o projeto das UPPs é alvo de muitas críticas e envolve conflitos de opiniões entre os moradores das favelas ditas "pacificadas". O próprio termo "pacificação" é abertamente criticado, como já referido na seção 2.4.

Mas, neste segmento, colocamos em cena o depoimento de um líder comunitário que, mesmo acompanhando de perto os muitos embates e conflitos entre os moradores da região e a polícia, naquele momento parecia priorizar a preservação da vida dos habitantes de sua comunidade, relegando ao segundo plano, os demais problemas inerentes a essa relação.

Não somente em suas narrativas, como também na literatura especializada, encontramos depoimentos de habitantes de outras favelas que receberam a UPP, que confirmam a redução do número de mortes de seus moradores e o cessar-fogo, apontado como um ganho para a vida na comunidade, a despeito de vários outros problemas e desconfortos advindos com a presença contínua dos policiais na região.

Passando para o quarto tema relacionado à chegada da UPP, damos destaque ao relato de Helinho, no qual ele aponta como um dos problemas nesta atual conjuntura, a rejeição à UPP pela comunidade como um todo.

- 581 **HELINHO:** a dificuldade da Associação [...] é a rejeição muito grande contra os PMs aqui.
- 585 **HELINHO:** [...] eles ficam em cima do muro, eles tem medo até de falar, de os meninos da firma verem eles cumprimentando e coisa... Aquela rede de fofoca, né?. [...] Há a rejeição muito grande e os outros moradores ficam com medo de ir a uma reunião e falar o que for [...]

Como vimos referindo, as relações entre a comunidade e a polícia continuam bastante tensas. Após um longo histórico de abordagens violentas, os moradores parecem manter estas referências muito presentes em suas lembranças.

Por sua vez, os policiais relatam sentirem-se em desvantagem, pois os seus inimigos conhecem muito bem o território, seus meandros e desenvolveram modos de contar com a discricção, ou mesmo, acobertamento pela comunidade, coercitivamente ou não.

E, diante do temor do ataque-surpresa, como ocorrido algumas vezes à base da UPP Coroa / Fallet-Fogueteiro, do forte estresse enfrentado em seu cotidiano nas favelas e ainda, a dificuldade em discriminar quem são os moradores vinculados ao tráfico, os policiais, provavelmente, como um mecanismo de defesa, relacionam-se com os moradores em geral, como potenciais inimigos.

A experiência de policiamento proposta pelo projeto de segurança das UPPs está pautada na denominada “polícia de proximidade”, a qual se propõe a contratar soldados recém-formados e ingressados na PMERJ, apostando em uma postura policial isenta dos antigos “vícios” que foram se desenvolvendo ao longo do exercício da profissão e contrária à antiga postura em relação às violentas incursões em favelas. Mas apesar desta proposição, a convivência cotidiana não tem resultado em aproximação efetiva entre moradores e policiais, conforme se esperava que ocorresse.

O quinto tema refere-se ao modo de tratamento em geral dispensado pelos policiais aos jovens das comunidades. Ao ser indagado no grupo focal, Helinho toma a palavra e responde que “agora melhorou muito!” e finaliza sua fala revelando que “estava havendo muito problema” (turno 589):

- 589 **HELINHO:** Não, agora melhorou muito! Esse major que está aí, ele melhorou e trocou o pessoal. Tava havendo muito problema...

Mas, a despeito de sua narrativa ressaltar que estavam vivendo um período de calmarias, esta fala igualmente colocou em evidência que, anteriormente, a situação esteve muito tensa. No período em que as observações participantes foram realizadas, acompanhamos muitas denúncias feitas ao Comitê de Direitos Humanos (ALERJ/ UERJ), acerca de abuso por parte dos policiais, sobretudo com os mais jovens (os denominados “esculachos”, onde os moradores são postos em revista, de modo intimidador e humilhante), assim como de invasões em domicílios.

Helinho infere que os moradores não entendem muito bem o que a PM qual o trabalho da PM atualmente, ao se instalar na comunidade. Entretanto, podemos supor que todo esse extenso período em que a postura policial para com os jovens estigmatizados como pretos-pobres-bandidos-favelados tenham deixado marcas profundas, ainda muito vivas no imaginário e nas memórias dos moradores de favelas.

É preciso que ressaltemos aqui, que o Programa de Pacificação, segundo as perspectivas dos sujeitos entrevistados, da mídia e da literatura específica sobre o tema possui forte ênfase no controle repressivo sobre os moradores dessas regiões, sobretudo para com os jovens, impactando sua circulação e sociabilidade em seus locais de moradia e na maneira como experienciam e se relacionam com a cidade, mantendo-se à margem da mesma e do Estado (LEITE e SILVA, 2013).

O sexto tema ligado à instalação da UPP refere-se à atitude dos policiais em relação aos habitantes dos becos e vielas, em contraste com os moradores das ruas principais do Fallet. Podemos supor que o fator temor e estresse referidos anteriormente se evidencie nestas áreas das favelas, em que as incursões requeridas pelo exercício profissional podem custar-lhes sua vida.

Essa questão é tão polêmica, que suscitou um debate entre Coelho (que neste momento se coloca a favor da PM) e Cacá (que se coloca a favor dos moradores, provavelmente em razão do seu cargo de presidente da Associação de Moradores, e certamente em razão de sua postura política). Coelho diz que tem morador que é atrevido, que pede para apanhar (turno 611). Cacá afirma que sua “atitude é reflexo dos moradores” (turno 610), se por um lado, o morador sofre violência física por parte dos policiais, como revela

Cacá, por outro, Coelho aponta que este morador é atrevido e desrespeitoso e incita o policial a agredi-lo:

- 610 **CACÁ:** [...] eu não tenho aqui, na via principal aqui, eu não tenho reclamação da polícia, mas dentro dos becos e vielas, polícia dá porrada na cara do morador, faz isso, faz aquilo. E também tem o morador que é atrevido.
- 611 **COELHO:** É, mas o morador que pede pra apanhar. Aí, esse é que é o grande problema, entendeu?

É importante ressaltarmos aqui, que naquele momento, Coelho parecia querer equalizar a situação, apontando que o policial era recorrentemente provocado e desacatado por alguns moradores. Supomos que Coelho deseje a permanência da UPP na sua comunidade, em virtude do fim dos tiroteios e das mortes violentas, como referimos há pouco.

Entretanto, é preciso que se revele que ele próprio, em um diálogo com o antigo comandante da UPP Fallet-Fogueteiro/Coroa, que na ocasião lhe dissera que 80% da comunidade era contra eles, respondeu-lhe:

- 603 **COELHO:** [...] Até o Comandante Stoll ainda falou: -“Coelho, oitenta por cento da comunidade é contra a gente”. E eu então disse pra ele: -“Comandante, oitenta não. Noventa por cento. Ainda tem dez por cento que o senhor não conhece. Inclusive, eu tô nesses dez por cento. Só que eu não brigo com vocês”. Mas, então, tem noventa por cento. Justamente por isso, por eles terem esse respeito da comunidade ...

Tal postura de Coelho não nos surpreende, uma vez que tenhamos acompanhado sua construção identitária, através de suas narrativas, em que Coelho revela-se como tendo dedicado toda a sua vida, desde garoto à comunidade. Supõe-se que nos momentos de conflito entre os seus (os moradores) e os outros (os policiais) sua escolha seja clara e coerente com todo o seu projeto e propósitos de vida.

O sétimo aspecto relativo a esta temática envolve justamente à relação conflituosa entre a polícia e os moradores que são vinculados ou, de algum modo, “beneficiados pelo tráfico” (turno 621), como visto anteriormente.

Assim como nas narrativas dos participantes do grupo focal, a literatura especializada refere que comumente, os traficantes são “crias das comunidades”, mantendo, portanto, um vínculo estreito com os seus moradores, que tendem a proteger as suas crias. Rodrigues e Siqueira (2012,

p. 17) declaram que “esse fator não elimina o caráter despótico do controle territorial do tráfico”, apenas minimiza o uso da força e a imposição de medo para a reafirmação de seu poder perante a comunidade.

Esta atitude de protecionismo da comunidade para com os traficantes é posta em cena em um diálogo entre Coelho e Cacá:

- 603 **COELHO:** “Em relação a essa questão que vocês colocaram aí, da comunidade aceitar a UPP. Então [...] o que acontece? O tráfico... Ele sempre respeitou a comunidade. E então, o que que acabou acontecendo? A comunidade... Protege o tráfico.”
- 604 **CACÁ:** Coelho, a gente, a gente... Quem é do tráfico, a gente conhece. A polícia, a gente não conhece, então...
- 605 **COELHO:** Então, fica, criou essa barreira...
- 606 **CACÁ:** É melhor você lidar com o inimigo, entre aspas, que você conhece do que lidar com o que você não conhece.

As elocuições proferidas por Cacá nos turnos 604 e 606 nos remetem mais uma vez ao conceito postulado por Elias e Scotson (2000) acerca do estreito vínculo mantido pelos *estabelecidos*, acirrado pelos fatores antiguidade e coesão, versus a rejeição direcionada aos *outsiders*.

Além disso, vimos anteriormente que o respeito é um tido como um alto valor entre estes senhores que, quando se referiram à falta de educação dos moradores mais jovens, esclareceram que não estavam se referindo aos meninos do tráfico, pois estes sempre respeitaram a comunidade. Helinho chega a explicitar que até neste aspecto, eles eram privilegiados, pois em outros lugares, o tráfico não respeita ninguém.

- 193 **HELINHO:** Tudo daqui é bom. Inclusive, o negócio da firma aí, eu sempre falava pra todo mundo: o melhor lugar é Santa Teresa porque nunca houve assim... Uma chacina, uma violência, eles sempre respeitaram a gente e nós respeitamos eles, porque a gente conhece eles desde que nasceu! Conhecemos os pais, as mães, o diabo... Então quer dizer, a gente não tem porque atrapalhar. Agora, eles estão naquela vida...

A narrativa acima evidencia que os laços estabelecidos entre a comunidade e os traficantes atravessam gerações, o que parece confirmar os fatores apontados por Elias e Scotson (2000) e consolidar o protecionismo destes moradores para com os “meninos” em confronto com a polícia.

Mas Coelho, no diálogo com Cacá, evidencia outro aspecto desta complexa questão, já abordado na seção anterior:

621 **COELHO:** Veja bem, é aquilo que eu já falei. Tem aquele morador, que ele é beneficiado pelo... Pela firma [...].

Recordemos que Joel já havia sinalizado esta questão (turno 455), ao se referir à postura de certos moradores em relação ao lixo, afirmando que estes, ao serem confrontados pela sua atitude de desleixo e desrespeito para com o bem-estar da comunidade, muitas vezes simplesmente respondem que vão falar com o seu parente.

E, diante da incredulidade demonstrada por Helinho de que os interesses particulares de certos moradores são prevalecidos pela sua rede de relações com o tráfico, Cacá confirma esta situação:

447 **CACÁ:** -“Ô fulano, tu botou entulho aí. Tu não pode não, tu tem que tirar”. Aí, o cara fala assim: -“Olha só, eu vou botar o entulho aqui e acabou. Porque senão eu falo com o meu primo, falo com o meu tio, falo com o meu irmão”....

A reação de Helinho parece denotar um espanto diante destas revelações de que o propagado respeito dos traficantes pela comunidade tem limites e estes parecem sujeitos a um jogo de interesses. Além disso, evidencia-se o uso vantajoso que os parentes e amigos podem vir a fazer a partir destes vínculos, conferindo-lhes, por tabela, certo poder na comunidade.

Há ainda outro fator a ser considerado, destacado anteriormente por Helinho, ao referir o medo dos moradores de falar com a polícia:

586 **HELINHO:** eles tem medo até de falar, de os meninos da firma verem eles cumprimentando...

O que parece evidenciado nesta elocução é mais uma das facetas desta complexa situação, em que, afora o respeito destes jovens para com sua comunidade, esta teme uma possível retaliação, segundo Helinho nos permite entrever, pelo simples fato deles cumprimentarem um policial.

Assim, inferimos mais uma vez, os limites e nuances deste respeito que parece ocorrer até o ponto em que o lado mais poderoso se sente ameaçado ou prejudicado...

O oitavo aspecto se refere à estratégia muitas vezes utilizada pela PM para obtenção de referências que os auxiliem a localizar os traficantes. Helinho

acredita que esse seja um modo de intimidar os moradores, para que estes revelem o paradeiro do “dono da boca”.

650 **HELINHO:** Ah, eles fazem isso, também, assim aleatória, sabe pra quê? [...] Eu acho que é psicológico. [...] Eu tenho um primo que era tenente e falava: ele faz isso pra ver se o morador perde a calma e diz: -“ah, é o Coelho, o Coelho mora ali. É o Juca que é o chefe da... da firma”.

Em continuidade, Helinho amplia esta suspeita aos atos de violência cometidos pela PM, por exemplo, contra os manifestantes nas ruas da cidade, em protestos vários.

O nono aspecto revela as mudanças de comando da UPP Fallet-Fogueteiro/Coroa. Desde a sua implantação, em fevereiro de 2011 até a entrevista em grupo focal, realizada em dezembro de 2013, três comandantes da PMERJ estiveram à frente desta UPP.

590 **DIANA:** Trocou o major, foi isso?

591 **HELINHO / COELHO:** Esse já é o terceiro!

592 **DIANA:** E esse último, foi há quanto tempo?

593 **COELHO:** O Major Senna é maravilhoso!

594 **DIANA:** Mas foi há quanto tempo que ele entrou?

595 **HELINHO:** Um ano, né?

596 **COELHO:** Não, tem menos!

597 **HELINHO:** Vai pra uns oito meses...

598 **COELHO:** Oito meses!

599 **HELINHO:** Mas ele é muito bom. Agora, há uma rejeição muito grande por quê? Sabe o que acontece? O tráfico continua aí. Devagar, mas continua. E também tem essa garotada que usa crack. Tanto de fora, como alguns daqui [...].

O primeiro foi afastado devido à corrupção. Amplamente noticiado na ocasião, o comandante e mais trinta soldados de sua corporação recebiam propinas do tráfico de drogas³⁴.

O segundo foi transferido para outra UPP, sobretudo em virtude das recorrentes denúncias sobre abuso de poder e violência cometida contra os moradores em geral. Foi no seu comando que circulava constantemente pela comunidade, certo policial, sempre vestido de preto, sem identificação e que não fazia parte da corporação.

Os moradores se referiam a ele por um apelido que lhe fora imputado e denunciavam suas incursões, sem mandatos e abusivas em muitas residências. Além disso, eram frequentes as queixas de que ele insultava e

³⁴ <http://militarlegal.blogspot.com.br/2011/09/trafico-pagava-mensalao-30-pms-de-upp.html>

agredia fisicamente os transeuntes. Um dos participantes do grupo focal disse que este policial estivera na sua casa e, se sua esposa não o alertasse, o cofre de dinheiro do casal teria sido subtraído. E, depois que ele se fora, sua esposa deu-se conta de que metade de seu pagamento tinha sido levado...

Mas, afora estes abusos, os entrevistados inferem que sua missão na região era outra, apontando que, o que de fato ele intentava, era chegar ao chefe do tráfico:

- 652 **COELHO:** É um policial que não era da UPP, que conhece todo mundo, sabe quem é quem, sabe as famílias que tem pessoas envolvidas no tráfico... Ele sabe tudo!
- 675 **HELINHO:** [...] ele conhecia os meninos da firma [...]. Ele vem pra dar o bote. Ele não quer os garotos, ele quer o chefe...
- 676 **COELHO:** Quer o chefe.
- 677 **HELINHO:** Há uma negociação [...] há um jogo de cachorro grande, né? É bandido fardado e bandido sem farda. A realidade é essa.

Na ocasião em que fora realizado o grupo focal, esta UPP era, pois, comandada pelo terceiro militar. Desta vez, um major que tinha liderado a UPP Santa Marta, com bastante êxito e muito elogiado inclusive pela comunidade.

Enfim, seus relatos sobre o comando da UPP localizada no Fallet continham um tom de satisfação e esperança de que enfim, o projeto da UPP seria realizado na íntegra, no Fallet, ou seja, que finalmente viriam, na esteira da PM, projetos sociais e investimentos públicos e privados, conforme proposta do projeto, amplamente propagada.

O décimo aspecto apresenta uma delimitação da atuação da UPP na comunidade. A esta altura, os entrevistados debatiam sobre o incômodo causado pelos jovens usuários de crack, que faziam baderna tarde da noite e pontuaram que, apesar da presença dos policiais, eles não podiam tomar uma atitude a este respeito, pois isso não seria de sua competência. Helinho esclarece que a tarefa da UPP é apenas combater o tráfico.

É preciso neste ponto, pontuarmos que, segundo anunciado no próprio site oficial da UPP, o programa visa à “retomada permanente de comunidades dominadas pelo tráfico, assim como a garantia da proximidade do Estado com a população”.³⁵

³⁵ http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp

Em entrevista publicada pelo UOL Notícias, em 25/11/2010, o secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame³⁶ declara que o objetivo das UPPs não é acabar com o tráfico de drogas, mas desarmá-lo e tirar-lhes o território, onde se refugiam.

Em relação à assertiva de que os policiais não fazem nada em relação aos usuários de crack, em entrevista concedida à Revista *Isto É*, em 29/08/2014, o secretário Beltrame esclarece que se o usuário estiver fumando o crack, está cometendo crime e a polícia pode efetuar a prisão, mas se não estiver consumindo a droga, não fica caracterizado o crime e nada se pode fazer.³⁷

599 **HELINHO:** [...] os PMs também não reclamam, ficam ... Porque não compete a eles. Eles estão aqui só pra combater o tráfico.

Ao que parece, até mesmo as lideranças, únicos a falarem com a polícia por força de seus cargos políticos, como eles disseram, não têm muita clareza sobre os objetivos do projeto de polícia pacificadora, nem tampouco, o que lhes compete em termos de atuação. E, se para eles é confuso, imaginemos o quão complexa é esta questão para o morador.

Nesta seção, traçamos um panorama em que diferentes aspectos sobre a chegada da UPP foram abordados em vários momentos da entrevista, a fim de que possamos refletir sobre os impactos da implantação do projeto de segurança pública no cotidiano dos moradores de favela, segundo a perspectiva dos participantes do grupo focal.

Nestas narrativas, observam-se não apenas as disputas de significados por eles atribuídos a essa intervenção estatal, como também, pode-se perceber o Fallet enquanto um território disputado por seus moradores e, dentre eles, os narcotraficantes e pelo Estado, através da Polícia Militar ali sediada. Tomando-se em consideração ainda que, segundo objetivos declarados do projeto das UPPs, estas abririam portas para que as demais instituições públicas e

³⁶ <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/11/25/objetivo-e-tirar-territorio-do-trafico-diz-secretario-de-seguranca-do-rio.htm>

³⁷

http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/380041_GARANTO+QUE+EM+AREAS+COM+UPPS+PODE+FAZER+CAMPANHA+

privadas adentrassem nesses espaços, concluímos que as favelas permanecem alvos de disputas acirradas, com os mais distintos interesses.

Por sua vez, tais disputas permeiam as narrativas dos participantes do grupo focal a respeito do Fallet, discursivizado como território de tensões e também, de apaziguamentos.

3 ACONTECIMENTOS VIVIDOS E CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS

Neste capítulo, apresentamos as lembranças do cotidiano vivido no passado, com destaque para as tradições locais como as festas, os lugares frequentados, etc. Os relatos destes acontecimentos, selecionados e narrados frequentemente, são marcados por um certo saudosismo, embora possamos perceber em suas narrativas, aspectos de tensão e conflitos igualmente ocorridos neste cotidiano no passado.

Procuramos identificar nas lembranças narradas destes moradores, respostas ao *objetivo geral* desta pesquisa, a saber: *como a relação entre memória, espaço e acontecimentos vividos ancoram lembranças, configurações identitárias e sentimento de pertencimento*, considerando-se os acontecimentos socialmente relevantes, desde a sua fundação.

Consideramos como marcos destes acontecimentos vividos ao longo do tempo, na seção 3.1, o nascimento e a criação dos entrevistados, em que são discursivizados os valores e a educação recebida por eles, seu modo de vida.

A seção 3.2 coloca em cena, as lembranças narradas pelos antigos moradores do Fallet acerca das tradições locais e de acontecimentos vividos, apresentados como relevantes para eles e para o lugar. Enfatizamos que o desejo destes moradores de relatarem suas lembranças sobre o Fallet nos remete ao conceito de *Homens-memória*, de Pierre Nora (1993).

Na seção 3.3 colocamos em cena o modo como estes homens se destacam na comunidade, em virtude de intensa participação política, movidos pelo anseio de contribuir para a melhoria do lugar e para proporcionar qualidade de vida aos seus moradores. Em sua trajetória enquanto membros da Associação de Moradores há muita dedicação e empenho, regados por uma dolorosa solidão e muitas frustrações em virtude de uma constante desarticulação comunitária.

Na seção 3.4, identificamos o estilo pessoal de cada um destes líderes comunitários, em suas estratégias e modos de agir em prol do que consideram fundamental para a qualidade de vida de seus entes familiares, vizinhos e amigos. Observamos que estes “Guardiões do Território” se encontram no

centro de tensões entre a comunidade, que por sua vez, não é coesa, e entre a comunidade e o Estado e por isso, muitas vezes eles foram incompreendidos, criticados e hostilizados.

Na seção 3.5, vemos que dentre os elementos que se mesclam nas configurações identitárias destes moradores, encontram-se aspectos de sua vida para além das fronteiras da comunidade. Estes senhores tiveram ocupações profissionais exercidas em várias regiões da cidade, cujas profissões eram valorizadas socialmente. Do mesmo modo, enquanto “promotores da paz” comunitária, aventuraram-se por muitos cenários, levando suas faixas e reivindicações em prol do Fallet e seus moradores.

3.1 Nascidos e criados no Fallet

Nesta seção, abordaremos a relação destes antigos moradores com o lugar onde nasceram, cresceram e criaram seus filhos e agora, seus netos. Suas narrativas revelam que todos eles foram criados juntos, assim como seus pais e avôs e que todos eles nasceram pelas mãos da mesma parteira local, a vovó Rosa. Além disso, nesta seção, procuraremos *identificar de que maneira suas narrativas sugerem configurações identitárias, experiência do lugar e pertencimento*, o que será abordado através dos Blocos Temáticos “Relação com o lugar” e “Passado familiar”.

Iniciamos o Grupo Focal com as apresentações pessoais. Diana apresentou-se e pediu que cada participante também se apresentasse. Podemos notar que, ao se apresentar, Diana forneceu-lhes o *modelo* de apresentação dizendo seu nome, identidade profissional, local de trabalho e sua função ali no grupo, naquele momento.

50 **DIANA:** Sou professora universitária lá no Programa de Memória Social da UNIRIO, já trabalho lá há uns sete anos, mas já trabalhei no Município, já trabalhei em escola particular, enfim, e agora estou na universidade e estou ajudando a SILVANA nesse trabalho agora. Quem quer continuar aí a se apresentar?

A primeira informação que a maioria dos entrevistados priorizou revelar ao seu respeito vinculava-os intrinsecamente ao Fallet. Este é justamente o primeiro aspecto que gostaria de salientar: nas narrativas de cada um deles,

acerca de sua apresentação pessoal, eles enunciam seus nomes e, em seguida, referiram ter nascido e se criado *ali*, naquele *lugar*. O lugar, conforme veremos, adquire diversas significações e é referenciado conforme a identificação de cada um dos entrevistados.

De acordo com a vertente socioconstrucionista, é através das narrativas que damos sentido as nossas experiências e produzimos nossas identidades (LINDE, 2001; SCHIFFRIN, 1996).

Assim, nessa primeira referência pessoal, cada um deles revela uma forte vinculação entre os seus nomes (que representa o modo como nos conhecemos e, portanto, nos identificamos, nos fazemos conhecer pelos outros, assim como os conhecemos) e seu local de origem.

51 **HELINHO:** Eu sou Hélio Neto, nasci aqui e moro aqui em Santa Teresa, nessa região, sou soldador, e sou vice-presidente da Associação [...]. E procuro colaborar no que eu posso com tudo com eles aqui, com esse pessoal nosso [...].

Helinho, ao iniciar as apresentações por parte dos entrevistados, ofereceu referências com as quais pudéssemos apreender o que ele *desejaria* que soubéssemos ao seu respeito, naquele momento. Destacamos, inicialmente, o caráter dialógico de sua identidade rizoma (GLISSANT, 2005), referenciando sua pessoa (Helio Neto) em relação aos seus amigos, com os quais colabora com tudo.

Ao se apresentar, Helinho disse seu nome e sobrenome, colocando em cena, a sua família, seus ancestrais. Ao informar que “nasceu ali” e “mora ali”, enfatiza seu lugar de origem, assim como, a continuidade de experiência até os dias de hoje naquele local.

Outra informação por ele selecionada em sua autoapresentação é a enunciação segundo a qual, Helinho nos informa que “procura colaborar com tudo”, alinhando-se como uma pessoa solidária, condição enfatizada pela expressão “com tudo”. Podemos concluir, portanto, que Helinho nos oferece informações ao seu respeito que evocam tradição, continuidade, cidadania, solidariedade.

A associação feita pelos entrevistados entre seus nomes e seu lugar de origem sugere que eles estão se construindo discursivamente como pertencentes a este lugar, havendo uma estreita ligação entre suas

configurações identitárias e sua experiência do lugar, de ordem afetiva, de pertencimento ao lugar.

52 **DIANA:** Tá. Você é... O senhor, desculpe ... O Senhor é o Juca?

53 **JUCA:** Juca. É... Joaquim.

54 **DIANA:** Joaquim.

55 **JUCA:** Joaquim da Fonseca. Nasci e fui criado aqui no Fallet. Nasci aqui no dia doze de maio de mil novecentos e vinte e sete.

Tal ligação pode ser observada em relação à experiência que os entrevistados possuem em relação ao lugar onde nasceram e vêm passando por todas as etapas do ciclo vital (no Fallet viveram sua infância, juventude, namoraram, casaram-se, tiveram filhos e netos). Em suas narrativas, eles associam simbólica e implicitamente seus nomes ao lugar, tal como as pessoas que *incorporam*, por assim dizer, o nome do seu lugar de origem e/ou aonde vivem, ao seu prenome, como se fosse seu sobrenome, e passam a ser conhecidas desta maneira, a exemplo de “Martinho da Vila”, “Dominginhos do Estácio”, etc. Deste modo, ao se apresentarem, eles estão se construindo discursivamente como “Joaquim do Fallet”, “Walter do Fallet”, “Helinho do Fallet”, “Joel do Fallet”, embora em suas auto-apresentações, cada qual manifeste uma particularidade.

Além disso, suas narrativas apresentam o modo como ele experencia o espaço (GUPTA e FERGUSON, 2005), estabelecendo relações entre sua identidade rizoma (enunciando o seu nome) e o lugar onde nasceu. Mas, ao invés de se referir ao Fallet propriamente, ele localiza o Fallet no bairro de Santa Teresa [*aqui* em Santa Teresa] (grifo nosso). Helinho amplia as fronteiras *do Fallet*, situando-o em um contexto maior, enquanto bairro, que pertence a uma cidade, que se localiza em um Estado...

Helinho constrói-se discursivamente, então, como morador de um bairro considerado nobre, habitado por artistas, intelectuais, políticos, ampliando assim, enquanto identidade rizoma, suas possibilidades de enraizamento, ao posicionar-se como um *morador* da cidade do Rio de Janeiro, adotando a nomenclatura oficial de cidade, reivindicando a condição de cidadão da urbe.

Ao situar a localização do seu lugar de origem em Santa Teresa, Helinho sustenta a causa pela qual vem lutando enfaticamente, revelando assim, o

grande significado que há para ele, referir o Fallet como bairro integrante da cidade, próximo ao Centro do Rio e valorizado socialmente. Com o incremento do turismo, há cerca de cinco anos, como aponta Maia (2015), o lugar passou a ser explorado pelo mercado ligado ao turismo e voltou a ser economicamente rentável ao mercado imobiliário.

Coelho, o próximo a tomar a palavra, bem humorado e brincalhão como de costume, ao apresentar-se, declara sua identificação com o apelido que lhe colocaram desde criança:

- 62 **COELHO:** Eu sou o **Coelho**. Eu até brinco porque o meu nome é Coelho. E o meu apelido é Walter Costa
 64 **COELHO:** Porque desde a idade de sete anos me botaram esse apelido.
 66 **COELHO:** Eu sou nascido e criado aqui na comunidade [...]
 69 **COELHO:** Então, são setenta e cinco anos aqui dentro dessa comunidade.

Coelho explicita nestas narrativas, que sua primeira referência identitária se dá na relação com sua comunidade (GLISSANT, 2005), expondo assim, sua experiência de lugar (GUPTA e FERGUSON, 2005); a comunidade, portanto, vem em primeiro lugar para ele, é seu maior vínculo, e não o Fallet, nem o bairro de Santa Teresa. Sua relação dialógica se estabelece tanto com o lugar, quanto com as pessoas dali:

- 120 **COELHO:** Pra mim, morar aqui, no Complexo do Fogueteiro, né? Que é composto pelas comunidades do Fogueteiro, Fallet e Beco Ocidental, que nem já falou anteriormente o Juca, é uma dádiva de Deus mesmo e eu sempre agradeço a Deus, - “obrigado meu Deus, porque o senhor me deu essa oportunidade de morar aqui no Fallet e ter todas essas pessoas como vizinhos e amigos”.

E assim, ele se constrói discursiva e identitariamente como pertencente a essa comunidade: ele é o Coelho *da comunidade*, ao passo que seus companheiros são o Helinho *de Santa Teresa* e o Juca *do Fallet* (grifos nossos). Inclusive, no ano de 2012, Coelho foi homenageado pelo bloco carnavalesco local, com o samba enredo: “S., o amigo da comunidade”.

Já Joel especifica a natureza de sua ligação com o lugar, ressaltando que nasceu no Fallet, mais precisamente no alto do morro, afirmando *ser da raiz mesmo* (grifo nosso). Através destas narrativas, Joel está se construindo

discursivamente como identidade-rizoma (GLISSANT, 2005), em íntima relação com aquele lugar onde nasceu, com o morro, com as pessoas deste lugar.

As raízes a que ele se refere podem denotar tanto a sua origem, quanto a sua fixação no lugar (enraizamento), ou ainda, à importância vital que este lugar possui para ele, de onde ele extrai nutrientes fundamentais para sua sobrevivência (física, emocional e socialmente), uma vez que é a raiz que dá sustentação para algo desenvolver-se, reportando-se assim, ao caráter relacional de seus rizomas, em contato com inúmeros outros ali, no alto do morro e que o constituem identitariamente como o Joel *da raiz*.

79 **JOEL:** Então, sou **Joel dos Santos** [..]

82 **JOEL:** Nascido aqui também.

84 **JOEL:** E... não nasci nem no hospital, nasci em casa, ali num barraco, nasci aqui no alto, quer dizer, eu sou da raiz mesmo. E... gosto muito daqui [...]

A despeito de destacar em sua fala, sua forte vinculação com o Fallet e seus moradores, é preciso referir aqui que Joel, apesar deste enraizamento enunciado, aventurou-se a morar em outras comunidades, por certo tempo.

121 **JOEL:** Então, eu também [sou] nascido e criado [aqui], como já falei. Já morei poucas vezes em outros bairros, já morei na Zona Sul, lá no Parque da Cidade, já morei no Borel, já morei na Coroa, mas a maior parte sempre estava aqui. Nem frequentava muito lá. Só no final de semana. Trabalhava e no final de semana, estava sempre aqui [...].

Poder-se-ia pensar que estaria rizomaticamente se relacionando com outras alteridades, permitindo-se outras experiências em novos espaços. No entanto, Joel relata que não fazia trocas com os moradores destas outras localidades, pois passava todos os finais de semana com seus amigos e parentes no Fallet. Acabou voltando a morar na sua comunidade de origem, trazendo consigo sua esposa que, no início, reclamava muito desta mudança, pois antes moravam na Gávea. Com o tempo, ela estabeleceu vínculos com os vizinhos e hoje, segundo relata Joel, não quer mais mudar-se de lá.

121 **JOEL:** Aí quando eu morei, minha esposa agora, quando eu trouxe ela pra cá, ela reclamava muito [risos]. Que a gente morava lá na Gávea, né? E aí eu trouxe ela pra cá, ela me xingava muito. Aí, agora ela já se acostumou também, se habituou.

122 **SILVANA:** Há quanto tempo vocês vieram pra cá?

123 **JOEL:** Ah, ela tá... Foi em noventa e dois que eu conheci ela, aí nos juntamos, aí eu trouxe ela pra cá e ela reclamava muito. Aí eu só escutando e ela já se habituou, adora e daqui também eu não saio nunca, eu tenho os meus amigos todos, todo mundo me

conhece e isso é uma grande vantagem. Se eu for pra outro lugar não sei nem como eu vou ser recebido.

124 **DIANA:** Mas você já teve essa experiência!..

125 **JOEL:** Já tive, tive mas, ficava pouco tempo lá com eles, mas aí... tava estava sempre aqui. Por isso que eu retornei e agora, também, eu não pretendo sair daqui, só quando morrer, né? Isso aí, é ...

Cacá, o mais novo dos entrevistados e o último a se apresentar, não enuncia espontaneamente seu nascimento no Fallet. Sua narrativa a este respeito decorre da pergunta feita pela Diana, mas ainda assim, tal fato não é abertamente verbalizado. Pelo contrário, podemos inferi-lo através de sua resposta, que não nega, nem afirma, apenas enuncia o seu tempo de vida – *ali*.

85 **CACÁ: Cláudio Matos.** Conhecido como Cacá, presidente da Associação, imposto por eles aí. Essa não é a minha praia. E... tô aí pra toda vida...

86 **DIANA:** E você também é nascido e criado aqui também?

87 **CACÁ:** Há cinquenta e três anos atrás.

Cacá também se aventurou para além dos limites da comunidade: morou durante três anos no Leme. Voltou a morar no Fallet, para se reequilibrar após reveses financeiros. Relata que quando morava junto à praia, assim como Joel, vinha passar todos os finais de semana no Fallet, enquanto sua mulher ia à praia com os familiares dela.

126 **CACÁ:** Minha história é um pouco parecida com a do Joel. Eu também morei um tempo fora daqui. Eu morei três anos na Gustavo Sampaio, há uma quadra da praia, chegava sábado de manhã, eu vinha pra cá,. Minha mulher acordava as dez, onze horas e ia pra praia com os parentes dela lá e eu vinha pra cá. –“Pô, você tem uma praia aqui e você vai lá pro morro”?

Cacá, do mesmo modo que Joel, tem uma relação diferente com o lugar. Ambos viveram outras experiências de espaço, estabelecendo *relações* apenas de caráter profissional, para além dos limites de sua comunidade de origem.

Mas, ao se apresentar, Cacá afirma que “está lá por toda a vida”, ou seja, ele está se construindo discursivamente como uma pessoa com a qual se pode contar e que estará sempre presente, mesmo que não permaneça morando lá no futuro, como no passado.

Assim, observamos que Joel e Cacá apresentam um diferencial em relação aos demais, uma vez que ambos saíram da comunidade e retornaram

anos depois. E ambos, embora tenham saído, estavam “sempre lá”, nos finais de semana. Cacá constrói sua identidade relacionalmente, permeada por deslizes e contradições. Ele diz que o Fallet é um porto-seguro, onde se refugiou após uma grande crise profissional e financeira. Lá estão seus parentes e amigos. Ao mesmo tempo, Cacá apresenta uma hipótese de que se um dia ganhar na Mega-Sena, ele comprará um apartamento na Avenida Atlântica e manterá sua casa no Fallet, permanecendo “lá e cá”.

Esta experiência extracomunitária vivida por Cacá e sua expectativa enunciada de voltar a vivê-la caso ganhe na Mega-Sena nos remete às vivências de imigrantes que são transmitidas intergeracionalmente aos seus descendentes, como visto na seção 2.2, no sentido de manterem vínculos profundos com o seu lugar de origem e seu lugar de acolhida, permanecendo como sugere um dos precursores da Terapia Familiar Sistêmica, Maurizio Andolfi, “sentados entre duas cadeiras” (ANDOLFI, 2003).

Há nas narrativas de todos os participantes do Grupo Focal, uma forte vinculação ao Fallet e a qualidade desta experiência com este lugar deriva-se do estabelecimento de uma relação de afinidade entre todos eles. Suas fortes amizades desde a infância são um dos principais motivos de desejarem permanecer no Fallet por toda a vida.

Talvez a magnitude destes laços de amizade seja uma consequência dos vínculos que se instalaram entre os seus antepassados que, segundo eles, foram os primeiros habitantes do antigo loteamento, mudando-se para lá desde os primórdios da sua fundação.

Este vínculo profundo entre eles é exacerbado pelo fato de que todos eles nasceram pelas mãos da vovó Rosa, avó de Joel, parteira local. Deste modo, a ligação que eles mantêm entre si, sugere além de uma grande e antiga amizade, um laço quase que fraternal, de pertencimento atávico à comunidade.

Além deste forte vínculo de amizade, os participantes do Grupo Focal, ao longo destes dois anos de convivência nos GTs de Memórias, demonstraram um firme propósito de transmitir suas memórias, o que, inferimos, esteja em conformidade com o conceito de *homens-memória*, de Nora (1993). A importância destes *homens-memória* é proporcional à

diminuição da vivência coletiva da memória. E justamente porque grande parte da população que vive atualmente no Fallet não vivenciou os fatos narrados por este grupo é que eles parecem assumir essa função. Memórias que perpassam toda a história de vida da maioria dos moradores do Fallet, a exemplo da elocução abaixo:

- 89 **HELINHO:** [...] nós nos conhecemos desde garotos.
 90 **SILVANA:** Hum...hum
 91 **HELINHO:** O Cacá, por exemplo..
 92 **DIANA:** Todos vocês?
 93 **HELINHO:** Todos nós, todos nós. A avó dele, ou bisavó é que era a parteira do local. Eu, nós todos nascemos pelas mãos dela.
 94 **CACÁ:** É a maior família que tem aqui. Toda pessoa que passar aqui negra ou parda é parente dele
 95 **HELINHO:** A vovó Rosa... Era bisavó, né? Hein, Joel? Era bisavó? Era avó ou bisavó?
 96 **JOEL:** era avó
 97 **HELINHO:** Era avó. Nós todos, nós não íamos... Não era falta de médico. É que naquela época ela era chamada...

Esta amizade – intergeracional – revela-se como um dos aspectos presentes no discurso destes senhores, com os quais eles estão se construindo identitariamente como *homens-memória*, a partir das relações estabelecidas entre si, neste lugar experienciado e narrado, em que sua história de vida parece mesclar-se com a história do Fallet e de seus antecessores.

- 9 **HELINHO:** A nossa história aqui começa com os nossos avós. Eles compraram o terreno. Aí nossos pais foram criados juntos. Hoje, eu que sou neto... estamos sendo criados todos juntos. Então, nós se conhecemos desde garotos.

Através desta elocução, Helinho refere que não somente a sua história, mas a de todo o grupo, começa com os avós deles todos, que compraram os terrenos na mesma época, no início do século XX. Helinho põe em cena um passado, que é comum ao grupo e, na medida em que vai tecendo sua narrativa, vai convidando os demais a reavivarem suas lembranças, participarem e a se identificarem com sua experiência.

Helinho tece sua narrativa, utilizando o pronome possessivo da primeira pessoa do plural evidenciando, deste modo, a experiência coletiva e geracional, em que as histórias, o terreno, a vida, as amizades pertencem e situam-se na linha da família: seus avós, seus pais, assim como, os amigos, participantes do grupo focal.

As histórias de vida, segundo Pollak (1989), agem como instrumentos de reconstrução da identidade, em que o indivíduo define seu lugar social e suas relações com os outros, seja de complementaridade, ou de oposições entre si. Para tal, recorre-se à referência ao passado, a qual se apoia na memória dos acontecimentos do passado e suas interpretações, como meio de manter a coesão dos grupos e das instituições a que se está vinculado.

Entretanto, Jô Gondar (2005, p. 17) afirma que “recordar não é apenas interpretar, no presente, o já vivido”, uma vez que implica uma eleição daquilo que consideramos valer a pena recordar, naquele contexto, e que terá desdobramentos futuros.

Consideramos, assim, que a revelação das lembranças destes senhores sobre o início de suas vidas, de seus vínculos de amizade, produziu e produz novos sentidos sobre os fatos vividos e as pessoas significativas em sua existência.

Deste modo, inferimos que Helinho, por exemplo, após as narrativas de suas lembranças selecionadas, estaria ressignificando-as e a si mesmo, reconfigurando discursivamente sua identidade, enquanto sujeito, narrador e (re) criador de sua vida:

9 **HELINHO:** [...] E nós, a vida toda nós juntos aqui, os nossos avós, depois os pais, os netos, os netos deles...

Helinho antevê o futuro de seus netos, idealizando o Fallet enquanto um lugar seguro para que eles possam viver com qualidade. Jô Gondar (2005), como dissemos, esclarece que o que produzimos no presente é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Esta, poder-se-ia dizer, seria uma síntese das narrativas de todos eles, que se dedicam com afinco a conclamar outros moradores, para juntos reconstruírem o Fallet do passado, com vistas a um futuro melhor para todos.

Suas narrativas revelam que estes antigos moradores e lideranças do Fallet estão se coconstruindo discursivamente como pertencentes a um lugar experienciado por eles como um grande continente afetivo, onde plantaram suas raízes e estabeleceram vínculos estreitos com os antigos moradores.

3.2 Os Homens-memória, suas lembranças e tradições

Nesta seção, abordaremos as lembranças narradas por estes antigos moradores acerca de acontecimentos considerados por eles como relevantes, além das tradições vividas desde os tempos áureos do Fallet. Sua forte motivação em relatar estes fatos nos remete ao conceito de *homens-memória*, de Pierre Nora (1993), no sentido deles desempenharem a função de *arquivos-vivos*, contando as histórias do lugar onde nasceram e cresceram.

Buscamos aqui, *verificar nas histórias narradas, suas configurações identitárias*, em resposta a um dos *problemas* de pesquisa, elencado na alínea “b”, e de acordo com o bloco temático “tradições”.

Ao longo dos GTs de Memórias, muitas foram as lembranças relatadas, com certo saudosismo e orgulho, sobre o cotidiano vivido no passado, no Fallet. Pode-se entrever nessas narrativas, o desejo não propriamente de voltar ao passado, não exatamente de se reconstituir o lugar tal como ele já foi um dia, mas de recriá-lo de modo que seja um recanto onde a paz seja cotidiana e que se possa um dia, viver em harmonia com seus habitantes, o que pode ser verificado em muitos momentos em que suas narrativas valorizam o respeito entre os moradores e a paz, reconquistada nestes últimos anos.

Provavelmente, é esse desejo que os move há anos à frente da Associação de Moradores, como veremos na próxima seção e talvez este seja o principal motivo pelo qual eles apoiem a permanência da UPP, no sentido de que a partir de sua instalação, como vimos, passou-se a observar uma acentuada redução dos tiroteios e inúmeras mortes de moradores da região.

As narrativas abaixo, proferidas em vários GTs de Memórias situam-se entre fragmentos de lembranças de um passado do qual estes antigos moradores participaram.

Recordemos que os GTs de Memórias não tiveram o mesmo tratamento metodológico que o Grupo Focal. Apenas dois dos dez encontros foram gravados e o procedimento adotado institucionalmente foi fazer notações no caderno de campo.

Assim, estes senhores relataram que, no início do século XX, na Rua Fallet, havia um clube onde ocorriam bailes *de gala* (sic), semanalmente, e

seus moradores trajavam roupas luxuosas. Era um clube fechado, fundado por um grupo seleto de moradores, que se constituíram em 30 sócios-proprietários – o *Clube dos Trinta*. O clube, denominado *Associação Atlética Fallet*, situava-se onde hoje está instalada a Associação de Moradores e Amigos do Vale, a *Amavale*, e nele se apresentavam grupos de Bossa Nova e outros famosos na época, como o *The Fevers*. Por cobrarem ingressos e restringirem o acesso, era frequentemente apedrejado pelos moradores da favela que se instalara na parte alto do morro.

O bairro, segundo seus relatos, destacava-se também nos esportes e na cultura: tinham um time de futebol, um time de basquete campeão, “o melhor grupo de teatro amador do Rio de Janeiro” (*sic*) e dois blocos carnavalescos, um deles desfilava na Avenida Rio Branco e se consagrou em muitos carnavais.

Além disso, instalaram-se na região, duas fábricas: uma de biscoitos e outra de calçados, esta localizada onde atualmente está situado o *Instituto Petra / Nando é Vida*. As fábricas, segundo seus relatos, empregaram muitos moradores.

Coelho revela que o local onde nos reunimos para fazermos o grupo focal (Instituto Petra / Nando é Vida) foi antigamente uma fábrica de sapatos:

- 746 **COELHO:** Nós estamos aqui... ó.. Aqui onde nós estamos era dela, era da família
 747 **DIANA:** Ahhhhh...
 748 **COELHO:** Isso aqui era uma fábrica de sapatos... Fábrica de sapatos Mafra

Podemos observar através das elocuições acima, que nas narrativas proferidas no grupo focal, a memória surgia de uma “rede de memórias”, entrelaçadas com suas histórias de vida e com várias experiências, a maioria delas ocorridas em contextos da própria localidade.

O processo de construção das memórias, narrativas e configurações identitárias, conjuntamente construídos pelos moradores que participaram do grupo de entrevista envolve, pois, um intenso compartilhamento de experiências, e nessa coconstrução ocorre a negociação dos significados e das relações sociais.

Quando eles iniciaram estes relatos, houve a participação de todos, que se revezavam, contribuindo para reconstituir este fragmento de um cotidiano

vivido no passado. Nota-se inclusive, um encadeamento de falas, em que cada um retoma o ponto que o outro enunciou e dá continuidade à narrativa. As entrevistadoras participaram fomentando o discurso com seu interesse, por meio de pedidos de confirmação (turnos 749 e 752). Em alguns momentos, houve inclusive uma repetição literal da narrativa (turnos 751 e 752; 754 e 755), o que sinaliza uma grande sintonia entre os participantes e sugere a forte cumplicidade entre eles.

- 748 **COELHO:** Isso aqui era uma fábrica de sapatos... Fábrica de sapatos Mafra
 749 **DIANA:** Mafra?
 750 **COELHO:** É. Deu muito emprego as questões sociais da comunidade naquela época
 751 **CACÁ:** Já foi serralheria...
 752 **SILVANA:** Já foi serralheria?
 753 **DIANA:** Mas então, a gente pode de repente, depois conversar com ela e ver se ela ajuda
 754 **HELINHO:** Tem o bloco também
 755 **JOEL:** Escola de samba.
 756 **HELINHO:** A escola de samba era o Walter.

Podemos observar nestas elocuições, a coconstrução de lembranças do passado, que colocam em cena, os diversos lugares antes existentes no Fallet, que proporcionou aos seus antigos moradores, emprego, cultura, alegrias, convivência social.

Halbwachs (1990) considera que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, portanto, fruto da sociedade. Os laços sociais ou coletivos são criados e mantidos através de um sistema de valores que os unifica, processo denominado por Halbwachs de os *quadros sociais da memória*. Assim, a memória é concebida por Halbwachs como construção social, responsável pela coesão social e produzida a partir dos valores e das relações sociais. Por esse motivo, ele refere a necessidade da presença das testemunhas para confirmar ou recordar uma lembrança.

Ao longo das entrevistas, muitas foram as narrativas em que se pôde perceber a concepção de Halbwachs acerca das memórias geradas e ancoradas pelos valores e pela coesão do grupo.

A interação abaixo revela como as narrativas evocam outras narrativas e como ambos os participantes se alinham como os *homens-memória* (NORA, 1993) em relação ao lugar onde eles cresceram e também, como testemunhas das mudanças que a região veio passando ao longo dos anos.

- 850 **COELHO:** Bom, e essa questão da Associação, por que essa confusão? A *Amavale*, ela não foi fundada aqui no Fallet. A sede da Associação não era aqui no Fallet. Esse é o problema. A Associação, a *Amavale*, ela foi fundada... Na Manoel de Abrantes....
- 851 **HELINHO:** na Manoel de Abrantes!
- 852 **COELHO:** Por que que ela foi fundada? Na época, a Light ia passar, ia passar com as torres de energia por aqui pra levar energia pra Zona Sul...
- 855 **COELHO:** então, iam passar as torres e iam desapropriar isso aqui e...
- 856 **HELINHO:** Trezentas famílias
- 857 **COELHO:** Trezentas famílias e tal. Então, na época se juntou, tal e tava aquela confusão pra criar a *Amavale* [...]

Observa-se nesses segmentos, uma grande sintonia entre os participantes, em que cada narrativa de um, complementa a do outro. A construção coletiva das narrativas através do compartilhamento das experiências entre os participantes é um fenômeno discursivo que evidencia grande sintonia conversacional.

A interação entre os participantes dos grupos de entrevistas revela o interesse desses idosos em narrar suas memórias acerca da fundação e desenvolvimento do Fallet, desde a abertura das ruas, a chegada da luz, destacando os principais problemas, segundo suas percepções, presentes na comunidade. Ao lado de seus relatos sobre os tempos áureos do local, seus discursos trazem a história do Fallet, como que para se assegurarem de que essas lembranças não se percam no tempo.

Em muitas das narrativas dos participantes dos grupos focais, observa-se que o passado é utilizado como ponto de apoio para dizer como certas coisas mudaram, positivamente, a exemplo do calçamento, da iluminação, da numeração das casas, além dos relatos sobre a fundação do Fallet, seu povoamento, de um cotidiano vivido e de certos lugares que foram referência socioeconômica, esportiva e cultural, eles também destacaram elementos da tradição, dos costumes, dos valores com os quais conviveram e foram educados. Helinho coloca em cena, as antigas e tradicionais festas de São João do Fallet:

- 188 **HELINHO:** [...] Aqui, em época de São João, esse aqui [referindo-se ao Juca] todo ano, ele fazia uma fogueirinha e ele ficava soltando balão de hora em hora, a noite toda, fazendo balão caixa a noite toda. Então nós íamos de casa em casa, tomar uma bebidinha, comer um salgado, ficar até de manhã, até o dia amanhecer.

Helinho está retomando um momento de integração social, de um festejo que se tornou tradição entre eles, um momento certamente vivido com muito prazer e alegria. Mas é preciso atentar para o contexto em que ele traz à tona estes eventos: ele está fazendo uma avaliação do que há de pior no Fallet, destacando “a falta de educação do morador mais novo” (sic), contrastando a educação que receberam e o modo como respeitavam os mais velhos, com a atual educação dos jovens:

188 **HELINHO:** [...] Eu não sou saudosista, não. Eu acho que isso não volta e é como o Walter falou, é evolução, né? É igual meus netos. No meu tempo, a gente ia... Tomava a benção, à noite [...]. Hoje, meus netos: -“oi vô, oi vô”... [...]. Então a gente tem que aceitar, tem que aceitar. [...] Os nossos avós, se eles vissem a gente fazendo alguma coisa errada, eles metiam o pau na gente e iam falar com o pai da gente à noite. A prática era essa e o pai agradecia.

Apesar de dizer que não é saudosista e que sabe que estes valores e tradições do passado não voltam, ao enunciar que “a gente tem que aceitar”, Helinho se alinha a uma espécie de obrigação da qual todos nós não podemos escapar, expressando assim, a inexorabilidade e a força do movimento, o qual produz mudanças. Ao comparar a educação que receberam quando jovens com a de seus netos, seu discurso permite-nos entrever uma tensão entre seu posicionamento explícito “eu não sou saudosista”, com a sequência de enunciados que a seguem. Notamos então, que ele constrói uma narrativa entre “no meu tempo” e os dias atuais. Tudo o que está atrelado ao passado é positivado, enquanto tudo o que pertence ao momento presente, o “hoje” é descrito brevemente.

Olgária Matos (1992) esclarece que nossa relação com o passado pode exercer a função de esquecimento, reparação, cicatrização, e de restituição das perdas daquilo que não se desejou perder, o que podemos notar nas narrativas de Helinho acerca dos tempos passados, assim como a destes senhores, ao relatarem suas lembranças sobre o cotidiano vivido no passado no Fallet.

Há talvez, nestas narrativas, reiteradas vezes enunciadas por Helinho, uma certa tristeza, em razão das mudanças experimentadas entre o passado por ele valorizado e o hoje, com seus novos valores tão distintos e difíceis de aceitar pelos mais idosos.

Ao continuar sua explanação acerca da diferença não só de valores, mas também de atitudes entre gerações, talvez Helinho esteja justamente buscando, de algum modo, chegar à aceitação do novo. Retomando o desafio proposto por Glissant (2005), como podemos nos aventurar em direção ao outro sem nos perdermos de nós mesmos e como podemos nos abrir para recebê-lo, continuando a ser nós mesmos?

- 188 **HELINHO:** [...] essa garotada, quando se faz uma festa, eles vêm, mas na hora de você cobrar uma ética, uma educação pra fazer um mutirão, uma limpeza, que nós antigamente fazíamos isso, eles não fazem, eles querem achar pronto, é uma outra cultura [...].
- 192 **HELINHO:** Por exemplo, aqui, a gente tinha que botar a comida, a bebida, o baile pra eles, mas eles não vêm ajudar. E antigamente não, a gente juntava todo mundo, um vai comprar carne, outro vai carregar terra, vai fazer isso... Catar bambu... Nós fazíamos fogueira, esse aqui é mais da época deles, traziam os troncos no bonde lá, apanhava tronco seco lá na mata e trazia no bonde, chegava aqui descia o morro, rolava até no local da fogueira. Manda um garoto de hoje aí fazer isso! [...].

Nestas narrativas, observamos, igualmente, o contraste entre ontem e hoje. Helinho acentua nestes enunciados, a ausência, a falta. O que parece evidenciar-se nessas narrativas é uma referência ao contraste entre as práticas sociais e valores adotados na atualidade e no seu tempo, que como vimos, fortalecem os laços sociais e a memória produzida coletivamente é responsável pela sua coesão social, conforme postula Halbwachs (1990).

Helinho evoca lembranças em relação ao passado, em que as pessoas eram solidárias, agiam coletivamente, investiam tempo e empregavam esforços para a realização de seus desejos e necessidades, em contraste com o imediatismo e individualismo atualmente praticados e observados em várias narrativas, a exemplo das proferidas por ele e por Juca, abaixo.

Juca concorda com Helinho em sua avaliação do que há de pior no lugar em que habitam. Ou seja, a despeito de inúmeros e gravíssimos problemas que eles têm de enfrentar, que serão discutidos em outras sessões, ambos destacam como o pior deles, a convivência com os jovens de hoje, com os seus valores e atitudes tão distintas dos seus, mesmo quando eram jovens.

Juca faz um relato indignado, carregado de emoção, ao se referir a “essa mocidade sem vergonha que tem aí, essa *bagunça* que eles fazem de noite aí que não deixa ninguém dormir” (turno 201).

- 200 **DIANA:** E os outros? Vamos lá escutar, retomando o que a SILVANA perguntou: o que vocês acham que tem de melhor e o que tem de pior?
- 201 **JUCA:** De pior? De pior tem essa mocidade sem vergonha que tem aí, essa bagunça que eles fazem de noite aí que não deixa ninguém dormir.
- 202 **DIANA:** Mas aqui, né? No Fallet?
- 203 **JUCA:** Aqui mesmo, é... Por exemplo, segunda feira, o cara bota umas músicas aí Eles tem que botar baixo. Eu tô lá em casa ouvindo o jornal, eu tô escutando. Os jovens estão escutando cá embaixo, eu tô escutando lá dentro de casa. Se eu for falar, é capaz deles dizer: -“os incomodados que se mudem”, que ele é capaz de dizer, né?

Ao se utilizar o termo “bagunça”, nos reportamos ao momento em que Juca nos relatou as *bagunças* que ele próprio fazia quando jovem. O mesmo termo, com significados tão distintos...

No início da entrevista, Juca fizera uma longa narrativa acerca das suas inúmeras peripécias, quando Helinho, que vinha se referindo ao modo como eles antigamente procediam com “os caras de fora que faziam bagunça” na festa de São João (turno 142), deu a deixa para que o amigo relatasse as suas.

- 142 **HELINHO:** Walter tem uma estória boa sobre esses caras que fazem bagunça!
- 143 **CACÁ:** Vamos acompanhar o roteiro aí! Vamos acompanhar o roteiro! Você tá fugindo [tom de brincadeira]
- 144 **HELINHO:** Juntar todo mundo, na festa de São João,
- 145 **COELHO:** Juntava...
- 146 **HELINHO:** Junta todo mundo, agarra o cara, levanta ele do chão e bota ele pra fora, sem bater, sem nada. Era a prática nossa era...
- 147 **CACÁ:** Pensei que fosse jogar na fogueira [tom de brincadeira]
- 148 **SILVANA:** [rindo] eu também pensei [risos]. Na festa de São João!...
- 149 **CACÁ:** Eu até tava gostando da ideia... Assim ele volta, ele vai e volta...
- 150 **HELINHO:** Esse aqui já aprontou muito [...].

Dentre vários relatos, destacamos duas, em que Helinho detalha suas “inocentes brincadeiras”:

- 158 **JUCA:** Eles estavam consertando a rua e eu ia lá pro Sumaré apanhar uma jaca. Aí quando eu passei assim, encostei assim e caiu um paralelepípedo... aí foi rolando “pein, pein, pein” e caiu lá embaixo na boca do túnel. Eu achei bonitinho e comecei a jogar. Depois que eu fui pensar “Poxa, se um paralelepípedo daquele pesa quatro a cinco kgs. Da altura que ele vem, se pegar num carro, vai matar o motorista... Meu Deus do céu, que safado que eu fui”. Mas eu fiz sem maldade; aquilo foi uma coisa espontânea. Pra ver a coisa pular. Joguei uma cabeça de nego no cinema, pra aquela fumaça tapar a tela [...].
- 159 **DIANA:** Hoje em dia iria ser interpretado de outra maneira...
- 160 **HELINHO:** Iria pro DOPS
- 161 **DIANA:** Ia pra Bangu!
- JUCA:** Eu fazia aquilo sem maldade, pra fechar a tela. Eu achava bonito... Não se vê nada... [ele conta detalhes desse episódio [...]. [Quando estourou, fez aquele barulho] BUMMM...).

E Juca, conclui:

- 167 **JUCA:** Eu fui um bom moleque
 168 **SILVANA:** Foi!!! Verdade
 169 **JUCA:** Mas não fui moleque de maldade, era de brincadeira!
 170 **CACÁ:** Peralta!
 171 **HELINHO:** Foi não, ainda é. Você ainda apronta!

Juca narra suas “bagunças”, utilizando-se de sons para descrevê-los minuciosamente (no turno 158, ele reproduz o som emitido pelo paralelepípedo rolando: “pein, pein, pein”. No turno 161, Juca sinaliza o som correspondente ao estouro da cabeça de nego: BUMMM).

Além disso, ele utiliza-se de gestos para transmitir que fora um “menino ingênuo”, infantil, avoado, que fazia suas “bagunças” sem maldade, levando todos nós a rirmos de suas encrencas narradas. Por exemplo, no turno 151, Juca colocou suas mãos unidas sobre o peito, balançando a cabeça, negativamente, com um leve sorriso estampado no rosto, tom de voz baixo, suave:

- 150 **HELINHO:** Esse aqui já aprontou muito, esse aqui [apontando para o Juca]. Esse calminho dele...
 151 **JUCA:** [juntando as mãos na altura do peito, como numa prece]: pecado!...

Juca, que ao longo dos GTs de Memórias havia permanecido mais reservado, no grupo focal, participou de um modo diferente, de acordo com o seu entendimento das situações. Assim, Juca se constrói discursivamente, ora alinhando-se como um austero senhor em relação àquilo de que discorda ou não aceita (que sugere “pegar os porcos de fora [...] dá-lhe uma surra [...]” , turno 319), ora se alinha como um moleque brincalhão, ou como ele mesmo refere textualmente.

- 319 **JUCA:** Pegar os porcos de fora... É. dá-lhe uma surra e não jogar mais lixo

Observamos que Juca, reiteradas vezes, enquadra (GOFFMAN, 1981) suas falas como brincadeira, nos brindando com o seu humor, em muitos momentos em que algum conflito, ou algo tenso ou doloroso estava sendo anunciado, a exemplo do momento em que Coelho se refere aos tiroteios

terríveis que ocorriam na comunidade (turno 271) e Juca interrompe dizendo que não gostou que os tiroteios terminassem...

- 271 **COELHO:** acabaram-se aqueles tiroteios terríveis. Eram três vezes por dia: era de manhã...
- 272 **JUCA:** Mas pera aí, dá licença. Eu não gostei de acabar com o tiroteio! (pequena pausa) Por quê? Ninguém pergunta?
- 273 **SILVANA:** Por quê?
- 275 **JUCA:** Eu apanhava as balas

E, o mesmo Juca, que na juventude “foi um bom moleque”, hoje, na terceira idade, se revolta com as “bagunças” dos jovens de sua comunidade. O que o irrita é o volume alto das músicas que eles ouvem, nos momentos em que Juca tenta dormir ou assistir ao telejornal. Parece que a origem de sua indignação vai ao encontro do que Helinho vinha pontuando, acerca da diferença de educação entre os jovens que eles foram e os da atualidade.

- 203 **JUCA:** Eu tô lá em casa ouvindo o jornal, eu tô escutando. Os jovens estão escutando cá embaixo, eu tô escutando lá dentro de casa. Se eu for falar, é capaz deles dizer: - “os incomodados que se mudem”, que ele é capaz de dizer, né?

Mais adiante, Juca explicita seus sentimentos de impotência para lidar com os jovens, em contraste com as tradições do passado, em que tratavam os mais velhos respeitosamente. Ao mesmo tempo em que faz uma queixa, Juca está revelando os costumes e tradições de sua época, em que os jovens respeitavam os mais velhos, lhes “obedeciam”, não questionavam, nem lhes respondiam. Pela sua fala no turno 319, destacado acima, deduz-se que fora educado através do uso de castigo físico e provavelmente não vê outro modo de se educar os mais jovens, que não reproduzindo este modelo.

- 206 **JUCA:** Mas o que que nós vamos fazer? Não adianta eu reclamar.... Devia ser como no nosso tempo, no nosso tempo quando um senhor falava conosco: “é isso, aquilo, tudo” e era respeitado. Por exemplo, nós não fumávamos na frente de um senhor. De jeito nenhum [...].

Parece-nos que o que está sendo colocado em cena refere-se à dificuldade de comunicação entre pessoas de gerações diferentes e também, a dificuldade de se lidar com o diferente, a partir da multiplicidade, excluindo-o, conforme postulado por Glissant (2005), a respeito da identidade-raiz.

Juca, provavelmente assumiu no Grupo Focal, o papel de “porta-voz” dos idosos do grupo em relação ao conflito entre gerações (Cacá neste instante mantém-se a parte da discussão). É ele quem destaca que no melhor lugar para se viver – “uma dádiva de Deus” (turno 116), há também, o inferno. Depende da perspectiva de onde se vê.

3.3 Apoio à comunidade e participação política na AMAVALE

Nesta seção, abordaremos a estreita relação dos nossos entrevistados com a comunidade onde vivem, incluindo sua participação política junto à Associação de Moradores e Amigos do Vale (Amavale). A *pergunta* que nos mobiliza aqui é *como os moradores se relacionam com este espaço, enquanto lugar ocupado e território?* e o Bloco Temático que nos orienta é “Relação com o Lugar”.

Através de suas narrativas, observamos que todos os participantes do grupo focal estão comprometidos com o bem-estar comunitário, com o desenvolvimento do Fallet, o que se pode atestar pela sua atuação frente à Associação de Moradores, uma das primeiras informações que eles forneceram ao seu respeito, quando foram feitas as apresentações pessoais. Coelho fundou a associação e foi seu presidente; Helinho permanece vice-presidente, pelo segundo mandato; Cacá é o atual presidente; Joel, atualmente faz parte da diretoria e Juca, apesar de não exercer um cargo na Associação, está sempre presente, dialogando, debatendo e colaborando com os amigos, no que for necessário. As elocuições abaixo explicitam este aspecto:

- 51 **HELINHO:** Eu sou Hélio Neto [...] e sou vice-presidente da Associação, pela segunda vez eu participo, já participei também da AMAST como diretor, que é a associação do bairro todo, né? E procuro colaborar no que eu posso com tudo com eles aqui, com esse pessoal nosso, como eu tô ficando antigo, né, aí e uma luta um pouco difícil, mas a gente vai levando, né?

Através destas narrativas, Helinho está se construindo discursivamente como uma pessoa que vem se dedicando junto às associações de moradores do Fallet e de Santa Teresa, com o intuito de colaborar com o desenvolvimento da comunidade.

Ao revelar-se como “vice-presidente da Associação, pela segunda vez”, anuncia o reiterado reconhecimento da comunidade, que o reelegeu. Para finalizar o elenco de ações socialmente legitimadas e valorizadas, ele foi também diretor da Associação de Moradores do bairro de Santa Teresa.

Entretanto, ele revela que tem sentido dificuldades frente ao desafio imposto pelo exercício da atividade, sobretudo porque está ficando “antigo”... Estaria com isso, Helinho expressando certo cansaço em decorrência da idade ou este se daria em razão do peso do exercício das atividades políticas?

Em muitos momentos, teremos a oportunidade de atestar o constante, destemido e apaixonado envolvimento de Helinho com o Fallet, com o objetivo de proporcionar melhorias e segurança ao lugar, sobretudo para os seus familiares.

Coelho, em sua apresentação, nos informa que desde menino se interessa pelas questões da comunidade, passando a narrar situações em que se colocava a serviço de ajudar os vizinhos. Ele já ia esquecendo-se de mencionar seu cargo político nas Associações de Moradores da região, quando retomou a palavra, afirmando ter se esquecido de dizer o *principal*. Ao que parece, com estas narrativas, Coelho está se construindo discursivamente como uma pessoa cujo vínculo com a comunidade onde mora é uma questão central da sua vida.

75 COELHO: É. Só isso que eu ia colocar. Ah não, e colocar que eu esqueci o principal [...].

77 COELHO: Eu fui presidente da Associação do Fogueteiro, sou fundador aqui da Amavale, né? Fui fundador da Amavale e sou membro, também tem um grupo, Moradores Unidos de Santa Teresa. Esse grupo, hoje não, mas o objetivo dele não era um movimento paralelo. Ele dava apoio comunitário às associações do Complexo do Fogueteiro.

Como podemos observar, Coelho foi o fundador de mais de uma associação de moradores e sua participação política não se restringiu apenas ao Fallet. Sua atuação compreendia com toda a região que ele denomina *Complexo do Fogueteiro* e que abrange as áreas do Fogueteiro, Fallet e Beco Ocidental (turno 120).

120 COELHO: Pra mim, morar aqui, no Complexo do Fogueteiro, né? Que é composto pelas comunidades do Fogueteiro, Fallet e Beco Ocidental, que nem já falou anteriormente o Juca, é uma dádiva de Deus [...].

Coelho revela então, que desde a sua fundação, a *Amavale* esteve envolta em conflitos: inicialmente, sua sede não era no Fallet, situando-se na Rua Manoel de Abrantes, em uma área, segundo seus esclarecimentos, considerada favela.

Coelho e Helinho contam que na ocasião, a Light iria desapropriar 300 famílias, pois suas torres passariam por lá, para levar energia para a Zona Sul. As pessoas resolveram se juntar e já haviam feito várias reuniões, mas não chegavam a um consenso, até que Coelho compareceu a uma destas reuniões e, vendo aquela confusão, perguntou:

857 **COELHO:** [...] E aí “você quer ou não quer fazer uma associação? Ou quer ficar aqui brigando? Quem quer associação levanta a mão!” Aí foi lá e fez a associação [...]

O primeiro passo havia sido dado: houve um acordo e foi criada a Associação, mas havia ainda outra questão a ser sanada: como a associação foi fundada na área considerada favela, os moradores da área que não era favela se incomodaram com isso.

862 **COELHO:** Ela [a associação] não foi fundada para defender só um lado. Defendia aqui também, mas era para lá. Que é que se fez? Aí que começou a polêmica. -“Ah, aqui não é favela, porque que”...

Passado um tempo, por motivos vários que serão relatados em outras seções, a os diretores do *Clube dos Trinta*, denominado *Associação Atlético Fallet*, já não o frequentava mais e seus impostos estavam atrasados. Assim, esclarece Coelho, no ano de 1985, os sócio-fundadores do clube decidiram doar legalmente o espaço para a comunidade. A partir daí, a Associação de Moradores mudou-se para este endereço, permanecendo ali até os dias atuais. Entretanto, revela Coelho, depois da doação e estabelecimento da Amavale ali, muitos se afastaram.

Coelho esclarece a razão da escolha do nome da Associação de Moradores:

862 **COELHO:** Por que ficou Amavale? Porque as características geográficas são de Vale. E o raio e ação dela, o raio de ação da Amavale, ela pega do [número] duzentos e vinte e oito da [Rua] Eliseu Visconde pra cá. Pega [a Rua] Manuel de Abrantes, Sobradinho,

União, até lá o setenta e sete e a Rua Eliseu Visconde. Esse é o Raio de ação da Amavale.

Juca relata que um dos participantes dos GTs de Memórias, o Marcão, era um dos proprietários da área que foi doada para a comunidade, onde foram instaladas inicialmente, a Amavale e, posteriormente, a creche. Juca revela que Coelho foi o primeiro a reivindicar a instalação de uma creche e que depois dele, várias administrações ainda o fizeram, até que a Prefeitura atendesse a essas solicitações.

Joel também é um assíduo colaborador da Amavale, afirmando que “faz tudo o que estiver ao seu alcance para ajudar e colaborar pelas melhorias no Fallet”. Joel é o tesoureiro da Amavale e é quem faz a ponte entre a associação e os moradores da parte mais alta do morro do Fallet, divulgando ações e serviços, e levando ao conhecimento da diretoria, os problemas e demandas destes moradores.

E Cacá, o atual presidente, como vimos em sua apresentação, informou a sua condição de presidente da Associação - cargo que, segundo ele, foi-lhe “imposto” pelos demais participantes do Grupo Focal (ex-presidentes, vice-presidente, tesoureiro). E embora Cacá afirme que esta não é a *sua praia (sic)*, conclui sua apresentação dizendo: “E... to aí pra toda vida” (turno 85), o que sugere que ele esteja construindo-se narrativamente, na interação com os demais entrevistados, como sendo regido pelos valores de comprometimento, empenho, dedicação, lealdade e solidariedade para com o Fallet e seus moradores.

85 **CACÁ:** Cláudio Matos. Conhecido como Cacá, presidente da Associação, imposto por eles aí. Essa não é a minha praia [risos dos outros]. E... tô aí pra toda vida...

Cacá não apenas exerce a liderança junto à Amavale, como também, ao lado de sua esposa, está à frente do Projeto “Fallet Embalando Crianças³⁸”, que apresentaremos em outra seção. E embora Helinho respeite essa ação, ele critica enfaticamente a falta de participação da comunidade junto à Associação de Moradores e a total dedicação do Cacá ao projeto, cobrando maior envolvimento deste com outras questões comunitárias. Helinho situa a

³⁸ <http://igual.ig.com.br/fallet/projeto-fallet-embalando-criancas/>

participação nula da comunidade ao lado da falta de educação e de ética dos novos moradores, como o que há de pior no Fallet. Esta talvez seja uma das razões do seu cansaço, anunciado em autoapresentação.

188 **HELINHO:** há muita omissão de todos. [...] Eu mesmo, eu estou insatisfeito, não tenho vindo à reunião da associação [...]. Porque a associação está parada. Ela está funcionando com essas coisas aqui com as crianças, mas como associação, no resto, ela está devagar. A participação nula do morador mais novo [...].

Parece-nos que este é um importante ponto de divergência entre eles, presidente e vice-presidente. Ao passo em que Helinho tem se sentido impotente para mobilizar a comunidade para ações coletivas em prol do lugar e Coelho também já se encontra mais afastado, Cacá consegue reunir determinado segmento de moradores do Fallet, em torno dos projetos com os quais tem fechado parcerias, dedicado às crianças e jovens.

Mas, a despeito das críticas e insatisfações, observamos, por um lado que, de fato, a comunidade encontrava-se bastante desarticulada; por outro, pudemos presenciar, nos anos de 2012 e 2013, várias reuniões ocorridas no Instituto Petra e na Amavale, com um número considerável de participantes, em sua maioria pais dos jovens atendidos pelos vários e recentes projetos esportivos e culturais, reuniões estas voltadas para o desenvolvimento comunitário, empreendedorismo, segurança e direitos humanos.

Olhando para trás, poucos foram os momentos em que esses cinco líderes estiveram reunidos nos últimos tempos. Um destes raros momentos foram os GTs de Memórias que, parece ter congregado desejos e aspirações em comum.

Os objetivos e frentes de ação da atual gestão da Associação de Moradores é um dos pontos de grande divergência entre estes líderes comunitários, que apesar disso, continuam amigos e se respeitando. Mas, a estratégia de Helinho e de Coelho parece ser a de uma “resistência passiva”: eles não brigaram, não romperam politicamente, mas ambos não têm comparecido às atividades ocorridas na Amavale.

Mais uma vez nos deparamos com o desafio proposto por Glissant (2005, p. 28) sobre como alcançar um equilíbrio entre “ser si mesmo sem fechar-se ao outro e abrir-se ao outro sem perder-se a si mesmo”. Este talvez

seja o maior desafio a ser enfrentado: a administração das diferenças de opiniões, de estilo, de escolhas e de prioridades. Cada parte está, de fato, envolvida e atuante, mas cada qual ao seu modo. Como seria o resultado de seus empreendimentos se eles conseguissem uma sinergia, a partir de suas diferenças?

Para além das atividades junto à Amavale, estes senhores mantêm uma ampla e contínua atuação política na comunidade, sendo sua participação nos GTs de Memórias, uma destas frentes. A constante frequência destes líderes nos GTs tinha como propósito propagar as histórias e suas memórias sobre o Fallet o mais amplamente possível, e isto se daria através da publicação de um livro, levando assim, para fora dos limites da região, a imagem de um Fallet distinto daquele veiculado pela mídia, conforme apontado anteriormente.

Mas, de que maneiras a sua participação nestes GTs teria lhes mobilizado, para além deste objetivo em comum? O que cada um deles teria vivenciado naqueles momentos em que nos reuníamos exatamente naquele espaço pleno de distintos significados? Aquele lugar que já fora um clube elitizado, depois abandonado, anos mais tarde doado para a comunidade e atualmente reorganizado, tornando-se palco de dissidências entre as lideranças comunitárias? O que significou para cada um deles, termos nos reunirmos exclusivamente para mobilizarmos suas lembranças e abrirmos um espaço em suas rotinas para que estas lembranças fossem coletivamente narradas?

Podemos esboçar apenas algumas suposições, pois os significados destes momentos lhes pertencem de modo profundo e exclusivo. Ao recorrermos à Bosi (1993) poderíamos supor que, ao trazerem o passado à tona, estas lembranças narradas teriam afetado tanto sua percepção do presente, quanto a construção de um projeto de futuro.

E, considerando que por meio da narrativa, o sujeito não apenas dá voz ao seu passado, mas revive estes fatos do passado com toda amplitude de sentimentos envolvidos, supomos que cada um deles foi profundamente afetado ao narrar estes fragmentos de lembranças.

Além disso, tendo em conta que o autor da narrativa coincide existencialmente com o seu sujeito, e que a memória e a narrativa são

inerentes à constituição da identidade, supomos que ao falarem sobre o seu passado, cada um deles não apenas recordou eventos, mas também refletiu sobre os fatos, as pessoas, os momentos cruciais de sua existência, apropriando-se, pois, significativamente da sua história e ressignificando a si mesmo em função dela.

Consideramos ainda, baseando-nos na argumentação de Moita Lopes (2001), que através do nosso discurso damos forma ao mundo social, construímos o conhecimento sobre quem somos na vida social e este processo é constantemente atualizado e coconstruído nas relações.

Além disso, nos apoiando na premissa de Fabrício & Moita Lopes (2002), entendemos que quando tornamos o significado compreensível para o outro, construímos a outridade, do mesmo modo que somos construídos por ela.

Assim, acreditamos que nestes momentos em que estivemos reunidos, seja nos GTs de Memórias, seja no Grupo Focal, cada um foi sendo mobilizado em níveis profundos, em que nossas identidades-rizoma foram se reconfigurando discursivamente a partir destas relações dialógicas estabelecidas entre todos e com o lugar.

A relação que estes antigos moradores estabelecem com o lugar, conforme as narrativas destacadas ao longo desta seção, evoca sentimentos de pertencimento, afeto, dor, frustrações, impotência, desejo, proteção.

3.4 Os Guardiões do Território em defesa dos direitos: a comunidade, o tráfico e o Estado

Nesta seção, almejamos *identificar como a memória produz sentidos acerca da experiência de lugar e constitui configurações identitárias*, a partir do Bloco Temático “Relação com o Lugar”.

Além disso, daremos destaque a quatro tipos de conflitos, dentre muitos, com os quais estes antigos moradores, líderes comunitários e guardiões da Memória se deparam. Suas narrativas revelam que em muitos momentos, ocorrem conflitos dos moradores entre si, por motivos diversos: o descarte do lixo, a altura do som e outros assuntos do cotidiano que envolvem a comunidade como um todo. Uma segunda espécie de conflitos se dá entre os

moradores e os traficantes. O terceiro modo de embate, com trágicas consequências para a comunidade ocorre entre a polícia militar (UPP) e os traficantes. E, por fim, a hostilidade instalada entre moradores e a UPP.

Começamos pelas intrigas entre moradores no seu dia a dia. E, em se tratando de “brigas”, sobretudo em prol do bem estar e desenvolvimento da comunidade, cada um com seu estilo...

Juca parece ser o mais irritadiço deles todos; em muitos momentos, demonstrou-se irado, revoltado; noutros, impotente para resolver o conflito e noutros ainda, valeu-se da energia da raiva para enfrentar a situação de frente.

Na seção 3.2 vimos Juca impotente para lidar com os jovens que colocam o som nas alturas de modo que Juca não consegue ouvir o telejornal. Juca crê que provavelmente muitos outros moradores sentem-se incomodados com isso, e que não adiantaria pedir-lhes para baixarem o volume.

Mas observemos dois momentos outros momentos, em que Juca reage de modo explosivo. O primeiro ocorreu nos primórdios da fundação do Fallet. Helinho narrava um episódio em que um certo fiscal de obras, mau profissional, ia frequentemente fazer vistorias, na época em que seus avós estavam construindo suas casas. Então, Juca relata o momento em que ele colocou o fiscal para correr de sua casa e este nunca mais voltou no Fallet.

578 **JUCA:** Esse P., eu botei ele pra correr lá de casa.

579 **HELINHO:** Porque você não queria lhe dar dinheiro.

580 **JUCA:** Justamente isso. Ele queria... -“Pô, te meto o pau. Tu some daqui senão vou te meter porrada. Não pisa mais aqui”. Aí [...] ele disse: -“Ó, não se mete com esse baixinho aí, que ele é fogo!”. Eu peguei ele na rua [...]: -“Fala comigo aqui. Vai lá. Falta ao respeito... eu te arrebento de pau”. Ele sumiu daqui. Nunca mais ele veio aqui. Botei ele pra correr.

Nestas narrativas, Juca está se construindo discursivamente com um homem decidido a resolver as situações imediata e definitivamente, usando a emoção da raiva como mote para agir, de modo a não utilizar o “jeitinho brasileiro” de subornar o fiscal para que os processos andem. Tampouco, Juca permitiu que o fiscal o intimidasse para que sua obra fosse liberada.

No segundo momento, observa-se o pragmatismo extremo, em que a solução proposta por ele é reativa, impulsiva e agressiva. Para Juca, não tem conversa, ele resolve “no tapa”. Sua proposta para “conscientizar” os novos

moradores em relação ao grave problema do lixo no Fallet, como vimos na seção anterior, é simplesmente “Pegar os porcos de fora... É. dá-lhe uma surra e não jogar mais lixo”.

Já Coelho prefere a diplomacia: bastante engajado, assertivo, conciliador, utiliza-se de meios pacíficos. Deste modo, conseguia transitar por, e dialogar com todos os seguimentos em conflito: era a ele que os moradores recorriam quando se encontravam em dificuldades de qualquer espécie, assim como, para que intercedesse em situações de tensão.

Vejamos o relato de suas intervenções em momentos de tensão entre a comunidade e o tráfico e entre este e a polícia:

- 699 **HELINHO:** O morador [...], cada vez que morria alguém, o Walter fazia o enterro. Toda vez que tem um problema com os moradores, com os meninos, ia na casa do Walter, de dia, de noite, - “Ó, Seu Walter!” o Walter ia lá e resolvia.
700 **COELHO:** Era o conciliador.

Nestas narrativas, Coelho está se construindo discursivamente como mediador de conflitos, como pacificador, cuidador e protetor da comunidade, com quem as pessoas podem contar a qualquer momento e em quaisquer circunstâncias.

Uma de suas marcas são as inúmeras faixas que colocou junto às entradas do Fallet, a exemplo da chegada da UPP na comunidade ou ao lado de Helinho, quando foram protestar na porta do Jornal o Globo, denunciando o descaso do poder público em relação à falta de saneamento. Suas mensagens inteligentemente reivindicavam respeito e atenção aos direitos da comunidade. Abaixo, testemunhamos sua intervenção para com o Estado.

- 351 **COELHO:** Nós ficamos lá dois dias na porta do Globo com a faixa.
352 **CACÁ:** Quem é que passa por uma faixa e não lê? Quem é que não lê?
353 **HELINHO:** E O Globo não foi honesto com a gente!
354 **CACÁ:** Ah... E O Globo é honesto com alguém?
355 **HELINHO:** [...] Os seguranças pediram pra gente ficar ali recuados, nós ficamos, o Walter fez valer a Constituição, um direito nosso [...]. Aí ficaram lá de atender a gente, nós ficamos lá de manhã até uma hora da tarde e não veio um repórter pra entrevistar a gente.

E, em muitos problemas enfrentados pela comunidade, Coelho e Helinho uniam-se para juntos buscarem soluções para a situação. No turno abaixo, eles relataram a sua intervenção tanto junto às autoridades de segurança oficiais, quanto junto ao “poder paralelo”, em que eles foram diretamente aos “chefes”

denunciar os frequentes assaltos ocorridos naquela época em Santa Teresa. O resultado deste enfrentamento foi a diminuição destes assaltos na região. Assim, tais narrativas revelam sua intervenção frente ao Estado e frente ao crime organizado.

697 **HELINHO:** quando tinha o tráfico bravo aqui, eu e o Walter, nós fazíamos reunião lá ... Nós íamos várias vezes, quando tinha problema, no comando da PM, que era ali [...]. A gente ia à reunião lá com o comandante e quando voltava, a diretoria da “firma” estava esperando a gente. Aí nós falamos pra ele // **COELHO:** -“ó, tá acontecendo isso e isso e isso e isso...”. Aí reclamavam, havia muito assalto em Santa Teresa. Nós fomos lá, aí diminuiu.

Já Helinho... Helinho assume que sempre brigou muito pelo Fallet, inclusive com os meninos do tráfico, e em qualquer lugar, no meio da rua, onde fosse. Em sua autoapresentação, ele nos diz que “não tem papas na língua”.

192 **HELINHO:** eu brigava muito, mas brigava mesmo, até no meio da rua, porque eu falo o que eu quero, eu acho que se eu não falar [...] o que eu sinto, eu não sou amigo dele. [...] eu sou franco.

Observa-se que nas narrativas acima, Helinho está se construindo discursivamente, e se identifica deste modo, enquanto uma pessoa franca, decidida, destemida, que briga pelo que quer. É deste modo que ele intercede tanto junto à comunidade, quanto junto ao Estado, quanto ainda, para com o tráfico.

Helinho diz que, atualmente, está parando de brigar, pois percebeu que este seu comportamento não estava resultando conforme suas expectativas. Provavelmente ele referia-se ao seu constante movimento para mobilizar a comunidade, a fim de unirem esforços para revitalizar o Fallet.

Esta mudança de atitude talvez decorra do fato já enunciado em suas primeiras narrativas, e já referido na seção anterior, de que ele e Coelho - que ao longo de todos esses anos vêm se expondo, “brigando” pelo Fallet - já não são jovens e provavelmente, seus fôlegos para a luta vêm diminuindo com o passar dos anos.

Por sua vez, Helinho, conforme também aludimos na seção anterior, discorda de Cacá por este estar envolvido com outras questões, priorizando investir em ações que visem à educação e desenvolvimento psicossocial, físico e cultural das crianças.

Já a comunidade, como ele reiteradamente aponta, não comparece e está inerte diante dos muitos e graves problemas não solucionados a serem enfrentados, em relação à infraestrutura e urbanização do Fallet, saúde, segurança, educação, transporte...

Além disso, ele nos conta que Coelho, pacificador por natureza, sempre cobrou dele uma outra postura, certamente na tentativa de conter os impulsos do amigo brigão.

É o amigo Coelho quem revela que Helinho sempre brigou pelo que consideram o “câncer da comunidade”: o Rio Papa Couve, assim denominado porque é uma vala negra, esgoto a céu aberto, portanto, que corta a comunidade.

Mas, a falta de consciência dos moradores agrava o problema, uma vez que eles aproveitam o curso do rio para que possam se desfazer de qualquer coisa que não lhes sirva: de lixo a sofá. O rio acumula muita sujeira e com isso, atrai insetos, ratos e tornou-se fonte de doenças.

Uma solução possível pensada pela diretoria da Amavale seria a canalização do rio, mas há morador que não concorda.... e enquanto aguardam as prometidas obras do Morar Carioca³⁹, o problema se agrava...

Quanto ao Cacá, pelo tempo em que observamos sua atuação, constatamos que ele comparecia a todos os eventos possíveis, em que pudesse reivindicar em nome de, ou representar, o Fallet. Nos anos de 2012 e 2013, pudemos observá-lo em muitos momentos: desde reuniões comunitárias em outras favelas dos Complexos do São Carlos e de Santa Teresa (que eram convocadas tanto pelas associações de moradores, quanto por instituições públicas e privadas, assim como em festividades e eventos políticos), a reuniões no Palácio do Governo ou em Secretarias de Estado e Municipais. Cacá comparecia também em acontecimentos esportivos, culturais, sociais e políticos, além de encontros acadêmicos, em que se discutia o projeto das UPPs em relação à cidade do Rio de Janeiro.

³⁹ O Programa Morar Carioca, criado em Julho de 2010, pela Prefeitura do Rio de Janeiro, é responsável pela implantação de infraestrutura, equipamentos e serviços, objetivando “a inclusão social, através da integração urbana e social completa e definitiva de todas as favelas do Rio até o ano de 2020”. <http://www.rio.rj.gov.br/web/smh/exibeconteudo?article-id=1451251>. Extraído em 2015.

- 348 **CACÁ:** Eu cobro, eu disparo a metralhadora, a SILVANA conhece, me conhece aí dos debates, eu toco nas feridas mesmo! Mas depois, fica assim: -“ah, aquele barbudo lá...” [e o pessoal pergunta]: -“Cadê o pessoal do Fallet? Vai na reunião lá?”. Aí eu chego aqui, tem uma meia dúzia....

Nas narrativas acima, parece-nos que Cacá, neste quesito, está de acordo com Helinho e Coelho, em relação às expectativas frustradas de que a comunidade compareça, uma vez convocada, para discutir temas de interesse coletivo e/ou participar de ações que digam respeito ao bem estar da comunidade.

E o que dizer de Joel? Joel não é de briga; e sim, pela paz. Prefere agir, dar o exemplo. Em relação à falta de educação dos moradores quanto ao lixo, e que ele também avalia como sendo o maior problema que os afeta, sua conduta, assim como a de sua mulher são coerentes com seus princípios de cidadania.

- 408 **JOEL:** [...] eu saio de casa, sempre trago a minha bolsinha de lixo e boto na caçamba, minha mulher sai às sete horas da manhã, leva o lixo, bota na caçamba ... E... Eu varro a minha parte lá na escadaria, eu varro tudo e...
- 409 **JOEL:** Dali pra frente, ninguém faz mais nada e... Podia ser... Cada um tomando a sua atitude e deixando tudo limpo

Mas, além de mostrar-se consciente da sua responsabilidade individual e agir eticamente, zelando pela sua comunidade, Joel demonstra em sua narrativa, ter compreendido que em alguns momentos, o melhor que se tem a fazer é silenciar...

- 431 **JOEL:** [...] Ele quebrou tudo, tirou as peças e largou lá. Eu tive que pagar o Batata pra jogar no lixo. Lixo dos outros.

A dificuldade de se encontrar uma solução para o problema do lixo acabou gerando uma discussão entre os participantes do Grupo Focal, onde ficaram evidentes as divergências de estilos e opiniões quanto às atitudes que caberiam em relação ao modo de proceder dos moradores.

Joel apresentou um problema, que os demais ainda não tinham tomado conhecimento: certo morador estava “roubando” as caçambas de lixo. Helinho acha que Cacá, como presidente da Associação deveria se impor e tomar uma atitude. Este, por sua vez, acha que o próprio morador poderia ligar para o canal de comunicação da prefeitura e fazer suas denúncias e reclamações,

deste modo, empoderando-os e tornando-os mais responsáveis pelo zelo e cuidados com o lugar que é comum a todos. Helinho retruca, dizendo que isso não funciona, o morador não vai ligar.

Cacá, então, traz à tona, outra situação difícil de contornar: quando se faz uma reclamação qualquer para certos moradores, por exemplo, ligada ao lixo que ele deixou espalhado, esta pessoa pode simplesmente dizer que vai deixar lá e pronto! E, se não gostar, vai ter que se haver com Fulano, ou Beltrano, seu parente, que é ligado ao tráfico, voltando à situação que Joel vinha relatando.

Helinho se exaspera nessa hora, dizendo que o morador mente e se aproveita em algumas situações, alegando contar com certos privilégios. Entretanto, Helinho opina que o tráfico não se envolveria com estas querelas da comunidade.

E então Joel concluiu o relato em que dizia que teve que pagar uma pessoa para tirar o lixo que outro deixara jogado (tratava-se de um entulho, que a Comlurb não levaria em sua coleta), explicitando que este lixo fora deixado na sua porta por uma pessoa ligada indiretamente ao tráfico...

Testemunhamos aqui, o modo como Joel interveio em disputas entre a comunidade entre si e em como segmentos da comunidade se colocam em relação ao tráfico.

- 428 **CACÁ:** [...] se existe alguém apanhando a caçamba, o morador vai e liga pro um sete quatro meia.
- 429 **HELINHO:** Ah!... Não funciona...
- 430 **CACÁ:** ... O morador não vai querer que eu chegue e traga o problema pra mim, porque eu não posso multar ele, não posso prender ele. Se ele tá na rua e tá cheio de entulho, o morador pode ligar pro um sete quatro meia e denunciar. [...]. Agora, o morador quer que eu chegue: -“Ô fulano, tu botou entulho aí. Tu não pode não, tu tem que tirar”. Aí, o cara fala assim: -“Olha só, eu vou botar o entulho aqui e acabou. Porque senão eu falo com o meu primo, falo com o meu tio, falo com o meu irmão”. Aí eu falo assim pra ele: -“É, hã, é, ó”...
- 431 **HELINHO:** Aí é mentira!
- 432 **CACÁ:** E você vai fazer o quê? Você vai fazer o quê? O cara que jogou o entulho na rua, tu vai fazer o quê?
- 433 **HELINHO:** Eles usam o nome dos...
- 434 **JOEL:** Ó, um exemplo: o lixo que eu paguei pro cara carregar ... o cara é da firma.
- 435 **HELINHO:** É da firma?
- 436 **CACÁ:** Tu pagou, né?
- 437 **DIANA:** E que firma, desculpa, que firma é essa?
- 438 **HELINHO:** Firma é a... é a *Boca!*
- 439 **DIANA:** Ah, desculpa.
- 440 **HELINHO:** É o tráfico!
- 441 **COELHO:** A gente, pra não falar o que é, a gente fala “a firma”

Nota-se que muitas são as “brigas” com as quais estes líderes se envolvem, inclusive entre eles. Em suas narrativas, eles evidenciaram vários conflitos, como era de se esperar, divergências de opiniões, de modos de conceber e de operacionalizar aspectos que envolvem sua responsabilidade e que dizem respeito ao bem estar da comunidade.

Tais brigas, como explicitamos, ocorrem em muitos níveis, envolvendo os moradores entre si, os moradores versus o tráfico, este contra a polícia, os moradores e a polícia, moradores contra o Estado e a Prefeitura, etc., e estes líderes tentando intervir em todas estas instâncias...

585 **HELINHO:** [...] os outros moradores ficam com medo de ir a uma reunião e falar o que for, não como nós aqui. Nós aqui... eu falo por mim e falo por eles, nós não temos papa na língua. Se tivesse um PM aqui, eu ia falar a mesma coisa.

Na elocução acima, vemos que Helinho está se construindo discursivamente, como dissemos acima, como uma pessoa destemida, que não mede esforços para alcançar seus objetivos e que fala o que for preciso. Mas, há outro aspecto envolvido nesta narrativa a ser considerado: o medo do morador. Esta é a razão de seu silêncio, de sua omissão. Por isso não comparece às reuniões, não vai reivindicar seus direitos, nem pela qualidade de vida na comunidade.

Há ainda dois momentos relativos às intervenções de Coelho a serem destacadas: o primeiro, em meados dos anos 1980, quando a comunidade recebeu a doação do clube. Nesta ocasião, conforme havíamos antecipado, os diretores do clube já não o estavam frequentando. Com muitos impostos atrasados e após conflitos com a comunidade, por ser um clube fechado, resolveram alugar o espaço. Bem, quem tomou a posse do clube foi o tráfico, a fim de fazerem suas festas privadas. Os sócios fundadores entenderam que o melhor a ser feito nestas circunstâncias seria doar a área para a comunidade e transferir a sede da associação dos moradores para o Fallet. Como já relatado, a associação, quando fundada, localizava-se em uma região do morro por eles considerada como favela, sendo um dos motivos pelo qual muitos moradores não se dispuseram a colaborar com a associação.

Conforme revelado em um dos GTs de Memórias, Coelho, na qualidade de presidente da associação de moradores foi até o comando do tráfico,

requerer a sede de volta. Este alegou estar ocupando o local porque a associação não o utilizava, deixando o espaço ocioso, e disse ainda, que deixaria de fazer os seus bailes *funk* ali, no momento em que a Amavale passasse a utilizá-lo, alegando entender a importância da mesma para o desenvolvimento da comunidade. E, segundo Coelho, o acordo foi, de fato, cumprido.

Por fim, sublinhamos as narrativas que evidenciam a atuação de Coelho frente ao Estado, cômico de seus direitos, reivindicando-os em nome da comunidade, à frente da associação de moradores.

849 **COELHO:** [...] Sabe o que eu fazia? Eu tenho o meu direito constitucional, direito de exercer minha cidadania, fazia os ofícios e mandava pra onde? Pras repartições competentes, Prefeitura, e tal, eu mandava. E depois eu pegava a cópia, carimbava e dava rumo [...].

Observamos que, nestas narrativas, estes antigos moradores do Fallet estão construindo-se discursivamente como lideranças, cada qual com suas estratégias próprias e de acordo com suas particularidades, cujas vidas são dedicadas, em maior ou menor grau, em prol da defesa dos interesses da comunidade. A este respeito, consideramos, conforme Reissman (2008), que através das narrativas proferidas no diálogo que ocorre nas entrevistas, o narrador constitui o seu *self* autobiográfico, apresentando-se conforme deseja ser conhecido na interação. Assim, cada um, ao seu modo, apresenta-se como *guardião do Fallet*, enquanto espaço e território, conceitos que tomamos emprestado de Certeau (1998).

O espaço, segundo Certeau (1998), implica mobilidade, vetores de direção em múltiplos sentidos e vai se constituindo à medida em que é ocupado. Já o território, para este autor, é constituído por pontos fixos, por fronteiras delimitadas, em que há uma estabilidade. Já Haesbaert (2004) sugere pensar no território como um espaço delimitado por fronteiras estabelecidas a partir de relações de poder e que exige exclusividade de apropriação e de uso, por aqueles que estão nele incluídos, em oposição aos “outros” (que dele não fazem parte).

Deste modo, observamos que através de suas narrativas coconstruídas na entrevista em grupo, estes antigos moradores e lideranças estão se

configurando identitária e discursivamente como *guardiões do Fallet*, a partir de suas relações de pertencimento e posse deste lugar.

3.5 Trabalhadores e promotores da Paz

Nesta seção, visamos a responder à pergunta proposta em nossas *questões norteadoras: quem são as pessoas do Fallet*, a partir do Bloco Temático “Convivência na comunidade”.

Retornando ao momento inicial do Grupo Focal, quando Diana se apresentou, dizendo o seu nome e sua profissão e contextualizando sua participação ali naquele momento (dizendo que estava ali para me ajudar com a minha pesquisa e que era professora), eles podem ter entendido que estava sendo oferecido, implicitamente, um modelo de apresentação a seguido, ou uma direção, um enquadramento ou ainda, um objetivo para aquela reunião, pois até aquele momento, estavam todos comunicando informações muito relevantes, porém de forma descontraída, as quais serão analisadas em outras seções.

Por *enquadre*, conceito definido por Bateson, em 1972, entendem-se as instruções fornecidas ao ouvinte, a fim de lhe sinalizar como deve compreender e contextualizar a mensagem (PINTO, 2001). Ou seja, para interpretar a fala de nossos interlocutores, precisamos saber como a situação está sendo enquadrada. Portanto, falantes e ouvintes precisam estar atentos aos *enquadres*, isto é, aos modos de falar e de agir. Ribeiro e Pereira (2002, p. 54) argumentam que “cada ato comunicativo traz em si uma *mensagem implícita* sobre como entender o que foi dito ou feito”.

50 **DIANA:** Sou professora universitária lá no Programa de Memória Social da UNIRIO, já trabalho lá há uns sete anos, mas já trabalhei no Município, já trabalhei em escola particular, enfim, e agora estou na universidade e estou ajudando a Silvana nesse trabalho agora. Quem quer continuar aí a se apresentar?

Helinho foi o primeiro a se apresentar, conforme já exposto, revelando o seu nome, profissão e a natureza de sua participação na comunidade, enquanto liderança intra e extracomunitária, colaborando “no que eu posso com tudo com eles aqui, com esse pessoal nosso” (turno 51).

- 51 **HELINHO:** Eu sou Hélio Neto, [...] sou soldador, e sou vice-presidente da Associação, pela segunda vez eu participo, já participei também da AMAST como diretor, que é a associação do bairro todo, né? E procuro colaborar no que eu posso com tudo com eles aqui, com esse pessoal nosso, como eu to ficando antigo, né, aí é uma luta um pouco difícil, mas a gente vai levando, né? É isso aí.

Observamos na construção discursiva de Helinho que esta aponta para uma *intenção*, ou seja, que ele *pensa* em respeitar seus limites (colaborar apenas com o que pode), mas acaba ultrapassando-os, envolvendo-se com *tudo* o que envolva estes amigos ali presentes (*esse pessoal nosso*), todos eles devotados às questões comunitárias. Através destas narrativas, Helinho está anunciando que, até então, não vem medindo esforços para fazer o que for preciso pelo bem comum em sua comunidade.

Mas, conforme pudemos constatar em suas narrativas, Helinho revela que tem sentido o peso da idade, além de ter acumulado muitas frustrações ao longo de todos esses anos, pela ausência de reciprocidade da comunidade que, segundo vimos, se recolhe, acuada e temerosa.

Bosi (1993, p. 79) nos auxilia a compreender a vivência do idoso consigo mesmo, seus sentimentos e sensações que advêm com a idade, referindo que este se sente diminuído e demanda mais esforço para realizar tarefas que antes lhe eram tão simples: “as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar”.

Há ainda outro aspecto a ser considerado. Em sua autoapresentação elogiosa, Helinho revela que possui uma profissão valorizada no mercado de trabalho, uma atividade qualificada: ele é soldador (turno 51). E, no turno 363, Helinho faz menção à época em que trabalhou no jornal:

- 363 **HELINHO:** [...] eu trabalhei na Tribuna da Imprensa. Dois anos. Aprendi muita coisa, aprendi muita coisa lá [...].

Estas referências profissionais o distanciam do estigma que, de um modo geral, recai sobre os moradores de favelas quando se lança um olhar homogeneizante sobre eles, preconceituosamente julgando-os todos como desocupados, vagabundos e criminosos. Em nossa cultura, exercer uma atividade profissional nos dignifica e nos permite uma inserção social, fatores essenciais a nossa autoestima e autorreferência identitária.

Assim como acontece em relação aos desempregados ou subempregados, nossa cultura tende a rejeitar o idoso, considerando-o muitas vezes um peso, na medida em que eles não participam do mercado formal de trabalho.

Gonzaguinha expressou poeticamente, em sua música denominada “Um homem também chora” (1983), a magnitude de se ter um trabalho, uma profissão, em nosso meio social e, por contraste, a extrema angústia e sentimento de exclusão social, vivenciados por aqueles considerados “não produtivos”:

[...] o homem se humilha se castram seus sonhos
seu sonho é sua vida e vida é o trabalho
e sem o seu trabalho, o homem não tem honra
e sem a sua honra, se morre, se mata
não dá pra ser feliz, não dá pra ser feliz

Nesse sentido, Bosi (1993) discorre acerca da relevância de se ter uma ocupação laboral e o que esta significa para os idosos, em nossa sociedade. Situando a velhice como uma categoria social, a autora esclarece que, no sistema de produção capitalista, o idoso aposentado, não participante da produção é considerado um ser à-toa, desocupado, um ser que “não faz nada”, como se a atividade laboral fosse a única forma de contribuição que um indivíduo possa prestar à sociedade.

Helinho revela que está andando para trás e que uma das questões cruciais, não só para si, mas para os brasileiros é o que ele referiu como “falta de salário”. Aposentado, continua prestando serviços na sua área, provavelmente como *free lancer*, pois há momentos pontuais em que é chamado a exercer alguma função.

569 **HELINHO:** Nós no Brasil [...] está faltando salário... Ética, educação e salário. [...]. Eu já cheguei a ganhar dez salários mínimos, hoje eu não ganho quatro [...], quer dizer, estou andando pra trás. Me aposentei com pouco e tudo [...].

Pode-se imaginar o que significa para uma pessoa que sempre foi extremamente ativa, profissional e politicamente, viver uma desaceleração de suas atividades, a redução salarial, o desprestígio social e o sentimento de solidão e uma crescente impotência diante talvez do que mais valoriza e preza

– as atividades junto à associação de moradores -, com a intenção de deixar como legado para a sua família, um lugar seguro e digno para se viver.

Por sua vez, Juca fez menção a sua vida laboral em outros contextos, sem explicitar propriamente, qual seria sua atividade. Em um destes momentos (turno 119), Juca dizia que, quando trabalhava atendendo chamados, andava por vários morros (Rocinha, Vidigal), observava os prédios dos bairros vizinhos e essas incursões só reforçaram sua convicção de permanecer no Fallet.

Sua narrativa acerca de trabalhar “atendendo chamados” nos leva a supor que ele também possuía uma atividade qualificada e valorizada no mercado formal, que lhe permitiu expandir seus contatos para além das fronteiras do Fallet, interagindo com outras pessoas e lugares. Deste modo, através de seu trabalho, Juca teve a oportunidade de ir ao encontro de outras raízes, possibilitando-lhe novas configurações identitárias.

Coelho, como lhe é característico, apresentou uma narrativa bem humorada, ironizando a fala do ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso⁴⁰, diz que está aposentado e, portanto, é “vagabundo” (turno 69).

69 **COELHO:** Dois dias! Então, são setenta e cinco anos aqui dentro dessa comunidade. Hoje eu estou aposentado. Hoje, como o Fernando Henrique coloca né, eu sou vagabundo [risos] [...].

Só saberemos do antigo trabalho de Coelho através de Helinho, que no turno 363 revela que Waldir (Coelho) trabalhava no “Senado Federal, no gabinete do ex-Presidente Itamar Franco”.

363 **HELINHO:** [...] O Walter, por exemplo, pode falar disso porque ele é do Senado Federal, trabalhou lá com o Itamar e tudo, trabalhava no gabinete do Itamar e ele conhece aquilo ali [...].

É bastante provável que sua atividade profissional junto ao ex-presidente da República lhe conferisse prestígio junto à comunidade, seus parentes e amigos, possivelmente ressignificando e a valorizando ainda mais, aquele antigo garoto que sempre se devotou às questões sociais e comunitárias.

⁴⁰ O Presidente FHC declarou em 11/05/1998 que “pessoas que se aposentam com menos de 50 anos são vagabundos”. Esta declaração, na ocasião, foi mote de inúmeras piadas e é a este contexto a que Coelho se refere. http://www2.uol.com.br/JC/_1998/1205/br1205n.htm

Inferimos que sua atividade laboral imprimiu novos contornos a sua identidade-rizoma, possibilitando-o estabelecer novos contatos com pessoas que possuíam outras experiências e redes de contato bastante distintas daquela com que Coelho estabelecia trocas em seu local de origem.

Certamente, esta expansão de suas raízes-rizoma colaborou para o seu despertar acerca de seus direitos constitucionais, a partir do qual, como vimos na seção anterior, Coelho se instrumentaliza para “brigar pelo Fallet”, através de outros discursos e meios mais diretos junto ao poder público.

E, Cacá revelou que na década de 1990, tinha uma empresa de importação de material de informática e estava indo muito bem, até que veio o Plano Real, obrigando-o a fechar sua empresa (turno 129).

129 **CACÁ:** Na década de noventa, quando veio o plano Real. Eu tinha uma empresa, antes do Real eu tava muito bem, eu tava muito bem na empresa, eu tava indo de vento em popa, mas, aquela maneira, aquela ciranda financeira terminou, né? E eu, o nosso ganho era muito da ciranda financeira. Eu trabalhei com material de informática. A maioria do material era importado [...].

Como já referimos, Cacá *lançou* suas raízes-rizoma de modo a estabelecer contato com um universo incalculável de pessoas, não só no Brasil, mas também de outros países, ao mergulhar no meio virtual e nas redes sociais.

Já na ocasião de sua empresa de importação de produtos de informática, o próprio ramo de negócio já lhe abriu fronteiras: Cacá trabalhava com equipamentos de última geração e que por si só, permitem ampliação da capacidade de comunicação. Além disso, ele trocava com o comércio exterior, utilizando outra moeda, falando em outro idioma.

Além disso, atualmente, Cacá utiliza-se do meio digital e das redes de comunicação virtuais para se atualizar e trocar informações com o mundo, estabelecendo parcerias, divulgando o trabalho social feito com os jovens da comunidade e enfim, ampliando as fronteiras do Fallet, ao colocá-lo na rede...

Finalmente, Joel relata que trabalha na fábrica da Antártica há muitos anos.

404 **JOEL:** [...] sempre trabalhei até hoje ... Aí eu fiquei vinte anos trabalhando nesse horário, aí nunca estudei mais. Fiquei muito tempo...

Joel, como vimos, é *da raiz*. Através desta assertiva, Joel constrói-se discursivamente como uma pessoa que gosta de estabilidade, de estabelecer vínculos sólidos e duráveis no tempo e no espaço. Ele é capaz de ir e vir, e continuar enraizado. Sua identidade-rizoma lhe permite o enraizamento, ao mesmo tempo em que expande suas fronteiras para além dos limites de sua comunidade.

As narrativas destes senhores nos oferecem referências que revelam que eles tiveram ocupações ou profissões que os situava em uma posição de relevância, tanto na comunidade, quanto na sociedade, uma vez que suas profissões são valorizadas no mercado de trabalho.

Estes senhores destacam-se por três aspectos: enquanto líderes comunitários, enquanto trabalhadores (alguns, aposentados) e enquanto *promotores da paz* do Fallet.

Vimos que eles estiveram à frente, em momentos cruciais de tensões e conflitos, não se deixando intimidar, atuando como conciliadores das diferenças entre moradores, entre estes e o tráfico e entre todos da comunidade e a polícia.

Sua atuação enquanto *Promotores da Paz* são explicitadas em suas narrativas, em muitas e constantes intervenções. Até pouco tempo, eles eram chamados quando os moradores se viam em situações delicadas ou de difícil solução. Helinho, como vimos, revela que ligavam para a casa do Coelho, a qualquer hora do dia e da noite (turno 820).

820 **HELINHO:** Agora, quando tinha problema com os meninos da firma, procurava o Seu Walter: -“Seu Walter, está havendo isso, o pessoal está na minha porta...”. Aí, o Seu Walter ia lá e consertava...

Cacá trabalha pela paz a sua maneira. À frente da Associação de Moradores Amavale e do Projeto Fallet Embalando Crianças, vem “disparando a sua metralhadora” (sic) em todos os lugares, conforme vimos. Para além de suas reivindicações em muitas esferas, parece-nos que Cacá investe no desenvolvimento de valores humanos e sociais, no despertar da consciência ecológica, do direito à cidadania, do respeito às diferenças. Cacá acredita que educando as crianças e colaborando para o desenvolvimento de sua

autoestima e de habilidades sociais, estará por tabela, reeducando os seus pais e, por conseguinte, os amigos destes e, caminhando em rede, alcançando toda a comunidade.

Além disso, estes líderes comunitários do Fallet valem-se de muitas outras estratégias em prol da promoção da paz no Fallet. Coelho, por exemplo, relatou que, quando a comunidade recebeu a notícia de que seria instalada uma UPP no Fallet, todos ficaram apreensivos. Eles não sabiam exatamente quem iria, se seria o BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais/ Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro), ou o CORE (Coordenadoria de Recursos Especiais / Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro) e como deveriam se posicionar diante da polícia. Diante da incerteza, conseguiram reunir os moradores, convidando pessoas que já tinham “bastante experiência de ocupação” (*sic*, turno 1).

- 1 **COELHO:** Fizemos aquela [reunião] da UPP, quando ela veio, né? Fizemos lá, com o Cacá, todo mundo, fomos lá e aí trocamos ideia, tal, cada um, veio ... algumas pessoas com bastante experiência de ocupação e conversamos e pedimos ao morador para não criar conflito com os policiais, para respeitar, tal [...].

Nesta reunião, em que os moradores foram convocados através de um carro de som que desfilou por toda a região, recomendou-se que todos respeitassem a polícia, evitassem entrar em conflito com os policiais e deixassem as notas fiscais de seus objetos em cima de suas mesas. Recomendou-se também que os comerciantes abrissem seus negócios, mesmo sendo domingo.

- 2 **CACÁ:** a gente não sabia como ia ser...
3 **COELHO:** É, ninguém sabia. Então: - “deixa o seu comércio aberto”. - “você que não abre o seu comércio no domingo, abra nesse domingo, fica lá. Deixa as casas abertas”....

Outra providência tomada nesta reunião foi a criação da Comissão de Direitos Humanos, “em nome de todo mundo ali” (*sic*, turno 6). Então, a recém-criada comissão relacionou todos os moradores, listando seus nomes, identidade e CPF e, como dissemos, entregou uma cópia desta no Batalhão da Polícia Militar da região, outra cópia na 7ª DP e encomendou camisas com os dizeres: “Amavale, Direitos Humanos”.

- 4 **COELHO:** agora, como a gente vai falar com a polícia? Quem que vai vim? É CORE, é BOPE? É isso, é aquilo? A gente não sabe quem vem. Pra gente também tentar acertar ... tá. E nessa reunião nós criamos a comissão de ...
- 5 **CACÁ:** de Direitos Humanos.
- 6 **COELHO:** Comissão de Direitos Humanos. Foi criada essa comissão em nome de todo mundo ali. Identidade, CPF de todo mundo, relacionando, entregamos uma cópia no Batalhão local, entregamos uma cópia na sétima DP. E mandamos fazer as camisetas: “Amavale, Direitos Humanos”.

Restava ainda, a dúvida acerca de como eles falariam, afinal, com a polícia, quando ela se instalasse. Chegaram à conclusão de que o melhor meio seria através de faixas colocadas nas entradas do Fallet, com os seguintes dizeres:

- 7 **COELHO:** -“Nós moradores do Complexo do Fogueteiro respeitamos o trabalho da Polícia Militar, polícia civil e demais autoridades Federal, Estadual e Municipal. Nós queremos ser respeitados”.

Vimos que Coelho privilegia a comunicação através de faixas, quando se trata de questões polêmicas e em defesa da comunidade. Estas são idealizadas de modo que as mensagens contenham uma metacomunicação sutilmente embutida. No caso destas faixas, endereçadas à UPP, Coelho nos revelou que sua intenção ao foi a de metacomunicar que o Bope, quando adentrava uma região, fincava sua bandeira, ou seja, em sua avaliação, eles tiravam um problema e faziam outro. Em suas palavras:

- 7 **COELHO:** Eles diziam que um grupo era o dono da comunidade, mas eles chegavam e botavam a bandeira, quer dizer: -“agora o dono é a gente?!”. Não, não! Não são donos de comunidade, não. Quer dizer: “respeito mútuo é a nossa bandeira”. Já tava o nosso recado lá.

Ou seja, as faixas, sutil e astutamente, comunicavam à polícia que “os donos do morro” eram eles, os moradores - nem os traficantes, nem tampouco, os policiais. Parece-nos que eles estavam comunicando-lhes que estariam dispostos a lutar pela sua comunidade, por meios *pacíficos* (eles, que receberiam a Unidade de Polícia Pacificadora, com o objetivo “pacificar” a comunidade....).

Uma leitura possível acerca da estratégia por eles adotada para a recepção da UPP é que esta tinha a intenção de metacomunicar: a) através do

rol que identificava todos os moradores e entregues à Comissão de Direitos Humanos (Amavale), ao Batalhão da PM e à 7ª. DP, eles teriam o controle da situação de cada morador da região, no caso de qualquer tipo de problema ou mesmo, de algum possível “desaparecimento”...; b) que estavam falando de igual para igual com a autoridade policial, ao enunciarem “*respeito mútuo é a nossa bandeira*”, ou seja, eles respeitariam o trabalho da polícia e que tinham plena consciência de seu direito de serem respeitados como cidadãos, ou, como diria Coelho, eles estavam “fazendo valer os seus direitos constitucionais”; c) enquanto cidadãos, conscientes de seus direitos, não permitiriam qualquer abuso ou violação de direitos contra os moradores e seu território.

Cabe ainda, contextualizarmos estas narrativas sobre a expectativa em relação à chegada da UPP. Estas ocorreram espontaneamente, antes de iniciarmos propriamente o Grupo Focal, enquanto estávamos arrumando o lanche, as cadeiras, o gravador, e as pessoas ainda estavam chegando. Esta comunicação, previamente ao início dos trabalhos, geralmente metacomunica algo importante, nas entrelinhas, num discurso *quase* paralelo, que ouvidos pouco atentos poderiam deixar passar despercebidos.

Logo em seguida, ao iniciarmos o grupo focal propriamente, solicitamos sua autorização para gravarmos a entrevista e esclarecemos que manteríamos o sigilo sobre os seus nomes e que eles não seriam identificados, em razão de uma ética de pesquisa.

Helinho respondeu prontamente (e Coelho assentia, repetindo suas frases), que não haveria nenhum problema e que o sigilo não seria necessário afinal, “até sobre os fatos negativos, a gente tá aqui é para falar” (turno 22), pois “se tiver que falar algumas coisas, é de conhecimento de todos” (turno 24). Eles estavam tomando suas falas como um consenso, falando “em nome de todos ali”.

20 **HELINHO:** eu acho que não precisa ter sigilo. Não

21 **COELHO:** não

22 **HELINHO:** Não há problema nenhum, o que a gente vai falar aqui. Até sobre os fatos negativos, agente tá aqui é pra falar

23 **COELHO:** negativo. A gente tá aqui é pra falar

24 **HELINHO:** Se tiver que falar alguma coisa é de conhecimento de todos.

25 **COELHO:** é... de todos, é isso, não tem esse negócio

Mas, nesse instante, Cacá, interrompe com uma brincadeira, provavelmente metacomunicando algo importante, ao colocar em cena, um fato trágico ocorrido àquela ocasião na Rocinha, que teria caído no anonimato, como tantos outros casos tão frequentes em favelas e subúrbios, mas que acabou tendo uma grande repercussão. Em tom de brincadeira, ele anuncia que “vai todo mundo chamar Amarildo” (turno 29)

29 **CACÁ:** vai todo mundo chamar Amarildo.

30 **COELHO:** hehehehe... é Amarildo

31 **CACÁ:** Fala Amarildo?

32 **COELHO:** hehehe, é Amarildo

Assim, supomos que nestes momentos iniciais do grupo focal, possam ter sido “negociados” os limites e o enquadre do mesmo. Ao passo em que Helinho e Coelho afirmavam que ali se poderia tratar de qualquer assunto, Cacá parecia advertir que, em determinados contextos, pode ser perigoso falar sobre certos assuntos. Assim como o ocorrido com o Amarildo, tomado na ocasião como um ícone que denunciava uma prática de violência cometida nas favelas, em que ocorriam desaparecimentos de pessoas, seja por parte do tráfico, seja da polícia.

Em razão deste assunto, Helinho comentou que Cacá tinha brincado assim com ele dias antes em uma festa e ele não entendeu a brincadeira, por não estar mais lendo os jornais, sobretudo o noticiário policial e determinadas notícias “ruins”. Disse que ficava triste em saber, mas não lia mais (turno 36).

36 **HELINHO:** O Cacá aquele dia brincou comigo. Eu não tô vendo mais jornal. Nem li isso no jornal, eu não leio, eu não leio notícia policial. Ai você falou, brincou comigo lá naquele dia da festa. Ah, o Amarildo, não sei o que... Eu fiquei pô...Eu não respondi nada. Mas eu fiquei ... “Amarildo... que Amarildo? “...O Cacá tá me gozando ... aí depois que eu fui sabendo o negócio do Amarildo. Mas eu não leio... Eu pego o jornal: notícia policial ou determinadas notícias, o editorial, que é o ruim, eu pulo, eu não leio, eu fico triste de saber, mas eu não leio.

Chama-nos a atenção o fato de que o “briguento” Helinho, que diz o que for preciso, em qualquer contexto, seja para quem for, e que, no início do grupo, declarou que poderíamos tratar de qualquer assunto, mesmo os negativos, chama-nos a atenção, sua declaração de que não tem lido os jornais, a fim de evitar tomar conhecimento de certas notícias – do caderno policial.

Como vimos, estes moradores já passaram por momentos de muitas perdas, de muita tristeza e tensão, assim como houve um período em que o Fallet aparecia constantemente nos noticiários, em razão das inúmeras guerras travadas entre o narcotráfico ali instalado e a vizinha facção inimiga, e dos tiroteios trocados com a polícia. Pode-se imaginar quanto sofrimento eles já viveram neste lugar, ao ponto de Helinho não mais querer fazer contato com fatos que tangenciem esta temática. Possivelmente, esta sensibilidade extrema esteja apontando para as consequências de traumas vividos em uma época de guerras diárias, neste lugar, a que estes senhores sentem-se tão profundamente ligados e ao qual têm dedicado suas vidas para defendê-lo e proteger seus entes queridos, familiares, amigos e vizinhos.

Vimos neste capítulo que as pessoas do Fallet são intrinsecamente ligadas entre si e ao lugar, pelas relações estabelecidas desde tempos remotos, configurando suas identidades-rizoma. Por sua vez, as narrativas coconstruídas no grupo focal que dizem respeito as suas histórias de vida atuam como instrumentos de reconstrução da identidade o que, segundo Pollak (1989), ocorre em referência aos outros, onde há vínculos de pertencimento.

4 NARRATIVAS DE PERTENCIMENTO DE SEUS MORADORES

Neste capítulo, procuramos caracterizar o Fallet como espaço, território e lugar de pertencimento. Para este intento, abordaremos o sentimento de pertencimento de seus antigos moradores em relação à comunidade, narrada como uma grande família, um porto-seguro e o “melhor lugar para se morar”. Mas, apesar das narrativas enaltecidas deste lugar, observamos certa tensão em seus enunciados, situando o Fallet entre o lugar vivido e o sonhado, onde convivem diversas classes sociais.

Na seção 4.1 discutiremos o senso de pertencimento dos moradores que relatam que a amizade entre eles originou-se com os seus pais e avós e que a comunidade é uma grande família.

A seção 4.2 apresenta as narrativas destes moradores a respeito de seu sentimento de viver no Fallet, um porto-seguro. Apontado por quase todos os entrevistados como “o melhor lugar para se morar”, de onde nunca sairão, mesmo dentre aqueles que cogitaram alguma vez em sair de lá e o que diz que sairia de lá caso houvesse oportunidade, que neste caso, continuaria “lá e cá”.

A seção 4.3 coloca em cena a presença no Fallet, de antigos e novos moradores e como o espaço foi sendo ocupado ao longo dos anos. Suas narrativas revelam que esta convivência é permeada por fronteiras invisíveis.

A tônica da seção 4.4 são as tensões vividas no Fallet, entre o lugar sonhado, com seu *glamour* e tradições vividas no passado, em contraste com os conflitos e violências em tempos mais recentes.

A seção 4.5 enfatiza os conflitos e distanciamento entre as diversas classes sociais presentes no Fallet.

4.1 A comunidade como uma grande família e o senso de pertencimento

Nesta seção abordaremos os vínculos de companheirismo e amizade entre os antigos moradores do Fallet e seu sentimento de pertencimento ao

lugar. Temos o intuito de investigarmos *quais lembranças ancoram o sentimento de pertencimento*, de acordo com o Bloco Temático “Convivência na Comunidade”.

Logo no início do grupo focal, quando todos estavam se apresentando, Helinho fornece a seguinte informação acerca de sua convivência no Fallet, em que suas histórias de vida mesclam-se com a história de seus antepassados e com a do lugar:

89 **HELINHO:** A nossa história aqui começa com os nossos avós. Eles compraram o terreno. Aí nossos pais foram criados juntos. Hoje, eu que sou neto... Estamos sendo criados todos juntos. Então, nós nos conhecemos desde garotos.

Vimos que os antepassados dos participantes desta pesquisa compraram seus terrenos e se mudaram para o Fallet desde os primórdios de sua fundação. A amizade iniciada na geração de seus avós perpetuou-se na geração de seus pais e agora, mantém-se entre eles. E esta convivência é apontada por todos eles como uma das melhores coisas de se viver no Fallet.

E é justamente essa convivência originada na época do povoamento do local pelos seus pioneiros que define e constitui a experiência do espaço (GUPTA e FERGUSON, 2000), socialmente construída.

O pertencimento ao Fallet é também sinalizado por Helinho, no turno 110, onde ele narra que lá nasceram e sempre viveram as várias gerações da família Neto:

109 **SILVANA:** Então, a primeira pergunta, né, que eu teria pra vocês é: o que para cada um de vocês significa ser morador do Fallet?

110 **HELINHO:** Pra mim? Pra mim, eu acho uma coisa boa, porque eu nasci aqui, meus avós, meus pais e nós, todas as histórias que nós contamos e falamos, a gente acostumou.

A convivência originada na época do povoamento do local pelos seus pioneiros que define e constitui a experiência do espaço (GUPTA e FERGUSON, 2000), socialmente construída.

Há, segundo Pollak (1992), uma ligação estreita entre memória e identidade, as quais são consideradas por ele como valores negociáveis e disputados em conflitos sociais e intergrupais.

Por sua vez, a memória, segundo a concepção do autor (POLLAK, 1992), exerce influência na constituição do sentimento das identidades individual e coletivas, além de definir tanto o lugar social do indivíduo, quanto suas relações com os outros.

Pollak (1989) destaca a importância das narrativas contidas nas histórias de vida, as quais atuam como instrumentos de construção da identidade. Esta é concebida pelo autor como um fenômeno que se produz na relação com os outros, nas fronteiras de pertencimento ao grupo.

Nas narrativas abaixo, observamos que Coelho e Joel referem explicitamente sua dedicação à comunidade: Coelho, desde menino; Joel diz que faz o que estiver ao seu alcance para ajudar. Ambos se constroem discursivamente como compromissados com a comunidade, a fim de obterem melhorias para o lugar. Cacá relata que embora não se identifique com o cargo político que exerce na Associação de Moradores, sente-se vinculado ao lugar e apresenta-se como uma pessoa com quem seus amigos podem contar, sintetizando que “está aí pra toda a vida”, conforme vimos anteriormente.

- 69 **COELHO:** [...] Então, são setenta e cinco anos aqui dentro dessa comunidade. [...] eu fico lutando aqui desde menino, desde menino, eu sempre me interessei pelas questões comunitárias.
- 84 **JOEL:** [...] gosto muito daqui. Faço o que estiver ao meu alcance pra ajudar, colaboro e quero ver só melhorias também.
- 85 **CACÁ:** [...] Conhecido como Cacá, presidente da Associação, [...]. E... tô aí pra toda vida...

Massey (2000) apresenta um conceito progressista de lugar e esclarece que a nossa experiência de espaço e de lugar não é estática e sim, processual, conceituada em termos das interações sociais que nela se agrupam, e constituída pela sua ligação com outros lugares. Além disso, ela não tem fronteiras no sentido das divisões demarcatórias, nem *identidades* únicas ou singulares, mas também está cheia de conflitos internos.

Assim, consideramos nesta tese, que o lugar é definido como um lugar de encontro e de desencontros, construído a partir de redes de relações sociais de várias gerações, o que o torna único e especial para os moradores do Fallet.

- 119 **JUCA:** Meus familiares, minhas filhas nasceram aqui moramos aqui. Agora o meu neto vai morar comigo [...]. Ele não quer sair do morro, não, ele gostou. Tomou xarope do morro. O hereditário. E o resto está bom.

- 134 **HELINHO:** [...] é uma benção, a gente se conhecer desde criança, os nossos pais. E nós tivemos, temos problemas, temos problemas, às vezes, mas a gente se dá, a gente se respeita uns aos outros e essa, esse, isso influi muito. [...]
- 135 **CACÁ:** É verdade.
- 136 **HELINHO:** E nós, a vida toda nós juntos aqui, os nossos avós, depois os pais, os netos, os netos deles [...]. A gente se respeita, inclusive os meninos também, que trabalham do outro lado, na firma, eles respeitam a gente e isso é muito importante.

As narrativas do Grupo Focal evidenciam o pertencimento destes senhores ao lugar onde nasceram e se criaram, assim como, sua relação baseada em laços de amizade e respeito com as pessoas deste lugar, configurando suas identidades rizomas.

Nos segmentos acima, Coelho explicita o valor das amizades para si e manifesta gratidão e gratificação por pertencer a esse grupo e a um lugar onde se sente totalmente enraizado. E, o sentimento de pertencimento a um grupo e a um lugar é marcante para a constituição identitária.

Pollak (1989) situa o lugar da memória na construção das identidades coletivas, apontando que ela se integra em tentativas de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades. A referência ao passado possui a função de manter a coesão dos grupos que compõem uma sociedade, definindo, assim, seus respectivos lugares.

Assim, pois, o Fallet, para os entrevistados, possui o significado de ser o seu mundo, a sua família, onde estão fincadas suas raízes, enfim, para eles, o Fallet é tudo, o que pode ser observado pelas marcas discursivas que ancoram o agradecimento, a dádiva de viver neste lugar:

- 120 **COELHO:** [...] -“obrigado meu Deus, porque o senhor me deu essa oportunidade de morar aqui no Fallet e ter todas essas pessoas como vizinhos e amigos” [...].

A relação com a comunidade como uma grande família é explicitada por Cacá e Coelho, no grupo focal. Ambos, ao responderem as perguntas do tópico-guia (anexo A): “o que há de melhor e de pior no Fallet”, dizem textualmente, que a comunidade é uma grande família:

- 141 **CACÁ:** E aqui, com esse tempo que você vive aqui, o que que acontece? Você conhece as virtudes e os defeitos das pessoas, então você convive. [...] você já vai se acostumando, como se fosse uma grande família mesmo. Então, isso que dá segurança.

- 299 **COELHO:** Morriam quatro, cinco, seis por semana... tu tava no cemitério, tava feio, tava morto. Então, isso acabou, hoje a gente vive.... Como eu disse, a comunidade em si, como já falamos aqui, é uma família e a pacificação acabou com esse problema. Então, a gente vive hoje, num mar de rosas aqui dentro com esse respeito mútuo que existe entre a gente. Então, isso pra mim é o que, na atual conjuntura, é o que tem de melhor aqui no Fallet. Não, até nem só no Fallet. Em todo o Complexo, que é o Fallet, o Fogueteiro e o Beco Ocidental. Então, pra mim, é o melhor.

Nas elocuições acima, Cacá e Coelho estão se construindo discursivamente como pertencentes a uma grande rede de moradores, cujos vínculos são sentidos como profundos, íntimos, como uma família formada neste lugar. Seus estreitos laços foram estabelecidos inicialmente por seus antepassados e este pertencimento lhes proporciona a sensação de segurança.

Cacá sinaliza que, pelo fato de as pessoas se conhecerem mais intimamente, convivendo com suas qualidades positivas e negativas, elas têm a sensação de pertencerem a uma grande família, e esta familiaridade, aliada à aceitação de cada um em sua humanidade, lhe remete à sensação de segurança.

Já Coelho situa seus sentimentos em relação à familiaridade vivida na comunidade no contexto de uma estreita convivência com os jovens, desde o seu nascimento, permeados por uma profunda dor pela perda de muitos destes jovens, mortos pelo narcotráfico, o que vinha ocorrendo rotineiramente até recentemente, em contraste com a felicidade advinda pela paz recentemente conquistada, em que estas mortes cessaram.

- 291 **COELHO:** [...] O sujeito atirava, você descia.... lá do outro morro, [o sujeito] atirava em cima do morador... E uma outra coisa, também achei muito importante: eu parei de chorar. Porque eu chorei muito, eu chorei muito... Por quê? Quem é que fazia os enterros?
- 297 **COELHO:** Então. Muito jovem que eu vi nascer, ser criado ali e... daqui a pouco, tava morto, baleado ali. Morador baleado, morto. Então, graças a Deus, né? Isso tudo acabou. Hoje, se perguntar quantos morrem aqui, não morrem mais.
- 298 **HELINHO:** Zero

Podemos inferir a sua dor por todos os vizinhos e amigos mortos, uma vez que Coelho se constrói discursivamente como uma pessoa que desde criança dedicou-se a cuidar das questões que envolviam as pessoas da sua comunidade, que sempre pensou e viveu coletivamente, que investiu tempo,

energia e recursos próprios em prol do desenvolvimento dos jovens da região, que fundou a Associação de Moradores e esteve à frente de reivindicações para o desenvolvimento de todo o Complexo (que envolve o Fallet, Beco e o Fogueteiro). Coelho que removia os corpos e enterrava todos os seus vizinhos baleados, chorando uma profunda dor por todas estas vidas ceifadas que, segundo suas narrativas, eram todos pertencentes a essa grande família, convivendo no Fallet.

Vimos, nesta seção, que as configurações identitárias destes antigos moradores foram se coconstruindo em suas interações narrativas, enquanto pertencentes a um lugar permeado por conflitos e tensões, mas um lugar que lhes oferece como referência, a sensação de pertencimento a este lugar e a uma grande família, formada por seus habitantes mais antigos.

4.2 Fallet: um porto-seguro – o melhor lugar para se morar

Nesta seção, apresentamos as narrativas dos antigos moradores que enaltecem o Fallet como o melhor lugar para se morar, visando a *identificar a produção de memória acerca do lugar em que moram*, através do Bloco Temático “Relação com o lugar”.

Apontado pela quase totalidade dos moradores entrevistados (quatro dentre cinco participantes do Grupo Focal) como o único lugar onde desejam viver até o final de suas vidas

Nas narrativas abaixo, como na seção anterior, observa-se que os antigos moradores do Fallet vão amalgamando coletivamente, retroalimentando, o sentimento de pertencimento ao lugar, ao grupo e a todo um conjunto de valores que os mantêm unidos.

Tais segmentos revelam uma projeção discursiva sugestiva do privilégio e da satisfação destes antigos moradores em viver neste lugar. Os pontos positivos do lugar vão sendo construídos discursivamente na relação entre os participantes do grupo focal, como se pode observar nas projeções discursivas de Juca, Coelho e Joel ao referirem-se à importância de serem moradores do Fallet. Os sentimentos de identificação e de pertencimento que eles expressam

são comuns a todos os participantes da pesquisa e estão presentes nas narrativas de todos eles.

Em resposta à primeira pergunta de nosso tópico-guia [*para você, o que significa ser morador do Fallet?*], Helinho se constrói discursivamente, como o *Helinho do Fallet*:

110 Essa idade que eu estou, ficando... estou com sessenta e oito e permaneço no mesmo lugar, todo mundo me respeita, os antigos me chamam de Helinho, que era como me chamavam em criança...e pra mim isso é muito bom.

Através desta narrativa, sua consciência de si e da qualidade da sua relação com o lugar se evidencia, de modo a proporcionar-lhe uma nova percepção de quem ele é e do que representa neste lugar, para estas pessoas. Assim, na interação com os demais, Helinho atualiza suas *configurações identitárias*, pois desde menino se reconhece e é identificado por todos deste modo.

Cacá também revela ter “nascido e criado” no Fallet, embora tenha morado alguns anos no Leme, na Rua Gustavo Sampaio. Ele relata que, nessa época em que morava junto à praia, ia encontrar os amigos no Fallet todo final de semana, enquanto sua mulher ia à praia com os parentes dela.

O seu pertencimento ao Fallet, discursivizado como porto-seguro, é reafirmado ao enunciar os seus planos, caso se um dia venha a ganhar na Megasena:

127 **CACÁ:** [...] aí eu voltei pra cá porque eu já tinha terreno aqui, meus parentes aqui e aqui era o meu porto seguro [...].

131 **CACÁ:** eu gosto daqui, fui nascido e criado, mas eu não tenho esse negócio “nunca vou me mudar daqui”. Eu particularmente, eu não deixaria de frequentar aqui nunca, mas se eu ganhar milhões hoje na Mega-Sena pode ser que eu compre um apartamento na Atlântica e fique com o meu aqui e fique lá e cá, entendeu? Porque às vezes também você precisa sair um pouco do seu habitat que é pra você carregar bateria [...].

Assim, Cacá expressa, através destas narrativas, sua identidade-rizoma, que se estende em muitas direções, sem se deixar confinar nos limites de seu lugar de origem. O Fallet para Cacá representa o seu porto seguro (turno 127), onde estão seus parentes e amigos, sua esposa e seu atual projeto de vida. Mas Cacá, tendo experimentado se aventurar em outros espaços, parece saber

que essas referências afetivas sempre o acompanharão, e que por isso mesmo, não lhe impedem de continuar crescendo em muitas outras direções e de se relacionar com muitos outros lugares e pessoas.

Por sua vez, nas elocuções abaixo, observa-se a importância que o Fallet assume no discurso dos demais entrevistados, o qual é projetado discursivamente como uma “dádiva de Deus”, “uma benção”, o “seu mundo”, de onde não se pretende sair até o momento de sua morte.

- 116 **JUCA:** Morar aqui é uma dádiva de Deus [...]. Porque eu nasci, moro aqui, não pretendo, nunca pretendi sair daqui. O único dia que eu vou ter que sair daqui é quando eu for pro cemitério.
- 120 **COELHO:** Pra mim, morar aqui, no Complexo do Fogueteiro, né? Que é composto pelas comunidades do Fogueteiro, Fallet e Beco Ocidental, que nem já falou anteriormente o Juca, é uma dádiva de Deus mesmo e eu sempre agradeço a Deus [...].
- 123 **JOEL:** daqui também eu não saio nunca, eu tenho os meus amigos todos, todo mundo me conhece e isso é uma grande vantagem [...]
- 125 **JOEL:** [...] ficava pouco tempo lá com eles mas aí ... estava sempre aqui. Por isso que eu retornei e agora, também, eu não pretendo sair daqui, só quando morrer, né? ...

Através de sua interação nestas narrativas, este grupo de antigos moradores do Fallet está se construindo discursivamente como pessoas que foram agraciadas por pertencerem a um lugar considerado por eles como “o melhor do mundo”, onde a convivência com seus familiares, seus vizinhos e amigos, como vimos na seção anterior acentua sua experiência de viverem em um porto-seguro, onde estão suas raízes, sua família, mantendo com este lugar, uma relação de afeto.

Assim, observamos nestas narrativas proferidas no grupo focal, que os vínculos constituídos entre os moradores envolvem sentimentos de pertencimento e de coesão entre eles, atribuindo significados de proteção, de familiaridade, de aconchego a esta coesão. Além disso, observamos em seus vínculos com o lugar onde eles moram, uma relação de afetividade, de proximidade, proteção e pertencimento a esse espaço, conforme esclarecem Almeida et al (2011), acerca da ideia de comunidade.

Massey (2000) elucida que um sentido forte do lugar e o senso de enraizamento podem proporcionar estabilidade diante de mudanças constantes e perda de identidades e referenciais. Tais elementos nos auxiliam na compreensão das vivências dos antigos moradores do Fallet que, como vimos,

vêm atravessando transformações importantes em relação ao lugar onde habitam, definido como um lugar de encontro, a partir das redes de relações sociais.

O desejo de estabilidade e segurança pode ser uma das causas do discurso desses moradores de que o Fallet é um lugar especial, de onde nunca sairão, sobretudo, em virtude do valioso suporte assegurado pela amizade entre eles, conforme as narrativas de Juca (turno 119) e de Coelho (turno 120).

- 119 **JUCA:** [...] Gosto disso aqui. [...]. Então, eu não pretendo sair daqui, de maneira nenhuma. Só quando eu for pra lá pra baixo, pra casa grande. O resto está tudo bem, tudo perfeito pra mim [...]
- 120 **COELHO:** [...] Então, aqui é o meu mundo, aqui estão minhas raízes, aqui estou criando a minha família, daqui não saio, daqui ninguém me tira.

É provável que um dos fatores que contribuem para a forte ligação e pertencimento destes moradores ao Fallet seja a relação que seus antepassados, imigrantes europeus, estabeleceram com o lugar que fundaram, onde estabeleceram redes de relações e fincaram suas raízes.

Acerca da memória dos imigrantes e de seus descendentes, Ribeiro (2001) observou que esta é a maneira pela qual eles procuram legitimar seu espaço na cidade. E, segundo a autora, por meio da transmissão de suas lembranças do seu país de origem, as quais possuem uma dimensão afetiva, os mais antigos reafirmam o seu pertencimento a um lugar, estabelecendo relações com os demais membros do grupo.

É bastante provável que muitas destas histórias sobre a fundação do Fallet lhes tenham sido relatadas pelos seus avôs e avós, ou ainda, pelos seus pais. E, na medida em que eles narram essas histórias, estão se construindo discursivamente como pertencentes a este lugar, (re)afirmando a sua origem e suas raízes e configurando suas identidades-rizomas no contato entre si.

Moita Lopes (2001) afirma que é pela organização do nosso discurso através das narrativas que construímos o conhecimento de quem somos na vida social. E este processo é constantemente atualizado e coconstruído, através dos discursos, nas configurações identitárias a que estamos vinculados.

DeBiaggi (2004) aponta que os desdobramentos do fenômeno migratório e os efeitos do desenraizamento, tanto para o indivíduo, quanto para o seu grupo familiar, sua comunidade e nação são permanentes, inclusive para as gerações subsequentes, uma vez que as nossas redes sociais são fundamentais para o desenvolvimento de nossas configurações identitárias e da nossa história.

Thomson (1997; 2002) relata que, nas narrativas dos migrantes, as *redes sociais* são apontadas como um aspecto crucial da experiência da migração e suas estratégias de sobrevivência estão centradas na família e na comunidade. As redes sociais são vitais para a sobrevivência social e econômica, da cultura e da identidade e lhes proporcionam um círculo social de apoio, com o qual eles conseguem melhores empregos e lugares para viver.

A noção de pertencimento a uma cultura, a uma nação, a um grupo social, é fundamental para o fortalecimento e a estruturação da identidade. A sensação de pertencimento traz continente afetivo, social e referências fundamentais para o fortalecimento da identidade em contínuas reconfigurações, inclusive pelo desenraizamento proporcionado pela imigração.

Nesta seção, pudemos observar que estes descendentes de imigrantes portugueses, fundadores do Fallet, através de suas narrativas, revelaram o bem-estar e apreço proporcionados pelos vínculos estabelecidos com o lugar e suas redes de relações com seus moradores, configurando-se identitariamente como pertencentes a este lugar, que lhes proporciona conforto, segurança, confirmação de suas identidades – seu porto-seguro.

4.3 Antigos e novos moradores redesenhando o espaço

Nesta seção, abordaremos as fronteiras invisíveis entre aqueles habitantes que se estabeleceram há mais tempo no Fallet, considerados antigos moradores e aqueles que lá chegaram mais recentemente, visando a *identificar como o pertencimento é narrado por eles*, de acordo com os Blocos Temáticos “Convivência na Comunidade” e “Pertencimento”.

Grande parte das lembranças narradas por estes moradores dizem respeito a um passado áureo do Fallet, em que havia prosperidade, alegria,

paz, desenvolvimento socioeconômico e cultural. Um lugar respeitado, frequentado por grupos de Bossa Nova famosos na época, cujos moradores integravam o grupo de teatro amador de Paschoal Carlos Magno e etc, em contraste com o que vemos hoje no Morro do Fallet.

Ao nos referirmos às categorias de espaço e lugar, estamos nos reportando aos conceitos de Michel de Certeau (1998), segundo o qual, espaço é um lugar praticado, ou seja, de acordo com o autor, o lugar, quando ocupado, é ativado, transformado em lugar praticado. Para Certeau, portanto, um lugar passa a ser considerado espaço quando é ativado, potencializado, e isto ocorre à medida que os indivíduos passam a usá-lo. Deste modo, é a atividade, a movimentação e o uso que as pessoas fazem sobre o espaço que o qualifica. Assim, baseando-nos na narrativa de Helinho, poderíamos inferir que as distintas áreas do Morro do Fallet tornaram-se espaços a partir das condições de habitação que seus moradores foram imprimindo a estes lugares e das relações que eles foram estabelecendo entre si e com o lugar.

Outro aspecto pontuado por Certeau (1998, p. 188) ao se referir ao lugar, diz respeito a nossa ligação com ele, esclarecendo que esta se dá a partir das nossas lembranças. Este conceito é fundamental para o nosso entendimento da relação entre memória, narrativas e experiência do lugar. Por sua vez, Certeau (1998), enfatiza a íntima ligação entre o lugar e o relato ao seu respeito, os quais define como bricolagens, feitas “com resíduos ou detritos do mundo”. E são esses fragmentos, que são justapostos como lembranças, que produzem sentido a um dado lugar. O Fallet narrado é, portanto, uma bricolagem feita com os resíduos das lembranças, as quais lhe conferem sentidos, como um espaço de tensões, de apaziguamentos, de vinculação, de relações de identidades e diferenças.

Já destacamos o interesse deste grupo de moradores em revelar a história do povoamento do Fallet e as circunstâncias de sua fundação, regidos pelo desejo de divulgarem que o lugar onde habitam foi, outrora, um bairro com intensa vida social, cultural e esportiva. Alinhado com o seu interesse em apontar que a região onde eles moram não é favela, Helinho relata que foi recentemente à Prefeitura comprar uma planta atualizada do local e ela “veio errada”, pois a mesma não demarca estas áreas de loteamento e de favela.

- 557 **HELINHO:** Eu fui pra comprar uma planta agora, mas não perguntei por essa velha, fui comprar uma atual. E até veio errada porque aqui tem uma parte favela e uma parte que é loteamento. Então, até os jornais mesmo, com o negócio do tráfico, fala que aqui é favela. Não é favela.

Vimos que nos anos 1960/70, teve início o processo de favelização com a chegada de novos moradores menos abastados em outras regiões do morro, instalando-se ali, em barracões de zinco. Tais acontecimentos marcaram o início da decadência do Fallet, acentuando tanto a sua desvalorização, quanto a divisão entre os moradores mais antigos, com melhores condições socioeconômicas e os mais recentes, que viviam em condições mais precárias.

- 866 **COELHO:** Ah, mas existe divisão lá dentro da favela.
 867 **DIANA:** Como em qualquer lugar.
 868 **COELHO:** Você vê que o morador do Fogueteiro, da parte debaixo, ele se julga melhor do que o morador do Cajueiro.
 869 **CACÁ:** O do Leblon se acha melhor que o de Ipanema.
 870 **DIANA:** Não, o do décimo segundo andar se acha melhor que o do primeiro. É uma coisa mais estranha de como o ser humano se constitui.
COELHO: Eles dividem... Eles dividiam... O morador do Cajueiro e do Fogueteiro, ele discriminava o morador de rua quando vinha para a comunidade... é [...].

Pode-se testemunhar, em suas narrativas, certa diferenciação entre *nós* e o *outro* (GUPTA e FERGUSON, 2000) presente no Fallet, assim como no interior das favelas e mesmo entre os bairros da cidade.

Esta divisão social apontada pelos entrevistados demarca um campo de disputas ocorridas no passado sobre as várias áreas do morro e os mais antigos expressam seu incômodo quanto a ocupação desordenada, promovida pelos novos moradores, contrastando com o modo como os antigos chegaram e povoaram a região.

Deste modo, suas narrativas estão sendo produzidas em um campo de disputas acerca de um sistema de espaços que, como vimos, foram hierarquicamente organizados e que produziram efeitos sobre sua construção cultural como comunidade (GUPTA e FERGUSON, 2000), o que, segundo os autores, definiria a própria identidade deste lugar.

Segundo Gupta e Ferguson (2000), a *experiência do espaço* é socialmente construída, fruto da associação entre lugares e povos. Os autores revelam que o processo pelo qual um espaço adquire uma identidade distintiva

como lugar ocorre a partir de uma distribuição espacial de relações de poder hierárquicas.

Assim, tomando as narrativas destes antigos moradores do Fallet segundo o conceito de *identidade de lugar*, de Gupta e Ferguson (2000), teríamos uma organização hierárquica no Fallet que o identificaria como um bairro (na região da Amavale) e uma outra área do morro, por eles identificada como favela.

Além disso, suas narrativas revelam que o Fallet é setorizado: há a área denominada *Fallet Amavale*, onde se iniciou o povoamento da região e que atualmente abriga a Associação de Moradores. E, do lado oposto, há uma área mais carente de recursos, denominada *Jorge da Silva, Beco*, ou ainda, *Fallet Ocidental*. Os entrevistados relatam que essa área foi sendo loteada e alugada a preços módicos a pessoas desprovidas de recursos. Tal fato foi apontado como um dos fatores propiciadores da condição de favelização do bairro do Fallet.

494 **DIANA:** É isso que eu queria entender: você está falando ocidental...

495 **HELINHO:** Ocidental é o outro lado lá, subindo pela [rua] Navarro.

496 **DIANA:** Eu sei, mas por que que tem essa marcação de ocidental?

497 **HELINHO:** Não, porque é o nome que se criou. Não existe essa Favela Ocidental. No mapa talvez não conste. Fogueteiro, Manoel de Abrantes aqui. Do outro lado da rua [...], a gente chama de Manoel de Abrantes. Aqui é Fallet, Rua Fallet

Novamente, testemunhamos em suas narrativas, a ênfase em se afirmar que a favela é do outro lado, não do lado onde eles moram. Recorrendo novamente ao conceito de identidade de lugar proposto por Gupta e Ferguson (2000), temos que um espaço adquire uma identidade distintiva como lugar a partir de uma distribuição espacial de relações de poder hierárquicas.

Por sua vez, as favelas, conforme proposto por Gomes *et al* (2006) devem ser conceituadas como territórios da cidade, que guardam um sentido de *lugar*, são construídos nas relações sociais, materiais e simbólicas, estabelecidas entre e pelos indivíduos e grupos sociais.

Em vista de ambas as proposições, parece-nos que a questão que se coloca refere-se à identidade atribuída ao lugar – e conseqüentemente, a dos próprios moradores, e esta identificação se dá hierarquicamente. Obviamente, o estabelecimento de hierarquias apoia-se em certos critérios específicos e as

narrativas destes moradores parecem apontar para o conceito de *figuração* ou *interdependência* entre dois ou mais grupos, proposto por Elias e Scotson (2000).

Elias e Scotson (2000), como vimos, observaram que o grupo detentor de poder estava estabelecido há mais tempo na localidade estudada e este grupo mantinha maior coesão entre si, em comparação aos recém-chegados ao lugar. Aqueles *estabelecidos* há mais tempo naquele lugar estigmatizavam os recém-chegados, considerando-se superiores aos considerados por eles como *outsiders*.

Assim, as narrativas dos participantes do Grupo Focal revelam a ocorrência de um processo semelhante, segundo o qual os antigos moradores do Fallet sentem-se diferenciados daqueles que foram posteriormente instalando-se no Ocidental Fallet ou na Manoel Abrantes, tendo que o fator principal desta diferenciação, a intensa coesão grupal e fortes vínculos de amizade entre eles, os mais antigos. Além disso, tais vínculos foram estabelecidos pelos seus antepassados, fundadores da região, configurando o fator antiguidade, apontado por Elias e Scotson.

Os fatores antiguidade e coesão social são revelados nitidamente por Helinho da seguinte maneira:

- 89 **HELINHO:** A nossa história aqui começa com os nossos avós. Eles compraram o terreno. Aí nossos pais foram criados juntos. Hoje, eu que sou neto... Estamos sendo criados todos juntos. Então, nós nos conhecemos desde garotos.
- 110 **HELINHO:** E nós, a vida toda nós juntos aqui, os nossos avós, depois os pais, os netos, os netos deles.

Mas, se por um lado, suas elocuições expressam seu *estabelecimento* no Fallet a partir de remotos, coesos e até mesmo, intergeracionais vínculos, o que lhes conferiria certos privilégios, por outro lado, estes mesmos critérios parecem ser fonte de temor, quando consideram a possibilidade de vir a se mudar para outros lugares, onde então, eles seriam os *outsiders*.

Tal situação foi expressa nas narrativas de Helinho, Cacá e Joel. O primeiro estabelece claramente um contraste entre seu tempo de permanência no Fallet e sua hesitação em deixá-lo.

110 **HELINHO:** Essa idade que eu estou, ficando... estou com sessenta e oito e permaneço no mesmo lugar, todo mundo me respeita, os antigos me chamam de Helinho, que era como me chamavam em criança...e pra mim isso é muito bom. Eu às vezes tenho vontade de sair daqui, mas ao mesmo tempo eu não sei se eu vou me dar bem, entendeu? Porque já acostumei.

Ele argumenta que o respeito com que são tratados e a amizade estabelecida entre eles não seriam facilmente desenvolvidos fora dali, a que Cacá, que já morou fora, confirma, a partir de sua experiência. Vejamos o diálogo entre eles:

134 **HELINHO:** [...] a gente se dá, a gente se respeita uns aos outros e essa, esse, isso influi muito. Em outros bairros a gente não consegue fazer esse tipo de amizade. Eu tenho uma casa do outro lado lá do Estado do Rio, mas não é a mesma coisa, o pessoal é diferente. //

135 **CACÁ:** É verdade.

137 **CACÁ:** [...] eu aluguei lá no Leme, eu fiquei três anos morando num prédio eu não conheci o nome de nenhum morador.

Por sua vez, Joel parece estar compartilhando deste receio de se tornar *outsider* ao se mudar do Fallet, o que possivelmente ocorreu quando morou em outros locais e vinha passar o tempo livre com os amigos no Fallet, conforme dissemos. Ele relatou que sua mulher, como a de Cacá, não são nascidas no Fallet, mas desenvolveram uma forte ligação com o lugar, provavelmente por serem casadas com homens “nascidos e criados” na região. Talvez por este motivo, a comunidade as abraçou e elas se sentem tão acolhidas que também já não desejam mais sair de lá.

123 **JOEL:** [...] nos juntamos, aí eu trouxe ela pra cá e ela reclamava muito. [...] ela já se habituou, adora e daqui também eu não saio nunca, eu tenho os meus amigos todos, todo mundo me conhece e isso é uma grande vantagem. Se eu for pra outro lugar não sei nem como eu vou ser recebido.

Estas narrativas em que a condição de *estabelecidos* neste lugar é reafirmada parecem igualmente denotar que eles estariam se construindo discursivamente como pertencentes a esta comunidade e a este lugar, ao mesmo tempo em que esta relação entre si e com o lugar constituiria algumas das raízes de suas configurações identitárias.

Mas é importante ressaltar que o incômodo com os novos moradores não se refere apenas ao momento em que teve início a favelização da região, nos anos 1960. Helinho relata – o que é confirmado por Joel e Coelho - que, com a sensação de segurança decorrente da instalação da UPP, não apenas

muitos dos antigos moradores retornaram ao Fallet, mas novos habitantes passaram a invadir outros locais no Morro, de forma desordenada:

- 561 **HELINHO:** a degradação do local é isso. Que os moradores mais novos, eles estão invadindo, depois da UPP, estão invadindo tudo, entendeu? E o nível de vida nossos...
- 562 **DIANA:** Mas invadindo... É...?
- 563 **HELINHO:** Em áreas vazias. É como o Cacá falou: antes era uma casa, duas. Agora, o cara faz sem engenheiro //
- 564 **JOEL:** Puxadinho, esses negócios...
- 565 **HELINHO:** Sem nada, faz um monte e quer dizer.
- 566 **COELHO:** Vai fazendo.
- 567 **HELINHO:** A nossa qualidade de vida está caindo no geral, no dia a dia. Dentro da nossa casa não, mas do lado de fora...

A elocução de Helinho permite-nos entrever conflitos e tensões que permeiam a relação destes antigos moradores com outros habitantes do lugar. Ao que parece, existem neste espaço, relações de alianças, de solidariedades que marcam afinidades e pertencimento, assim como, relações de discriminação e exclusão social.

Finalmente, poderíamos avaliar que esta diferenciação entre os antigos e novos moradores também se encontra no cerne de outra fonte de conflitos entre estes moradores antigos e novos, no que se refere aos valores e atitudes para com o lugar. Este aspecto encontra-se em um campo de disputas de significados, uma vez que as nossas escolhas orientam as nossas práticas e estas determinam aquilo que fazemos e como agimos, o que, por sua vez, revela-se nas naquilo que dizemos e como dizemos.

Segundo a avaliação de Helinho, em sua narrativa proferida no Grupo Focal, a falta de educação do morador mais *novo* (que não significa necessariamente que sejam jovens, mas os que estão morando há menos tempo no morro), sobretudo pelas suas atitudes para com o lixo, é o maior problema que eles enfrentam no Fallet (turno 188). Em segundo lugar, ele coloca a falta de participação deste morador mais novo.

- 188 **HELINHO:** [...] Quer ver? Quem está aqui? Os mais antigos, porque gostam: o Joel, o Cacá, o Coelho [...]

Os antigos a que Helinho se refere são também as lideranças do Fallet: ele e seus amigos, há anos estão à frente de reivindicações e movimentos em

prol de sua comunidade, da revitalização do lugar, em busca de investimentos públicos nas mais diversas áreas, de recursos sociais. Guerreiros, guardiões, promotores da paz, homens-memória. Solitários, desiludidos e cansados de serem os únicos a levarem essa bandeira, sem o apoio, braços, interesses e recursos da comunidade.

Estes foram aspectos consensualmente apontados como sérios problemas para os quais eles não vêem solução, ou discordam quanto aos encaminhamentos possíveis para as mesmas, constituindo-se como causa de tensões e desarmonia entre eles e os demais moradores, o que será discutido na próxima seção.

4.4 Tensões no Fallet: entre o lugar vivido e o sonhado

Temos visto nas diversas seções, conflitos e discordâncias em relação a muitos aspectos recordados e relatados pelos entrevistados. Nesta arena de significados, contracenam fragmentos de lembranças em relação ao lugar e seus moradores em disputa. Estas assumem configurações diversas e se dão em vários estratos, tais como entre os habitantes entre si, entre estes e os policiais, entre estes e os traficantes e entre os traficantes e a comunidade.

Nesta seção, almejamos *identificar como o Fallet é discursivizado como um lugar vivido e sonhado*, tomando como referência o Bloco Temático “Pertencimento”. Procuraremos igualmente tratar nesta seção, dos significados atribuídos ao Fallet enquanto lugar vivido e sonhado, tomando como referência, novamente, o pensamento de Certeau (1998), para quem “o memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar” (p. 190). Mas, o que é destacado pelos entrevistados enquanto sonho, desejo e lugar praticado assumem contornos diversos, de acordo com a experiência e concepção de lugar de cada um.

Para Certeau (1998, p. 186; 188), é o discurso que torna o espaço habitável, referindo as práticas significantes (por exemplo, o contar lendas) como práticas inventoras de espaços. E os relatos de lugares, na sua concepção, tais como bricolagens, se constituem a partir de resíduos ou

detritos de mundo, valendo-se das lembranças para estabelecer os elos entre as pessoas e os lugares.

Certeau (1998, p. 189) afirma que, portanto, estamos ligados a um dado lugar pelas nossas lembranças, as quais são consideradas como condição fundamental para se morar em um lugar, uma vez que os lugares vividos são como “presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais”.

Em suas bricolagens, aspectos diversos são selecionados para serem relatados e serão apresentados nas demais seções que compõem este capítulo. Procuramos evidenciar nesta seção, portanto, o modo como cada entrevistado enuncia os focos de tensão entre o que se sonhou e sonha, e o que se viveu e vive neste lugar.

Assim, as lembranças narradas pelos participantes do Grupo Focal revelam-se como fragmentos selecionados por cada um, e denotam como eles qualificam o espaço como lugar praticado, em decorrência de suas vivências, de sua movimentação no dia-a-dia, ou seja, para este autor, são as movimentações das pessoas no cotidiano que dão vida aos lugares.

Mas então, que ausências são presentificadas por estes senhores ao relatarem suas lembranças sobre o Fallet? Quais significados emergem em suas narrativas? Quais as vivências e sentimentos de cada um acerca do Fallet, enquanto um lugar vivido e sonhado?

O lugar **sonhado** evidencia-se nas narrativas que retratam o Fallet como um lugar próspero no passado, onde reinava a paz, a amizade e o respeito entre seus moradores. Em seus rastros de memórias sobre o passado deste lugar onírico, os conflitos, as tensões inerentes ao contato entre pessoas diferentes em seu cotidiano foram aparentemente minimizados, evidenciando-se em seus relatos, situações de desavenças com os novos habitantes da região.

A coesão entre os moradores participantes do Grupo Focal e entre eles e seus vizinhos, conforme já referimos, revela o pertencimento à comunidade, explicitado ao se destacar a intergeracionalidade e, portanto, antiguidade dos vínculos de amizade, que, conforme dissemos, começou com seus avós, passando pelos seus pais e perpetuados por eles.

- 185 **HELINHO:** Bom, o que há de melhor é aquilo que a gente estava falando [...] É essa convivência de muitos anos e a gente poder ... Como eu nasci aqui, né? Já criei meus filhos já são adultos e agora os meus netos já estão, um com vinte anos, são dois homens, e outro com quinze e estão vivendo aqui também ...
- 193 **HELINHO:** Então, eu acho de ruim é isso: é essa mudança muito ruim, não há mais aquela... Aquele espírito, né? Agora, no geral, isso aqui é uma beleza! Tudo daqui é bom. Inclusive, o negócio da firma aí, eu sempre falava pra todo mundo: o melhor lugar é Santa Teresa porque nunca houve assim... Uma chacina, uma violência, eles sempre respeitaram a gente e nós respeitamos eles, porque a gente conhece eles desde que nasceu! Conhecemos os pais, as mães, o diabo... Então quer dizer, a gente não tem porque atrapalhar. Agora, eles estão naquela vida...
- 194 **SILVANA:** Os funcionários da firma são todos nascidos aqui também?
- 195 **HELINHO:** A maioria, a maioria por isso que aqui nunca mudou. A diretoria?... É toda daqui. Nunca mudou, nunca mudou, a gente conhece desde que nasceu. Então, quer dizer, eles sempre respeitaram a gente. Então a gente fala... Eu, por exemplo, falo o que quer.

Assim, os momentos de discordância e conflitos são evidenciados ao relatarmos a distância que os separavam dos considerados *outsiders* (ELIAS e SCOTSON, 2000), como vimos na seção anterior. Estes foram apontados como responsáveis pelo declínio do *glamouroso* Fallet, ao chegarem e descaracterizarem o lugar, através dos desenhos irregulares e desordenados que suas minúsculas casas conferiam à região, contrastando com as antigas casas e seus grandes quintais.

A decadência deste lugar aparece nas suas narrativas sobre o vivido desde então, com traços de violência crescente: de uma talvez sutil exclusão social destes *outsiders*, cujas origens eram mais humildes, às guerras “com hora marcada, três vezes ao dia”, no confronto entre distintas facções do tráfico armado a que estes belicosos *outsiders* impuseram à região, quando anos depois ali se estabeleceram, apossando-se do território.

É importante esclarecermos que o que consideramos território aqui, refere-se ao conceito apresentado Haesbaert (2004), segundo o qual este é considerado como um espaço cujas fronteiras o delimitam. Em sua conceituação, o autor destaca a presença de um poder estabelecido, para que se possa deter a exclusividade de uso dos recursos do território em questão. O autor refere ainda que no interior destas fronteiras encontram-se claramente diferenciados os incluídos (aqueles que integram o território, descritos como “nós”), e os “outros” (que não fazem parte do território).

O lugar vivido retrata ainda, moradores acuados pela violência instalada, que os leva ao silêncio e à omissão, que tanto frustra estes solitários líderes comunitários que jamais contaram com o apoio dos demais habitantes do Fallet, conforme relatos de Helinho e Coelho.

Apesar do descontentamento anunciado de Helinho com a desmobilização da comunidade e a inércia da Associação dos Moradores, e que o levou a se afastar do cotidiano da Amavale, Cacá vem angariando ações que compreendem investimentos nas áreas da educação, esporte, cultura, lazer e saúde, sobretudo para as crianças e jovens de famílias com menor poder aquisitivo, visando, dentre outras coisas, a paz, o respeito, autoconfiança.

Abaixo, destacamos um destes projetos que contempla muitos jovens:

Figura II – Atividade desportiva no Instituto Petra



Capoeira – Associação Cultural Kunta Kinte

- 827 **CACÁ:** Eu tenho que exaltar. Porque hoje, com a UPP, eu tenho parceria com o SESI, eu tenho parceria com [...] Prefeitura... e antes, eles nem vinham aqui. Então, sabe, eu não dependo da doação do morador...
- 829 **CACÁ:** Político, comerciante, pra fazer o trabalho. Eu não dependo disso, mas também se vier com intenção de alguma coisa em troca, também ele não vai ter. E o tráfico também, não deu um centavo porque eu não...
- 830 **COELHO:** Não, nunca deu.
- 831 **CACÁ:** E se oferecer eu digo: -“Tudo bem, se eu precisar, eu falo”, mas eu não quero ter comprometimento com o tráfico...
- 832 **SILVANA:** Hum, hum
- 833 **CACÁ:** Nem com político e também com a UPP, eu não quero. Já me ofereceram professor de... Da polícia pra dar aula aqui e eu digo: -“Eu não quero trabalhar com a polícia!”. Pra mim, polícia é polícia...

Então, parece-nos que o incremento de projetos sociais, esportivos e culturais ofertados aos moradores do Fallet recentemente configuram-se para Cacá e muitos jovens moradores como realização de aspectos do Fallet sonhado.

Assim, o lugar **sonhado** retrata o futuro que eles almejam. Enquanto lugar do desejo, o Fallet é discursivizado como possuidor de inúmeros recursos e talentos humanos em vias de prosperar. Suas narrativas nos permitem entrever a esperança de que a paz seja permanente e que os diversos projetos sociais que tiveram início se multipliquem e promovam, de fato, qualidade de vida e maior presença do Estado e de investimentos públicos em urbanização, destacando-se entre eles, o prometido Programa *Morar Carioca*.

O desejo de que o Fallet seja contemplado por programas e políticas públicas que resultem em qualidade de vida da comunidade, comum a todos, é expresso por Juca:

- 252 **JUCA:[...]** Eu queria... Melhorias, né? Asfaltar o Fallet. Ter um asfalto grosso aí... botar...fazer a rua bonitinha [...].

Observamos em suas narrativas, um desejo pelas melhorias, como sintetizado por Juca. Parece-nos que naquele momento, eles desejavam acreditar nas diferenças propagadas pelo programa do governo. Mas após anos recebendo promessas que não cumpridas, parece-lhes difícil crer neste discurso.

Nas narrativas abaixo, observa-se, pois, o contraste entre a esperança e o descrédito em relação às ações governamentais. Cacá, que antes era bastante cético, talvez tenha passado a crer na implementação dos programas

pactuados com a comunidade, em razão da satisfação vivida pela crescente oferta de projetos sociais comunitários, como apontamos. Por sua vez, Juca aparece como o porta-voz da descrença, baseada na experiência de muitos anos de promessas não cumpridas por parte do poder público.

- 233 **CACÁ:** Gente, vai ter o Morar Carioca aqui, hein. Nós vamos pedir de novo isso aí...
 237 **JUCA:** Ahhhh... Aqui ó!
 241 **CACÁ:** Já liberaram a verba em Brasília...

E em meio a outras tantas questões discutidas no Grupo focal, o tema do Morar Carioca retornou. Helinho afirma ter ouvido que o programa seria implementado em outro lugar, mas Cacá parece não acreditar num primeiro momento. Finalmente, a responsabilização sobre o “abandono” anunciado por Helinho recai sobre os moradores, que não se mobilizam e, pela experiência e observação destes líderes, as comunidades que mais se organizam são as que possuem maior visibilidade e, portanto, chamam mais atenção da mídia, o que, por sua vez, podem repercutir favoravelmente em termos de campanhas políticas.

- 337 **HELINHO:** [...] O Cacá tá dizendo que eles vão voltar. Eu soube que eles vão pro Catete!
 338 **CACÁ:** Quem?
 339 **HELINHO:** O Morar Carioca. Eles foram pro Catete! Saiu no jornal. Eles foram pro Catete, abandonaram a gente!
 340 **CACÁ:** Não, eles... Disseram que conseguiram três bilhões e oitocentos milhões do Governo Federal para o financiamento do projeto e que eles vão fazer [...] um primeiro lote de quinze. E eu perguntei: - “o Fallet está?” – “está”. Agora...
 342 **CACÁ:** Agora, sabe, o que acontece, ô Helinho, é que quando você sai [anunciando] – “vai ter uma reunião do Morar Carioca!” [...] quem que vem aqui? Uma meia dúzia de moradores.

Parece que a notícia ouvida por Helinho tinha seu fundamento, pois este programa de governo, que colocou em cena mais uma vez, o contraste entre o sonho e a esperança, até o final de 2013, enquanto pude acompanhar a comunidade em seu cotidiano, o Morar Carioca não havia contemplado o Fallet, apesar de todo um processo de debates e levantamento de interesses, problemas e demandas dos moradores que participaram destas reuniões. Mais uma vez se estabelece para estes habitantes de favelas e outras áreas carentes, um abismo entre as promessas e seu cumprimento.

Tais fatos reforçam, evidentemente, nos moradores, a descrença nas políticas públicas voltadas para o desenvolvimento das áreas mais carentes da cidade. E com isto, o Fallet é mais uma vez discursivizado enquanto lugar abandonado pelo poder público, veiculado como favela, cujos significados imprimem marcas *estigmatizantes* sobre o lugar praticado e seus habitantes.

Em contrapartida, o Fallet descortinado pela mídia como favela violenta situa-se na contramão do discurso destes antigos moradores sobre o lugar. Em suas narrativas, emergem, sim, cenas de violência praticadas no cotidiano, mas estas parecem ser diluídas pelos fragmentos de um lugar sonhado e vivido com *glamour*, entremeadas com fatos que atestem a desconstrução deste fascínio vivido no passado.

Neste sentido, reporto-me ao documento que me foi entregue em um dos GTs de Memórias, o qual retratava a decadência do charme característico do Fallet dos primórdios, segundo as narrativas destes antigos moradores.

A decadência referida deu-se em decorrência da favelização e da instalação do narcotráfico, a partir dos quais, teve início uma gradativa redução do poder aquisitivo da “elite” do Fallet. No ofício AP1/GAB nº 173/98, encaminhado à Subprefeitura do Centro, em 04 de março de 1998 (Anexo F), observa-se a queixa dos moradores em relação ao abandono do lugar pelo poder público e a sua dificuldade em pagar os seus impostos em dia, solicitando redução da taxa de IPTU.

No referido documento, consta que muitos moradores tiveram que deixar o lugar. Além disso, antigos moradores relataram que grandes áreas começaram a ser ocupadas desordenadamente, incrementando a favelização do local em curso naquela ocasião.

Mas, atualmente, parece que, no embate entre a dúvida e a esperança, esta lhes pareça uma alternativa para a realização de seu desejo de recuperar ao menos em parte, cenas do cotidiano vivido no passado com dignidade e paz. Na constante tensão entre o Fallet sonhado e o vivido, parece que a aposta na realização de seus sonhos tem prevalecido, ao menos até o momento em que estive acompanhando-os mais de perto. Assim, esta disputa de significados presente em suas narrativas repercute ainda em sua experiência de lugar e em suas configurações identitárias.

4.5 Convivência e distância: as diversas classes sociais no morro

Nesta seção apresentamos as diversas classes sociais no Fallet e como se dão as relações de distância e convivência entre as mesmas. Tencionamos *identificar que lugar é o Fallet, afinal*, de acordo com o Bloco Temático “Convivência na comunidade”.

Aqui existe uma divisão social. [...] Quem mora pra cá, mora na cidade; quem mora pra lá, mora na favela. Aqui não é favela”: as muralhas concretas e simbólicas do Fallet

Podemos inferir, a partir do discurso dos participantes do grupo focal, certa nostalgia e orgulho pelo estilo de vida anterior, que fazia parte do cotidiano *glamouroso* do Fallet. Em contrapartida, os antigos moradores revelam uma rejeição ao novo estilo que foi se instalando tempos depois, com a chegada dos novos moradores e pelas guerras travadas entre facções rivais de traficantes de drogas, instalados em morros vizinhos, responsabilizados pela favelização e difamação do lugar, como se pode atestar pelas elocuições abaixo.

CACÁ: “Os nossos imóveis, por exemplo, era assim, um por andar, e tudo aí... é tanto puxadinho, tanto bequinho que foi criado desordenadamente, que agora, é....”.

HELINHO: “Aqui tem uma parte favela e uma parte que é loteamento. Então, até os jornais mesmo, com o negócio do tráfico, fala que aqui é favela. Não é favela”.

A maneira como estes moradores se colocam perante a chegada dos novos habitantes nos remete à pesquisa realizada por Elias & Scotson (2000), por cerca de três anos, em uma pequena comunidade no sul da Inglaterra, denominada ficticiamente de *Winston Parva*, buscando compreender os critérios que pautavam as configurações sociais e as relações de interdependência.

Os autores verificaram a ocorrência de discriminação e exclusão social, centradas no fator antiguidade e coesão grupal (com fortes vínculos familiares e de pertencimento). Nenhum outro critério de diferenciação se aplicava: ocupação, religião, educação, nacionalidade, classe social, cor, raça, etc. E,

embora os recém-chegados tivessem um nível socioeconômico inferior ao dos *estabelecidos*, as diferenças entre eles não eram diferenças de classe.

Os pesquisadores identificaram que os habitantes mais antigos daquela localidade – os *estabelecidos* – consideravam-se os detentores de poder e superiores aos recém-chegados, considerados por eles como *outsiders*, estigmatizando-os e negando-se a manter contato com eles. Elias e Scotson (2000) observaram que o estigma social imputado aos *outsiders* passava a fazer parte de sua autoimagem, enfraquecendo-os.

Os *estabelecidos* se conheciam havia muito tempo e estabeleciam para si um estilo próprio, além de um conjunto de normas e se orgulhavam disso. Sentiam-se como sendo pessoas melhores, dotadas de uma relação grupal sólida, acentuada coesão e integração no grupo, visão compartilhada por todos os seus membros. Por sua vez, o grupo considerado como *outsider* não tinha esse tipo de relação grupal e isso os tornava isolados, excluídos, estigmatizados e inferiores, com relação ao outro grupo.

Os autores referem que as famílias que habitavam e permaneceram na parte mais antiga de *Winston Parva*, chamada afetuosamente por seus habitantes de *aldeia*, nutriam pelo lugar, um forte sentimento de pertença.

Do mesmo modo, como apontado anteriormente, há forte coesão entre os moradores participantes do Grupo Focal e entre eles e seus vizinhos. O pertencimento à comunidade é explicitado igualmente, destacando-se a intergeracionalidade e, portanto, antiguidade dos vínculos de amizade, que começou com seus avós – compradores dos terrenos, passando pelos seus pais e perpetuados por eles.

185 **HELINHO:** Bom, o que há de melhor é aquilo que a gente estava falando [...] É essa convivência de muitos anos e a gente poder ... Como eu nasci aqui, né? Já criei meus filhos já são adultos e agora os meus netos já estão, um com vinte anos, são dois homens, e outro com quinze e estão vivendo aqui também ...

193 **HELINHO:** Então, eu acho de ruim é isso: é essa mudança muito ruim, não há mais aquela... Aquele espírito, né? Agora, no geral, isso aqui é uma beleza! Tudo daqui é bom. Inclusive, o negócio da firma aí, eu sempre falava pra todo mundo: o melhor lugar é Santa Teresa porque nunca houve assim... Uma chacina, uma violência, eles sempre respeitaram a gente e nós respeitamos eles, porque a gente conhece eles desde que nasceu! Conhecemos os pais, as mães, o diabo... Então quer dizer, a gente não tem porque atrapalhar. Agora, eles estão naquela vida...

195 **SILVANA:** Os funcionários da firma são todos nascidos aqui também?

195 **HELINHO:** A maioria, a maioria por isso que aqui nunca mudou. A diretoria?... É toda daqui. Nunca mudou, nunca mudou, a gente conhece desde que nasceu. Então, quer

dizer, eles sempre respeitaram a gente. Então a gente fala... Eu, por exemplo, falo o que quer.

Nas elocuições acima, evidenciam-se tanto os antigos vínculos entre os *estabelecidos*, quanto à crítica apontada por Helinho, no turno 193 em relação à chegada dos novos moradores – os *outsiders*. Os primeiros nasceram no Fallet, lá criaram seus filhos e estão crescendo os seus netos.

Dentre os *estabelecidos* situa-se também, a diretoria do narcotráfico, que ali nasceu e se criou. A coesão e integração referida por Elias e Scotson (2000) a inclui no ciclo de relações de pertencimento, o qual teve início com o relacionamento destes antigos moradores com os pais dos chefes do tráfico do Fallet. E este vínculo favorece a que Helinho possa se sentir livre para falar o que quiser – de reivindicações a reclamações e críticas para com o comando do tráfico, pois há entre ambas as partes uma convivência respeitosa.

A discriminação em relação aos mais novos fica evidenciada nas elocuições abaixo:

- 561 **HELINHO:** Aí, o que há... A degradação, a degradação do local é isso. Que os moradores mais novos, eles estão invadindo, depois da UPP, estão invadindo tudo, entendeu? E o nível de vida nossos...
- 562 **DIANA:** Mas invadindo... É...?
- 563 **HELINHO:** Em áreas vazias. É como o Cacá falou: antes era uma casa, duas. Agora, o cara faz sem engenheiro //
- 564 **JOEL:** Puxadinho, esses negócios...
- 565 **HELINHO:** Sem nada, faz um monte e quer dizer.
- 566 **COELHO:** Vai fazendo.
- 567 **HELINHO:** A nossa qualidade de vida está caindo no geral, no dia a dia. Dentro da nossa casa não, mas do lado de fora...

Nestas narrativas, os entrevistados evidenciam que estão se configurando identitariamente como aqueles que possuem certa condição de vida que os diferencia dos demais. Pertencentes a um grupo social que se destaca por possuir o que Helinho refere como qualidade de vida, seu incômodo para com a chegada dos novos habitantes é ressaltado ao apontá-los como “invasores”, que chegam degradando o local com seus “puxadinhos”.

Além disso, em suas narrativas, os participantes do Grupo Focal revelam, frequentemente, a setorização do Fallet. Em um dos GTs de Memórias, este grupo de antigos moradores revelou um dado que vem intrigando-os desde muito tempo, referindo-se à existência de uma grande

muralha que separa o Fallet *Amavale*, do Beco ocidental, não apenas simbolicamente, mas física e concretamente.

Nestas elocuições abaixo, a discriminação e a exclusão social para com o favelado são explicitadas. Mais uma vez, estes moradores constroem-se discursivamente, na interação entre eles, como pertencentes a uma classe social mais favorecida, frisando que eles não moram na favela – e que esta se situa do outro lado. Deste modo, suas narrativas revelam o seu sentimento de pertencimento ao Fallet que eles classificam como bairro, demarcando as fronteiras entre “nós” – os cidadãos e “eles” – os favelados.

- 766 **COELHO:** [...] como já se falou, aqui existe uma divisão social.
 767 **SILVANA:** Hum... explica melhor isso, Coelho.
 768 **COELHO:** Aqui sempre existiu uma divisão
 769 **HELINHO:** Sempre! Até hoje. Até no futebol. Até no futebol!
 770 **DIANA:** Como é que é essa divisão?
 771 **CACÁ:** Classe econômica!
 772 **COELHO:** Quem mora pra cá, mora na cidade; quem mora pra lá, mora na favela.
 773 **COELHO:** Aqui não é favela.
 774 **CACÁ:** B, C, D e E.
 782 **JOEL:** O pessoal se sente diferenciado.
 786 **CACÁ:** Não... isso que o Coelho tá falando sobre as classes, é um dos dificultadores mesmo, do trabalho da Associação.
 785 **COELHO:** Associação.
 786 **CACÁ:** Por quê? Quem é classe B... O classe B tem o seu carrinho, o seu telefone, o seu computador, internet [...] Ele entra na internet e vê um cursinho lá pro filho dele fazer lá fora. Ele não quer que o filho dele se misture aqui, porque ele é classe B
 787 **COELHO:** Nem a creche ele usa.
 788 **CACÁ:** Ele tem medo que o B se misture com o E. E a Associação... ela procura...ela... Quem, quem.... Quem é o público que ela mais atende? É a classe E
 796 **CACÁ:** Quanto mais a gente isola a classe E - e a classe B sabe fazer isso muito bem - mais aumenta a violência, aumenta a miséria e não sei o quê... Então eu tô preocupado... Tem crianças aqui, que moram na comunidade e fazem jiu jitsu lá em Copacabana, faz lá. Eu nem preciso deles; se entrar aqui, vai tirar a vaga do outro. Então, o foco é a classe E. E a classe E, ela por ser desestruturada, você tem que atrair ela...

Para além da divisão social entre Fallet Amavale e Beco Ocidental, estes moradores colocam em cena a diferenciação entre as diversas classes sociais presentes no Fallet, acentuando o distanciamento entre os moradores das classes B e E – outra forma de expressão do mesmo processo de discriminação social entre “nós” e “eles”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, partimos do pressuposto de que as identidades são construídas e negociadas nas narrativas, além de constantemente atualizadas na interação. Concebidas como um processo dinâmico, em torno do qual o indivíduo se referencia, constrói a si e ao seu mundo, e se reconfigura, continuamente, a partir de uma relação dialógica entre suas identidades-rizoma com alteridades (GLISSANT, 2005), nos referimos às identidades como *configurações identitárias*.

Do mesmo modo, consideramos que o conjunto de experiências vividas compõe um campo de sentidos para a construção de suas identidades e, nesse processo, a memória remete ao tempo vivido. Por outro lado, a memória delinea trajetórias para o futuro, a partir das escolhas feitas no presente e amparadas nas significações relativas às experiências do passado (GONDAR, 2005), numa relação dialética entre lembrança e esquecimento (NORA, 1993).

Por sua vez, nossa experiência do lugar a que pertencemos está intrinsecamente ligada às histórias que narramos sobre ele, as quais, como vimos, podem apoiar-se em nossa experiência pessoal em relação a este lugar ou ainda, nos relatos de outrem, que passamos a incorporar ao conjunto de nossas próprias lembranças (POLLAK, 1992). Deste modo, contemplamos um dos *objetivos específicos* desta tese, que trata de *identificar nas lembranças narradas os sentidos atribuídos ao lugar habitado e aos acontecimentos socialmente relevantes*.

Além disso, tomamos como referência nesta pesquisa que há um caráter de seletividade em toda memória, acerca dos acontecimentos vividos no passado e de nossas interpretações de partes do nosso passado que desejamos manter, conforme postulado por Halbwachs (1990). Memória e identidade, como vimos, são elementos dinâmicos, mutáveis, negociáveis, constantemente atualizados nas narrativas e nas relações, em que valores são disputados nos conflitos sociais e intergrupais. Tomamos a memória e as narrativas contidas nas histórias de vida, conforme referido por Pollak (1989; 1992), como instrumentos de reconstrução das identidades individual e

coletiva. A identidade, por sua vez, é concebida por Pollak (1992), em referência aos outros, a partir de vínculos de pertencimento ao grupo.

Tomando os conceitos acima como referenciais e apoiados nas narrativas dos antigos moradores do Fallet, consideramos atingido o *objetivo geral* desta tese, que se refere à observação da *relação entre memória, espaço, acontecimentos vividos, configurações identitárias e sentimento de pertencimento narrados*.

Vimos que os sentimentos de identificação entre si e de pertencimento ao lugar estiveram presentes nos relatos de todos os participantes da pesquisa e estes demonstram um firme propósito de transmitir suas memórias, o que estaria em conformidade com o conceito de “*homens-memória*”, de Nora (1993).

Referenciados pela concepção de que a partir da organização do nosso discurso, através das narrativas, constantemente coconstruímos e atualizamos o conhecimento sobre quem somos na vida social, conforme Moita Lopes (2001).

Consideramos igualmente atendidos os propósitos desta tese, em relação aos seus *objetivos específicos*, ao observarmos nas narrativas dos moradores do Fallet, *como a memória produz sentido acerca de experiências do lugar e constitui configurações identitárias e como eles caracterizam o Fallet como um lugar de pertencimento*.

Observamos que o grupo de moradores do Fallet quer, acima de tudo, *falar*, narrar sua história, suas origens, seu passado *glamouroso*, seu patrimônio humano, cultural e desportivo, falar de suas perdas, transmitir suas memórias àqueles que não tiveram essa experiência (NORA, 1993). Precisam acima de tudo, esclarecer a identidade espacial do Fallet e, por conseguinte, a sua própria (GUPTA e FERGUSON, 2000; ELIAS e SCOTSON, 2000).

A escuta das memórias dos moradores do Fallet pode ser esclarecedora quanto aos efeitos da violência e da dominação, tanto dos traficantes de drogas, quanto dos policiais (VELHO, 2000), assim como do poder, autoridade e representação do Estado (ARENDDT, 2010), sobre sua comunidade.

Um dos aspectos mais enfatizados pelos participantes dos grupos focais foi o relacionamento de cada um deles com o *lugar*. A grande maioria disse que

não pretende se mudar; outros disseram que só sairão de lá no momento de se mudar para o cemitério.

Gomes *et al*, (2006) chamam a atenção para o fato de que as favelas são territórios da cidade que guardam um sentido de *lugar*, construído nas relações sociais, materiais e simbólicas que são estabelecidas entre seus moradores e seus grupos sociais.

Ao situarmos historicamente a origem e a evolução das favelas no Rio de Janeiro, constatamos que os discursos sobre as favelas e seus moradores oscilam entre pejorativos, discriminatórios, criminalizadores e validadores. Seus moradores são apontados ora como criativos e solidários, ora como vagabundos e marginais. Butler (2004; 2006) evidencia que, ao sermos chamados por um nome insultante, somos menosprezados e nos sentimos degradados, o que produz efeitos quanto ao reconhecimento e a identificação de quem somos, uma vez que os discursos criam a realidade e são tomados como tal.

Campos (2011) pontua que o sentimento dos moradores sobre o local onde habitam contribui para a constituição da sua própria identidade e da identidade espacial. Tal afirmativa pode ser constatada pela alegação dos antigos moradores do Fallet de que a veiculação midiática que aponta a totalidade da região como favela perigosa, dominada pelo narcotráfico, teve como consequências, a desvalorização de seus imóveis e a mudança de muitos moradores para outras localidades, desfazendo-se deste modo, parte da rede social ali estabelecida.

Observamos que há nessas narrativas dos antigos moradores do Fallet, um forte desejo de preservar e difundir a história e as memórias locais e, com isso, restabelecerem a valorização e o respeito ao local e aos seus habitantes, a partir da desconstrução do preconceito e da discriminação com que as favelas e seus moradores vêm sendo tratados desde o seu surgimento.

Pudemos comprovar que, por meio da narrativa, o sujeito dá voz ao passado, revivendo os fatos vividos, assim como, os sentimentos a eles associados. Portanto, ao relembarmos, somos novamente afetados por elas.

Nessa complexa atividade da memória, o autor da narrativa coincide existencialmente com o seu sujeito. Esse aspecto é fundamental para

compreendermos a função da memória na constituição da identidade. Ao falar sobre seu passado, o sujeito não apenas o lembra, mas também reflete sobre fatos, pessoas, momentos cruciais de sua existência, apropriando-se significativamente da sua história e ressignificando a si mesmo em função dela. Com isso, a narrativa se constrói como uma totalidade plena de sentidos, os quais contribuem para a constituição da identidade do narrador, com base no seu reconhecimento como autor e ator da história relatada.

E, uma vez que as identidades sociais se formam a partir das experiências vividas e das lembranças de tais experiências, trazer o passado à tona implica em ressignificá-lo, ampliando o conhecimento e a compreensão que se tem do mesmo, o que proporciona uma oportunidade de escolha em relação ao que se está construindo e ao que se *deseja* construir.

Assim, contar suas lembranças e experiências contribui tanto para o fortalecimento de suas identidades, quanto para a ressignificação do seu *habitat*, de modo a propiciar a sua inserção social enquanto habitantes da cidade do Rio de Janeiro.

As narrativas desses moradores que revelam suas lembranças sobre a história do lugar e de suas famílias são retroalimentadas pelas lembranças relatadas pelos amigos, evidenciando a sociabilidade, o sentimento de pertença, enraizamento e memórias inerentes ao lugar da experiência.

A experiência do espaço, conforme Gupta e Ferguson (2000), os discursos, as memórias e as configurações identitárias são socialmente construídos.

Em suas narrativas, os moradores do Fallet vão amalgamando coletivamente, retroalimentando, o sentimento de pertencimento ao lugar, ao grupo e a todo um conjunto de valores que os mantêm unidos. Suas elocuições revelam uma projeção discursiva sugestiva do privilégio e da satisfação destes entrevistados em viver neste lugar. Os pontos positivos do lugar vão sendo construídos discursivamente na relação entre eles. Os sentimentos de identificação e de pertencimento que eles expressam são comuns a todos os participantes da pesquisa e estão presentes nas narrativas de todos eles.

O discurso dos moradores de ambos os grupos focais, a maneira como narram suas experiências, sugere haver uma relação de afetividade e

pertencimento em relação à localidade onde vivem. Eles demonstram sentir-se fortemente identificados com o lugar e consideram-no como *o seu mundo*, onde estão suas raízes, sua família, mantendo com ele uma relação de afeto e memória. E, o modo como contamos nossas histórias do passado revelam a nossa percepção de quem somos no presente.

Consideramos, assim, que cumprimos os *objetivos gerais e específicos* propostos por esta tese, assim como o *problema* delineado. Deste modo, observamos e discutimos a *produção de memória de antigos moradores do Morro do Fallet acerca do lugar em que moram, verificamos nas histórias narradas, suas configurações identitárias*; assim como, analisamos *a sua experiência em relação ao lugar, contextualizando a identidade do lugar e o senso de pertencimento, na perspectiva de seus moradores, a partir de suas narrativas*.

Ao longo desta tese, discutimos também a respeito das questões norteadoras propostas. Em síntese, verificamos, após nossas observações e análises que, a partir das suas narrativas, estes moradores estão constituindo suas configurações identitárias. Por sua vez, estas sofrem influências das suas lembranças narradas, assim como a dos demais integrantes do grupo, em relação aos momentos vividos de tensão e de paz na comunidade.

Observamos que a relação que estes moradores mantêm com este espaço apoia-se em suas lembranças que os remetem aos primórdios da fundação do Fallet, quando seus antepassados estabeleceram relações de amizade e solidariedade. Tal relacionamento entre eles e com o lugar é perpetuado e atualizado em seus discursos.

A dinamicidade de suas identidades-rizoma foi evidenciada por meio de narrativas que revelaram suas afinidades, suas diferenças, seus vínculos de amizade e companheirismo, assim como suas percepções sobre o passado e expectativas para o presente e o futuro. Entretanto, essas diferenças são acolhidas com respeito e não chegam a abalar seus vínculos de amizade.

O pertencimento ao lugar é apontado pela maioria destes moradores através de narrativas que o referem como o “melhor lugar para se viver”, de onde jamais sairão, ou, se saírem, permanecerão mantendo seus vínculos com este lugar, discursivizado como um “porto seguro”.

O pertencimento ao grupo é revelado a partir de narrativas que apontam suas relações de amizade, discursivizada como sendo “uma grande família”, em que todos nasceram e se criaram ali, pelas mãos de uma mesma senhora, antiga moradora, que partejou a todos.

Enfim, suas narrativas revelam que o Fallet é um lugar amado, acolhedor, onde muitas alegrias e esperanças foram vividas, que teve um passado próspero e, em suas perspectivas, *glamouroso*, ao mesmo tempo em que muito medo, dor e tristeza profundas eram vivenciadas cotidianamente. Um espaço que, em sua dinamicidade, se revela em suas contradições, narradas com uma diversidade de emoções e sentimentos: da alegria, respeito e saudosismo à tristeza, revolta e impotência.

Estas pessoas do Fallet são as pessoas que participaram diretamente dos muitos momentos narrados e que “vivenciaram por tabela” outros tantos, que lhes foram revelados pelos seus pais e avós. Estas pessoas, que mantêm com este lugar, espaço e território de tensões e conflitos, mantêm-se compromissadas em defender este território, preservar suas histórias, revelando suas lembranças. São eles, os homens-memória e guardiões do território.

Finalmente, gostaríamos de compartilhar algumas reflexões sobre o processo de pesquisa e redação desta tese. Um mapa não é o território, portanto, todo processo de pesquisa, em sua coleta e análise dos dados refletem escolhas e estas sempre se baseiam naquilo que a cada instante nos parece mais acertado, ainda que no instante seguinte, possamos perceber que outras possibilidades nos levariam a lugares e resultados diferentes.

Dentre estas reflexões, destacamos as que se referem à eleição das ferramentas metodológicas e à análise e interpretação dos dados.

Nossa principal fonte de produção de dados empíricos foi o grupo focal, transcrito e analisado segundo as categorias que sobressaíram a partir de um tópico-guia, previamente definido. E, embora tivéssemos apontado as vantagens da utilização de um grupo focal, gostaríamos de sinalizar que nenhuma ferramenta é completa. Assim, o grupo focal nos possibilitou a coconstrução de narrativas, corroborando com nossas premissas. Por outro

lado, entrevistas individuais talvez revelassem certas divergências, dissensos entre os entrevistados, ou não.

Outro aspecto a ser destacado refere-se à eleição de se analisar unicamente os dados coletados no grupo focal masculino, pelas razões já mencionadas. Gostaríamos de esclarecer que estávamos conscientes de que os nossos entrevistados constituíam uma parte de um todo e, portanto, não eram representativos da comunidade toda. Seria oportuno, para pesquisas posteriores, para uma maior aproximação deste todo, entrevistarmos moradores do Beco Ocidental, do Fogueteiro e as mulheres destas microrregiões.

Deixamos aqui assinalada a intenção de em um Pós-Doutorado, analisarmos as falas femininas, coletadas em um grupo focal específico. Estas, certamente lançarão luz sobre outras questões, ou sob outro ponto de vista acerca das perguntas abertas previamente elaboradas no tópico-guia. As falas femininas trazem outra dimensão da percepção, da produção de memória, vinculadas à luta política, às questões de gênero, a ética do cuidado.

Por fim, as análises e interpretações elencadas nesta tese mantiveram o propósito de preservar as narrativas coconstruídas pelos entrevistados, de acordo com nossa premissa de que através da narração de histórias, os indivíduos coconstroem suas identidades e as recriam nesta interação em grupo, desenvolvendo o senso de pertencimento.

Optamos por respeitar a seletividade de suas memórias relativas aos acontecimentos e interpretações do passado que desejaram preservar (Halbwachs, 1990), assim como seletiva é a construção de um *self autobiográfico* (REISSMAN, 2008) revelador de como os narradores desejam ser conhecidos nesta coconstrução de significados, proporcionada pelas narrativas emitidas na entrevista grupal.

Assim, em conformidade com Reissman (2008), a transcrição da entrevista, a análise e recriação dos dados são uma interpretação, influenciada pelas perspectivas teórico-metodológicas de quem as realiza. Portanto, a análise jamais poderá ser completa e definitiva e sim, um recorte das performances de identidades enquanto *sel/ves* intencionalmente coconstruídos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDOLFI, M.(org.) **La Mediazione Culturale** – Tra l’estraneo e il familiare. Milão: Franco Angeli, 2003.

BAGNO, S. **A travessia de Nanetto Pipetta e o imaginário dos imigrantes italianos para o Sul do Brasil** - em busca do país da Cocanha. 2010. 146 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Programa de Pós-graduação em Memória Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=188122

BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. dos. Introdução: Entrevista, narrativa e pesquisa. PP. 9 -18. In: BASTOS, L. C.; SANTOS. W. S. dos (Orgs.). **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BRITO, F. (2000). Brasil, Final de século: a transição para um novo padrão migratório? **Anais da ABEP**, Caxambu: ABEP, 2000.

BURGOS, M. B. **Favela e luto pela Cidade: esboço de um argumento**. Seminário “O que é favela afinal?”. Observatório das Favelas, Rio de Janeiro, 1999.

BUTLER. J. 2006. **Vida Precária**. Buenos Aires, Paidós.

_____. 2004 (1997). **Language, poder e identidade**. Madrid, Síntesis.

CAMPOS, A. **Do Quilombo à Favela: a produção do “Espaço Criminalizado” no Rio de Janeiro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CAMPOS, S. I. F. Cap. 5: A Entrevista de pesquisa: um empreendimento coletivo. pp. 101 – 131. In: BASTOS, L. C.; SANTOS. W. S. dos (Orgs.). **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

CAVALLIERI, F. Favelas no Rio: a importância da informação para as políticas públicas. In: **Seminário O que é favela afinal?** Observatório das Favelas. Rio de Janeiro, 2009.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de Fazer. 3ª Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

COULON, A. **Etnomedologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

D'AGOSTINO, R. **Objetivo é tirar território do tráfico, diz secretário de Segurança do Rio**. UOL Notícias, São Paulo, 25/11/2010 19h38. <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/11/25/objetivo-e-tirar-territorio-do-trafico-diz-secretario-de-seguranca-do-rio.htm> Extraído em 17/01/2016.

DAEMON, F.; TEIXEIRA, M. A.; FERNANDES, R. B. (2015). Relações pessoais na construção da gestão social em favelas: experiências no Rio de Janeiro. **Argumentum**, Vitória (ES), v. 7, n.1, p. 202-220, jan./jun. 2015.

DANTAS, M. T. L. Diferentes construções do “eu” em narrativas sobre loucura e arte. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Org.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001, pp. 93-120.

DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 41.650**, de 21 de janeiro de 2009. Ano XXXV - No - 012 - Parte I Rio de Janeiro, quinta-feira - 22 de janeiro de 2009 Disponível em: http://www.ioerj.com.br/portal/modules/conteudoonline/view_pdf.php?ie=NDMyOA==&ip=NA==&s=NDA0M2RhZGM4NmE5ZmQ3NmFmNTQ0MDY5OWM5MzZhOWM=. Extraído em: 17/01/2016.

_____. **Decreto nº 42.787**, de 06 de janeiro de 2011. Ano XXXVII - No - 005 - Parte I Rio de Janeiro, sexta-feira - 07 de janeiro de 2011. Disponível em: http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/DecretoSeseg42.787Upp.pdf Extraído em 17/01/2016.

_____. **Decreto nº 44.177**, de 26 de abril de 2013. ANO XXXIX - Nº 076 - Parte I Rio de Janeiro, segunda-feira, 29 de abril de 2013. Disponível em: <http://download.rj.gov.br/documentos/10112/1553227/DLFE-60165.pdf/PublicaE7E3oDO.pdf> Extraído em 12/01/2016.

_____. **Lei Estadual nº 5890**, de 14 de janeiro de 2011. Disponível em: <http://www.imprensaoficial.rr.gov.br/diarios/doe-20150903.pdf> Extraído em 12/01/2016.

DIAS, R.; ZACCHI, J. M. Visões sobre as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) no Rio de Janeiro, Brasil. **SUR. Revista Internacional de Direitos Humanos / SUR**, v. 9 • n. 16 • jun. 2012. São Paulo, 2004 – pp. 209-216.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Jorge Zahar Ed.: Rio de Janeiro, 2000.

FABRÍCIO, B. F.; MOITA LOPES, L. P. Discursos e vertigens: identidades em que em narrativas contemporâneas. **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 6, n.2, p. 11 – 29, jul./dez., 2002.

FLICK, U. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 1ª Reimpressão (2005). Porto Alegre: Bookman, 2004, 2ª. edição. Cap. 8 (pp. 89-108); Cap. 10 (pp.124-136); Cap. 11 (pp. 271-292).

G1. **Novo tiroteio termina com baleados no Morro do Fallet, Rio. Site G1 – Globo**. 18/10/2015 21h08. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/novo-tiroteio-termina-combaleados-no-morro-do-fallet-rio.html>> Acesso em: 16/01/2016.

GLISSANT, E. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2005.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, M. F. C. M. et al. **Desigualdade e exclusão nas metrópoles brasileiras**: alternativas para seu enfrentamento nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2006.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. pp. 11-26.

GONZAGA Jr, L. **Um homem também chora**. Intérprete: GONZAGA Jr, L.. In: GONZAGA Jr, L. **Alô, Alô Brasil**. Rio de Janeiro: Vagalume, 1983. 1 disco sonoro, Lado 1, faixa 5 (5min 21s)

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Secretaria de Segurança Pública – SESEG. **UPP. Unidades de Polícia Pacificadora**. http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp Acesso em: 28/01/2013.

_____. **A UPP veio para Ficar**. Disponível em: www.seguranca.rj.gov.br Acesso em: 21/12/2015.

_____. Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos - (SEASDH). **Plano Estadual de Histórias e Memórias das Favelas**. s/d. Disponível em: http://download.rj.gov.br/documentos/10112/556509/DLFE-66762.pdf/plano_historia_memoria.pdf Acesso em: 13/01/2015.

_____. Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos - (SEASDH). **UPP – Unidade de Polícia Pacificadora**. Disponível em: http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp Acesso em: 16/01/2016.

_____. Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos – (SESEG) **UPP**. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/seseg/exibeconteudo?article-id=1349728>. Extraído em 17/01/2016.

GUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da Cultura: espaço, identidade e Política da Diferença. In: ARANTES, Antonio (Org.). **O Espaço da Diferença**. São Paulo: Papyrus, 2000. Cap. 2, pp. 30-49.

HAESBAERT, R. Fim dos territórios ou Novas Territorialidades? Capítulo 1, pp. 29 – 51. In: In: MOITA LOPES, L. P. ; BASTOS, L. C. (orgs.). **Identidades: Recortes Multi e Interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

_____. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo: USP, 2005

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HENRIQUES, R.; RAMOS, S. UPPs Social: ações sociais para a consolidação da pacificação. In: URANI, A.; GIAMBIAGI, F. (orgs.). **Rio: a hora da virada**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p. 242-254.
<http://www.ie.ufrj.br/datacenterie/pdfs/seminarios/pesquisa/texto3008.pdf>

HOLANDA, C. B. O meu guri. Intérprete: Chico Buarque. In: HOLANDA, C. B. **Almanaque**. Rio de Janeiro: Marola Edições musicais Ltda. 1981. 1 disco sonoro, Lado 1, faixa 3 (3min 55s)

JORNAL DO COMÉRCIO. “O Presidente FHC diz que aposentados são vagabundos”. **JC online**. Recife: Jornal do Comércio, 12 de maio de 1998. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/1998/1205/br1205n.htm> Extraído em 12/01/2014.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Editores). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 90 -113.

LEITE, M. P.; MACHADO DA SILVA, L. A. **Sobre Periferias**: Novos conflitos no Brasil Contemporâneo. In: CUNHA, N. V. da; FELTRAN, G. S. de (Orgs.). Rio de Janeiro: Lamparina - FAPERJ (2013), pp. 146 – 158.

LINDE, C. **Working the past**: Narrative and institutional memory. New York: Oxford University Press, 2009.

LOBATO, E. José Mariano Beltrame: "Garanto que em áreas com UPPs pode fazer campanha". **ISTO É online**, n. 2336, 29/08/2014. Disponível em: [http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/380041_GARANTO+QUE+EM+AREAS+COM+UPPS+PODE+FAZER+CAMPANHA+](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/380041_GARANTO+QUE+EM+AREAS+COM+UPPS+PODE+FAZER+CAMPANHA) Extraído em 12/01/2016.

MACHADO DA SILVA, L. A. A continuidade do problema da favela. In: OLIVEIRA, L. (org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. pp. 220-237.

_____. Violência urbana, segurança pública e favelas - o caso do Rio de Janeiro atual. **Caderno CRH** (UFBA. Impresso), v. 23, pp. 283-300, 2010.

MAIA, R. L. G. S. **Memórias anfitriãs: interações, dádiva e hospitalidade em Santa Teresa (RJ)**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós Graduação em Memória Social – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015.

MAIOLINO, A. L. G. **Espaço Urbano: conflitos e subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

MASSEY, D. Um sentido Global do Lugar. In: Arantes A. (Org.). **Espaços da Diferença**. Campinas, SP: Papius, 2000, pp. 176 – 185.

MATTOS, I. R. de. **O tempo saquarema: a formação do Estado imperial**, 4ª edição, Rio de Janeiro, RJ: Acess, 1999. X.

MENEZES, L. M. Bastidores: um outro olhar sobre a imigração no Rio de Janeiro. **Acervo, Rio de Janeiro**, v. 10, nº 2, pp. 03-16, Jul/dez 1997.

MINAYO, M. C. S. (Org.). DESLANDES. S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MISHLER, E. G. Cap. 5: Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (orgs.). **Identidades: Recortes Multi e Interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

MISSE, D. G. Os programas de gestão social em territórios pacificados. **Confluências – Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, Niterói, v. 15, n. 1, pp. 11-22, 2013.

MISSE, M. As ligações perigosas: mercado informal ilegal, narcotráfico e violência no Rio. **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, pp. 93-116, 1997.

_____. **Malandros, marginais e vagabundos**. A acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciências Políticas do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, IUPERJ/UCAM, 1999.

_____. **O Movimento: a constituição e reprodução das redes do mercado informal e legal de drogas a varejo no Rio de Janeiro e seus efeitos de violência**. Núcleo de Estudos da cidadania, conflito e violência urbana (NECVU) – IFCS/UFRJ, s/d. Disponível em:

<http://necvu.ifcs.ufrj.br/images/4O%20Movimento.pdf>. Extraído em 15/01/2016.

MORAES, E. **PM de UPP fica ferido após ataque de traficantes no morro do Fallet, no centro do Rio**. Site R7 - Rede Record, 10/09/2011 às 19h25 Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/pm-fica-ferido-em-tiroteio-no-morrodo-fallet-no-centro-do-rio-20110910.html> Extraído em 16/01/2016.

MORAIS, M. N. de. Uma análise da relação entre o estado e o tráfico de drogas: o mito do “poder paralelo”. **Ciências sociais em perspectiva** (5) 8 : 1º sem. 2006. pp. 117-136.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Práticas Narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Org.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001. pp. 55-72.

NASCIMENTO, M. **Policiais recebem propina**. Blog: Militar Legal. Disponível em: <http://militarlegal.blogspot.com.br/2011/09/trafico-pagava-mensalao-30-pms-deupp.html> Extraído em 12/01/2016.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo, **Projeto História** - Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História. V. 10, 1993.

NUNES, N. R. de A.; FONSECA, D. P. R. da & FERNANDES, F. L. **Mulher de favela: a feminização do poder através do testemunho de quinze lideranças comunitárias do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2015. 230p. Tese de Doutorado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, J. P. de. **Pacificação e tutela Militar na gestão de Populações e territórios**. *Mana* 20(1): 125-161, 2014.

PETRONE, M. T. S. Cap. 3: Imigração (PP. 93 – 133). In: Holanda, S. B. (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III. O Brasil Republicano, 2 volume (Sociedades e Instituições, 1889-1930), Livro Primeiro. Movimentos Sociais e Sociedade. 3ª edição. São Paulo: Difel, 1985.

PINTO, D. S. As estórias de Larissa: o processo de construção da referência e as múltiplas “projeções do eu” em narrativas em uma entrevista psiquiátrica. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Org.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001. pp. 121-141.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. pp. 200-212.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989, pp. 3 - 15.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. SECRETARIA MUNICIPAL DE HABITAÇÃO. **Programa Morar Carioca.** s/d Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/smh/exibeconteudo?article-id=1451251>>. Acesso em: 3/01/2016.

_____. Instituto Pereira Passos – IPP. **Mapa das UPPs Complexo do São Carlos, Coroa / Fallet-Fogueteiro e Prazeres – Escondidinho** (regiões do Rio Comprido, Estácio e Santa Teresa). *Panorama das Favelas*, Instituto Pereira Passos (IPP), 2013. Disponível em: <http://www.uppsocial.org/wp-content/uploads/2014/01/1-Panorama-dos-Territ%C3%B3rios-UPP-Fallet-Fogueteiro-e-Coroa.pdf> Acesso em: 13/10/2015.

_____. Instituto Pereira Passos **Upp Social. Panorama dos Territórios. Upp Fallet-Fogueteiro / Coroa.** 2014 Disponível em: <http://www.uppsocial.org/wp-content/uploads/2014/01/1-Panorama-dos-Territ%C3%B3rios-UPP-Fallet-Fogueteiro-e-Coroa.pdf>. Acesso em: 29/12/2015.

_____. **Programa Morar Carioca.** s/d. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smh/exibeconteudo?article-id=1451251> Acesso em: 23/02/2015.

RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Org.). **Narrativa, Identidade e Clínica.** Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001.

RIBEIRO, B. T.; PEREIRA, M. das G. D. A noção de contexto na análise do discurso. **Veredas:** Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 6, n.2, pp. 49 – 67, jul./dez., 2002.

RIESSMAN, C. K. **Narrative Methods for the Human Sciences.** Sage Publications: California, 2008.

RODRIGUES, A. E. M. História da Urbanização no Rio de Janeiro. In: CARNEIRO, S. S.; SANT' ANNA, M. J. G. (Orgs.). **Cidade:** olhares e trajetórias. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, pp. 85 -120.

RODRIGUES, A.; SIQUEIRA, R. Unidades de Polícia Pacificadora: Debates e Reflexões. **Comunicações do ISER.** Publicação Sazonal do Instituto de Estudos da Religião. Rio de Janeiro, Número 67, ano 31, dez, 2012.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. Capítulo 2: Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. pp. 37 – 43. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. dos (Orgs.). **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa:** Perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

ROSAS, C. R. P. Capítulo 6, pp. 137 – 158. A Construção do estigma na fala sobre a doença. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. dos (Orgs.). **A Entrevista**

na Pesquisa Qualitativa: Perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, W. S. dos. Capítulo 1: Níveis de Interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas, pp. 21-32. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. dos (Orgs.). **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Perspectivas em análise da narrativa e da interação.** Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

SEYFERTH, G. **Imigração e cultura no Brasil.** Brasília: EdunB, 1990.

RIBEIRO, C. M. P. J. **Festa & Identidade: como se fez a festa da uva.** Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

SCHIFFRIN, D. Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. **Language in Society**, v.25, n. 2, pp.167-203, 1996.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Um olhar bem-humorado sobre o Rio dos anos 20. **Cadernos da Comunicação.** Série Estudos – Vol. 5 ISSN 1676-5494, Março de 2003. Disponível em: UPP <www.upprj.com/>. Extraído em 17/12/2015.

STROZEMBERG, P. Alguém já foi multado na favela. In: **Seminário O que é favela afinal.** Observatório das favelas. Rio de Janeiro, 2009.

THOMSON, A. Reconstituo a memória. Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História 15.** Ética e História Oral, abril/1997.

_____. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. Texto extraído da internet em 15/08/07. **Rev. Bras. Hist.** vol.22 n.44 São Paulo 2002.

VAINER, C. B.; BRITO, F. **Migration and Migrants Shaping Contemporary Brazil.** Presented at Special Session on Brazilian Demography at the 24 th General Population Conference of the IUSSP, Salvador, Bahia, Brazil, September, 18-24, 2001. (Disponível em CD-ROM).

_____. **Pátria, Empresa e Mercadoria.** Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. Rio de Janeiro: IPPUR - UFRJ, 2013. Disponível:

<http://www.unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/1866/1833> Extraído em: 13/12/2015

VENTURA, Z. **Cidade Partida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ZALUAR, A. M. Introdução: Drogas e Cidadania (pp. 7-21); A Criminalização das drogas e o reencantamento do mal (pp. 97-127). In: ZALUAR, A. M. (org.). **Drogas e Cidadania.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ZANINI, M. C. C. **A Família como Patrimônio**: A Construção de Memórias entre Descendentes de Imigrantes Italianos. Campos 5(1): 53-67, 2004.

ZANINI, M. C. C.; SANTOS, M. **Ítalo-brasilianidade “gaúcha” como estilo de vida**. 33º Encontro Anual da Anpocs. GT 09: Cultura brasileira: modo e estilos de vida. Caxambu, MG, 2009.
<<http://sec.adtevento.com.br/anpocs/inscricao/resumos/0001/TC0505-1.pdf>>

ANEXO A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS GRUPAIS E TÓPICO GUIA

QUESTÕES:

- 1) Para você, o que é ser morador do Fallet?
- 2) O que de melhor e de pior tem no Fallet?

TÓPICO GUIA:

- a) A vida no Fallet, antes e agora;
- b) O que deseja e acha importante que as pessoas saibam sobre o Fallet?
- c) Como é o Fallet, visto por quem mora nele?
- d) Como acha que o Fallet é visto por quem não é morador?
- e) História do Fallet;
- f) Sua fundação;
- g) Ocidental Fallet;
- h) Processo de favelização;
- i) Narcotráfico;
- j) Pacificação / Relação com a polícia;
- k) Jovens do Fallet;
- l) Violência;
- m) Violação de direitos;
- n) Principais problemas do Fallet e possíveis soluções;
- o) Inclusão social;
- p) Principais eventos ocorridos.

ANEXO B – LEGENDA do GRUPO FOCAL**Grupo Focal**

28/12/2013

Duração: 1:55:20 ou 115 minutos e vinte segundos

Legenda:

Pequena pausa: menos de três segundos

Pausa: Três a cinco segundos

Longa pausa: Cinco a sete segundos

Pausa muito longa: acima de sete segundos

???: Ocorrências de som durante a gravação, barulhos em geral como burburinhos, carros passando ou qualquer outro corte na dinâmica que ou a interrompa ou a torne inaudível

Negrito – ênfases feitos pelo próprio participante durante sua fala

Itálico – Uso não gramatical de certas expressões. Incluem-se aqui rotacismos, conjugações verbais cujo verbo não concorda com o sujeito, etc.

Barra dupla em negrito (//) – Simultaneidade entre a fala cujo fim está creditado com barra e a fala posterior.

OBS.: Os participantes do grupo focal foram creditados com pseudônimos, salvo as facilitadoras do grupo.

ANEXO C – GRUPO FOCAL
TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO
 28/12/13

Compareceram:

Silvana e Diana (PPGMS)

Moradores: Cláudio (Cacá), Walter(Coelho), Hélio (Helinho), Joel, Joaquim (Juca)+

OBS:

Assim que chegamos, testei o gravador e a máquina de foto, na função filmagem.

Coloquei o lanche na mesa. Diana sugeriu que ficássemos em círculo, arrumamos as cadeiras em volta da mesa e começamos a conversar informalmente, embora já gravando.

[Coelho contou como foi a expectativa dos moradores quando receberam a notícia da chegada da UPP]

1. **COELHO:** Esse foi o primeiro passo, tá. E tinha o segundo passo: e agora, e a comunidade? E aí, tal, tem o Moraes aqui, que é uma pessoa muito boa, amiga da comunidade e nós pedimos o som a ele, o carro de som e aí ... saiu pelas comunidades com o carro de som, marcando uma reunião. Que foi na... Foi na Amavale, né? Fizemos aquela da UPP, quando ela veio, né? Fizemos lá, com o Cacá, todo mundo, fomos lá e aí trocamos ideia, tal, cada um, veio ... algumas pessoas com bastante experiência de ocupação e conversamos e pedimos ao morador para não criar conflito com os policiais, para respeitar, tal. Em resumo. E quem tinha nota fiscal das coisas, deixar ali em cima da mesa, tal. Receber bem o policial, e o comércio não fechar, não é?
2. **CACÁ:** A gente não sabia como ia ser
3. **COELHO:** É, ninguém sabia. Então: - “deixa o seu comércio aberto”. - “você que não abre o seu comércio no domingo, abra nesse domingo, fica lá. Deixa as casas abertas”.... E assim, a gente foi acertando...
4. E agora, como a gente vai falar com a polícia? Quem que vai vim? É CORE, é BOPE? É isso, é aquilo? A gente não sabe quem vem. Pra gente também tentar acertar ...tá. E nessa reunião nós criamos a comissão de ...
5. **CACÁ:** De Direitos Humanos.
6. **COELHO:** Comissão de Diretos Humanos. Foi criada essa comissão em nome de todo mundo ali. Identidade, CPF de todo mundo, relacionando, entregamos uma cópia no Batalhão local, entregamos uma cópia na sétima DP. E mandamos fazer as camisas: “Amavale, Direitos Humanos”.
7. **COELHO:** E agora, como a gente vai falar com a polícia? E aí chegamos à conclusão que era pra fazermos umas faixas, né? E aí fizemos as faixas pra botar nas entradas. Então essa faixa falava assim: “respeito mútuo é a nossa bandeira”. O Bope chegava e metia a bandeira. [Quer dizer, tirava um problema e fazia outro]. Eles diziam que um grupo era o dono da comunidade, mas eles chegavam e botavam a bandeira, quer dizer: -“agora o dono é a gente?!”. Não, não! Não são donos de comunidade, não. Quer dizer: “respeito mútuo é a nossa bandeira”. Já tava o nosso recado lá. -“Nós moradores do Complexo do Fogueteiro respeitamos o trabalho da polícia militar, polícia civil e demais autoridades Federal, Estadual e Municipal. Nós queremos ser respeitados”... mais ou menos ... conforme...
 [Nesse instante, chega o Joel, cumprimentando a todos]. - “Pensei que não viesse ninguém!” [risos]

- [**DIANA** se apresenta e pede licença ao Coelho, dizendo não querendo lhe interromper, e sugerindo formarmos uma rodinha menor pra poder ...]
 [Coelho concorda, dizendo pra formarmos uma rodinha, pra não ficar muito longe]
 [Joel pergunta pelo Helinho e lhe respondem que ele já está vindo aí.]
 [**DIANA** diz que vai pegar um biscoito, pois está morrendo de fome.]
 [Comentamos que o Helinho disse que ia pegar o café e não voltou mais]
8. **SILVANA:** Eu estava esperando o Helinho, ele veio e sumiu
9. **COELHO:** Helinho disse que ia pegar o café [...] só se ele foi em casa
10. **CACÁ:** Ele foi em casa e foi fazer café
11. [Esclarecimento sobre a gravação]
12. **SILVANA:** A gente vai gravar essa nossa conversa
13. **CACÁ:** Gravando!...quer que fale alguma coisa antes?
14. **SILVANA:** E se vocês permitirem, eu gostaria também de deixar a máquina filmando, tem problema pra vocês?
15. Não...
16. **HELINHO:** Não... tranquilo
17. **SILVANA:** Eu queria esclarecer que a gente vai filmar, vai gravar para a minha pesquisa e depois eu vou transcrever isso, vou estar trabalhando esses dados... Agora, os nomes de vocês e qualquer característica que possa identificar vocês não vão aparecer na pesquisa, tá? Vocês podem ficar tranquilos em relação a isso. A gente vai manter o sigilo e tudo o que a gente estiver conversando aqui, a gente mantém o sigilo, vai ficar só aqui entre nós. A gente vai combinar isso também.
18. **JUCA:** Se tiver sujeira, né?
19. **SILVANA:** risos
20. **HELINHO:** Eu acho que não precisa ter sigilo. Não
21. **COELHO:** Não
22. **HELINHO:** Não há problema nenhum, o que a gente vai falar aqui. Até sobre os fatos negativos, agente tá aqui é pra falar
23. **COELHO:** Negativo. A gente tá aqui é pra falar
24. **HELINHO:** Se tiver que falar alguma coisa é de conhecimento de todos.
25. **COELHO:** É... de todos, é isso, não tem esse negócio
26. **SILVANA:** Mas de qualquer maneira, a gente queria passar pra vocês essa possibilidade que agente...
27. **COELHO:** Tudo bem, eu até fiquei a vontade.
28. **HELINHO:** Eu tenho um nome engraçado. Em todo lugar que eu vou, eu digo que trabalho na firma. A firma é o outro lado. Eu trabalho na firma para assuntos aleatórios.
29. **CACÁ:** Vai todo mundo chamar Amarildo.
30. **COELHO:** hehehehe... é Amarildo
31. **CACÁ:** Fala Amarildo?
32. **COELHO:** hehehe, é Amarildo
33. **SILVANA:** Vou ligar aqui a filmadora...
34. **HELINHO:** Fato negativo ou ruim, eu não gosto nem de falar nisso não... falar de negativo ou ruim, né? Mas, o ruim pros dois lados, né?
35. **COELHO:** Mas depende do assunto, puxa alguma coisa, tal...
36. **HELINHO:** O Cacá aquele dia brincou comigo. Eu não tô vendo mais jornal. Nem li isso no jornal, eu não leio, eu não leio notícia policial. Ai você falou, brincou comigo lá naquele dia da festa. Ah, o Amarildo, não sei o que ... Eu fiquei pô... Eu não respondi nada. Mas eu fiquei ...“Amarildo... que Amarildo? -“OCacá tá me gozando ...”. Aí depois que eu fui sabendo o negócio do Amarildo. Mas eu não leio... Eu pego o jornal: notícia policial ou determinadas notícias, o editorial, que é o ruim, eu pulo, eu não leio, eu fico triste de saber, mas eu não leio.
37. **COELHO:** Mas nós temos aqui na comunidade, o Amarildo pedreiro, ali na [Rua] Maria Carreira... Eu digo: -“Amarildo, tão te procurando”, hehehe
38. **DIANA:** Gente, olha só, a Silvana, enquanto está armando aí a máquina, é..... Eu vou me apresentando, né? Que eu tô caindo aqui de paraquedas, vocês estão me vendo hoje, só sabem o meu nome...
39. **CACÁ:** Não tá falando nada, né?
40. **DIANA:** Eu não tô falando nada..
41. **CACÁ:** Tá de greve também?

42. **DIANA:** Não!... Então, eu tô ajudado hoje a Silvanaa conversar com vocês, porque isso faz parte da pesquisa dela, que ela está continuando os estudos e eu sou uma das professoras que estão organizando o trabalho junto com ela.
43. **DIANA:** Então, eu vim aqui pra ajudar, pra... enfim, lembrar ela de alguma coisa que a gente eventualmente possa ter esquecido e organizar aqui com vocês e eu queria me apresentar e depois vocês se apresentarem, porque eu conheço vocês através da Silvana, que ela me conta, mas eu queria um pouco ouvir de cada um de vocês
44. **HELINHO:** Tá ok
45. **DIANA:** ... Como vocês se apresentariam.
46. **DIANA:** Então, eu vou começar. Eu sou **DIANA**, sou professora...
47. **JUCA:** Olha, eu nunca fui preso!!
[Risos]
48. **DIANA:** Tá bom. Nem eu!!
49. **JOEL:** Nem eu !!
50. **DIANA:** Sou professora universitária lá no Programa de Memória Social da UNIRIO, já trabalho lá há uns sete anos, mas já trabalhei no Município, já trabalhei em escola particular, enfim, e agora estou na universidade e estou ajudando a Silvananesse trabalho agora. Quem quer continuar aí a se apresentar?
51. **HELINHO:** Eu sou Hélio Neto. Nasci aqui e moro aqui em Santa Teresa, nessa região, sou soldador, e sou vice-presidente da Associação, pela segunda vez eu participo, já participei também da AMAST como diretor, que é a associação do bairro todo, né? E procuro colaborar no que eu posso com tudo com eles aqui, com esse pessoal nosso, como eu tô ficando antigo, né, aí e uma luta um pouco difícil, mas a gente vai levando, né? É isso aí.
52. **DIANA:** Tá. Você é... O senhor, desculpe ... O Senhor é o Juca?
53. **JUCA:** Juca. É... Joaquim.
54. **DIANA:** Joaquim.
55. **JUCA:** Joaquim da Fonseca. Nasci e fui criado aqui no Fallete. Nasci aqui no dia doze de maio de mil novecentos e vinte e sete.
(Coelho deu um tapinha nas costas do Juca, quando ele disse sua data de nascimento)
56. **JUCA:** [para o Coelho]: Cala a boca! De resto, concordo com tudo o que fizerem aqui.
57. **DIANA:** Tá certo
58. **COELHO:** É isso aí
59. **JUCA:** Só vai sair coisa boa, né?
60. **DIANA:** Tá certo
61. **COELHO:** Eu sou o Coelho. Eu até brinco porque o meu nome é Coelho. E o meu apelido é Walter Costa.
62. **DIANA** (risos)
63. **COELHO:** Porque desde a idade de sete anos me botaram esse apelido
64. **JUCA:** bem colocado
65. **COELHO:** Eu sou nascido e criado aqui na comunidade, sou pertinho do Juca, por isso eu fiz assim, porque ele nasceu no dia doze de maio e eu no dia onze. Onze de maio de trinta e oito. Então, são setenta...
66. **JUCA:** Ai! Eu não sabia...
67. **CACÁ:** Mas cinquenta anos depois, né?
68. **COELHO:** Dois dias! Então, são setenta e cinco anos aqui dentro dessa comunidade. Hoje eu estou aposentado. Hoje, como o Fernando Henrique coloca né, eu sou vagabundo [risos], tal, e eu fico lutando aqui desde menino, desde menino, eu sempre me interessei pelas questões comunitárias. E tem até uma história... Eu era moleque aí na rua, já estava justamente com essa idade, oito, nove anos, descia e ia lá pra baixo esperar aquelas senhoras que vinham da feira, e pegava as bolsas
69. **DIANA:** Pra ajudar, né?
70. **COELHO:** Distribuía no morro e ninguém podia aceitar dinheiro. Podia aceitar uma banana, um pedacinho de pão, tal.
71. **DIANA:** Tá.
72. **COELHO:** Desse parâmetro aí, ajudando e tal e fiquei ajudando e tal...
73. **DIANA:** Coelho, desculpa te interromper, mas assim, a gente vai escutar as histórias depois. Deixa agora o... Joel? E o Cacá se apresentarem?

75. **COELHO:** É. Só isso que eu ia colocar. Ah não, e colocar que eu esqueci o principal, então falar.
76. **JUCA:** Se deixar, ele vai falar o dia todo...
77. **COELHO:** Eu fui presidente da Associação do Fogueteiro, sou fundador aqui da Amavale, né? Fui fundador da Amavale e sou membro, também tem um grupo, Moradores Unidos de Santa Teresa. Esse grupo, hoje não, mas o objetivo dele não era um movimento paralelo. Ele dava apoio comunitário às associações do Complexo do Fogueteiro.
78. **DIANA:** Entendi. Joel?
79. **JOEL:** Então, sou Joel dos Santos. Pra não deixar passar, também sou de maio. Eu nasci em nove de maio de cinquenta e um.
80. **DIANA:** Ah, você é de maio?
81. **JUCA:** Vem comigo
82. **JOEL:** Nascido aqui também.
83. **CACÁ:** [ele pagou a cerveja e um churrasco...]
84. **JOEL:** E... não nasci nem no hospital, nasci em casa, ali num barraco, nasci aqui no alto, quer dizer, eu sou da raiz mesmo. E ... gosto muito daqui. Faço o que estiver ao meu alcance pra ajudar, colaboro e quero ver só melhorias também. Então é isso.
85. **CACÁ:** Cláudio Matos. Conhecido como Cacá, presidente da Associação, imposto por eles aí. Essa não é a minha praia [risos dos outros]. E... tô aí pra toda vida...
86. **DIANA:** E você também é nascido e criado aqui também?
87. **CACÁ:** Há cinquenta e três anos atrás. Não em maio. Meu filho nasceu em maio.
88. [Todos]: Tem que ter alguém em maio
89. **HELINHO:** A nossa história aqui começa com os nossos avós. Eles compraram o terreno. Aí nossos pais foram criados juntos. Hoje, eu que sou neto... Estamos sendo criados todos juntos. Então, nós se conhecemos desde garotos.
90. **SILVANA:** Hum...hum
91. **HELINHO:** O Cacá, por exemplo..
92. **DIANA:** Todos vocês?
93. **HELINHO:** Todos nós, todos nós. A avó dele, ou bisavó é que era a parteira do local. Eu, nós todos nascemos pelas mãos dela.
94. **CACÁ:** É a maior família que tem aqui. Toda pessoa que passar aqui negra ou parda é parente dele
95. **HELINHO:** A vovó Rosa... Era bisavó, né? Hein, Joel? Era bisavó? Era avó ou bisavó?
96. **JOEL:** Era avó
97. **HELINHO:** Era avó. Nós todos, nós não íamos... Não era falta de médico. É que naquela época ela era chamada...
98. **COELHO:** Eu via a rezadeira!
99. **JOEL:** Ainda tem a minha tia que é viva ainda, tá com noventa e nove anos,
100. **SILVANA:** Olha!
101. **JOEL:** Em dezembro agora faz cem anos, tia Maria.
102. **SILVANA:** Que legal! Tá lúcida ainda?
103. **JOEL:** Tá lúcida. A família toda já foi embora. Ela era a mais velha, que ficou.
104. **JUCA:** O avô dele [do Cacá] foi que fez o meu pai comprar o terreno, obrigou meu pai a assinar, hehehe
105. **HELINHO:** Tinha isso.
106. **JUCA:** -"Nós trabalhamos juntos, ganhamos a mesma coisa. Se eu posso, como é que você não pode? Dá o papel pra ele assinar, doutor". Esse era amigo!!! Seu Abreu. José Pinto de Abreu.
107. **DIANA:** Bom, a Silvana agora vai fazer uma pergunta, que ela quer ouvir todo mundo, um pouquinho, tá?
108. **SILVANA:** Vamos combinar só uma regra. Eu realmente quero ouvir as histórias aqui de vocês, as histórias do Fallet, mas eu queria combinar uma regra com vocês. Eu vou fazer uma pergunta, né, e gostaria que um de cada vez, respondesse. Como a gente está até gravando, que cada um espere o colega terminar [de falar] pra poder responder.
109. **SILVANA:** Então, a primeira pergunta, né, que eu teria pra vocês é: o que para cada um de vocês significa ser morador do Fallet?

110. **HELINHO:** Pra mim? Pra mim, eu acho uma coisa boa, porque eu nasci aqui, meus avós, meus pais e nós, todas as histórias que nós contamos e falamos, a gente acostumou. Essa idade que eu estou, ficando... estou com sessenta e oito e permaneço no mesmo lugar, todo mundo me respeita, os antigos me chamam de Helinho, que era como me chamavam em criança...e pra mim isso é muito bom. Eu às vezes tenho vontade de sair daqui, mas ao mesmo tempo eu não sei se eu vou me dar bem, entendeu? Porque já acostumei. Nós passamos uma fase difícil, quando o tráfico estava bravo. Agora, graças a Deus, melhorou muito, mas antes... Não que os meninos incomodassem a gente, eles não incomodavam, mas o reflexo, né? A gente levava as sobras. Então, isso acabou, quer dizer, a coisa melhorou cem por cento. Então quer dizer, tá voltando, o pessoal está até voltando, quer dizer, está melhorando. E eu acho que com todas as nossas dificuldades, do Cacá, do Walter, desse aqui, do Joel, o morador também não nos ajuda muito. O morador é....muito difícil, a participação é muito pequena. E também, às vezes por culpa nossa, que a gente não consegue ...sei lá. Então é isso, mas eu acho aqui um lugar maravilhoso. Que, por exemplo, eu tenho o hábito de andar, me faz bem, eu sempre gostei. Tá engarrafado na sexta feira, eu venho a pé da cidade. Eu vou lá na cidade e venho andando, venho andando, tomo um café. Se alguém me oferece carona, eu não aceito, eu prefiro andar. Entendeu? A gente mora no centro, tem tudo, entendeu? Então eu acho que tem tudo para o Rio de Janeiro voltar a ser o que era e Santa Teresa também. Eu acho que então é isso, eu acho que resumindo, é isso.
111. **DIANA:** Quem mais vai querer responder?
112. **JUCA:** Responder o quê?
113. **DIANA:** Repete a pergunta
114. **HELINHO:** Esse aí é que é mais anda aí [se referindo ao Juca.]
115. **SILVANA:** A pergunta é: “o que para o senhor significa ser morador do Fallet?”
116. **JUCA:** Para mim, morar aqui é uma dádiva de Deus, começa por aí. Porque eu nasci, moro aqui, não pretendo, nunca pretendi sair daqui. O único dia que eu vou ter que sair daqui é quando eu for pro cemitério, aí não tem jeito. Mas é bem pertinho também. [Risos]
117. **HELINHO:** É vizinho...hehehe
118. **SILVANA:** [risos] é verdade, é só descer...
119. **JUCA:** Não pretendo. Gosto disso aqui. Já fui em diversos lugares aí, que eu trabalhava atendendo chamados... Já fui num bocado de morro esse morro da Rocinha, lá no Vidigal ... isso tudo eu andava ali pertinho, naqueles prédios ... Eu via como era aquilo. Era dez mil vezes mais bagunçado do que o nosso aqui. Então, eu não pretendo sair daqui, de maneira nenhuma. Só quando eu for pra lá pra baixo, pra casa grande. O resto está tudo bem, tudo perfeito pra mim. Meus familiares, minhas filhas nasceram aqui moramos aqui. Agora o meu neto vai morar comigo lá na outra casa... Ele vai morar lá. Ele não quer sair do morro, não, ele gostou. Tomou xarope do morro. O hereditário. E o resto está bom.
120. **COELHO:** Pra mim, morar aqui, no Complexo do Fogueteiro, né? Que é composto pelas comunidades do Fogueteiro, Fallet e Beco Ocidental, que nem já falou anteriormente o Juca, é uma dádiva de Deus mesmo e eu sempre agradeço a Deus, - “obrigado meu Deus, porque o senhor me deu essa oportunidade de morar aqui no Fallet e ter todas essas pessoas como vizinhos e amigos”. Então, aqui é o meu mundo, aqui estão minhas raízes, aqui estou criando a minha família, daqui não saio, daqui ninguém me tira.
121. **JOEL:** Então, eu também [sou] nascido e criado [aqui], como já falei. Já morei poucas vezes em outros bairros, já morei na Zona Sul, lá no Parque da Cidade, já morei no Borel, já morei na Coroa, mas a maior parte sempre estava aqui. Nem frequentava muito lá. Só no final de semana. Trabalhava e no final de semana, estava sempre aqui. Aí quando eu morei, minha esposa agora, quando eu trouxe ela pra cá, ela reclamava muito [risos]. Que a gente morava lá na Gávea, né? E aí eu trouxe ela pra cá, ela me xingava muito. Aí, agora ela já se acostumou também, se habituou.
122. **SILVANA:** Há quanto tempo vocês vieram pra cá?
123. **JOEL:** Ah, ela tá... Foi em noventa e dois que eu conheci ela, aí nos juntamos, aí eu trouxe ela pra cá e ela reclamava muito. Aí eu só escutando e ela já se habituou, adora e daqui também eu não saio nunca, eu tenho os meus amigos todos, todo mundo me

- conhece e isso é uma grande vantagem. Se eu for pra outro lugar não sei nem como eu vou ser recebido.
124. **DIANA:** Mas você já teve essa experiência!..
125. **JOEL:** Já tive, tive mas, ficava pouco tempo lá com eles mas aí... tava estava sempre aqui. Por isso que eu retornei e agora, também, eu não pretendo sair daqui, só quando morrer, né? Isso aí,é ...
126. **CACÁ:** Minha história é um pouco parecida com a do Joel. Eu também morei um tempo fora daqui. Eu morei três anos na Gustavo Sampaio, há uma quadra da praia, chegava sábado de manhã, eu vinha pra cá,. Minha mulher acordava as dez, onze horas e ia pra praia com os parentes dela lá e eu vinha pra cá. –“Pô, você tem uma praia aqui e você vai lá pro morro”?
127. **CACÁ:** E depois, é... por problemas que eu passei, financeiros , eu fui obrigado a voltar pra cá. Não que eu quisesse. Quando você sai daqui, você não quer voltar. Quando você pensa em sair, você não quer voltar. Mas, talvez seja obra do destino mesmo porque me deixou duro e aí eu voltei pra cá porque eu já tinha terreno aqui, meus parentes aqui e aqui era o meu porto seguro. Então construí a minha própria casa e voltei pra cá. E minha mulher, igual à mulher do JOEL, também relutou no início, mas agora você fala assim pra ela -“vamos se mudar daqui” e ela fala -“não, daqui eu não saio”.
128. **DIANA:** Quando foi, desculpa Cacá, quando foi que você voltou pra cá?
129. **CACÁ:** Na década de noventa, quando veio o plano Real. Eu tinha uma empresa, antes do Real eu tava muito bem, eu tava muito bem na empresa, eu tava indo de vento em popa, mas, aquela maneira, aquela ciranda financeira terminou, né? E eu, o nosso ganho era muito da ciranda financeira. Eu trabalhei com material de informática. A maioria do material era importado. Então quando virava o mês [subia trinta por cento] mas eu conseguia comprar com o preço antigo só que virava o mês, eu já vendia com o preço novo, né? Isso não era só eu, o mercado funcionava assim. E no plano Real, no entanto, -“êpa, não é mais assim que funciona”. E juntou isso com licitações que eu tinha com o governo estadual, tal e eu fiquei na “M.” mesmo. Então eu tive que fechar a empresa, morei de favor com a sogra, não sei o que, e aí eu falei assim “não, eu tenho que recomeçar”. Eu tenho que me livrar de aluguel. Aqui não pagava aluguel, não pagava luz, não pagava IPTU, não pagava ...
130. **JOEL:** Água.
131. **CACÁ:** Água, não pagava nada e aí eu falei “é aqui que eu vou ficar”. Então eu comprei a casa da minha tia, que é do lado da casa do Juca. Aí foi parcelou pra mim, depois eu fui fazendo umas obrinhas lá. Hoje assim ... Mesmo que eu vá me mudar daqui um dia, porque eu gosto daqui, fui nascido e criado, mas eu não tenho esse negócio “nunca vou me mudar daqui”. Eu particularmente, eu não deixaria de frequentar aqui nunca, mas se eu ganhar milhões hoje na Megasena pode ser que e compre um apartamento na Atlântica e fique com o meu aqui e fique lá e cá, entendeu? Porque às vezes também você precisa sair um pouco do seu habitat que é pra você carregar bateria, então...
132. **DIANA:** É isso aí.
133. **SILVANA:** Tá ótimo.
134. **HELINHO:** Eu gostaria de acrescentar uma coisa que eu esqueci. Eu gosto sempre de falar isso. Eu acho, que o Coelho falou , é uma benção, a gente se conhecer desde criança, os nossos pais. E nós tivemos, temos problemas, temos problemas, às vezes, mas a gente se dá, a gente se respeita uns aos outros e essa, esse, isso influi muito. Em outros bairros a gente não consegue fazer esse tipo de amizade. Eu tenho uma casa do outro lado lá do Estado do Rio, mas não é a mesma coisa, o pessoal é diferente. //
135. **CACÁ:** É verdade.
136. **HELINHO:** E nós, a vida toda nós juntos aqui, os nossos avós, depois os pais, os netos, os netos deles, às vezes não conversam muito, esse pessoal [???] o filho do Coelho é um pouco diferente, não tem a nossa educação, mas se respeitam. A gente se respeita, inclusive os meninos também, que trabalham do outro lado, na firma, eles respeitam a gente e isso é muito importante. Em outros lugares aí não respeitam ninguém. Até nisso, aqui é diferente.

137. **CACÁ:** É o Leme, lá no Leme, eu aluguei lá no Leme, eu fiquei três anos morando num prédio eu não conheci o nome de nenhum morador. Só aquele “bom dia”, “boa tarde” e “boa noite”, pra não dizer que você é mal educado e... e mais nada. Eu fiquei três anos lá e não conheci ninguém.
138. **HELINHO:** A minha irmã mora num prédio...//
139. **CACÁ:** Aqui se você não fala com a pessoa, não tem intimidade você passa e não dá - “bom dia”.... Nos prédios, todo mundo dá -“bom dia”, “boa tarde” e “boa noite”, mas ninguém sabe o nome de ninguém. Então, é aquela coisa formal do que... //
140. **HELINHO:** É formal. Só se pegar fogo, né?...
141. **CACÁ:** E aqui, com esse tempo que você vive aqui, o que que acontece? Você conhece as virtudes e os defeitos das pessoas, então você convive. Se você está perto de um cara que vai viver prometendo, você sai de perto dele, você já vai se acostumando, como se fosse uma grande família mesmo. Então, isso que dá segurança.
142. **HELINHO:** Walter tem uma estória boa sobre esses caras que fazem bagunça!
143. **CACÁ:** Vamos acompanhar o roteiro aí! Vamos acompanhar o roteiro! Você tá fugindo [tom de brincadeira]
144. **HELINHO:** Juntar todo mundo, na festa de São João,
145. **COELHO:** Juntava...
146. **HELINHO:** Junta todo mundo, agarra o cara, levanta ele do chão e bota ele pra fora, sem bater, sem nada. Era a prática nossa era...
147. **CACÁ:** Pensei que fosse jogar na fogueira [tom de brincadeira]
148. **SILVANA:** [rindo] eu também pensei [risos]. Na festa de São João!...
149. **CACÁ:** Eu até tava gostando da ideia... Assim ele volta, ele vai e volta...
150. **HELINHO:** Esse aqui já aprontou muito, esse aqui [apontando para o Juca]. Esse calminho dele...
151. **JUCA:** [juntando as mãos na altura do peito, como numa prece]: pecado!...
152. **COELHO:** Pega numa falha... Eu sempre coloco isso...
153. **JUCA:** [tocando na perna do Coelho, interrompendo-o]: Eu já fiz coisas que se eu contar pra vocês, vocês vão me chamar de mentiroso...
154. **SILVANA:** Hum, o que foi?
155. **JUCA:** Eu já tirei o bonde da linha lá em cima, só pra ver [só pra ver aquela alavanca pular] pro lado
156. **CACÁ:** Foi tu que derrubou esse bonde!...
157. **JUCA:** Não [...] vai voltar daqui um ano...
158. **JUCA:** Eles estavam consertando a rua e eu ia lá pro Sumaré apanhar uma jaca. Aí quando eu passei assim, encostei assim e caiu um paralelepípedo... aí foi rolando “pein, pein, pein” e caiu lá embaixo na boca do túnel. Eu achei bonitinho e comecei a jogar. Depois que eu fui pensar “Poxa, se um paralelepípedo daquele pesa quatro a cinco kgs. Da altura que ele vem, se pegar num carro, vai matar o motorista... Meu Deus do céu, que safado que eu fui”. Mas eu fiz sem maldade; aquilo foi uma coisa espontânea. Pra ver a coisa pular. Joguei uma cabeça de nego no cinema, pra aquela fumaça tapar a tela.
159. **DIANA:** Hoje em dia iria ser interpretado de outra maneira...
160. **HELINHO:** Iria pro DOPS
161. **DIANA:** Ia pra Bangu!
162. **JUCA:** Eu fazia aquilo sem maldade, pra fechar a tela. Eu achava bonito... Não se vê nada... [ele conta detalhes desse episódio]: tinha o lanterninha que iluminava o caminho e [produzia um efeito na tela, no escuro] a tela ficava toda marcada... eu me lembrei daquilo e levei duas cabeças de nego. Preparou-as e ficou lá atrás, perto da saída. [Quando estourou, fez aquele barulho]: BUMMM.... Foi um “pega pra capar”, e eu saí fora.. A polícia chegou, foi pegando as pessoas e eu tinha duas cabeças de nego no bolso.
163. **SILVANA:** Nossa!
164. **COELHO:** Black block!
165. **CACÁ:** Hoje se botar uma bombinha no cinema, vai morrer uns dez só de pânico
166. **JUCA:** Eu botei uma [bombinha] na máquina que produz o reboque [ele faz o movimento de girar a manivela], explodiu a caixa inteira. Eu achei tão bonitinho aquilo. Não tinha maldade naquilo, aquilo era só brincadeira.

167. **JUCA:** Botei taxinha no banco do bonde, lá na Gamboa, eu trabalhava na Rua da Gamboa, aquela taxinha de dois e meio. Botei assim no cimento, o cimento era cola. Era eu e o Neto, o dono do boteco. Que bonitinho... ai!!! [...]
168. **SILVANA:** Com cimento, pra não sair!...
169. **JUCA:** Eu fui um bom moleque
170. **SILVANA:** Foi!!! Verdade
171. **JUCA:** Mas não fui moleque de maldade, era de brincadeira!
172. **CACÁ:** Peralta!
173. **HELINHO:** Foi não, ainda é. Você ainda apronta!
174. **JUCA:** Não faço mais não, agora acabou!
175. **DIANA:** A Silvana quer fazer outra pergunta!
176. **SILVANA:** A respeito da segunda pergunta, vocês podem ser bastante detalhistas pra responder. Na opinião de vocês, o que há de melhor e o que há de pior aqui no Fallet, na vida, no cotidiano do Fallet?
177. **DIANA:** Tem que escolher um. Uma coisa pra ser o melhor e uma coisa pra ser o pior.
178. **COELHO** faz um gesto indicando pro Helinho [que estava sentado na ponta] começar
179. **JUCA:** Eu não vou ser o primeiro, eu vou na aba.
180. [Todos]: Vai na aba, né?
181. **DIANA:** Não precisa ser o Sr. Helinho pra começar
182. **JUCA:** [apontando pro Helinho]: Ele já foi safadinho também
183. **HELINHO:** O que há de melhor e de pior?
184. **DIANA:** É
185. **HELINHO:** Bom, o que há de melhor é aquilo que a gente estava falando, se estendendo, né?... É essa convivência de muitos anos e a gente poder ... Como eu nasci aqui, né? Já criei meus filhos já são adultos e agora os meus netos já estão um com vinte anos, são dois homens, e outro com quinze e estão vivendo aqui também. E passando... As coisas andaram muito ruim, o ...momento difícil no Rio de Janeiro todo passou, não é só Santa Teresa, mas apesar disso, ainda está um pouco ruim nessa fase. Eu acho que não tem lugar melhor pra se morar, não.
186. **SILVANA:** Mas o que tem de pior?
187. **DIANA:** Desculpa ser insistente, mas a gente precisa entender bem. Na sua opinião, o que que há... de todas as coisas ruins que o Rio de Janeiro tem, que a gente sabe, não interessa aonde você mora, a gente está com problemas de toda natureza: violência, trânsito, o tráfico, falta de políticas de saúde, tudo isso o Rio de Janeiro sofre em maior ou menor medida. Mesmo quem mora na Vieira Souto, né? Mas, o que o senhor escolheria que há de pior aqui, que o senhor gostaria de ver modificado?
188. **HELINHO:** Olha, eu acho que o grande problema nosso é a falta de educação do morador mais novo. Hoje mesmo agora, a gente estava aqui, e o morador me viu ali parado, me viu de cabelo branco, e aí tinha um carro ali e um rapaz querendo ir trabalhar e um outro cidadão botou o carro na porta dele. Antigamente, com a nossa educação, isso não acontecia. E o lixo também. Que nós brigamos, fizemos reunião e o morador não colabora. Aqui mesmo, ali, agora quando eu cheguei ali, as três caçambas estavam cheias e abertas e as outras estão todas vazias. E o morador vem e bota em cima daquelas. É a falta de educação, tanto no Rio de Janeiro, como aqui. Uma falta de ética que nós não temos. O Brasil, pra mim, é o melhor país do mundo, principalmente nesse lugar aqui, onde a gente mora. Mas a gente está regredindo muito; há muita omissão de todos. Por mais... Eu mesmo, eu estou insatisfeito, não tenho vindo à reunião da Associação, não tenho vindo, não me aborreci com o Cacá, mas eu não estou satisfeito. Porque a Associação está parada. Ela está funcionando com essas coisas aqui com as crianças, mas como Associação, no resto, ela está devagar. A participação nula do morador mais novo. Quer ver? Quem está aqui? Os mais antigos, porque gostam: o Joel, o Cacá, o Coelho [...] que faz esse trabalho desde garoto que ele falou... Que vai passando pela escola de samba, que tinha uma escola de samba aqui... OJuca, que sempre fez festa de São João, entendeu? Quer dizer, isso tudo mudou muito pra pior. Aqui, em época de São João, esse aqui [apontando para o Juca], todo ano ele fazia uma fogueirinha e ele ficava soltando balão de hora em hora, a noite toda, fazendo balão caixa a noite toda. Então nós íamos de casa em casa, tomar uma bebidinha, comer um salgado, ficar até de manhã, até o dia amanhecer. Então, essas coisas mudaram pra pior. Eu não sou saudosista, não. Eu acho que isso

não volta e é como o Walter falou, é evolução, né? É igual meus netos. No meu tempo, a gente ia... Tomava a benção, à noite, às [???] horas tomava a benção. Hoje, meus netos: -"oi vô, oi vô"... Eu não posso fazer mudar, né? ... Então a gente tem que aceitar, tem que aceitar. Tem uns aqui que nem falam. Os meus, pelo menos ainda falam e eu andei brigando com ele e faço questão de chegar e apertar a mão das pessoas e ele então agora pegou esse hábito e todo mundo fica olhando, porque eu falei. -"Você chega e fala só comigo e os outros? Pelo amor de Deus, é em qualquer lugar!". Então, são essas coisinhas que eu acho que está ruim, não é só aqui em Santa Teresa. É porque eu, por exemplo, eu vejo, a gente vê as coisas erradas na minha época, que nós éramos crianças. Esse aqui, [apontando para o Juca] Os nossos avós, se eles vissem a gente fazendo alguma coisa errada, eles "metiam o pau" na gente e iam falar com o pai da gente à noite. A prática era essa e o pai agradecia.

189. **DIANA:** E o pai ainda ajudava...

190. **SILVANA:** Agradecia...

191. **HELINHO:** O Abreu, o velho lá dele, esse aqui, o Fonseca, e outros mais bravos ainda... Tinha um ali que saia tacando pedra, o SeuAurilinho... Então, essas coisas mudaram entendeu? É isso o que eu acho ruim. E essa garotada, quando se faz uma festa, eles vêm, mas na hora de você cobrar uma ética, uma educação pra fazer um mutirão, uma limpeza, que nós antigamente fazíamos isso, eles não fazem, eles querem achar pronto, é uma outra cultura.

192. **HELINHO:** Por exemplo, aqui, a gente tinha que botar a comida, a bebida, o baile pra eles, mas eles não vêm ajudar. E antigamente não, a gente juntava todo mundo, um vai comprar carne, outro vai carregar terra, vai fazer isso... Catar bambu... Nós fazíamos fogueira, esse aqui é mais da época deles, traziam os troncos no bonde lá, apanhava tronco seco lá na mata e trazia no bonde, chegava aqui descia o morro, rolava até no local da fogueira. Manda um garoto de hoje aí fazer isso! Então quer dizer, a gente ...somos... Eu me sinto como se tivesse cem anos. Quer dizer: as coisas mudaram e eu quero acompanhar, a gente às vezes, é como o Walter me cobrava... às vezes eu, eu sou meio intolerante e eu brigava. Então, aí eu parei, eu vi que não adiantava. Eu brigava muito, inclusive com os meninos da firma aí, eu brigava muito, mas brigava mesmo, até no meio da rua, porque eu falo o que eu quero, eu acho que se eu não falar, se eu não chegar pra ele e falar o que eu sinto, eu não sou amigo dele. Eu tenho que falar duzentas vezes. Se ele não gostar, depois a gente se entende, mas eu acho que a gente tem que ser autêntico, né? Eu nasci assim e tô com essa idade e sempre me dei bem em todo lugar assim, eu sou franco.

193. **HELINHO:** Então, eu acho de ruim é isso: é essa mudança muito ruim, não há mais aquela... Aquele espírito, né? Agora, no geral, isso aqui é uma beleza! Tudo daqui é bom. Inclusive, o negócio da firma aí, eu sempre falava pra todo mundo: o melhor lugar é Santa Teresa porque nunca houve assim... Uma chacina, uma violência, eles sempre respeitaram a gente e nós respeitamos eles, porque a gente conhece eles desde que nasceu! Conhecemos os pais, as mães, o diabo... Então quer dizer, a gente não tem porque atrapalhar. Agora, eles estão naquela vida...

194. **SILVANA:** Os funcionários da firma são todos nascidos aqui também?

195. **HELINHO:** A maioria, a maioria por isso que aqui nunca mudou. A diretoria?... É toda daqui. Nunca mudou, nunca mudou, a gente conhece desde que nasceu. Então, quer dizer, eles sempre respeitaram a gente. Então a gente fala... Eu, por exemplo, falo o que quero. Então, tem ... Já os meus filhos [dizem] que eu falo demais. Eu não falo demais. O que eu falo... Eles sabem o que eu falo. Não quero saber o que eles fazem ou deixam de fazer. Então até nisso tudo, isso aqui é o melhor lugar do mundo!

196. **SILVANA:** A relação com os jovens, o senhor está falando, que mudou muito... A educação, a cultura...// **HELINHO:** Mudou muito. // **SILVANA:** Os jovens, de um modo geral, já não têm o mesmo respeito. Agora, os jovens da firma, eles ainda são respeitosos? Tem uma diferença entre os jovens que trabalham...

197. **HELINHO:** Respeitam, respeitam...

198. **JOEL:** Os mais antigos, né?

199. **HELINHO:** Os mais antigos. Os novos também, eles se enquadram, não procuram abusar muito pra criar um clima contra eles, né? Eles têm essa visão. Eles não querem o morador contra eles, entendeu?

200. **DIANA:** E os outros? Vamos lá escutar, retomando o que a Silvanaperguntou: o que vocês acham que tem de melhor e o que tem de pior?
201. **JUCA:** De pior? De pior tem essa mocidade sem vergonha que tem aí, essa bagunça que eles fazem de noite aí que não deixa ninguém dormir.
202. **DIANA:** Mas aqui, né? No Fallet?
203. **JUCA:** Aqui mesmo, é... Por exemplo, segunda feira, o cara bota umas músicas aí Eles tem que botar baixo. Eu tô lá em casa ouvindo o jornal, eu tô escutando. Os jovens estão escutando cá embaixo, eu tô escutando lá dentro de casa. Se eu for falar, é capaz deles dizer: -“os incomodados que se mudem”, que ele é capaz de dizer, né?
204. [...] (lapso na gravação)
205. **HELINHO:** Humberto. É adulto, morador...
206. **JUCA:** É bom camarada. Mas o que ele faz tá errado. Mas o que que nós vamos fazer? Não adianta eu reclamar.... Devia ser como no nosso tempo, no nosso tempo quando um senhor falava conosco: “é isso, aquilo, tudo” e era respeitado. Por exemplo, nós não fumávamos na frente de um senhor. De jeito nenhum. O pai dele tinha um barracão na frente ... O avô dele, tinha um barracão na frente aí...
207. **HELINHO:** O avô!
208. **DIANA:** O avô do Joel ou do Cacá?
209. **JUCA:** Do Cacá.
210. **HELINHO:** Do Cacá, o Abreu...
211. **JUCA:** Tinha um barracão lá do outro lado e tinha uma coisa daqui, ó! A avó dele, a D. Rosa. Ô, ô, ô preta bacana e boa!!! Aquelas que pode botar a mão pro céu. Não tem nunca mais. Nunca!
212. **JUCA:** Então, tinha aquele barracão e eu tirava um cigarro do maço do meu pai e escondia. O pai dele, o Jeremias, tirava do seu Abreu e escondia. Sem ele saber que eu tinha tirado, também tirava. Então nós íamos lá pra trás do [...], lá embaixo e nós fumávamos um cigarrinho tudo escondido. Mas quando vinha alguém, escondia o cigarro. Duvido que alguém visse o nosso cigarro. Se levasse um tapa na cara, tinha que ficar com ele mesmo. Tinha permissão do pai e da mãe. Mas no tempo do respeito. Uma ocasião eu ia acender o cigarro e não tinha fósforo. Eu esperei o Seu Camilo jogar a guimba dele fora, deixei ele passar, fui lá, peguei a guimba dele e virei pra ela não apagar. Quando ele chegou lá embaixo, acendi, joguei fora e escondi o cigarro. Duvido que ele visse.
213. **JUCA:** A D. Alcina, lá do lado, tinha a mania de chamar a minha mãe pra dizer que o Fifi estava ensinando o menino a fumar. Tudo garoto. Um dia, meu pai vinha subindo, na manguieirinha, eu jogava bola de gude, rodava pião e meu pai vinha com a mão para trás, subindo a escada e ele parou. Quando ele parou, eu digo: -“hum, vem coisa aí”.
- “Vem cá rapaz!”
- “Senhor”. Eu me segurei. (“vou levar uma porrada, né”).
- “Você tava fumando?”
- Eu digo: “Não senhor”
- “O que é aquilo lá queimando?”
- “Não é lá não, é ali. É um cigarro. Foi você que jogou, que eu vi. Você pode fumar. Não quero na minha frente, nem na frente da sua mãe”.
214. **JUCA:** Quem vem subindo no outro dia, ali? D. Alcina? Sentei no portão dela [...] quando ela vem, eu peguei o fósforo, acendi o cigarro ...
- Ela: -“Ahhha”
- Eu joguei a fumaça na cara dela. Peço perdão a Deus pelo que eu fiz. Foi falta de respeito. Vai lá. Sai daqui e vai lá. E não é que ela foi?
- Bom, quando eu fui chegando, minha mãe quis me pegar.
- Eu digo: -“Ô mãe, o papai deixou eu fumar, hein. Ele não quer que eu fume na frente dele, nem na da senhora”.
- “Olha que eu vou perguntar ao seu pai. Vou te cortar de chinelo”.
- E não é que ela perguntou?
- Ele falou: -“Ah, deixa o garoto pra lá. Isso não faz mal nenhum”.
- Ai sim. Não fumava na frente dela.
- “Não são seus filhos que pegam guimba na rua, pegam o jornal e enrolam, não”. Eu sei onde tem cigarro... eram do meu pai.

- O resto está tudo bem, tudo bom.
215. **DIANA:** E aí?
216. **JUCA:** Podia asfaltar o Fallet, né? Não podia asfaltar o Fallet e ficar tudo bonitinho?
217. **HELINHO:** Não pode, não pode...
218. **JUCA:** Mas por que que não pode?
219. **HELINHO:** Aquelas máquinas...
220. **JUCA:** Êhhh, não pode!...
221. **HELINHO:** Já foi tentado uma vez...
222. **JUCA:** Então, podia asfaltar só um pedacinho...
223. **HELINHO:** Poder pode, mas vai ficar muito caro, eu acho, né Cacá?
224. **JUCA:** A Serra das Araras, a serra lá de Petrópolis, aquilo não é tudo asfaltado?
225. **CACÁ:** Podia botar aquele piso, igual ao que tem no Alto da Boa Vista...
226. **HELINHO:** Mas eu digo que vai ficar caro. Porque o Cadorna arranhou pra fazer esse asfaltamento aqui. Foi quando fez o Sobradinho. Veio o caminhão, veio um monte de caminhão. Sabe o que aconteceu? Aquelas máquinas antigas, aquele rolo, na ladeira ia descer...
227. **CACÁ:** Não trabalha na ladeira
228. **HELINHO:** Não trabalha na ladeira. Foi uma coisa errada que os engenheiros não viram isso. Ele arrumou de graça, se não fosse...
229. **CACÁ:** Na ladeira aquilo desliza e vai embora
230. **CACÁ:** -“Gente, vamos deixar o.... negócio terminar”...
231. **JOEL:** fala, fala, Cacá, fala aí
232. **JUCA:** Aqui não passa carro pesado. O [carro] mais pesado que está aqui é o caminhão de material de, de, de.... aquilo é uns quinhentos kgs.
233. **CACÁ:** Gente, vai ter o Morar Carioca aqui, hein. Nós vamos pedir de novo isso aí...
234. **DIANA:** Vai ter o quê? Desculpa, eu não ouvi
235. **SILVANA:** O Morar Carioca.
236. **COELHO:** O Morar Carioca.
237. **JUCA:** Ahhhh... Aqui ó!
238. **SILVANA:** É um plano de obras...
239. **DIANA:** Eu sei, eu sei
240. **SILVANA:** A gente já tem discutido em várias reuniões ...
241. **CACÁ:** Já liberaram a verba em Brasília...
242. **DIANA:** Gente, vamos voltar ao nosso assunto, então
243. **CACÁ:** Vamos voltar
244. **JUCA:** [colocar] o carro do lixo aqui, pra esses porcos não jogar nada na rua.
245. **SILVANA:** O lixo é um problema, né? O lixo é um problema ainda...
246. **JUCA:** Aqui tem uma senhora aí, ela pega... Cata aí ... latinhas, essas coisas, né? Ela vai tirando e jogando no chão. É que eu não vi ela jogar no chão, porque na hora que eu ver, eu vou falar com ela, eu digo: “Ué, a Senhora não tirou dali? Então, bota ali dentro outra vez...”
247. **HELINHO:** Ela passa todo dia às seis horas. Seis horas ela passa.
248. **COELHO:** Seis horas
249. **HELINHO:** Eu já estou acordado. Eu não falo nada, porque ela é mal-encarada, eu vou falar? Ela joga tudo no chão e não devolve pra caçamba. Seis horas eu vou te chamar lá pra tu ficar lá...
250. **JUCA:** Eu te joga pedra na cabeça. Seis horas, eu vou acordar? Às vezes, eu tô acordado e não levanto...
251. **HELINHO:** Conclui aí, conclui!
252. **JUCA:** Concluindo: é isso mesmo! Eu queria... Melhorias, né? Asfaltar o Fallet. Ter um asfalto grosso aí... botar... fazer a rua bonitinha... se não quiser tirar as pedras, joga por cima das pedras. Em Santa Teresa, eles fizeram isso, jogaram por cima [...] na linha do bonde, não tiraram porque tinham a intenção de acabar com a linha do bonde, né? Com a firma, a empresa... porque parece que agora, no ano que vem vai rodar outra vez. ...
253. **DIANA:** Vai!
254. **JUCA:** Porque até inclusive, você lembra, né, queriam ir comprar bonde lá de Portugal, ficou naquela coisa ...
255. **CACÁ:** A roda lá é quadrada, né?

256. [risadas]
257. **DIANA:** O que que é, hein?
258. **SILVANA:** A roda lá é quadrada, em Portugal!
259. **JUCA:** A roda lá é quadrada e bateu, fica. Acaba com a roda...
260. **CACÁ:** Não tem nenhum português aqui. Só descendentes!
261. **DIANA:** Todos somos!
262. **COELHO:** Todos somos descendentes.
263. **HELINHO:** Somos netos. Eu sou neto.
264. **JOEL:** Eu não sou ...
265. **DIANA:** Eu também sou neta!
266. **JUCA:** Eu sou filho!
267. **JOEL:** Eu sou descendente de africanos.
268. **CACÁ:** Vamos lá, Coelho, o que que você mais gosta aqui e o que você mais odeia aqui?
269. **SILVANA:** O que tem de melhor e o que tem de pior?
270. **DIANA:** O que que é de melhor e o de pior?
271. **COELHO:** Veja bem. Pra mim, a melhor coisa que aconteceu, está na atual conjuntura, foi a chegada da UPP. Por quê? Ela trouxe paz pra dentro dessa comunidade. Hoje a gente vive tranquilo, acabaram-se aqueles tiroteios terríveis. Eram três vezes por dia: era de manhã...
272. **JUCA:** Mas pera aí, dá licença. Eu não gostei de acabar com o tiroteio! (pequena pausa) Por quê? Ninguém pergunta?
273. **SILVANA:** Por quê?
274. **HELINHO:** Ele catava as balas
275. **JUCA:** Eu apanhava as balas
276. **CACÁ:** As cápsulas. Pra vender, né?
277. **JUCA:** Pra vender
278. **CACÁ:** Vai no, vai no... Nos manifestos e pega as cápsulas de bala de...
279. **SILVANA:** Tem aos montes, né, Cacá?
280. **COELHO:** Havia tiroteio de manhã. Seis horas da manhã, Sete horas da manhã, tiroteio. Onze horas, meio-dia, tiroteio. Cinco horas da tarde, tiroteio. Era entre ...
281. **DIANA:** Assim com hora marcada, é?
282. **CACÁ:** Quase quatro em quatro horas
283. **COELHO:** É. Tinha sessão da manhã, sessão da tarde, sessão....
284. **HELINHO:** Inclusive aos domingos, inclusive aos domingos...
285. **COELHO:** Não, não tinha dia...
286. **HELINHO:** Não tinha dia, não
287. **COELHO:** E fora quando entrava...
288. **CACÁ:** Às vezes um gritava um pro outro lá: "hoje é a meia noite, hein?" e marcava a hora pro bang bang
289. **DIANA:** Agendava...
290. **CACÁ:** Agendava o bang bang
291. **COELHO:** Então, o que aconteceu? Com a chegada da UPP isso acabou. Acabou esse tiroteio, acabou. O sujeito atirava, você descia.... lá do outro morro, [o sujeito] atirava em cima do morador... E uma outra coisa, também achei muito importante: eu parei de chorar. Porque eu chorei muito, eu chorei muito... Por quê? Quem é que fazia os enterros?
292. **HELINHO:** Walter.
293. **COELHO:** Eu. Eu fazia os enterros!
294. **HELINHO:** Geral
295. **COELHO:** E eu fui levar muita gente ao cemitério. Muito jovem....
296. **HELINHO:** Enterro e remoção também, né Walter? Do local pra lá.
297. **COELHO:** Então. Muito jovem que eu vi nascer, ser criado ali e... daqui a pouco, tava morto, baleado ali. Morador baleado, morto. Então, graças a Deus, né? Isso tudo acabou. Hoje, se perguntar quantos morrem aqui, não morrem mais.
298. **HELINHO:** Zero
299. **COELHO:** Morriam quatro, cinco, seis por semana... tutava no cemitério, tava feio, tava morto. Então, isso acabou, hoje a gente vive.... Como eu disse, a comunidade em si, como já falamos aqui, é uma família e a pacificação acabou com esse problema. Então,

- a gente vive hoje, num mar de rosas aqui dentro com esse respeito mútuo que existe entre a gente. Então, isso pra mim é o que, na atual conjuntura, é o que tem de melhor aqui no Fallet. Não, até nem só no Fallet. Em todo o Complexo, que é o Fallet, o Fogueteiro e o Beco Ocidental. Então, pra mim, é o melhor.
300. **JUCA:** Podemos dormir de porta aberta... não tem perigo nenhum.
301. **COELHO:** E para mim, o que há de pior na atual conjuntura aqui, no Fallet e o Helinho briga muito por essa questão e ele nem falou, né? E ele briga muito por isso, sempre lutou nessa questão que é, onde nós estamos aqui ao lado dele: o Rio Papa Couve. Esse é o câncer da comunidade, esse Rio Papa Couve porque o pessoal joga lixo, muita sujeira, muita doença: rato e barata, leptospirose, é cólera, tudo tá aí dentro, uma serie de doenças, a criança, é coriza e... uma serie de problemas pras crianças, de saúde. Então, pra mim, a pior coisa que tem, na atual conjuntura, aqui dentro da comunidade ainda é o Rio Papa Couve. Esse é que é o câncer da comunidade. Esse câncer tem que ser extirpado.
302. **DIANA:** E, e, e já existe algum plano pra lidar com isso?
303. **CACÁ:** Olha, por enquanto nós temos o Guardiã do Rio – projeto aí da prefeitura, fazendo a limpeza do rio.
304. **DIANA:** Hã, ahã. Mas uma limpeza superficial?
305. **CACÁ:** É...
306. **JUCA:** É uma limpeza dentro e fora.
307. **JOEL:** Mas tem moradores que não concordam...
308. **CACÁ:** Mas aí, pra... na minha opinião, pra solucionar de vez, é canalizar ele.
309. **JOEL:** Isso!
310. **CACÁ:** Porque ele desagua lá no mangue.
311. **COELHO:** É isso aí.
312. **HELINHO:** E só aqui que ele é descoberto. //
313. **JOEL:** Fica aberto.
314. **CACÁ:** E ele nasce e dois metros depois ele vira um valão.
315. **COELHO:** Um valão, uma vala negra...
316. **CACÁ:** Então, se eu pudesse ... eu já sugeri isso no Programa Morar Carioca,
317. **SILVANA:** Hã?
318. **CACÁ:** Não sei se vai fazer, eu aproveitaria a água da nascente, fazia um reservatório ou uma piscina, não sei o que e o excesso passava pro valão, coberto. Porque se não tiver o valão ali, as pessoas não vão ter...é... se botar um sofá ali, vai ficar na porta de alguém. Porque você pode cobrir e em cima dele você fazer uma passagem.
319. **JUCA:** Pegar os porcos de fora... É. dá-lhe uma surra e não jogar mais lixo
320. **HELINHO:** Ela fez a pergunta... Já tem projeto tudo pronto. Ficou um ano aí. Aquele prefeito... Como é o nome dele?
321. **CACÁ:** Cesar Maia.
322. **HELINHO:** Não. O anterior
323. **CACÁ:** Conde.
324. **HELINHO:** É, o Conde mandou até uma carta pra mim dizendo que ele iria entrar em obras no próximo ano e não foi feito. Porque já tem projeto, já tem tudo e ele tem vários trechos que já é fechado, coberto, entendeu? Inclusive ali, o prédio ali, o prédio branco lá foi embargado porque eles fizeram o prédio e não canalizaram o rio e a prefeitura embargou o prédio e naquele trecho eles fecharam o rio, eles fizeram a galeria e fecharam porque ele... quando chove, ele corre muita água. Mas agora, por exemplo, não tá chovendo, aí é só o esgoto. Porque não é rio. Tem a nascente, o Walterfalou, logo adiante, o Cacá, aí ele passa a ser o esgoto. Nós não temos esgoto. Nós temos esgoto da nossa casa até o rio. Aqui no Fallet, por exemplo, ali ele é coberto só no larguinho. Depois... os esgotos não tem galeria, não; é jogado no rio a céu aberto. A prefeitura aproveitou. Se ela tem o rio do lado, aí ao invés de fazer galeria no Fallet, não! Aquele trecho ali embaixo... jogam dentro do rio, a céu aberto, que é contra as normas mundiais de saúde. Já houve casos de hepatite aqui e nós fomos, na época, eu e o Waldir, nós fomos ao posto e pedimos uma vistoria. A chefe lá do posto de saúde, que trata dessas doenças infectocontagiosas, ela não veio; ela me prometeu, fui lá falar pessoalmente. Houve três casos de ... esse negócio.
325. **WALTER:** cólera... leptospirose...
326. **HELINHO:** Não, esse outro. Que leva à morte... é outra mais grave, que não tem cura.

327. **CACÁ:** Influenza.
328. **HELINHO:** Não, uma outra aí.
329. **CACÁ:** Tuberculose, tifo
330. **WALTER:** Cólera.
331. **SILVANA:** Estão falando o repertório todo e ninguém acerta...
332. **CACÁ:** Tem que botar aquela música do Zeca Pagodinho.
333. **HELINHO:** Mas aí houve essa doença e eu perguntei a ela...
334. **WALTER:** Meningite
335. **HELINHO:** Meningite. Houve três casos de meningite. E alguns moradores vizinhos ao rio. Ela não veio fazer o laudo que eu pedi a ela, que talvez esse laudo seria contra ela, que o posto é do bairro. Ela não veio. Ela ficou de vim, vim... E eu aí, educadamente não adiantava, porque eu podia fazer um ofício solicitando a presença dela e até ir levar pra Secretaria de Saúde, mas não fizemos isso. Foi na base da conversa e ela não veio até hoje. Desde a época das mortes, isso já vai pra mais de quinze anos.
336. **CACÁ:** As crianças que moram nas margens do rio, principalmente criança, se você observar tem sempre um probleminha de pele. Só sei que elas vêm todo dia aqui e a gente vê. Porque elas brincam...
337. **HELINHO:** Quando houve a reunião do Morar Carioca isso foi falado. Eles fizeram aquela ... gravaram, levaram tudo pra lá. O Cacá tá dizendo que eles vão voltar. Eu soube que eles vão pro Catete!
338. **CACÁ:** Quem?
339. **HELINHO:** O Morar Carioca. Eles foram pro Catete! Saiu no jornal. Eles foram pro Catete, abandonaram a gente!
340. **CACÁ:** Não, eles... Disseram que conseguiram três bilhões e oitocentos milhões do Governo Federal para o financiamento do projeto e que eles vão fazer, das quarenta, e que eles vão fazer um primeiro lote de quinze. E eu perguntei: - "o Fallet está?" - "está". Agora...
341. **HELINHO:** Porque eles vieram aqui...
342. **CACÁ:** Agora, sabe, o que acontece, ô Helinho, é que quando você sai [anunciando] - "vai ter uma reunião do Morar Carioca!", você sai espalhando tudo, quem que vem aqui? Uma meia dúzia de moradores.
343. **HELINHO:** Meia dúzia de moradores. É isso o que eu falei antes...//
344. **CACÁ:** Bota duzentas pessoas aqui que o Secretário vai sair daqui e vai dizer: -"vai lá porque tem umas duzentas pessoas". Não fez? Bota uma faixa lá, né Coelho? Bota lá...
345. **COELHO:** Ôpa! Faixa é com o Coelho!
346. **CACÁ:** Agora tem um montão de lugar que a gente já chega, já tem gente lá... Na Delfim Moreira, no Ocupa Câmara, não sei o quê ... Então, a comunidade que mais se mobiliza é que mais recebe....
347. **HELINHO:** É o que eu tô falando, nós aqui...
348. **CACÁ:** Eu cobro, eu disparo a metralhadora, a Silvanaconhece, me conhece aí dos debates, eu toco nas feridas mesmo! Mas depois, fica assim: -"ah, aquele barbudo lá..." [e o pessoal pergunta]: -"Cadê o pessoal do Fallet? Vai na reunião lá?". Aí eu chego aqui, tem uma meia dúzia.
349. **COELHO:** Agora, o Cacá falou em faixa, nós já temos uma faixa nesse sentido. Tá lá embaixo na [Rua] Itapiru. Já viu lá? Que eu botei uma faixa...
350. **CACÁ:** Não, o Coelho e o Helinho, eles pegam... Eles fazem uma faixa e só eles dois sozinhos vão com a faixa na porta do O Globo e ficam com a faixa
351. **COELHO:** Nós ficamos lá dois dias na porta do Globo com a faixa.
352. **CACÁ:** Quem é que passa por uma faixa e não lê? Quem é que não lê?
353. **HELINHO:** E O Globo não foi honesto com a gente!
354. **CACÁ:** Ah... E O Globo é honesto com alguém?
355. **HELINHO:** O cara desceu... O chefe da redação... Os seguranças pediram pra gente ficar ali recuados, nós ficamos, o Walter fez valer a Constituição, um direito nosso, aí tal, bá, bá, bá, blá, bláblá.... Aí ficaram lá de atender a gente, nós ficamos lá de manhã até uma hora da tarde e não veio um repórter pra entrevistar a gente.
356. **DIANA:** E se tivessem cem pessoas viria...
357. **HELINHO:** O Globo... Eu, por exemplo, eu trabalhei em jornal, eu sou contra o Globo. Eu sou contra... Aliás, sou contra a imprensa em geral, porque eles não ajudam o jovem de hoje, nada, eles só mostram o lado ruim da cidade.

358. **DIANA:** Eles querem vender, né?
359. **HELINHO:** As desgraças. Agora, o que interessa o que pode educar, eles não mostram e passam por ser o melhor jornal do país, quando é o pior. Eu trabalhei, eu falo mesmo, eu sou contra... Não só contra eles. Eu tenho dois anos que eu não vejo mais TV aberta. Graças a Deus. Eu leio o jornal, eu... Ó... Agora, um detalhe: o Vargas fez ano de morto, dia vinte e quatro. Eu fui na cidade, não vi nenhum jornal... Eu comprei O Globo, comprei O Dia, procurei A Folha, não achei na Av. Rio Branco... Não falaram, não, não, não... No falecimento do Getúlio. Só no rádio é que falou na madrugada
360. **DIANA:** É curioso essa parte...
361. **CACÁ** [para o Coelho]: ele tá roubando o seu tempo!...
362. **COELHO:** É, mas deixa ele...
363. **HELINHO:** E tudo o que nós temos aqui no Brasil hoje, agradeça ao Getúlio Até, até, até o negócio das camisas de jogador, que hoje estão pagando, tá na lei de mil novecentos e quarenta e seis. Porque tudo no Brasil é assim: como a Constituição de oitenta e oito... Tem várias coisas que estão na constituinte de oitenta e oito e não foram implantadas até hoje! E eles ficam agora, com o quebra-quebra, aí eles estão trabalhando à toque de caixa. O Walter, por exemplo, pode falar disso porque ele é do Senado Federal, trabalhou lá com o Itamar e tudo, trabalhava no gabinete do Itamar e ele conhece aquilo ali, quer dizer, eu, por exemplo, eu trabalhei na Tribuna da Imprensa. Dois anos. Aprendi muita coisa, aprendi muita coisa lá, porque havia uma reunião... É o que eu falo aqui... Não havia diferença. Havia uma reunião todo dia lá, que uma vez, quebraram até a mesa do restaurante lá. Entre o pessoal intelectual e até o faxineiro participava! Todo mundo participava! -“É isso, é isso, é aquilo e tal, pá, pá, pá”... Então, a gente aprendia muita coisa lá
364. **CACÁ:** Pela ordem Sr. Helinho! Você tá roubando o tempo do Coelho!
365. **DIANA:** Mas olha só, desculpa... Eu quero ouvir o Joel ainda!
366. **CACÁ:** É o que eu estava falando, você tá roubando aqui... O tempo.
367. **COELHO:** Não, não, eu só queria falar da faixa... Só isso.
368. **JOEL:** Não, ainda falta alguma coisinha...
369. **SILVANA:** Falta!
370. **CACÁ:** Tem dois peraltas aqui, que eu já identifiquei: O Juca e você.
371. **HELINHO:** O Juca, ele diz que se aposentou, mas não se aposentou: ele ainda joga pedra na casa dos outros.
372. **COELHO:** Não é que eu quero falar, eu já cumpri aquele outro do melhor e do pior?
373. **SILVANA e DIANA:** É e a gente está nessa pergunta ainda!
374. **COELHO:** Mas como ele falou da faixa... Então, foi que eu disse: -“Nós já temos uma faixa, na [Rua] Itapiru”. Tá lá essa faixa, que ela diz o seguinte: -“Esta é a arma do Fallet, Fogueteiro e Beco Ocidental, que lutam por justiça social”. E tem uma seta assim... Então, de um lado, está a Constituição da República Federativa do Brasil e do outro lado, está a foto da Constituição do Estado do Rio de Janeiro e a Lei Orgânica. Então, qual é o recado ali? Com as Constituições e com a Lei Orgânica? Que nós, primeiramente, temos nossos deveres e obrigações a cumprir e depois também temos os nossos direitos, que são exercidos. Então, esse é o recado e tem a foto do Complexo, né? Pegando de lá, pega o Beco, o Fallet e o Fogueteiro, a foto. Então, essa é a faixa que está lá.
375. **SILVANA:** -“Onde está a faixa, Coelho?”
376. **COELHO:** Ela está aqui, quando a gente sai aqui direto...
377. **DIANA:** A gente tem que tirar foto dessa faixa
378. **COELHO:** A gente está aqui, descendo direto, aí tem o Posto Forza. Já viu ali? Mais a frente tem o ponto do ônibus. Ela está ali em frente.
379. **SILVANA:** Em frente ao ponto do ônibus? Então, quando a gente descer, a gente vai fotografar a faixa.
380. **DIANA:** Agora, eu não ouvi o Joel.
381. **JOEL:** Bem, a melhoria, como o Coelho falou, pra mim também foi essa UPP...
382. **DIANA:** Então, o que de melhor tem pra você...
383. **JOEL:** É porque eu trabalhei, eu trabalhava, saía de madrugada ...
384. **DIANA:** você trabalhava com o quê, Joel?
385. **JOEL:** Eu trabalhava na Antártica.
386. **DIANA:** Ah! Tô vendo [o logotipo da camisa que ele está usando]

387. **JOEL:** Aí, o que acontecia? Pegar no horário da manhã, tinha que descer três e meia da manhã... Aí, quer dizer, com aquele tiroteio não dava pra mim trabalhar nesse horário. Aí tinha que pegar no horário da tarde e chegar... Pegar... Às quinze horas em Jacarepaguá e chegar em casa duas horas da manhã. Por quê? Eu vinha por cima, não... Não... Não... Precisava subir passar por baixo, senão corria risco, né? Aí sempre fazia assim sempre ao contrário. Duas e meia da manhã, por Santa Teresa, bem dizer já tava aqui dentro. E... Às vezes, uma vez, não tinha como eu mudar o horário, aí tinha que pegar de manhã. Aí descendo, ali na [Rua] Itapiru, [???] horas da manhã, num sábado... Acho que era um baile que tinha ali na Mineira, ali perto do sacolão, veio uma turma... aí quando me viu, falou: -“Ei,ei,ei!”. O que que eu fiz? Ah, mermão! Corri muito! Não sei o que eles queriam comigo. Fui parar lá em baixo, naquele outro posto lá em baixo.
388. **COELHO:** Tinha que correr, sim.
389. **JOEL:** Corri muito. Sai correndo.
390. **COELHO:** Mas correu risco de ser baleado, né?
391. **JOEL:** Mas o que é que ia fazer? Ficar ali parado? Tinha, acho, mais de trinta!
392. **COELHO:** Como muitos moradores foram baleados, via, corria e...
393. **JOEL:** Sabendo que eu sai do Fallet, né?
394. **CACÁ:** E teve uma covardia, que foi um garçom, chegando duas horas da manhã, chegando do trabalho...
395. **COELHO:** Então, pois é...
396. **JOEL:** Mataram o rapaz.
397. **CACÁ:** Um garoto do outro morro perguntou: -“onde tu mora?” / - “moro lá” / - “Então corre”. Então, ele correu... e atirou nele. Ainda tentaram socorrer, botaram numa Kombi e levaram, mas...
398. **COELHO:** O outro também... Botaram pra correr e...
399. **CACÁ:** E ele morreu porque mora em outro lugar. Se ele dissesse assim: -“não, eu moro aqui no Querosene, ou então eu moro ali na Mineira, ou então, eu moro...”
400. **COELHO:** Aquele das lavadeiras. Também botaram ele pra correr, ele correu e caiu aqui morto dentro do Papa-Couve...
401. **JOEL:** Então, é isso. //
402. **COELHO:** E o daqui também matava o que morava lá. Não era só o de lá, não. O daqui também fazia. Por isso que a gente, eu considero isso a melhor coisa que...
403. **SILVANA:** Vamos continuar com o Joel...
404. **JOEL:** Aí, quer dizer, sempre trabalhei até hoje ... Aí eu fiquei vinte anos trabalhando nesse horário, aí nunca estudei mais. Fiquei muito tempo... e foi a melhor coisa que houve, foi isso, eu acho.
405. **DIANA:** E o pior?
406. **JOEL:** É aquilo também que todo mundo comenta: é a falta de educação dos moradores com o lixo
407. **DIANA:** Pior que o rio?
408. **JOEL:** É a pior coisa, porque eu saio de casa, sempre trago a minha bolsinha de lixo e boto na caçamba, minha mulher sai às sete horas da manhã, leva o lixo, bota na caçamba ... E... Eu varro a minha parte lá na escadaria, eu varro tudo e...
409. **JUCA:** O pessoal chega ali e joga...
410. **JOEL:** Dali pra frente, ninguém faz mais nada e... Podia ser... Cada um tomando a sua atitude e deixando tudo limpo
411. **JUCA:** né, Joel? O pessoal vem correndo e joga. Se caiu, caiu, se não caiu...
412. **CACÁ:** Faz cesta de basquete.
413. **JOEL:** Não sei, acho que eles nunca vão incutir na cabeça, que a melhor coisa pra eles seria isso: a limpeza
414. **JUCA:** E agora, estão fazendo sabe o quê? Estão roubando as caçambas do lixo (pequena pausa)
415. **DIANA:** Roubando?
416. **JUCA:** Roubando.
417. **SILVANA:** Caramba!
418. **JOEL:** Ontem mesmo, ontem mesmo. Chegou o material de construção e o cara pegou as caçambas do lixo pra carregar as caçambas e depois deixou num lugar lá... Não deixou no lugar que ele pegou. A vizinha chegou lá e falou...

419. **CACÁ:** Tem que tirar as travas
420. **HELINHO:** As travas não funcionam, Cacá!
421. **CACÁ:** Então tem que fazer outro mecanismo, entendeu?
422. **HELINHO:** Não, eu acho... Que eu falei com o Santana e ele não....Ele ficou assim... Sabe o que tem que fazer? Tinha que tirar as rodas! Tirar as rodas e o caminhão encosta do lado. Hoje mesmo... Ó, tô falando aqui! O Painho, o Painho estava apanhando a caçamba... O Painho fala, não fala? O painho ele estava apanhando as caçambas lá, o Painho e outro cara do Rio [Guardiães do Rio] para apanhar um mato lá.
423. **JOEL:** Eles fazem isso //
424. **HELINHO:** Tá errado, rapaz! Pelo amor de Deus! As caçambas do lixo!
425. **CACÁ:** Esse negócio de lixo...
426. **HELINHO:** Ele apanhou as caçambas do...
427. **CACÁ:** esse... [programa] Vamos Combinar tem um ano aqui e ele não funcionou. Eu pedi a vistoria à Subprefeitura e pedi a vistoria à Comlurb de todos os pontos de lixo. Mas eu sempre escuto... Se o morador faz a parte dele...
428. **HELINHO:** Eu acho até que a gente vai até acabar pedindo doação...
429. **JOEL:** mês passado mesmo, mês passado mesmo meu vizinho pegou uma vitrola velha, botou lá; pegou uma televisão velha, jogou lá... Eu ainda falei com o meu cunhado, porque ele gosta de pegar esses negócios de fios. Falei pra ele -“tem uns negócios de eletrônico lá”...
430. **CACÁ:** Da próxima vez, fala com o Juca, hein?
431. **JOEL:** -“Eduardo, tem um negócio de um... eletrônico lá”... Aí, quer dizer, ele foi lá e eu falei: -“ele vai tirar pra quebrar em casa, né?”. Ele quebrou tudo, tirou as peças e largou lá. Eu tive que pagar o Batata pra jogar no lixo. Lixo dos outros.
432. **JUCA:** Eu joguei a minha fora, porque não tinha mais peças
433. **JOEL:** Eu tive que pagar pro rapaz que está no Gari Comunitário, o Batata, você sabe? O Batata é que levou, que jogou pra mim. Eu tive que pagar. Meu vizinho é que jogou... Lixo que não era meu...
434. **CACÁ:** Como pobre fabricar lixo ... Como a gente fabrica lixo...
435. **DIANA:** Como o ser humano fabrica lixo!
436. **COELHO:** De uma maneira geral
437. **CACÁ:** O pobre fabrica mais.
438. **HELINHO:** O que eu acho é o seguinte: o que está havendo é uma falta de educação geral e ninguém mais tem galão de lixo. Lá me casa tem. Eu acho que sou o único aqui. Porque eu tenho um galão e eu só boto o lixo na hora que o lixeiro vem. E aos domingos ele não está vindo mais e eu não boto mais o lixo na rua. Eu vou comprar pão, mas eu não boto.
439. **JUCA:** Nem eu.
440. **HELINHO.** E o peixe, essas coisas, boto, embrulho e boto no congelador. Eu como muito peixe, sempre comi, eu gosto mais de peixe que carne. Eu não passo uma semana sem comer peixe. Aí eu faço isso. Agora mesmo eu podia... Agora mesmo, já tem lixo lá. Quando encher, o da cozinha, eu boto no galão, amarro e boto no quintal. Mas ninguém quer ... É toda hora tem gente botando lixo. É como eu fale anteriormente: três caçambas cheias, abertas, mas as outras todas estão vazias...
441. **CACÁ:** Você tem que fazer campanha no colégio, você tem que...
442. **HELINHO:** Não, aí é geral. Não é só aqui, não. Agora é o que eu falei anteriormente, é a falta de educação, é a omissão da Comlurb. É o caso da professora: é a omissão do Estado. Esse negócio da caçamba eu falei, eu falei com o Cacá também: -“Cacá, é o Walter que está apanhando as caçambas. Vamos reunir um grupo, vamos lá com o fiscal falar com ele?” O Cacá não quis se indispor e o Santana também não.
443. **CACÁ:** Ô Helinho, não é que eu não tenha...
444. **HELINHO:** Eu sei, não precisa...
445. **CACÁ:** É porque se existe alguém apanhando a caçamba, o morador vai e liga pro um sete quatro meia.
446. **HELINHO:** Ah!... Não funciona...
447. **CACÁ:** É o morador que vai... O morador não vai querer que eu chegue e traga o problema pra mim, porque eu não posso multar ele, não posso prender ele. Se ele tá na rua e tá cheio de entulho, o morador pode ligar pro um sete quatro meia e

denunciar. Ele pode ligar pra lá e denunciar. Agora, o morador quer que eu chegue: -“Ô fulano, tu botou entulho aí. Tu não pode não, tu tem que tirar”. Aí, o cara fala assim: - “Olha só, eu vou botar o entulho aqui e acabou. Porque senão eu falo com o meu primo, falo com o meu tio, falo com o meu irmão”. Aí eu falo assim pra ele: -“É, hã, é, ó”...

448. **HELINHO:** Aí é mentira!
449. **CACÁ:** É?
450. **HELINHO:** Aí é mentira!
451. **CACÁ:** Então, então ...
452. **HELINHO:** Eu já falei que ele não cuida de lixo, ele não cuida de entulho. Ele cuida só dos negócios dele, que tá até mal, porque os negócios caíram oitenta por cento.
453. **CACÁ:** E você vai fazer o quê? Você vai fazer o quê? O cara que jogou o entulho na rua, tu vai fazer o quê?
454. **HELINHO:** Eles usam o nome dos...
455. **JOEL:** Ó, um exemplo: o lixo que eu paguei pro cara carregar ...o cara é da firma.
456. **HELINHO:** É da firma?
457. **JOEL:** O dono da casa que botou... é da firma
458. **CACÁ:** Tu pagou, né?
459. **DIANA:** E que firma, desculpa, que firma é essa?
460. **HELINHO:** Firma é a...é a *Boca!*
461. **DIANA:** Ah, desculpa.
462. **HELINHO:** É o tráfico!
463. **COELHO:** A gente, pra não falar o que é, a gente fala “a firma”
464. **CACÁ:** Vamos, vamos... Agora sou eu a falar? O que tem de melhor e o que tem de pior? Eu tô esperando pra falar...
465. **SILVANA:** É, eu tô esperando...
466. **JOEL:** O lixo era deles...
467. **COELHO:** Fala aí, Cacá
468. **HELINHO:** Conclui aí, Joel!
469. **CACÁ:** Esse negócio de lixo não tem uma produção é... é de bola de cristal. Não existe. Nunca existiu. Vocês têm muito mais experiência do que eu aqui, em associação, nunca existiu isso. Sempre que eu me dou como gente, sempre teve descarte de entulho, de não sei o quê, sempre teve.
470. **HELINHO:** É Cacá, o morador tem celular, tem celular, mas ninguém tem o hábito de ligar, Cacá. Agora mesmo o vizinho lá tá fazendo cavação, eu ensinei a ele, ele ligou, ele entrou em contato com o Santana, a Comlurb não tinha caçamba. A Comlurb agora arranjou caçamba, eu acho, eu falei até com você...
471. **CACÁ:** Pega a caçamba e ganha um dinheirinho, dá pro cara que pediu lá a caçamba pra ele lá e não dá pro outro, entendeu?
472. **HELINHO:** Ah! Então, ele tem que denunciar isso. Que eu, eu trabalho com isso, caçamba é barato, é um material barato e aquilo, num dia, a gente faz, vamos dizer, umas vinte daquelas. Num horário, num dia, tendo o material, eu faço vinte daquelas.
473. **CACÁ:** Helinho, olha só, estamos saindo do assunto aqui.
474. **COELHO:** Vamos ouvir o Cacá.
475. **HELINHO:** Deixa o Joel concluir.
476. **HELINHO:** Então passa o Cacá.
477. **DIANA:** Cacá, o que de melhor e de pior temos aqui?
478. **CACÁ:** Olha, tudo o que falaram aí, eu concordo e eu queria ressaltar assim, o que há de melhor aqui é a localização da comunidade. Nós estamos aqui em Santa Teresa, com esse ar maravilhoso, com essa vista maravilhosa. É só subir um pouquinho que a gente está dentro do [???]. Estamos perto do Centro, do Sambódromo, do Maracanã, da Zona Sul. Então, a localização nossa aqui é excelente.
479. **CACÁ:** E o que tem de pior é o que é comum a quase todas as comunidades, é o crescimento desordenado, que foi o abandono que o ...
480. **HELINHO:** O Estado
481. **CACÁ:** Que o Poder Público teve nesses quarenta anos, que degradou é... o ... Os nossos imóveis, por exemplo, era assim, um por andar, e tudo aí é tanto puxadinho, tanto bequinho que foi criado desordenadamente, que agora, é.... Com esse projeto aí

- do Morar Carioca, eu não sei o que vai se poder fazer, e até quando, sem que tenha que remover algumas casas, entendeu? Então...
482. **DIANA:** Isso é um medo que vocês têm? [Repete a frase anterior]. De que, se eventualmente, se esse Morar Carioca chegar, vocês tenham que remover algumas casas?
483. **CACÁ:** Não, é porque nunca chega sem remoção. Porque se você quiser abrir uma rua, você tem que remover. Agora, o problema da remoção é que o... A Prefeitura, no caso é o órgão que vai ser responsável, a Prefeitura, as opções que ela te dá, é... São insuficientes e não são garantidas. Então, é... Eu defendo assim: você constrói um... Prédio ou conjunto dentro da própria localidade, se não tiver espaço, você fabrica o espaço, porque às vezes, você tem um barranco, você vai ali, faz um talude ali, faz uma... Muralha e já vira um espaço. Então, o que eu defendo é que você construa a opção para..., dentro da comunidade para a pessoa que vai sair. Ó, faz um prédio aqui de dez andares. –“Ó fulano, tua casa vai ter que sair, porque aqui vai ter que alargar a rua, mas já tem um apartamento ali pronto pra você ir”. E, e. E a maioria das pessoas nessa situação, elas já vivem numa situação precária, num imóvel pequenininho, não sei o que, que ah ... Quando ela ver, –“Ópa! Eu quero”. Agora, quando o governo chega e diz –“Olha, vamos te dar quatrocentos reais, aí você vai construindo não sei aonde” ... Aí mudou o Secretário, mudou o Prefeito, mudou o não sei o quê... quem é que vai dar o imóvel assim, com essa promessa de Papai Noel... Não é? Então, o modelo é bom porque não há progresso sem desapropriação, mas não tem garantia. Na Providência, a obra do Morar Carioca está parada porque nove famílias entraram na justiça e conseguiram a liminar, qualquer um daria...
484. **DIANA:** Claro!
485. **CACÁ:** Além do...do... Da indenização pelo bem em si, tem que dar a indenização pelos danos morais, que faz você... Pega o Juca e tira o Juca da casa dele. Qual o valor que tem pro Juca morar na casa dele?
486. **DIANA:** Aqui, aqui, que é a continuação da família dele.
487. **CACÁ:** –“Juca, vou te dar um milhão pra você ir embora daqui”, e ainda é pouco, que ainda ele vai balançar. Agora, chega um... tua casa vale cinquenta mil reais, de acordo com o Plano do... Com as tabelas deles lá, tua casa vale vinte mil reais, vou te dar cinquenta mil reais. Não vai sair. Tá certo. Então, vamos ver, esperar os acontecimentos. Porque eu também, eu sempre respeito a vontade do morador. Porque se o morador não quiser abrir a rua porque vai ter que sair, vai ter que tirar a casa, não abre. Pra mim... Entendeu? Pra mim, é... Eu defendo ligar o Fogueteiro com o Fallet, ligar o Fallet com Santa Teresa, eu defendo tudo porque eu acho que isso revitaliza a comunidade. A gente já não tem assim, tá no buraco, a gente quase não tem...
488. **HELINHO:** Não tem opção
489. **DIANA:** Mas, mas essa sugestão que você está dando aí de juntar tudo, é viável, do ponto de vista / **CACÁ:** Sem desapropriação, não
490. **DIANA:** Não, não tô falando do ponto de vista da desapropriação, não. Eu tô falando do ponto de vista de como as comunidades se relacionam atualmente. É viável juntar Fogueteiro...
491. **CACÁ:** É porque você cria... Você pode criar... Uma Kombi ... Pode subir por aqui e sair lá do outro lado, sair lá na... Na... Do outro lado da comunidade, já sai lá no Posto de Saúde
492. **COELHO:** Posto de Saúde.
493. **HELINHO:** –“Cacá, posso interromper um minuto?”. Ali, a Rua Ocidental, por exemplo, ela é...
494. **DIANA:** É isso que eu queria entender: você está falando ocidental...
495. **HELINHO:** Ocidental é o outro lado lá, subindo pela [rua] Navarro.
496. **DIANA:** Eu sei, mas por que que tem essa marcação de ocidental?
497. **HELINHO:** Não, porque é o nome que se criou. Não existe essa Favela Ocidental. No mapa talvez não conste. Fogueteiro, Manoel de Abrantes aqui. Do outro lado da rua é Manoel de Abrantes, a gente chama de Manoel de Abrantes. Aqui é Fallet, Rua Fallet. Então, a Rua Ocidental era pra terminar no Fallet. Tem um projeto e saiu a verba, que eu acompanhei. Aí, o que aconteceu? Tinha que remover um montão de gente e tem a tal pedreira na frente, lá.

498. **COELHO:** Tem a pedreira.
499. **HELINHO:** E lá a inclinação é setenta graus, que eu andei com o engenheiro lá. A inclinação aqui em geral é setenta graus, a inclinação do local, então, a obra, fazer contenção em cima e embaixo. Pra quê fazer obra num lugar desse, remover o pessoal, fazer uma rua que vai beneficiar pouca gente? Então não fizeram, entendeu? Mas, é o projeto dela era pra ligar aqui no Fallet, entendeu? Por exemplo, aí o carro ia, como o Cacá falou, ele ia circular: Fallet, Navarro, Coroa...
500. **SILVANA:** Deixa eu pedir uma coisa pra vocês // **CACÁ:** ia beneficiar naquele momento. Daqui a pouco... se você vitalizou, começa...
501. **SILVANA:** deixa só eu pedir uma coisa pra vocês. ADianaestá vindo aqui pela primeira vez. Então, pra ela...
502. **DIANA:** Eu tenho que fazer perguntas óbvias pra vocês, me desculpem
503. **SILVANA:** Tudo isso é muita novidade, né? Então, assim, eu já ouvi vocês falando assim da.. do... Surgimento do Fallet, de como chegaram os moradores do Fallet...
504. **COELHO:** Os primeiros...
505. **SILVANA:** ...do Beco e tudo o mais, mas ela não conhece essas histórias, então vocês quando estão falando da parte ocidental... Se vocês pudessem assim...
506. **HELINHO:** Resumir?
507. **SILVANA:** Se vocês pudessem...
508. **CACÁ:**É... Toda hora a gente muda o assunto. Corta a gente...
509. **HELINHO:** Corta mesmo, corta!
510. **SILVANA:** Se vocês pudessem fazer essa gentileza de contar a história do surgimento do Fallet, do Beco, como é que são essas relações ... Pra que ela possa acompanhar um pouco o diálogo, porque vocês estão falando do Beco, talvez ela não esteja conseguindo acompanhar...
511. **COELHO:** O Beco está onde? Que beco é esse?
512. **HELINHO:** O Cacá concluiu?
513. **CACÁ:** É... Isso aí, já conclui. Vamos pra outro tópico aí.
514. **HELINHO:** Ela pediu pra falar do surgimento do local
515. **SILVANA:** E essa parte do Beco, como surgiu o Beco
516. **COELHO:** Como surgiu o Beco, como surgiu o Fallet...
517. **CACÁ:** Não, ela perguntou o que há de melhor e de pior!
518. **DIANA:** Antes sim, agora a gente...
519. **CACÁ:** Já emendou outra pergunta? //
520. **SILVANA:** Mas você concluiu... //
521. **DIANA:** Aqui é rápido
522. **JOEL:** A história do surgimento do local... do Beco Ocidental
523. **CACÁ:** Pô, vocês tem mais idade do que eu, eu sou caçula daqui ... Isso aqui era uma fazenda...
524. **HELINHO:** Quer que eu falo?
525. **JOEL:** Jano Gema.
526. **HELINHO:** Isso aqui era um loteamento de mil novecentos e vinte e dois. Nossos avós vieram pra cá... A minha avó, por exemplo, morava na Lapa. A Lapa já tinha aquela vida noturna naquela época, mil novecentos e tal. Aí, eles vieram... Meu avô era paulista e ela, portuguesa. Aí, eles compraram dois lotes aqui. E aí foram vindo, como ele falou aqui, do Seu Abreu, comprou. Então, tanto nós aqui, como aqueles apartamentos também, da [Rua] Almirante Alexandrino não tinha nada. Santa Teresa, nessa época, era uma estrada, não tinha nem piso na rua. Depois que botaram piso, de uma parte pra lá. Então, eles foram criando. Não tinha rua, não tinha nada. Era tudo caminho. Eles... Ali onde a gente mora, ainda tem. A água e a energia elétrica, os próprios moradores que botava. Trilho de bonde, que eles arrumavam na Light, que a maioria trabalhava na Light, [na Ferro Carril⁴¹ .. aí traziam os trilhos antigos e faziam de poste. E a água, eles pagaram... eles compraram os canos e pagaram o pessoal ... não

⁴¹ Ferro Carril, pela pesquisa que fiz, era uma empresa que disputava a eletricidade no começo do século no Rio. À época a luz não era estatizada enquanto padrão nem pertencia a apenas uma empresa. Nesse meio, a Ferro Carril do Jardim Botânico era a empresa brasileira mais forte no ramo, competindo com outras empresas nacionais e internacionais. http://www.ub.edu/geocrit/Simposio/cNobre_Eletricidade.pdf

- era Cedae na época, era a Prefeitura. Pagaram o pessoal da Prefeitura pra ligar a água deles. E aí, eles foram fazendo ramais e aí foi fazendo os caminhos. Aí, em mil novecentos e quarenta e pouco é que veio botar nome nas ruas e fizeram as ruas. Essa aqui em mil novecentos e quarenta e pouco.
527. **COELHO:** Isso foi no governo do Lacerda
528. **CACÁ:** No Sobradinho?
529. **HELINHO:** Não, Fallet...
530. **JUCA:** Ah, a Rua Fallet, eu conheço toda a vida como Fallet
531. **COELHO:** Fallet foi no governo Lacerda...
532. **HELINHO:** Não, mais ela vinha até aqui embaixo...
533. **COELHO:** Pavimentação.
534. **HELINHO:** Pavimentação, era no barro só, depois...
535. **JUCA:** Não tinha pavimentação.
536. **HELINHO:** Não tinha pavimentação. Quando chovia, o carro não subia. Tinha um pessoal aqui...
537. **JUCA:** lá na Nega?
538. **HELINHO:** É. Tinha um pessoal, os armazéns já existiam.
539. **HELINHO:** Tinha uma quitanda na época, hoje acabou.
540. **COELHO:** D. Laurinda.
541. **HELINHO:** O rapaz trazia lá debaixo da [rua] Itapiru, ali da baixada, trazia na cabeça.
542. **COELHO:** O Bombolha. Eu não sei o nome dele.
543. **HELINHO:** Antônio
544. **DIANA:** E deixa eu perguntar uma coisa: essas histórias, essa história que o senhor está contando... Essa história foi contada pro senhor?
545. **HELINHO:** Foi. Pela minha avó. Não, e tem documento, tem tudo.
546. **COELHO:** Tem documento.
547. **SILVANA:** E esses documentos estão aonde?
548. **HELINHO:** Não, eu, por exemplo, tenho o meu. Tenho a planta do loteamento, eu tenho a... A minha eu não tenho, mas tenho o pedido de ligação de água de um amigo meu que já morreu, morreu a família toda, só tem os netos agora...
549. **JOEL:** Quem é?
550. **HELINHO:** o Filu... Pedindo, com aquela letra antiga, *ph* e tal, pedindo à Prefeitura pra ligar a água deles e hoje é a CEDAE... Tem um monte de coisas, né?
551. **DIANA:** Mais alguém, além do Sr. Helinho tem algum documento desse tipo?
552. **COELHO:** Não, documento... Eu tenho mais na cabeça
553. **HELINHO:** Eu tenho a promessa de venda.
554. **COELHO:** E, eu tenho aqui, a planta
555. **HELINHO:** Essa planta, eu fui procurar na Prefeitura, na Rua S. Jose, décimo segundo / décimo terceiro / décimo terceiro andar e a gente sobe, o elevador vai até o doze e eu fui lá e, não sei o que houve, não sei se houve alguma tramaio, eu pedi o original, que quem me deu foi um funcionário da Prefeitura, morador do local também, que nasceu aqui com a gente.
556. **JUCA:** Quem é?
557. **HELINHO:** O Carlinhos. O Carlinhos que trabalha na Prefeitura. Fiscal da Prefeitura. Aí, ele me deu. Aí, eu fui lá pra apanhar o original e o rapaz, o funcionário disse assim: -"não, eu conheço essa planta. Mas nós não temos mais o original aqui. Sumiu o original". No departamento de mapas lá, que era na São José. Agora, me parece que é na Cidade Nova. Eu fui pra comprar uma planta agora, mas não perguntei por essa velha, fui comprar uma atual. E até veio errada porque aqui tem uma parte favela e uma parte que é loteamento. Então, até os jornais mesmo, com o negócio do tráfico, fala que aqui é favela. Não é favela. O que o Cacá falou aí, o Morar Carioca se afastou daqui por causa disso. Porque aqui, todo mundo é proprietário. A maioria. Agora...
558. **DIANA:** A maioria paga IPTU?
559. **HELINHO:** Paga tudo. Aí, o que há ...
560. **COELHO:** É complicado...
561. **HELINHO:** Aí, o que há... A degradação, a degradação do local é isso. Que os moradores mais novos, eles estão invadindo, depois da UPP, estão invadindo tudo, entendeu? E o nível de vida nossos...
562. **DIANA:** Mas invadindo... É...?

563. **HELINHO:** Em áreas vazias. É como o Cacá falou: antes era uma casa, duas. Agora, o cara faz sem engenheiro //
564. **JOEL:** Puxadinho, esses negócios...
565. **HELINHO:** Sem nada, faz um monte e quer dizer.
566. **COELHO:** Vai fazendo.
567. **HELINHO:** A nossa qualidade de vida está caindo no geral, no dia a dia. Dentro da nossa casa não, mas do lado de fora...
568. **DIANA:** Claro, claro. Tem o risco de você passar pela rua...
569. **HELINHO:** Nós no Brasil...está faltando salário... Ética, educação e salário. Nós não temos salário. Nem vocês, acredito, nem eu. Um ou outro é que tem. Mas ninguém tem salário. Eu já cheguei a ganhar dez salários mínimos, hoje eu não ganho três. Não ganho quatro, aliás, quer dizer, estou andando pra trás. Me aposentei com pouco e tudo. Então, quer dizer, então é a dificuldade de moradia, eu reconheço, mas só que as pessoas não fazem as coisas direito. Na nossa época, e ele aqui lembra, quando meus avós construíram aqui, tinha um fiscal aí, o Seu Pessoa..
570. **COELHO:** E o Pessoa tinha...
571. **HELINHO:** Lá em casa tinha uma bandeira. Sabe o que é bandeira? Em cima da porta, aquela porta de mais de um metro e oitenta. Tem aquele vidro com três coisinhas assim. É um vidro... É isso aqui, esse tablete aqui. Tem aqui um vidro, três vidros. Então, ele chegou lá pra vistoriar a minha casa que eu moro hoje, na época morava a minha avó, aí chegou e falou: -"Ô Seu Francisco, isso aqui é pra entrar ar". Foi com a bengala e quebrou os vidros da sala. -"Isso aqui é pra entrar ar. Não pode ter vidro". Agora vê? Aí foi na sala e quebrou os vidros! Tá!
572. **COELHO:** Fiscal .
573. **HELINHO:** Vidro aqui é pra entrar ar. E ele veio pra fiscalizar. E sabe o que ele fiscalizava? Ele não jogava duro, porque tem banheiro, tem que ter entrada de ar... Cozinha tem que ter ventilação... Então ele passava por cima disso e esse aqui, o pai dele e o meu avô, no caso, aí davam um qualquerzinho a ele naquela época. Hoje, o fiscal não vem aqui. Você viu, o Cacá falou aí. O fiscal não funciona.
574. **DIANA:** Sim, sim, claro.
575. **HELINHO:** Uma autoridade, como o da Comlurb, eu... O que eu falei com o Cacá, eu não tô falando um crime. Eu tô dizendo aqui: -"O Walter apanhou a caçamba". Vamos lá eu, o Juca, o Joele você Silvana, vamos lá falar com o Walter: -"Ô Walter, você não faça mais isso, pá, pá, pá...". Nós não vamos denunciar ele. Agora, você pegar num telefone, o fiscal não vai lá. Porque é como o Walter falou: tá vindo gente aí, que nem é parente do cara da firma e diz: -"Ah, eu sou primo do cara. Não é primo".
576. **JUCA:** Eu queria falar uma coisa aí, senão eu esqueço...
577. **DIANA:** Ele [o Juca] ia falar uma coisa, senão ele esquece.
578. **JUCA:** Esse Pessoa, eu botei ele pra correr lá de casa.
579. **HELINHO:** Porque você não queria lhe dar dinheiro.
580. **JUCA:** Justamente isso. Ele queria... -"Pô, te meto o pau. Tu some daqui senão vou te meter porrada. Não pisa mais aqui". Aí ele foi falar com o Sílvio, meu cunhado e ele disse: -"Ó, não se mete com esse baixinho aí, que ele é fogo!". Eupeguei ele na rua, eu digo: -"Fala comigo aqui. Vai lá. Falta ao respeito... eu te arrebento de pau". Ele sumiu daqui. Nunca mais ele veio aqui. Botei ele pra correr.
581. **HELINHO:** Eu acho também, outra coisa também, fugindo do assunto: a dificuldade da Associação, que eu sou vice-presidente, o Joel também, eu não tôvindo nas reuniões por causa disso, que é a rejeição muito grande contra os PMs aqui. Contra a Polícia Militar.
582. **DIANA:** Aqui, você diz no Fallet ou na Associação?
583. **HELINHO:** Geral, geral. O morador, o morador não entende o bem que o PM veio trazer. Então, o morador leva pro outro lado. Tem gente que nem cumprimenta...
584. **DIANA:** Mas qual o argumento deles?
585. **HELINHO:** Não, eles ficam em cima do muro, eles tem medo até de falar, de os meninos da firma verem ele cumprimentando e coisa... Aquela rede de fofoca, né? Então, isso aí, tudo passa pela UPP. Aí, tá ali o jornal ali, não tem nada da Amavale ali. Tem vários projetos em todo lugar. Tem um órgão ali, eu até fiquei de levar pro Walter, tem um... Acho que o Vidigal, uma organização dessas estrangeiras vai bancar a acústica do local. Vai fazer a quadra e vai bancar a acústica do local. Aqui não tem

- nada! Porque uma minoria... Há a rejeição muito grande e os outros moradores ficam com medo de ir a uma reunião e falar o que for, não como nós aqui. Nós aqui... eu falo por mim e falo por eles, nós não temos papa na língua. Se tivesse um PM aqui, eu ia falar a mesma coisa.
586. **SILVANA:** Deixa eu te perguntar uma coisa: como é que vocês percebem, né? A relação da polícia com os moradores, sobretudo os moradores jovens?
587. **HELINHO:** Não, a...a ...
588. **SILVANA:** Como é que tem sido esse tipo de relação?
589. **HELINHO:** Não, agora melhorou muito! Esse major que está aí, ele melhorou e trocou o pessoal. Tava havendo muito problema...
590. **DIANA:** Trocou o major, foi isso?
591. **HELINHO / COELHO:** Esse já é o terceiro!
592. **DIANA:** E esse último, foi há quanto tempo?
593. **COELHO:** O Major Senna é maravilhoso!
594. **DIANA:** Mas foi há quanto tempo que ele entrou?
595. **HELINHO:** Um ano, né?
596. **COELHO:** Não, tem menos!
597. **HELINHO:** Vai pra uns oito meses...
598. **COELHO:** Oito meses!
599. **HELINHO:** Mas ele é muito bom. Agora, há uma rejeição muito grande por quê? Sabe o que acontece? O tráfico continua aí. Devagar, mas continua. E também tem essa garotada que usa crack. Tanto de fora, como alguns daqui. Então, eles perturbam. Se tiver uma festa, se tiver uma coisa, eles perturbam, entendeu? E cria... Um ambiente ruim. E aí, um morador como o Juca, falou aqui, que se sente... Então, esse pessoal que faz bagunça aqui não é viciado. É uma molecada que o pai e a mãe se omite e depois de dez horas da noite, eles vêm do campo e toca rebu. Eles jogam pau, jogam pedra, fazem um monte de coisas. E ninguém reclama e os PMs também não reclamam, ficam ... Porque não compete a eles. Eles estão aqui só pra combater o tráfico. Então, então, há os dois lados da moeda. Agora, é como o Cacá falou. A reunião da Associação se resume no Cacá, o Joel, o tesoureiro e eu, que não estou vindo. E o morador não vem por causa disso. Entendeu? Como na época do Walter aqui, que o Walter foi presidente da Associação e eu também era vice, o pessoal achava que o Walter defendia o pessoal ... Que o Walter era envolvido com o negócio... Não, o Walter queria a paz, o Walter queria evitar o confronto.
600. **SILVANA:** Hã, hã...
601. **HELINHO:** Entendeu? Porque os prejudicados somos nós. Nem eu, nem ele, nós não ganhamos nada com isso.
602. **DIANA:** Ele queira falar uma coisa, desculpa te interromper...
603. **COELHO:** Não, é em relação a essa questão que vocês colocaram aí, da comunidade aceitar a UPP. Então, por que... O que acontece? O tráfico... Ele sempre ... Como nós já comentamos aqui, ele sempre respeitou a comunidade. E então, o que que acabou acontecendo? A comunidade... Protege o tráfico. Então... Até o Comandante Stoll ainda falou: "Coelho, oitenta por cento da comunidade é contra a gente". E eu então disse pra ele: "Comandante, oitenta não. Noventa por cento. Ainda tem dez por cento que o senhor não conhece. Inclusive, eu tô nesses dez por cento. Só que eu não brigo com vocês". Mas, então, tem noventa por cento. Justamente por isso, por eles terem esse respeito da comunidade ...
604. **CACÁ:** Coelho, a gente, a gente... Quem é do tráfico, a gente conhece. A polícia, a gente não conhece, então...
605. **COELHO:** Então, fica, criou essa barreira...
606. **CACÁ:** É melhor você lidar com o inimigo, entre aspas, que você conhece do que lidar com o que você não conhece.
607. **COELHO:** Então, criou essa barreira. Só quem conversa com a polícia sou eu, Helinho, Cacá, por força do cargo...
608. **CACÁ:** Eu corro dos assuntos polêmicos que não vão dar em nada. Ontem o soldado me procurou aqui porque ele vai fazer um documentário e queria minha opinião sobre o como era antes da UPP e com é agora.
609. **DIANA:** A polícia vai fazer um documentário de como funcionava antes?

610. **CACÁ:** Primeiro, eu não gosto como soldado. Não desprezando ele como pessoa. Mas, pra mim, isso aí é uma atribuição do comandante vir falar pra mim, porque ele estava dando recado pelo soldado. Eu senti que ele queria sentir onde estava pisando. Então, eu falei assim: -“Ó, eu não vou dar o meu depoimento nesse documentário, não porque eu não vou ficar escolhendo palavras. Nunca precisei escolher palavras pra dar minha opinião. Então, eu não vou fazer o documentário. Você fala com o comandante, com todo o respeito, se ele... pra ele entrevistar as pessoas, os moradores”. Porque a minha atitude aqui é reflexo dos moradores. Se o morador está reclamando da polícia, eu reclamo. Se o morador for bater palma, eu bato palma pra polícia. Então, eu não tenho aqui, na via principal aqui, eu não tenho reclamação da polícia, mas dentro dos becos e vielas, polícia dá porrada na cara do morador, faz isso, faz aquilo. E também tem o morador que é atrevido.
611. **COELHO:** É, mas o morador que pede pra apanhar. Aí, esse é que é o grande problema, entendeu?
612. **CACÁ:** A minha função, a minha função como presidente da Associação não é ficar intermediando isso. Eu até tentei...
613. **COELHO:** Agora, tem o mal policial e o mal morador. E aí?
614. **SILVANA:** Vocês chegaram num ponto que eu estava tentando entender: todos vocês, ou a maioria de vocês falou que uma das grandes melhorias foi a chegada da polícia.
615. **COELHO:** Isso!
616. **SILVANA:** Acabaram os tiros, há paz nesse momento e tudo o mais. Mas, vocês estão falando de uma outra questão: nas vias principais, a polícia respeita os moradores. Lá pra dentro, nos becos, não é bem assim...
617. **COELHO:** Não, ela respeita...
618. **SILVANA:** Então, a relação da polícia com os moradores...
619. **COELHO:** Ela respeita sim, filha... Ela respeita....
620. **SILVANA:** Então, vamos lá, de novo...
621. **COELHO:** Veja bem, é aquilo que eu já falei. Tem aquele morador, que ele é beneficiado pelo... Pela firma. Então, pra ele, pra ele qualquer movimento que o policial faz, pra ele já é negativo e aí cria os conflitos...
622. **CACÁ:** Ô Coelho, mas se tem esse morador... [a polícia] ele tem esse mecanismo pra prender esse morador por associação com o tráfico, ele tem mecanismos pra isso.
623. **COELHO:** É ... Mas o morador agride Cacá, o morador agride...
624. **CACÁ:** Ele pode achar que se você... é...é... Protege o tráfico, ele deve achar que eu e você tem que tomar tapa na cara, tem que ser insultado...
625. **COELHO:** Mas porque agride o policial, Cacá ...o morador agride o policial, o morador não respeita o policial...
626. **DIANA:** Mas deixa eu perguntar uma coisa: vocês já ouviram alguma história de moradores que não tem essa relação com a firma e que mesmo assim, já sofreram violência?
627. **CACÁ:** Já, teve, teve
628. **DIANA:** É isso o que importa
629. **COELHO:** Não... Não
630. **CACÁ:** Desse novo comandante, eu... Que eu tô me lembrando, não. Mas antes... Eu já sofri retaliação!
631. **JOEL:** Tudo bem. Eu falo por mim. Nunca (pequena pausa) fizeram nada comigo.
632. **COELHO:** Nem comigo!
633. **COELHO:** [perguntando ao Helinho]: -“já fez com você?
634. **HELINHO:** Não, pelo contrário
635. **COELHO:** [perguntando ao Juca: -“já fez com você?
636. **JUCA:** Fez... fez! fez
637. **DIANA:** Fez?? Tem certe-...?
638. **JUCA:** Aquele tal de ...
639. **JOEL:** Aí! Tá vendo?
640. **JUCA:** ... Traquinas
641. **HELINHO:** Ah! Esse era um mau elemento, era um mau elemento. Tiraram ele dali agora
642. **COELHO:** O Traquinas não é da UPP. Ele entrava nas casas pra roubar. Tiraram ele agora

643. **JUCA:** Entrou na minha casa.
644. **SILVANA:** Na sua casa?
645. **JUCA:** Se a minha mulher não me fala: -“Nego, ele vai levar o teu cofre”, eu tenho um cofre assim pesado...
646. **DIANA:** Cofre?
647. **JUCA:** É, cofre de dinheiro,
648. **DIANA:** Ah, cofre...
649. **JUCA:** O cara ia levando ele. Eu digo: -“Ôpa! Meu cofre não, me dá aqui!”
650. **HELINHO:** Moeda antiga, de mil e oitocentos...
651. **SILVANA:** Quem é o Traquinas? Explica pra DIANA, que ela não sabe.
652. **COELHO:** É um policial que não era da UPP, que conhece todo mundo, sabe quem é quem, sabe as famílias que tem pessoas envolvidas no tráfico... Ele sabe tudo!
653. **JUCA:** Depois que ela foi dar falta do pagamento dela, metade do pagamento sumiu...
654. **COELHO:** E quando ele vai... Ele entra na minha casa? O Traquinas vai entrar na minha casa? Não!
655. **SILVANA:** Mas entrou na casa do seu Juca! Levou metade do pagamento da mulher dele!
656. **COELHO:** É o que eu falei: ele sabe onde ele entra, ele sabe onde ele entra...
657. **JUCA:** Mas eu não tinha nada com isso!
658. **COELHO:** É, mas sobrou pra você. Esse é que é o grande problema. Só você que não entendeu. Mas aí sobra pra você... Esse é que é o problema... Paga o justo pelo pecador...//
659. **HELINHO:** Ah, eles fazem isso, também, assim aleatória, sabe pra quê? E como eles se esbarram com o morador aí. E teve um amigo nosso aí que trabalha em uma empresa de computador. O Traquinas chutou a pasta do rapaz quando ele mandou abrir e quebrou a pasta do rapaz e ele não foi no distrito dar parte... E ele não tem nada a ver com o tráfico. E ele faz isso sabe por quê? Eu acho que é psicológico. Ninguém me falou isso ... Aliás eu tenho um primo que era tenente e falava: ele faz isso pra ver se o morador perde a calma e diz: -“ah, é o Coelho, o Coelho mora ali. É o Juca que é o chefe da... da firma”. Esse é verdade.
660. **CACÁ:** Ele é o Al Capone, olha só
661. **SILVANA:** [risos] por isso que entraram na casa dele
662. **CACÁ:** É o al Capone! Buuuhhh!
663. **COELHO:** É complicado,
664. **HELINHO:** Ali então, o que acontece? É igual no...no... Há esses confrontos na cidade ...Ah, o policial... Mas o comandante manda bater mesmo, eu sei...
665. **COELHO:** Manda!
666. **HELINHO:** Só que o soldado não pode dizer que o comandante mandou. Ele é militar, mas ele manda bater, poxa, então eles fazem. Agora há, como o Coelho falou, há o morador que por ser viciado, ou por outro motivo qualquer, provoca os PMs, provoca, não fala direito com eles e anda sem documento, sem nada, largado, entendeu? Que é uma farda: sandália de dedo, sem camisa ou com a camisa nas costas, mal vestido, barbudo, não tem documento, aí inventaram essa palavra, que até é uma gíria horrível, que é “de menor”, -“Ah, eu sou de menor”. O cara do meu tamanho, do tamanho do Walter, do tamanho do Joel ali, ó ... De menor... De menor aonde? E ainda quer peitar o PM!
667. **JUCA:** Ah! Isso não quer dizer nada. Não quer dizer nada porque eu sou de maior e eu sou o mais [franzino???] da turma
668. **HELINHO:** Ah! você não cresceu [risos]
669. **JUCA:** Pois é, se eu tivesse crescido mais um, você ia virar uma menina agora... [risos]
670. **HELINHO:** Aí, então, quer dizer, aí os PMs vai, os maus PMs, menores, mete o pau, bagunça...
671. **COELHO:** Acaba batendo...
672. **SILVANA:** E o Traquinas ainda anda pela comunidade?
673. **HELINHO:** Não, tiraram ele daí
674. **SILVANA:** Porque quando o Stoll saiu, ele saiu também?
675. **HELINHO:** Porque ele, é como o Walter falou, ele conhecia os meninos da firma. Então ele vem pra apanhar... Ele vem pra dar o bote. Ele não quer os garotos, ele quer o chefe...

676. **COELHO:** Quer o chefe.
677. **HELINHO:** Há uma negociação pá, pá, pá, há um jogo de cachorro grande, né? É bandido fardado e bandido sem farda. A realidade é essa.
678. **SILVANA:** Ele circulava aqui na época do Capitão Stoll, depois que o Stoll saiu...
679. **HELINHO:** Na época do Stoll e do primeiro. Agora, com esse Major, tiraram ele.
680. **SILVANA:** Ele não vem mais.
681. **HELINHO:** O Major não quer confronto, ele quer a paz.
682. **HELINHO:** Só que por causa desses casos, o morador tem medo de falar, tem medo até de cumprimentar o PM.
683. **DIANA:** Claro, claro
684. **HELINHO:** Por causa dessa memória
685. **DIANA:** Ficou uma sombra aí, né?
686. **SILVANA:** Mas o tráfico ameaça os moradores?
687. **HELINHO:** Não!
688. **COELHO:** Não!!! Isso não!...
689. **HELINHO:** Se ameaçasse eu não falava o que eu falei.
690. **COELHO:** A gente fala aqui abertamente!
691. **DIANA:** Será que a gente não pode pensar que vocês são figuras, pelo que eu estou entendendo, figuras que têm uma visibilidade, uma representatividade muito grande. Se qualquer um dos lados fizer qualquer coisa com vocês, vai... Vai ser um problemaço!
692. **COELHO:** Ahhhhhhh! Bom...
693. **DIANA:** É diferente de uma pessoa...
694. **HELINHO:** Justo, justo
695. **DIANA:** Invisível, que está morando aqui há cinco anos, sete anos, tá lá quietinha Tô pensando assim, em um caso muito comum aqui na nossa cidade: uma mulher sozinha, mãe solteira, com seus filhos. Totalmente diferente!
696. **JUCA:** Eles faziam ponto aqui. Nunca: -“vem cá, compra um negócio aqui”. Não. Quer, quer, não quer, não quer. Eu ainda brincava assim: -“me dá uma cor de rosa?”. -“tu é doido, rapaz!”. -“A branca eu não quero não. A branca eu tenho lá em casa”.
697. **HELINHO:** O grande problema, o morador, nós... Eu entrei essa vez na Associação e eu estava internado quando a UPP veio, eles – o Cacá, o Joel, mais uns outros receberam a UPP aqui e formaram uma ... Diretoria, a Associação estava morta e fizemos uma comissão pra levantar a Associação. E nós pensamos, como eu também – teve muita gente no dia da votação. Mas o morador não veio participar. Melhorou, gostou da melhora, mas ficou em cima do muro. Continua em cima do muro. Uns por medo e outros por acomodação. Acomodação, porque o brasileiro é muito acomodado. Eles não dão a cara à tapa. Porque quando tinha o tráfico bravo aqui, eu e o Walter, nós fazíamos reunião lá ... Nós íamos várias vezes, quando tinha problema, no comando da PM, que era ali, que agora não é mais, agora é outro distrito. A gente ia à reunião lá com o comandante e quando voltava, a diretoria da firma estava esperando a gente. Aí nós falamos pra ele // **COELHO:** -“ó, tá acontecendo isso e isso e isso e isso...”. Aí reclamavam, havia muito assalto em Santa Teresa. Nós fomos lá, aí diminuiu.
698. **COELHO:** Nós controlávamos os assaltos.
699. **HELINHO:** Porque não era pessoal daqui, era gente de fora. E havia uns garotos lá na [Rua] Paula Bandeira que estavam roubando muito. Eles foram avisados // **COELHO:** Ou para, ou... Então, havia esse diálogo. O morador, o que acontece, cada vez que morria alguém, o Walter fazia o enterro. Toda vez que tem um problema com os moradores, com os meninos, ia na casa do Walter, de dia, de noite, _ “Ó, Seu Walter!” o Walter ia lá e resolvia.
700. **COELHO:** Era o conciliador.
701. **HELINHO:** Hoje o Walter está quieto, como eu também ... Não me chama não por telefone, não me chama, vai no distrito, vai não sei aonde... Porque, pelo amor de Deus, quando a gente faz uma reunião, o morador não vem! Não vem, ele tá cansado, eu tô cansado. O Cacá também... Porque a gente luta, luta...
702. **CACÁ:** Mas eu não tô cansado, não
703. **HELINHO:** Ah, você tá meio cansado também, tá com a barba grande... [risos]
704. **DIANA:** Gente, olha só. Eu estou achando a conversa maravilhosa,

705. **COELHO:** Mas a hora...
706. **DIANA:** Mas a hora está avançando...
707. **COELHO:** Ela perguntou como aconteceu a comunidade e nós não falamos
708. **HELINHO:** Eu só que falei, vocês não falaram...
709. **DIANA:** Pois é, mas aí, eu vou... eu vou, eu vou fazer um, um, um... A gente vai ter que interromper porque a gente, eu tenho coisas lá pra fazer...
710. **COELHO:** Coisas lá pra fazer
711. **DIANA:** Outras partes do meu trabalho e aí a gente vai fazer o seguinte: a gente vai combinar de dar uma continuidade nessa conversa ... É... a Silvana até esqueceu de falar que a gente depois vai trazer um documento pra vocês assinarem, porque é exigência
712. **COELHO:** É... se pode tirar foto, se pode...
713. **DIANA:** Ter um termo de consentimento, que a gente precisa da assinatura de vocês, dizer que está concordando, que tá participando, tal, tal, tal ... e a gente vai marcar depois, a gente vai retornar. Mas eu queria ver se a gente consegue fazer um grupo, Silvana, mais misto. Esse grupo tá muito masculino...
714. **HELINHO:** [???
715. **DIANA:** Só tô ouvindo vozes masculinas. Eu quero ouvir vozes femininas...
716. **JOEL:** Também, é...
717. **DIANA:** Quero saber como as mulheres estão vivendo isso aí
718. **HELINHO:** A dificuldade...
719. **COELHO:** A senhora colocou...
720. **CACÁ:** As pessoas tem medo de falar, as pessoas não falam. Isso que a gente falou aqui, nós falamos no bar...
721. **DIANA:** Vocês acham que a Silvana tem dificuldade de chamar mulheres pra conversar com a gente?
722. **CACÁ:** É porque a pauta, as memórias sempre foram com os homens que estavam aqui no comando porque a gente não tem uma senhorinha aí, de oitenta e poucos anos que possa se deslocar e vir
723. **DIANA:** E não tem nenhuma mulher assim, da comunidade, que seja mais ativa?
724. **COELHO:** Tem, tem, mas não quer participar.
725. **HELINHO:** As minhas filhas são adultas. Chama... umas duas vezes ela veio aqui, colaborou com o Walter em uma reunião mas não vem, a gente fala mas não vem. Agora, quando tem um problema, procuram os burros velhos, né?
726. **DIANA:** Então eu e a Silvana, a gente vai bolar uma estratégia, que não sei qual é... Uma estratégia pra atrair as mulheres. Por que é importante pra gente escutar também. Não pode escutar só os homens. Não tem nada contra vocês!
727. **CACÁ:** Assim, esses assuntos sobre UPP e tal, tudo bem, tem um monte de mulher que pode vir aqui falar sobre isso. Agora, sobre a história, sobre memórias e tal é que... Nosso time é eles aí...
728. **DIANA:** É masculino?
729. **CACÁ:** É masculino.
730. **HELINHO:** É e o Walter nem falou, né? Só eu que falei!
731. **CACÁ:** Porque tem aqui D. Lurdes tem muitos anos aqui... A minha mãe tem oitenta e um, mas não pode vir aqui...
732. **SILVANA:** A D. Neia tinha concordado...
733. A D. Neia falou lá.
734. **CACÁ:** A D. Neia poderia vir.
735. **DIANA:** Qual idade mais ou menos?
736. **SILVANA / COELHO:** Uns setenta /oitenta.
737. **DIANA:** Então.
738. **HELINHO:** Deve ser uns sessenta e cinco – setenta. Tá lúcida!
739. **SILVANA:** Nós fizemos a reunião.
740. **JUCA:** Quem é?
741. **COELHO:** A esposa do Carlão!
742. **SILVANA:** A última vez que nós fizemos a reunião.
743. **CACÁ:** O assunto era memória, agora esses assuntos....
744. **DIANA:** Tudo bem! A UPP aqui. Eu quero ouvir!
745. **COELHO:** A esposa do Carlão, antiga...

746. **COELHO:** Nós estamos aqui... ó.. Aqui onde nós estamos era dela, era da família
747. **DIANA:** Ahhhhh...
748. **COELHO:** Isso aqui era uma fábrica de sapatos... Fábrica de sapatos Mafra
749. **DIANA:** Mafra?
750. **COELHO:** É. Deu muito emprego as questões sociais da comunidade naquela época
751. **CACÁ:** Já foi serralheria...
752. **SILVANA:** Já foi serralheria?
753. **DIANA:** Mas então, a gente pode de repente, depois conversar com ela e ver se ela ajuda
754. **HELINHO:** Tem o bloco também
755. **JOEL:** Escola de samba.
756. **HELINHO:** A escola de samba era o Walter.
757. **DIANA:** Isso vocês vão contar depois, numa outra...
758. **JOEL:** Paraíso da Floresta, né? Paraíso da Floresta
759. **COELHO:** Agora eu queria falar sobre a questão feminina... Veja bem: no Fogueteiro eu consegui montar. Lembra que eu montei?
760. **CACÁ:** É, lembro.
761. **DIANA:** Montou o quê?
762. **COELHO:** O grupo mirim, que era crianças; grupo jovem, que eram jovens e o grupo feminino
763. **SILVANA:** Hummm
764. **COELHO:** No Fogueteiro tinha tudo isso. Aqui ... Nunca consegui montar!
765. **DIANA:** E por que que, que, por... Como você explica isso?
766. **COELHO:** Eles não se interessam porque, como já se falou, aqui existe uma divisão social.
767. **SILVANA:** Hum... explica melhor isso, Coelho.
768. **COELHO:** Aqui sempre existiu uma divisão
769. **HELINHO:** Sempre! Até hoje. Até no futebol. Até no futebol!
770. **DIANA:** Como é que é essa divisão?
771. **CACÁ:** Classe econômica!
772. **COELHO:** Quem mora pra cá, mora na cidade; quem mora pra lá, mora na favela.
773. **COELHO:** Aqui não é favela.
774. **CACÁ:** B, C, D e E.
775. **JOEL:** lá onde eu moro.
776. **COELHO:** Do outro lado da rua.
777. **SILVANA:** [para o Joel]: Você mora no Beco?
778. **JOEL:** Não, moro lá no alto do Fallet, no final da rua.
779. **HELINHO:** Depois da casa do Carlão.
780. **DIANA:** Só, só pra eu entender.
781. **SILVANA:** O que você falou?
782. **JOEL:** O pessoal se sente diferenciado.
783. **COELHO:** Diferenciado.
784. **HELINHO:** O pessoal acha que é Favela e não é. Lá não é favela.
785. **DIANA:** O Cacá ia falar uma coisa interessante.
786. **CACÁ:** Não... isso que o Coelho tá falando sobre as classes, é um dos dificultadores mesmo, do trabalho da Associação.
787. **COELHO:** Associação.
788. **CACÁ:** Por quê? Quem é classe B... O classe B tem o seu carrinho, o seu telefone, o seu computador, internet .. Então, ele está incomodado com o lixo? Ele já sabe: um sete quatro meia e ele faz, ele entra na internet, vai lá e ele faz. Ele entra na internet e vê um cursinho lá pro filho dele fazer lá fora. Ele não quer que o filho dele se misture aqui, porque ele é classe B
789. **COELHO:** Nem a creche ele usa.
790. **CACÁ:** Ele tem medo que o B se misture com o E. E a Associação... ela procura...ela... Quem, quem.... Quem é o público que ela mais atende? É a classe E
791. **HELINHO:** Mais o pessoal da favela?
792. **COELHO:** Então, nós vamos repetir...
793. **CACÁ:** A tendência é acabar com a classe E, segundo, mesmo que ela seja uma utopia, ela tentar acabar, pra que ela se torne D e ela se torne C daqui há duzentos

anos. Então, é... Os trabalhos que são feitos aqui são pra classe E mesmo. Eu trabalho com pessoas que se eu falar: -“Ah, vai ter uma reunião lá”, não tem dinheiro pra passagem, elas não têm, elas não têm..... Eu trabalho com um público que quando vê um estudo pro filho, saúde, bolsa família, então são famílias desestruturadas. Mas, gente! O mundo só vai melhorar...

794. **DIANA:** É, a cidade é assim
795. **HELINHO:** A diferença
796. **CACÁ:** Quanto mais a gente isola a classe E - e a classe B sabe fazer isso muito bem - mais aumenta a violência, aumenta a miséria e não sei o quê... Então eu tô preocupado... Tem crianças aqui, que moram na comunidade e fazem jiu-jitsu lá em Copacabana, faz lá. Eu nem preciso deles; se entrar aqui, vai tirar a vaga do outro. Então, o foco é a classe E. E a classe E, ela por ser desestruturada, você tem que atrair ela...
797. **DIANA:** Dá mais trabalho
798. **CACÁ:** Tem que trazer ... Tem que fazer um trabalho...é no meio do churrasco, da cerveja. Você tem que falar com ela...
799. **DIANA:** Churrasco, cerveja é uma boa ideia!
800. **CACÁ:** A classe D não quer se meter nisso. -“Ah, não!”... a classe D chega aqui e fala -“Ah, não sei o que”. Chega lá e a culpada é a mãe. A mãe eu não sei. E a mãe dela foi culpada por ela e assim ...vai passar pro filho? Será que a gente pode quebrar...
801. **SILVANA:** Quebrar essa cadeia, né?
802. **CACÁ:** Essa cadeia
803. **SILVANA:** O Joel e o Coelho querem falar. Vamos lá
804. **COELHO:** Não, eu quero falar sobre a comissão feminina. Tanto é, você lembra que na reunião, logo que retomou a Associação, foi colocada essa proposta, vê se vocês lembram, da comissão feminina.
805. **JOEL:** Foi, foi.
806. **COELHO:** Tava lá... Desculpa o termo vulgar, grosseiro que eu vou usar, mas a mulherada tava toda lá e foi feita a proposta e não...
807. **DIANA:** E não houve ninguém...
808. **HELINHO:** Vai completar dois anos e não funcionou, não funcionou...
809. **COELHO:** Criar a comissão feminina que nós falamos, ah, a comissão feminina é de suma importância para a comunidade!
810. **SILVANA:** Hum, hum
811. **COELHO:** Ela é de suma importância ...
812. **HELINHO:** E tem pessoas capacitadas, tem professoras, tem tudo. Meu sobrinho, por exemplo, se formou em educação física pela UERJ. Tá dando aula e tudo. Mas nunca veio aqui. Não vem, não vem!
813. **CACÁ:** Exatamente por isso!
814. **HELINHO:** Não vem, mas quando tem problema, ela procura a gente, ora bolas!
815. **CACÁ:** Tem o entendimento a gente tá aqui agora
816. **HELINHO:** Quando o Walter foi presidente aqui, ainda tinha muito *Velha Guarda* vivo aí. Tal de [???] anos, morador antigo. Rejeição muito grande, dizendo que o Walter era envolvido com a firma e só queria saber da favela!
817. **COELHO:** É.
818. **HELINHO:** E não comparecia. O Walter ...o que o Cacá faz hoje, que é esse projeto maravilhoso aqui, o Walter fazia do bolso dele. Pagava os salgados, pagava tudo. Tinha uma turma e não era muita gente, mas fazia. A família era desestruturada. Estão tudo trabalhando na firma agora. Tudo empregado, sem carteira assinada, sem nada. Então, o Walter tem um trabalho danado com eles, do bolso dele. E esse pessoal ficava olhando, mas não participava.
819. **COELHO:** E a gente tentando ajudar.
820. **HELINHO:** Agora, quando tinha problema com os meninos da firma, procurava o Seu Walter: -“Seu Walter, está havendo isso, o pessoal está na minha porta...” aí o Seu Walter ia lá e consertava...
821. **CACÁ:** Aí o jovem...
822. **HELINHO:** Fazia e isso é triste. Você botava a cara a tapa. A gente briga com, briga com os meninos e não tem retorno! Até eu, minha própria família! Minha própria família.

Eu entrei na Associação, teve parente meu que chegou pra mim e falou: -“Você é maluco de entrar naquilo lá. Você é doido, você é doido, entrar naquilo lá, se meter nesse meio”... Até hoje alguns falam: -“Você é maluco!”. Eu não sou maluco, eu nasci aqui, eu tenho os meus netos morando ali, então eu acho que eu tenho que botar a cara pra ter proteção pra eles. Meus netos, graças a Deus, estão bem encaminhados. Judô, natação, ocupa eles o tempo todo. Graças a Deus. E estão muito bem, mas tem os outros aí que não têm a mesma sorte. O pai e a mãe, por omissão, a maioria por omissão!...

823. **COELHO:** É
824. **HELINHO:** E o Walter era condenado, era pichado na época. Hoje, o Cacá é tanto. Por quê? Porque o Cacá tem o projeto, mas mesmo assim, o pessoal não ajuda ele. Os que têm condição de ajudar, ele falou, não ajudam, não ajudam, não ajudam!
825. **CACÁ:** Não ajudam!
826. **COELHO:** É, deixa eu explicar o que aconteceu.
827. **CACÁ:** Eu tenho que exaltar. Porque hoje, com a UPP, eu tenho parceria com o Sesi, eu tenho parceria com o da, da, da Prefeitura... e antes, eles nem vinham aqui. Então, sabe, eu não dependo da doação do morador.
828. **DIANA:** Sim, sim
829. **CACÁ:** Político, comerciante, pra fazer o trabalho. Eu não dependo disso, mas também se vier com intenção de alguma coisa em troca, também ele não vai ter. E o tráfico também, não deu um centavo porque eu não...
830. **COELHO:** Não, nunca deu.
831. **CACÁ:** E se oferecer eu digo: -“Tudo bem, se eu precisar, eu falo”, mas eu não quero ter comprometimento com o tráfico...
832. **SILVANA:** Hum, hum
833. **CACÁ:** Nem com político e também com a UPP, eu não quero. Já me ofereceram professor de... Da polícia pra dar aula aqui e eu digo: -“Eu não quero trabalhar com a polícia!”. Pra mim, polícia é polícia...
834. **SILVANA:** Aham
835. **CACÁ:** Polícia não é professor disso ou daquilo. O que estraga muito o projeto UPP é o peso político, a dose política que eles botam dentro do projeto. Porque o governador foi reeleito com essa dose política, com essa, com essa...
836. **DIANA:** Plataforma!
837. **CACÁ:** Plataforma e agora vai vir o Pezão, o Pezinho, o dedinho...
838. **HELINHO:** Graças a Deus não vai entrar
839. **JOEL:** É, acordado.
840. **CACÁ:** Então, política pra mim é igual sal: se você botar demais sal, se você botar de menos
841. **JOEL:** É...
842. **CACÁ:** Fica sem graça. Então, eles não conseguem aí, vira e mexe, eles criam agenda
843. **SILVANA:** Querendo se manifestar!
844. **CACÁ:** Eles estão sempre assim. Eu fui em uma reunião e eles falam assim: -“Não, o problema de lá é o comandante. O comandante passa pro ... por que que o comandante não pega o telefone e passa pra Light direto? Por que que o comandante pra falar do lixo, se tenho o telefone da Comlurb?” Sabe, é...
845. **DIANA:** É, são direitos, né?
846. **CACÁ:** É dar poderes pra eles
847. **DIANA:** E tem intermediação num espaço que não é deles!
848. **CACÁ:** Pois é, eu vou falar da minha cadeia.
849. **COELHO:** Então, que o Cacá está usando, que ele falou da UPP e tal, eu jogava, mas eu jogava. Não tava nem aí e tal. Sabe o que que eu fazia? Eu tenho o meu direito constitucional, direito de exercer minha cidadania, fazia os ofícios e mandava pra onde? Pras repartições competentes, Prefeitura, e tal, eu mandava. E depois eu pegava a cópia, carimbava e dava rumo. A pessoa quer ajudar e tal, tá aqui. Se o senhor quer fortalecer, tá feito. Ué! É mais uma, é mais uma força, não é?
850. **COELHO:** Bom, e essa questão da Associação, por que essa confusão? A Amavale, ela não foi fundada aqui no Fallet. A sede da Associação não era aqui no Fallet. Esse é o problema. A Associação, a Amavale, ela foi fundada... Na Manoel de Abrantes.
851. **HELINHO:** Na Manoel de Abrantes!

852. **COELHO:** Por que que ela foi fundada? Na época, a Light ia passar, ia passar com as torres de energia por aqui pra levar energia pra Zona sul.
853. **HELINHO:** Pra Zona sul, pra Barra
854. **DIANA:**
855. **COELHO:** Então, iam passar as torres e iam desapropriar isso aqui e...
856. **HELINHO:** Trezentas famílias
857. **COELHO:** Trezentas famílias e tal. Então, na época se juntou, tal e tava aquela confusão pra criar a Amavale. Já tinham tido várias reuniões, né? Um belo dia eu fui numa reunião dessas. E tava uma confusão e tava lá numa discussão. E aí “você quer ou não quer fazer uma associação? Ou querem ficar aqui brigando? Quem quer associação levanta a mão!” Aí foi lá e fez a associação. Só que a sede dela foi lá em cima no Museu de Abrantes. Aonde aqui via como favela.
858. **SILVANA:** Ou seja, a Amavale foi fundada numa área que pra vocês é considerada como favela.
859. **COELHO:** Favela, na [Rua] Manoel de Abrantes. E aí, com o tempo, aqui tinha a Associação Atlética Fallet. Que era, olha bem, era um espaço reservado para trinta pessoas. Era uma elite ali, trinta pessoas. Era o clube, que eles falavam como era?
860. **CACÁ:** Trinta sócios proprietários e era pra eles e pra família
861. **JUCA:** Eles compraram, fizeram o clube...
862. **COELHO:** Era um círculo fechado ali, era deles. Eu não participava, era divertido.... Só que esse clube foi ...nã, nã (apressando a história). Só que o que eles acharam por bem? Pra prefeitura não tomar, eles resolveram doar para a comunidade. Aí foi quando a Associação tal passou a usar esse espaço aí como a sede da Associação. Então ela não foi fundada no Fallet. Por que ficou Amavale? Porque as características geográficas são de Vale. E o raio e ação dela, o raio de ação da Amavale, ela pega do [número] duzentos e vinte e oito da [Rua] Eliseu Visconde pra cá. Pega [Rua] Manuel de Abrantes, Sobradinho, União, até lá o setenta e sete e a Rua Eliseu Visconde. Esse é o Raio de ação da Amavale. E aí fica essa questão toda de Amavale. Ela não foi fundada para defender só um lado. Defendia aqui também, mas era para lá. Que que se fez? Aí que começou a polêmica. -“Ah, aqui não é favela, porque que”...
863. **JUCA:** O Carlão é um dos proprietários. Ele foi um dos que doou, mas muitos se afastaram porque não levou adiante ou morreram. Os herdeiros tão aí, mas aí conversaram para fazer essa doação que é onde tá a creche e a Amavale. A creche, né? Que foi seu Walter o primeiro a fazer o pedido, depois outras administração fizeram, mas ele quem fez primeiro. Aí o Carlão até assinou o documento. Outros fizeram depois, mas ele foi um dos que se dispôs a dar. Mas ficou essa rejeição ao Walter, ficou essa rejeição porque eles achavam // **COELHO:** Eles acham que... E eu posso ser sincero? Eu sempre falei isso. Eu sempre gostei mais de trabalhar no Fogueteiro. Porque lá as pessoas eram realistas e aqui já não. Aqui você convidava, mostrava...
864. **CACÁ:** Mas eu aqui trabalho mais com os moradores do que... Porque aqui eles querem dar opinião, mas dar uma tarefa eles não fazem // **COELHO:** É, mas a gente queria acabar com esse preconceito. Tentar trazer, a gente mostrava, mas foi difícil.
865. **CACÁ:** E a classe E ea classe D só vai subir quando...
866. **COELHO:** Ah, mas existe divisão lá dentro da favela.
867. **DIANA:** Como em qualquer lugar.
868. **COELHO:** Você vê que o morador do Fogueteiro, da parte debaixo, ele se julga melhor do que o morador do Cajueiro.
869. **CACÁ:** O do Leblon se acha melhor que o de Ipanema.
870. **DIANA:** Não, o do décimo segundo andar se acha melhor que o do primeiro. É uma coisa mais estranha de como o ser humano se constitui.
871. **COELHO:** Eles dividem... Eles dividiam... O morador do Cajueiro e do Fogueteiro, ele discriminava o morador de rua quando vinha para a comunidade... é... Eu falava –“a situação dele é igual a gente, é até pior do que a nossa, vamos dar atenção a ele”. É complicado! É complicado!
872. **SILVANA:** A gente vai precisar se despedir. A gente tá passando da hora do almoço
873. **DIANA:** Já avançou.
874. **CACÁ:** Pode parar?
875. **DIANA:** Pode parar

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Fala Fallet: as memórias de um grupo de idosos moradores do Fallet, Santa Teresa, Rio de Janeiro, sobre a vida local e as representações sociais sobre a favela, antes e depois da pacificação

OBJETIVO DO ESTUDO: O objetivo da presente pesquisa é investigar as memórias sobre a favela do Fallet, Santa Teresa, Rio de Janeiro, a partir das narrativas de um grupo de idosos, obtidas em grupos focais e entrevistas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Identificar:

- a) o processo de favelização do Fallet, através da perspectiva dos sujeitos pesquisados, sobre a memória social e a identidade de seus moradores;
- b) as representações sociais dos moradores do Fallet, em relação às categorias "favela" e "favelados";
- c) os efeitos desse processo de favelização sobre a memória social e a identidade de seus moradores;
- d) as redes sociais que se formaram a partir das mudanças vividas pelos moradores, relativas a esse processo.

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você tem o direito de não participar deste estudo. Queremos conhecer a História e a memória do Fallet através de seus moradores mais antigos. Não vai haver nenhum problema na sua vida profissional e pessoal, se você não quiser participar. Você também pode interromper sua participação a qualquer momento.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Se você decidir participar deste estudo, você será entrevistado(a) em grupo e/ou individualmente pela pesquisadora para lhe contar sobre sua(s) história(s) do cotidiano no Fallet, bem como os participantes do grupo poderão levar seus acervos fotográficos e documentais assim como, fomentar as discussões e avivar as memórias dos participantes. Caso você prefira, podemos fazer a entrevista juntamente com um familiar.

GRAVAÇÃO EM ÁUDIO: Todas as entrevistas serão gravadas em áudio. As fitas serão ouvidas por mim e serão marcadas com um número de identificação durante a gravação e seu nome não será utilizado. O documento que contém a informação sobre a correspondência entre números e nomes permanecerá trancado em um arquivo. Os registros serão utilizados somente para coleta de dados. Se você não quiser ser gravado em áudio, conversaremos com você e apenas anotaremos suas respostas. Posteriormente, farei a transcrição das gravações, a fim de que possa analisar o material gravado nas entrevistas e grupos focais. O produto final será a tese de doutorado e feedback aos participantes.

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM: caso o participante apresente fotos de seu acervo pessoal e deseje cedê-las à pesquisadora, ele assinará um termo de autorização de uso de imagem.

BENEFÍCIOS: Sua entrevista ajudará a compreender a memória do Fallet e não será, necessariamente, para seu benefício direto. Entretanto, fazendo parte deste estudo, você ajudará a propagar entre seus moradores do Fallet, a história da comunidade, desde sua fundação até os dias atuais, evidenciando os seus aspectos positivos, lançando luz sobre as suas maiores dificuldades, carências, limites, conquistas, recursos e potenciais humanos, materiais e imateriais, contribuindo para maior integração entre os moradores, aumento da autoestima da comunidade, na medida em

que os resultados da pesquisa acerca da história do Fallet e suas memórias venham a ser devolvidos para você e, com seu consentimento, aos moradores do Fallet.

RISCOS: Algumas perguntas podem deixá-lo(a) incomodado(a), porque as informações que queremos saber são sobre suas experiências pessoais. Assim, você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado(a). Nos grupos focais, poderá haver discordância entre os participantes, pois estes estarão relatando eventos passados, baseados em suas memórias. Certas lembranças podem causar reações emocionais e despertar sentimentos nos participantes da pesquisa. A participação nos grupos focais é livre e eles podem optar por não comparecer a um ou mais encontros. Do mesmo modo, eles receberão esclarecimentos de que estarão livres para responder ou não, as perguntas que lhes forem dirigidas. Alguns temas apontados por algum membro do grupo para serem debatidos podem lhes causar certo constrangimento e/ou certo receio em expor sua opinião, por serem passíveis de conflitos entre os participantes. Há ainda, situações vividas pelos moradores da favela que são delicadas, por se tratarem de situações conflituosas com grupos detentores de certo poder na favela. Caberá ao próprio grupo decidir pela discussão ou não do tema, assim como, há a garantia da manutenção do sigilo dessas informações e da identidade dos entrevistados.

CONFIDENCIALIDADE: Como foi dito acima, seu nome não aparecerá nas fitas de áudio, bem como em nenhum formulário a ser preenchido por nós. Nenhuma publicação partindo destas entrevistas revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa. Sem seu consentimento escrito, os pesquisadores não divulgarão nenhum dado de pesquisa no qual você seja identificado. Todos os arquivos que relacionem seu nome aos dados serão destruídos até 2018.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: Esta pesquisa está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro pela pesquisadora Silvana Bagno. A investigadora está disponível para responder a qualquer dúvida que você tenha. Caso seja necessário, você pode entrar em contato comigo pelo telefone: 2548-1740 ou 99613-3359 ou pelo e-mail: silvana.memoriasocial@gmail.com. Você terá uma cópia deste consentimento para guardar com você. Você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a pesquisadora possa lhe contatar em caso de necessidade.

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Eu concordo em participar deste estudo.

Assinatura: _____

Data: _____

Discuti a proposta da pesquisa com este(a) participante e, em minha opinião, ele(a) compreendeu suas alternativas (incluindo não participar da pesquisa) e deu seu livre consentimento em participar deste estudo.

Assinatura (Pesquisador): _____

Nome: _____

Data: _____

**ANEXO E – Termo de Cessão de Direito sobre Depoimentos
Escritos/Imagens para o projeto de Pesquisa do Programa de Pós-
Graduação em Memória Social – UNIRIO**

Pelo presente documento, eu (nome) _____,
(Nacionalidade) _____, (estado civil) _____,
Carteira de identidade número _____, emitida por (órgão
expedidor) _____, CPF número _____,
Residente e domiciliado em (endereço) _____

cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao projeto de Pesquisa ***Fala Fallet: as memórias de um grupo de idosos moradores doFallet, Santa Teresa, Rio de Janeiro, sobre a vida local e as representações sociais sobre a favela, antes e depois da pacificação, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO***, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre (documento escrito / imagem)

_____ ,
prestado no dia (data) _____, na cidade _____, perante a
pesquisadora Silvana Bagno.

Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, _____, proprietário(a) originária do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

Fica, pois, o projeto de Pesquisa ***Fala Fallet: as memórias de um grupo de idosos moradores doFallet, Santa Teresa, Rio de Janeiro, sobre a vida local e as representações sociais sobre a favela, antes e depois da pacificação, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO***, plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 2 (duas) vias igual teor e para um só efeito.

(Cidade) _____, (data) _____
(nome do acervo) _____
Nome do cedente: _____
CPF: _____

Testemunhas:

Nome: _____
CPF: _____

Nome: _____
CPF: _____

ANEXO F – Ofício AP1/GAB nº 173/98



PREFEITURA
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE GOVERNO
Subprefeitura do Centro – API

OFÍCIO AP1/GAB Nº 173/98

proc. 10/000 139/98

Rio de Janeiro, 09 de março de 1998.

Senhora Secretária:

Pelo presente informamos a Vossa Senhoria, que os bairros do Çatumbi, Rio Comprido e bom trecho de Santa Teresa, passam por um processo acelerado de desestruturação urbana.

Ruas inteiras degradam-se paulatinamente, acreditamos que de forma irreversível, visto que muitos dos proprietários dos imóveis os colocam à venda devido à decadência do ambiente e a presença ameaçadora do narcotráfico.

Em paralelo, os serviços de fiscalização urbanística da Prefeitura passam a não mais atuar em vários logradouros, incrementando o processo de construção irregular e permitindo que a aparência de favela tome conta desses locais.

Contudo muitos dos antigos moradores permanecem, por falta de condições de mudar de bairro, visto que devido a depreciação de seu patrimônio, não há como obter recursos para tal.

Essas pessoas, na maioria idosos, fazem questão de manter-se ligados à sociedade formal, o que é comprovado pelo interesse em pagar o I.P.T.U.. Sabem eles que esta é garantia de cobrança de investimentos pela Prefeitura e quem sabe até, de mudança do quadro de decadência a que estão subjugados.

Entretanto, esses moradores a cada dia estão tendo mais dificuldades em cumprir seus compromissos financeiros, razão pela qual nos encaminharam solicitação (anexada) para a redução do IPTU da área.

Alguns deles tentaram obter a redução formalmente, mas em sua maioria não tiveram como cumprir as exigências. Existem diversos casos de imóveis em processo de inventário, que não são concluídos por falta de recurso, ou em que o titular não é o proprietário atual, que não possui recurso para fazer a transferência.

ILMO. SENHOR
DRA. SOL GARSON BRAULE PINTO
Secretária Municipal de Fazenda

At. cr. 1°

Atendido
B. B. B.



PREFEITURA
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE GOVERNO
Subprefeitura do Centro - AP1

Proc

Ou seja, um processo onde a tributação está se tornando quase inviável e acabará por ser descartada das prioridades daqueles moradores.

Face o exposto, vimos solicitar a Vossa Senhoria, a gentileza da adoção das providências necessárias, no sentido de que seja reduzido, ao máximo permitido, o imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana dos seguintes logradouros:

- Rua Falet (código 07.121-7)
- Travessa Falet (código 07.122-5)
- Rua Sobradinho (código 10.028-9)
- Rua Escagnole Dória (código 07.442-7)
- Rua Professora Jardelina da Silva (código 09.022-5)
- Rua Eliseu Visconti, entre a Rua Professor Júlio Koeler e a Travessa Braz e Barros (código 07.781.8).

Ressaltamos que tal medida será fundamental para mantermos o mínimo de controle sobre a área.

Respeitosamente,

Augusto Ivan de Freitas Pinheiro
AUGUSTO IVAN DE FREITAS PINHEIRO
Coordenador das Regiões Administrativas da AP1

ACicr.r

*Alaudido
Blasius
Grupo Moradores Unidos
9502842-3971335*

GRUPO MORADORES UNIDOS

Santa



Teresa



11/03/1998

PREFEITURA
DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

Carimbo

SECRETARIA MUNICIPAL DE GOVERNO	
Processo: 10/000 139/98	
Data: 11-03-1998	Fls. _____
Assinatura: <i>[Handwritten Signature]</i>	

Nome/local

Grupo Moradores Unidos
Santa Teresa

Assunto

Redução do IPTU e Taxas
Decreto:
14.229, de 27/09/95.

As informações só serão dadas à vista deste cartão

ATENDIDO
WALDIRA 95023511
HAROLDO 39713355

RUA ELISEU VISCONTI, 237
SANTA TERESA - RIO DE JANEIRO
TELEFONE : 502-2811 - C.E.P. : 20251-250

ANEXO G – Espelho do IPTU de uma residência

AVISO - OS DÉBITOS REMETIDOS À COORDENAÇÃO JUDICIAL ESTÃO SUJEITOS A MULTA DE MORA DE 40% MAIS CUSTAS

VER - GUIA PARA PAGAMENTO - IMPOSTO PREDIAL OU TERRITORIAL - TAXAS DE SERV. MUNICIPAIS, DE ÁGUA POR PENA E ESGOTO

D.R.L.-F.S.N. LOCALIZAÇÃO DA PROPRIEDADE **INScrição** **7442**

LT 30 I A 105M75 EP R FALET

NOME DO PROPRIETÁRIO **894563**

JENO JERMANN E OUTRO

NOME E ENDEREÇO DO RESPONSÁVEL

MANOEL GOMES

RUA JOAO LEITE 609

Manoel e Doria

EXERCÍCIO **1962**

FRACÇÃO DE CONDOMÍNIO

VALOR TRIBUTADO OR\$ 89.000,00	CÓD. TAX. 22000	IMPOSTO PRED. OU TERRITORIAL OR\$ 1.602,00	TAXA DE ÁGUA POR PENA OR\$,,	TOTAL A PAGAR ATÉ 29-4-1962 OR\$ 1.762,00
EM 21 MAR 1962	UNI. AUTÓN. 160,00	TAXA SERV. MUNICIPAIS OR\$ 160,00	TAXA DE ESGOTO OR\$,,	A PAGAR COM MULTA DE 10% OR\$ 1.938,00

EM 21 MAR 1962

HAMILTON BENEVIDES

Met. 31697 Controlador D. F. L.

Sobradinho nº 17

ANEXO I – MAPA DO FALLET/AMAVALE

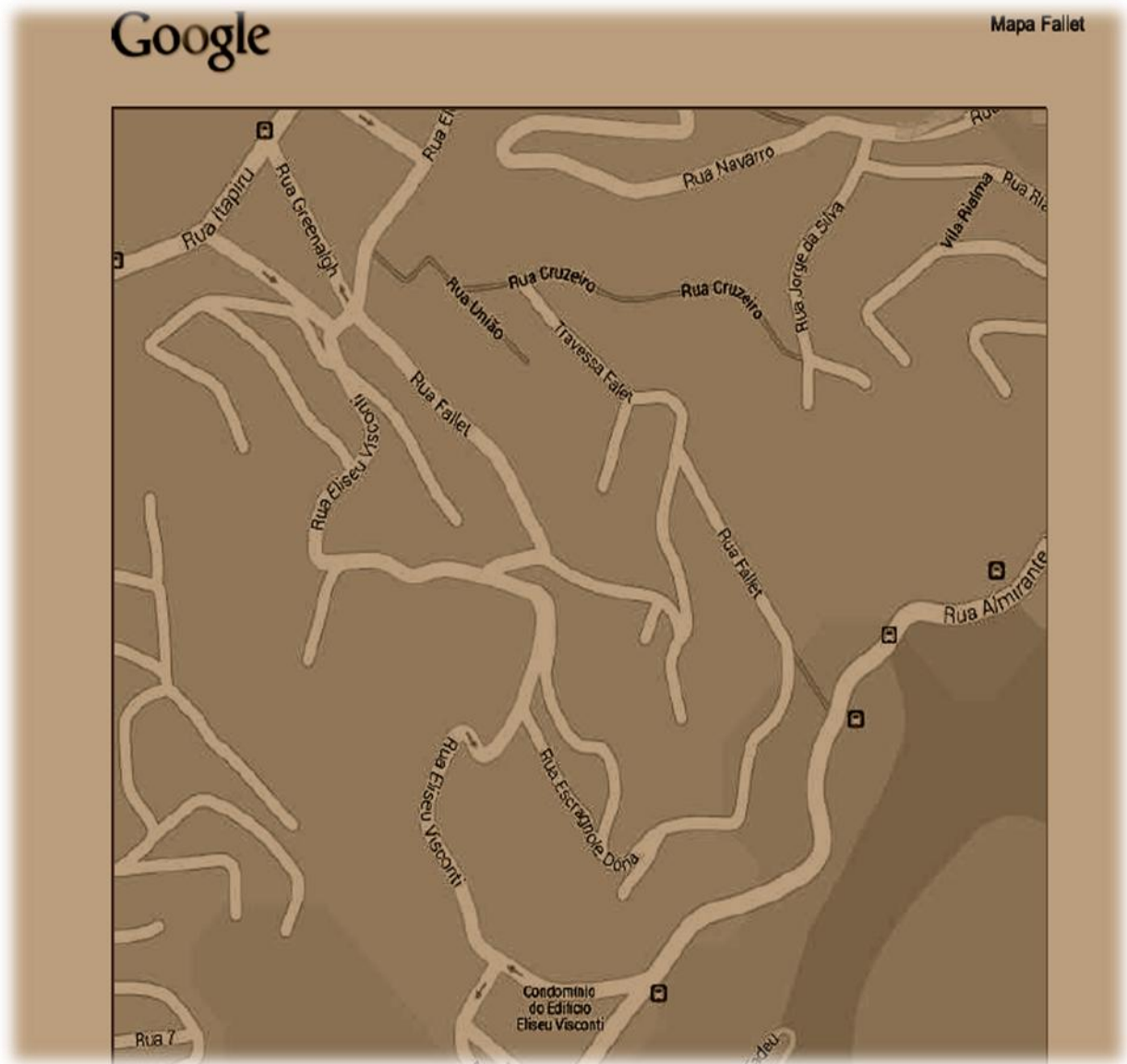


Figura2: Mapa das principais ruas do FalletAmavale

Fonte: Google Maps

<<https://www.google.com.br/maps/place/Rua+Fallet+-+Santa+Teresa/@-22.9260559,-43.194934,17z/data=!3m1!4b1!4m2!3m1!1s0x997fa244612a6f:0x1a48b28fcb6e5b1?hl=pt-BR>>

ANEXO J – Rainha do Limão Bravo (antigo time de futebol do Fallet)




ANEXO L – Foto panorâmica do Fallet



ANEXO M – Título de Sócio Proprietário da Associação Atlética Fallet



ANEXO N – Carteira de Sócio Proprietário da Associação Atlética Fallet




ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA FALLET
FUNDADA EM 20 - 1 - 1964
SEDE PRÓPRIA: RUA FALLET, 302

NOME ALEXANDRE DA LUZ

BELCHOR - - - - -
FUNDADOR - - - - -
CATEGORIA 021 MATRÍCULA

DATA DE ADM. 08 / 12 / 77

[Handwritten Signature]
PRESIDENTE



"FALLET" - AV. PRESIDENTE VARGAS, 446 - RIO DE JANEIRO

ANEXO O – Documento de doação da Associação Atlética Fallet à
Amavale

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA FALLET

CGC Nº 42528521/0001-66

Rua Fallet nº 302

Rio de Janeiro-Rj

Aº
AMAVALE - ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AMIGOS DO VALE
Rua Elizeu Visconti, 326
Rio de Janeiro-Rj

Prezados Senhores,

Em ASSEMBLÉIA DE SÓCIOS PROPRIETÁRIOS, extraordinária, realizada em 21-maio-1989, por unanimidade de seus membros, ficou decidida a doação dos imóveis de propriedade da ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA FALLET, à AMAVALE - ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AMIGOS DO VALE. Anexamos cópia da Ata da referida Assembléia.

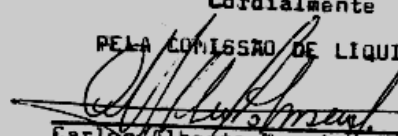
Como foram impostas condições de cunho financeiro e administrativo, agradecemos o pronunciamento dessa entidade, sobre a aceitação ou não da doação.

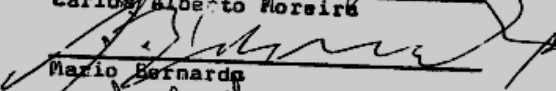
Consiste os imóveis de um terreno com três construções, sito à Rua Fallet nº 302, além de um terreno encravado nos fundos.

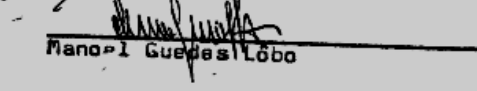
Ao inteiro dispor de VV. SS., subscrevemo-nos

Cordialmente

PELA COMISSÃO DE LIQUIDAÇÃO


Carlos Alberto Moreira


Mario Bernardes


Manoel Guedes Lobo

